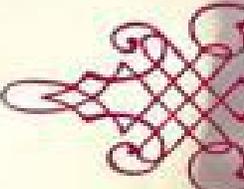




AS CRÔNICAS DAS IRMÃS BRUXAS II



JESSICA SPOTSWOOD

AMALDIÇOADAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



AMALDIÇOADAS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

AS CRÔNICAS DAS IRMÃS BRUXAS II

JESSICA SPOTSWOOD

AMALDIÇOADAS



Título original: *Star Cursed*

Copyright © 2013 por Jessica Spotswood

Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com G.P. Putnam's Sons, uma divisão do Penguin Young Readers Group, membro do Penguin Group (EUA) Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Ban

preparo de originais: Fernanda Lizardo

revisão: José Grillo e Renata Dib

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Elizabeth Wood

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagem de capa: Alexandra Sophie

ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S751a

Spotswood, Jessica Amaldiçoadas [recurso eletrônico] / Jessica Spotswood [radução de Ana Ban]; São Paulo: Arqueiro, 2014.

recurso digital

Tradução de: Star cursed Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-338-0 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Bruxas. 3. Livros eletrônicos. I. Ban, Ana. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para meu marido brilhante, Steve, que me desafia
a ser sempre melhor, mas que me ama tal como sou*

capítulo

1

Eu me sinto uma verdadeira fraude.

Estou com Alice Auclair e Mei Zhang em um corredor estreito de um prédio de apartamentos que fede a cozido de carne e repolho. Estamos todas trajadas do mesmo jeito: capas pretas de lã por cima de vestidos austeros de veludo preto, com as pontas das botas pretas de salto aparecendo por baixo das saias que vão até o chão, e o cabelo preso para trás num penteado simples e recatado. Esse é o uniforme da Irmandade, e apesar de nenhuma de nós ser membro pleno por enquanto, estamos participando de uma missão beneficente das Irmãs. Carregamos cestas com pães e legumes, produzidos no convento. Mantemos os olhos baixos e a voz controlada.

Ninguém pode desconfiar do que somos na realidade.

Alice bate na porta. Belos brincos de ônix balançam em suas orelhas. Até mesmo numa missão para dar comida aos pobres ela encontra um jeito de exibir a posição social de sua família. Um dia, o orgulho dela será a sua ruína.

Eu me delicio um pouco com essa ideia.

A Sra. Anderson abre a porta. Ela é viúva, tem 23 anos, cabelos loiros num tom mais claro do que o meu e expressão sempre atarantada. Ela nos incita a entrar, com as mãos se agitando feito mariposas pálidas no lusco-fusco de novembro.

– Irmãs, muito obrigada por terem vindo.

– Não há necessidade de nos agradecer. Ajudar aos menos afortunados faz parte de nossa missão – diz Alice, e faz uma careta para o apartamento apertado de dois cômodos.

– Sinto-me agradecida. – A Sra. Anderson aperta minha mão entre suas palmas gélidas. Ela ainda usa a aliança de ouro, embora o marido já tenha morrido há três meses. – Meu Frank era um bom provedor. Nós sempre pagávamos todas as contas. Não gosto de depender de caridade.

– Claro que não – digo.

Dou-lhe um sorriso um pouco torto ao me afastar. Tendo em vista nossa dissimulação, a gratidão dela me faz estremecer.

– A sua sina tem sido muito dura. Logo você vai se recuperar – Mei garante a ela.

A febre que acometeu toda a cidade em agosto levou o Sr. Anderson e o filho mais velho do casal, deixando a Sra. Anderson com a responsabilidade de sustentar as duas crianças que tinham sobrevivido.

– Não é nada fácil ser uma mulher só no mundo. Eu trabalharia mais horas na loja, se pudesse. – A Sra. Anderson coloca a jarra de leite na caixa de gelo. – Mas agora está escurecendo cedo e não gosto de voltar para casa sozinha.

– Não é seguro uma mulher ficar na rua à noite – comenta Mei.

Ela é baixinha e forte; precisa ficar na ponta dos pés para guardar um pote de geleia de maçã na prateleira ao lado dos legumes enlatados.

– Existem muitos estrangeiros nesta parte da cidade. A maioria nem sabe falar nosso idioma adequadamente. – O capuz de Alice cai para trás e revela os cabelos dourados que formam lindos cachos desde a testa pálida. Olhando para ela, nunca daria para imaginar a víbora que é. – Como saber que tipo de gente eles são?

Mei fica corada. Os pais dela imigraram da Indochina antes de ela nascer, mas ainda falam chinês em casa. Ela é a única chinesa no convento e sente-se envergonhada. Ouso dizer que Alice sabe muito bem disso; ela tem talento para cutucar a ferida das pessoas.

A antiga Cate Cahill teria repreendido Alice, mas a Irmã Catherine apenas ajuda Mei a tirar as batatas-doces e abóboras das sacolas e as dispor sobre a mesa de madeira. As Irmãs não podem se dar ao luxo de perder a paciência: pelo menos não fora dos muros do convento. Em público, precisamos ser modelos de compostura.

Eu detesto essas visitas.

Não é que eu não tenha compaixão pelos pobres. Tenho compaixão de sobra. Só não consigo deixar de imaginar o que eles iriam pensar se soubessem a verdade.

As Irmãs posam como uma ordem de mulheres que dedicam a vida ao serviço de caridade para o Senhor. Nós entregamos comida para os pobres e cuidamos dos doentes. Essa é *de fato* a verdade... mas também é verdade que somos bruxas, todas nós, disfarçando-nos às vistas de todo mundo. Se as pessoas descobrissem o que somos na realidade, a gratidão delas se transformaria em medo. Elas iriam nos considerar pecaminosas, malvadas e perigosas; e iriam mandar nos trancar no hospício, ou coisa pior.

A culpa não é delas. É isso que os Irmãos pregam na igreja todo domingo. Poucos se arriscariam a ir contra eles, e essa gente pobre já tem menos do que a maioria.

Por mais gentil que a Sra. Anderson possa parecer, ela nos entregaria. Seria a obrigação dela, para proteger os filhos. Todos agiriam assim.

– Irmã Catherine! Você voltou!

Um menininho sai correndo do quarto com as mãos cheias de peças de um jogo e a boca suja da geleia de groselha, que trouxemos na semana passada do celeiro de Irmã Sophia. Alice se desvia dos dedos melados dele.

– Bom dia, Henry – cumprimento.

Esta é minha terceira visita ao lar da família Anderson, e Henry e eu nos tornamos amigos depressa. Acho que ele é solitário. Agora que a mãe sai para trabalhar, ele e a irmã caçula ficam com uma vizinha idosa o dia inteiro. Não deve ser muito divertido.

– Henry, deixe Irmã Catherine em paz – censura a mãe dele.

– Tudo bem. Ele não me incomoda.

Pego o último item da minha cesta: um pote de tomates vermelhos suculentos com as sementes flutuando no caldo. Quando me ajoelho, meus olhos passam por Henry e vão até os estrados cheios de palha. Na primeira vez que estivemos aqui, eles tinham uma cama de casal bonita de mogno, uma bicama combinando para Henry e um guarda-roupa, mas Lavinia teve

que vender tudo. Agora sua linda colcha azul do enxoval está arranjada bem direitinho sobre o estrado e as roupas estão guardadas em caixas de papelão.

Henry se senta, espalha as peças de um jogo chamado *jacks* no chão e sorri mostrando os dentes. Perdi a prática, mas, quando criança, eu era craque nesse jogo. Uma lembrança passa pela minha mente: Paul McLeod agachado na minha frente, no caminho calçado com pedras do jardim da minha casa, o sol quente de verão batendo forte, o cheiro de grama recém-cortada tomando o ambiente.

Em outros tempos, recordar o meu amigo de infância teria feito com que eu sorrisse... mas isso não acontece mais. Tratei Paul muito mal, e nunca vou poder pedir perdão.

E ele nem foi a pessoa que mais magoei. Esses pensamentos me martelam, incansáveis.

– Eu andei treinando – anuncia Henry, e puxa as mangas encardidas da camisa que terminam na metade de seus braços magricelas. – Cheguei a nove ontem. Aposto que agora ganho de você.

– Isso é o que nós vamos ver.

Eu me acomodo diante dele enquanto Alice, Mei e a Sra. Anderson se espremem no sofá marrom manchado e desconfortável, com as mãos juntas e a cabeça baixa, rezando. Eu devia me juntar a elas, mas meu relacionamento com o Senhor tem andado frágil ultimamente. Minha saúde está boa e estou a salvo dos olhos enxeridos dos Irmãos, mas é difícil me sentir agradecida quando todas as pessoas que amo estão em casa, em Chatham, e eu estou aqui em Nova Londres, sozinha.

Sinto saudade das minhas irmãs. Sinto saudade de Finn. A solidão faz um buraco no meu estômago.

Henry e eu estamos no sete quando alguém bate na porta com fúria. Fico paralisada com o barulho, e a bola vermelha de borracha passa pulando pelas minhas mãos estendidas.

O bebê se agita no berço de madeira. A Sra. Anderson se inclina sobre a menina por um instante em seu trajeto até a porta.

– Shhh, Eleni – diz ela, e a doçura em sua voz faz com que eu sinta saudade da minha mãe.

A Sra. Anderson abre a porta para um pesadelo de capas negras e rostos severos. Dois Irmãos a empurram para o lado e entram no apartamento.

Meu coração para de bater. O que nós fizemos? O que será que nos revelou?

Alice e Mei já estão em pé. Eu me apresso para atravessar a sala e me posicionar ao do lado delas, e Henry corre para o lado da mãe.

Um Irmão baixo e careca com rosto comprido e olhos azuis penetrantes dá um passo adiante.

– Lavinia Anderson? Sou o Irmão O’Shea, do conselho de Nova Londres. Este é o Irmão Helmsley – anuncia ele, e aponta para um sujeito enorme de barba ruiva. – Recebemos uma notificação de impropriedade.

Então não vieram por nossa causa.

O alívio toma conta de mim, seguido bem de perto pela culpa. Lavinia Anderson é uma mulher bondosa, uma boa mãe, gentil e trabalhadora. Não merece ser importunada pelos Irmãos.

Lavinia leva a mão fechada à boca e sua aliança brilha ao sol poente da tarde.

– Não fiz nada de impróprio, senhor.

– Isso é o que vamos decidir – declara O’Shea. Ele se volta para nós com um sorriso presunçoso e cheio de si. Parece um galo garnisé com o peito empinado, os ombros para trás e as pernas afastadas, na pose de um homem pequeno que tenta parecer maior. Imediatamente concluo que não gosto dele. – Bom dia, Irmãs. Vieram entregar a ração semanal?

– Sim, senhor – responde Alice, e inclina a cabeça em reverência, mas antes disso eu enxergo a revolta em seus olhos azuis.

– É uma pena que a caridade de vocês tenha sido desperdiçada com alguém que não merece. Pobreza não é desculpa para libertinagem – rosna Helmsley. – Acaba de perder um marido e já está estendendo o chapéu para outro! Um escândalo, eis o que é.

A Sra. Anderson aperta o ombro magro de Henry. Seu rosto empalidece de repente.

– Nega ter permitido que um homem a acompanhasse até em casa ontem à noite? Um homem que não tem parentesco com a senhora? – pergunta o Irmão O’Shea.

– Não nego – responde Lavinia com cautela, a voz trêmula. – O senhor Alvarez é cliente da padaria. Estava saindo no mesmo horário que eu e se ofereceu para me acompanhar até em casa.

– Como viúva, Sra. Anderson, seu comportamento deve ser irrepreensível. Não pode andar acompanhada por homens desconhecidos nas ruas da cidade. Certamente sabe disso.

Mordo o lábio, o rosto voltado para baixo. Que opção ela teria? Caminhar sozinha até em casa e se arriscar a ser assaltada ou assediada? Alugar uma carruagem com dinheiro que não tem para gastar? Implorar ao empregador que lhe forneça um acompanhante? Alice e eu nunca teríamos esse problema. Antes de entrarmos para a Irmandade, nossos movimentos eram acompanhados por aias e governantas. Uma dama de bons modos se locomove escondida em uma charrete fechada, não no meio da poeira e da sujeira, suscetível aos olhares ou à tomada de liberdades da parte de qualquer pessoa.

Mas a Sra. Anderson não tem dinheiro para a carruagem nem para uma aia. Não tem pais nem marido para cuidar dela. O que, exatamente, os Irmãos querem que ela faça? Que fique em casa e morra de fome?

– Eu não estava em busca de um companheiro. Estou de luto pelo meu marido todos os dias! – insiste Lavinia.

Então apruma os ombros, ergue o queixo e encara O’Shea bem nos olhos.

– Você é uma mentirosa.

O’Shea faz um sinal com a cabeça para Helmsley, que dá um tapa no rosto dela.

Eu me encolho ao me lembrar da maneira como o Irmão Ishida me batera certa vez. Levo a mão à bochecha. O corte do anel eclesiástico dele já sarou, mas nunca vou me esquecer

daquela indignidade, nem do prazer maldoso no rosto dele.

Lavinia cambaleia para trás e esbarra no berço. O bebê solta um lamento.

Henry se lança às pernas de Helmsley.

– Não bata na minha mamãe!

Ele não deveria ter que assistir a isso. Nenhuma criança deveria.

– Podemos levar as crianças para outro aposento, senhor? – pergunto a O’Shea, que obviamente é o cérebro por trás da visita.

– Não. Deixe que veja a mãe como a vadia que ela é. – O’Shea se inclina para a frente, agarra os ombros magros de Henry e o sacode. – Pare com isso. Pare nesse instante, está ouvindo? Sua mãe é uma mentirosa. Ela traiu a memória de seu pai.

Henry para de lutar, os olhos castanhos estão arregalados e amedrontados.

– Papai?

– Não traí! – protesta Lavinia com lágrimas escorrendo pelo rosto. – Jamais faria isso!

– Seu vizinho relatou tê-la visto de braços dados com o senhor Alvarez – prossegue Helmsley, que se posiciona perto dela. O Irmão deve ter por volta de 1,80 metro de altura.

Lavinia se encolhe para longe dele, pressionando as costas contra o descascado papel de parede de flores azuis.

– Eu tropecei num tijolo solto e ele me segurou antes de eu cair. Foi só isso, eu juro! Não vai voltar a acontecer. A partir de agora, vou voltar para casa antes de escurecer.

Mas isso significaria abrir mão de muitas horas de trabalho e do pagamento, e sua pequena família não poderia exatamente se dar a esse luxo.

– O lugar da mulher é em casa, Sra. Anderson – diz O’Shea.

Ele solta Henry e se volta para Helmsley, com ar de desdém.

– Veja bem, é isso que acontece quando se permite que as mulheres trabalhem fora. Elas ficam com noções falsas a respeito do que é apropriado. Faz com que deem as costas ao Senhor.

– Faz com que acreditem que podem se sustentar sozinhas tão bem quanto os homens – concorda Helmsley.

– Acham que eu *gosto* de sair para trabalhar? – reclama Lavinia em tom esganiçado, e minha vontade é de tapar a boca dela com a mão. Discutir só vai fazer com que a situação piore ainda mais. – Só arrumei este emprego depois que meu marido morreu. Não podemos depender inteiramente da caridade das Irmãs. Iríamos todos morrer de fome!

– Quieta! – vocifera o Irmão O’Shea, e avança até ela. – Sua insubordinação não a ajuda em nada, senhora. Devia ser grata pelo que tem.

A Sra. Anderson respira fundo e exhibe um sorriso choroso.

– Desculpe-me – diz ela baixinho, e olha para mim e para Irmã Mei com ar de súplica. – Sinto-me agradecida, faço o que desejarem. Juro sobre as Escrituras, não fiz nada de errado!

O’Shea sacode a cabeça como se ela tivesse cometido mais um pecado grave.

– Então estaria cometendo perjúrio.

Um sorriso se instala no rosto feio e barbado de Helmsley, e sinto uma armadilha se fechando ao redor de Lavinia.

– Seu vizinho diz que Alvarez beijou sua mão quando se despediram. A senhora nega isso?

– Eu... não, mas... – Lavinia se afunda contra a parede. – Por favor, deixem-me explicar!

– Já nos contou mentiras suficientes por hoje, senhora Anderson. Creio que a situação está bem óbvia. Vamos prendê-la por crimes de imoralidade.

O bebê começa a berrar. Henry também está chorando, agarrado às saias de Lavinia.

– Nós poderíamos acabar com isso – diz Alice, e seus lábios mal se mexem. Sua voz é tão baixa que quase não consigo escutá-la por cima da confusão, mas entendo imediatamente o que ela quer dizer.

Sua sugestão é perigosa. Praticar magia fora do convento coloca todas nós em risco. E a magia mental é a mais rara e mais maldosa dentre todos os tipos de magia existentes. Apagar as memórias de alguém pode levar junto outras lembranças associadas; executar magia mental várias vezes na mesma pessoa pode causar cicatrizes cerebrais arrasadoras. Há muito tempo, quando governavam a Nova Inglaterra, as bruxas usavam magia mental para controlar e destruir seus oponentes. Os Irmãos contam essas histórias antigas para que as pessoas tenham medo de nós, embora Alice e eu sejamos as únicas alunas do convento capazes de fazer isso.

– Não – implora Mei, os olhos escuros apavorados. – Fiquem fora disso. Não é da nossa conta.

– Eles são quatro. Juntas, nós conseguimos. – A mão macia de Alice agarra a minha. – Quando eu contar até três.

A atitude dos Irmãos é odiosa e errada; eu não me incomodaria nem um pouco de usar magia neles. Mas Alice confia mais na habilidade dela do que eu. Nunca executei magia mental em mais de uma pessoa ao mesmo tempo e, com certeza, nunca em uma criança. E se falharmos ou algo sair errado e prejudicarmos a mente de Henry de modo permanente?

Solto a mão dela.

– Não. É arriscado demais.

Então o momento passa. Helmsley está amarrando os pulsos de Lavinia com uma corda grosseira.

– Nosso trabalho nunca termina, Irmãs. Sinto muito por submetê-las a tal cena – diz O’Shea, embora seu deleite por causa da plateia seja bem óbvio. Ele faz um gesto para o pão fresco e os legumes empilhados na mesa da cozinha. – É melhor levarem isso para outra pessoa necessitada. Não vai servir de nada se tudo apodrecer.

– Sim, senhor. – Alice pega a cesta do chão e começa a guardar a comida.

Mei dá um passo em direção ao Irmão O’Shea.

– Senhor, e as crianças?

O’Shea dá de ombros e sinto um calafrio perante a indiferença.

– Vamos levá-las para o orfanato se não houver ninguém para cuidar delas.

– Tem uma vizinha – sugiro.

É o mínimo que posso fazer. Espero que a vizinha concorde em ficar com os dois. Mais duas bocas para alimentar não é algo fácil. Se Lavinia for sentenciada a trabalhos pesados em um navio-prisão, talvez só volte para casa daqui a alguns anos... isso se sobreviver ao trabalho cruel e às doenças agressivas. Mas se for enviada ao Hospício de Harwood, será para o resto da vida. Ela nunca mais verá os filhos.

– É a senhora Papadopoulos, duas portas corredor abaixo. – Lavinia se apressa em dizer. – Henry, vá com a Irmã Catherine. Não se preocupe. Eu voltarei logo. – Ela sorri para Henry e alisa o cabelo castanho desgrenhado do filho, mas sua voz falha com a mentira. – Eu amo você.

– Pare de enrolar – esbraveja Helmsley, que arranca Lavinia para longe do filho e a conduz porta afora.

Ouçó seus tropeções pela escada e fico sem fôlego. Será que eu *poderia* ter impedido isso? Será que me tornei tão cruel e covarde quanto os Irmãos?

– Venha aqui, Henry – diz Mei, e estende a mão para ele, mas o menino sai em disparada.

– Mamãe! Volte!

Ele avança atrás de Lavinia feito um leãozinho em prantos. Mei sai apressada atrás dele, e eu a sigo, xingando os degraus íngremes e minhas botas de salto.

Do lado de fora, Henry corre para a mãe e enterra o rosto na saia dela. Um grupo esfarrapado se reúne ali: meninos chineses e espanhóis que estavam brincando no terreno baldio do outro lado da rua. Acima de nós, cortinas se agitam, e fico imaginando quem foi o vizinho enxerido que deu a informação a respeito de Lavinia.

– Não leve minha mamãe! – implora Henry.

– Não estão vendo que ele está assustado? Permita que eu me despeça dele de modo adequado – implora Lavinia, e estende os braços inutilmente para o filho, com as mãos amarradas.

O rosto magro de O’Shea está rígido.

– Ele vai ficar melhor sem uma mãe como você.

Helmsley a empurra em direção à carruagem. Lavinia tropeça e cai na calçada, formando uma pilha de saias pretas e cabelo loiro.

– Levem o menino para dentro – ordena-nos O’Shea, e seus olhos claros estão gélidos.

– Mamãe! – berra Henry, debatendo-se e chutando Mei, que tenta segurá-lo.

Vejo o grupo de garotos se agitar, cochichando entre si. Sinto um calafrio ao me lembrar da última prisão que presenciei, a de Brenna Elliott, e da maneira como os observadores a xingaram de bruxa e jogaram pedras nela.

Um menino alto recua o braço para atirar uma pedra e eu quase berro um aviso, mas ele a solta antes disso.

A pedra bate entre os ombros de O’Shea. Ele se vira e olha feio para o grupo de meninos, e eu olho para Mei, segurando um sorriso.

Nunca vi ninguém desafiar os Irmãos. Foi maravilhoso. E também uma tolice; mas eles são meninos, não meninas, por isso têm menos a perder.

Mais pedras voam, acertando O'Shea e Helmsley nas costas e nos ombros, acompanhadas por gritos irritados em línguas estrangeiras. O'Shea dá meia-volta e berra algo sobre respeito, então desiste e dispara rumo à carruagem como o covarde que é. Helmsley puxa Lavinia, faz com que ela se levante e a arrasta pela calçada.

Quando Mei se inclina para pegar Henry, uma pedra a atinge na lateral da cabeça. Ela berra algo em chinês para os meninos. Disparo até ela e agarro Henry pela gola. O menino enterra o rosto coberto de lágrimas no meu quadril enquanto a carruagem dos Irmãos segue sacolejando pela rua com a mãe dele trancada lá dentro. A chuva de pedras cessa da mesma forma abrupta que começara. O grupo se dispersa; as cortinas se fecham. Terminou... para todos, menos para Lavinia Anderson, cujo pesadelo acaba de começar.

– Está tudo bem com você? – pergunto a Mei.

A grande quantidade de sangue em sua têmpora começa a escorrer pela bochecha.

– Claro. Um deles tem péssima pontaria – brinca Mei, mas parece atordoada.

– Ajude Mei a entrar na carruagem. Vou levar Henry de volta lá para cima e pegar nossas cestas – diz Alice, surgindo atrás de mim. – A senhora Papadopoulos ouviu a confusão. Ela já está com o bebê.

Nosso cocheiro, Robert van Buren, vem correndo rua abaixo, em nossa direção, com um jornal embaixo do braço. Ele é um dos poucos que conhecem a verdade a respeito da Irmandade; a filha dele, Violet, é aluna de lá.

– Vi a confusão bem quando estava saindo da loja da esquina. Sinto muito, senhorita Zhang. Vou levá-la para casa agora mesmo – diz ele, e ajuda Mei a subir na carruagem.

– Está muito feio? – pergunta Mei, e vira a cabeça para mim, meio tonta, antes de se afundar no banco de couro.

Engulo em seco ao ver o talho de três dedos de comprimento.

– Não. Irmã Sophia vai deixar seu rosto novinho em folha.

Uso minha luva preta de cetim para limpar o fio de sangue que escorre pela bochecha dela.

É uma pena que Mei não seja capaz de se curar sozinha. A cura é a especialidade dela; Mei é uma das três meninas da turma avançada de Irmã Sophia que participam de missões de cura em Harwood e no Hospital Richmond. Nas seis semanas que passei no convento, descobri que muitas bruxas têm afinidade com um tipo específico de magia: ilusões, animações, cura ou alteração de memória. Esse é mais um pedaço da nossa história que a Mãe não se deu ao trabalho de dividir conosco antes de morrer.

Mei fecha os olhos.

– Talvez *você* possa me curar – sugere ela com a voz fraca.

– Eu? Mal consigo curar uma dor de cabeça – argumento.

Ela abre os olhos escuros e sorri.

– Confio em você, Cate.

Não sei por quê; nem eu tenho muita autoconfiança. Mas algo estala dentro de mim. Quando foi que me tornei uma pessoa que *hesita* em vez de ajudar? Mei tem sido uma boa amiga para mim. Tentar impedir que ela desmaie no meio de uma poça do próprio sangue é o mínimo que posso fazer para retribuir.

– Tudo bem, vou tentar.

Eu me inclino entre os bancos e coloco a mão em concha sobre a dela com delicadeza. A cura é diferente de outros tipos de magia; para se manifestar, precisa haver conexão física. Puxo os fios de magia aninhados no meu peito, tecendo-os pelo meu corpo juntamente a nervos e músculos. Gostaria que não estivessem ali; eu preferia não ser bruxa. Mas estão e eu sou, e se nunca puder me livrar disso, pelo menos posso tentar usar para fazer algo de bom.

Penso em como Mei é doce, sempre a primeira a oferecer ajuda. Em como eu tiraria esta dor dela agora se pudesse.

A magia flui dentro de mim, potente como uma onda no mar, quente como um banho gostoso. Ela se derrama pela ponta dos meus dedos e sua força inesperada me deixa mole e sem fôlego. Isso foi... poderoso. Formidável.

– Ah! – Mei engole em seco.

Ela vira a cabeça para eu poder ver. Seu cabelo preto ainda está empapado de sangue, mas o corte desapareceu. Completamente.

– Está curado? – indago, tentando não parecer estupefata com meu sucesso.

Mei examina o local com a ponta dos dedos. Depois de um momento, sorri radiante.

– Nem dolorido está. Obrigada, Cate.

– De nada. Fico feliz em poder...

Preciso me segurar no assento para não cair. Minhas pernas ficaram fracas e parecem de borracha.

Irmã Sophia nos avisou a respeito disso. Meu estômago está revirado e eu me debruço à porta bem a tempo de vomitar nas pedras do calçamento.

Limpo a boca com a luva limpa e então olho para Mei, acanhada.

– Essa é uma reação normal a um encanto de cura – garante ela, e me ajuda a voltar para dentro da carruagem e a me acomodar no assento de couro diante dela.

Eu me encolho no banco, fecho os olhos bem apertados e pouso a cabeça dolorida nos braços. Saltos de sapato martelam as pedras do calçamento lá fora, daí Alice entra pela porta aberta da carruagem e larga as cestas vazias aos nossos pés.

– Qual é o seu problema? Não pensei que você fosse do tipo que passasse mal ao ver um pouquinho de sangue, Cate.

Cerro os dentes e respiro fundo pelo nariz.

– Ela me curou – explica Mei. – Está vendo?

Senhor, eu queria muito estar em casa, na minha própria cama. A senhora O'Hare, nossa empregada, iria trazer uma compressa fria para minha cabeça e uma xícara de chá de hortelã. Consigo imaginar isso com tanta clareza que quase sinto o cheiro do chá; quase sinto a fronha

de algodão quente e aconchegante encostada no meu rosto. Lágrimas fazem os cantinhos dos meus olhos arderem. Fico contente por ninguém poder ver; Alice daria risada de mim por eu agir como uma criança com saudade de casa.

– Então talvez ela não seja totalmente inútil.

Dou uma espiada em Alice quando ela se esgueira para o assento ao lado de Mei e cruza os tornozelos, toda recatada, enquanto a carruagem vai avançando aos solavancos. As saias dela estão imaculadas, intocadas pela poeira e pela sujeira da rua. Não sei como ela consegue.

– Melhor do que você. – Mei alisa a franja preta. Franjas são a nova moda; ela pediu a Violet que as cortasse na semana passada. Tive medo de que ficassem horríveis, mas na verdade caiu bem nela. – Você não consegue curar nem um corte feito com papel.

Alice revira os olhos.

– Todo mundo sabe que cura é o tipo de magia menos útil que existe. Não é para menos que seja a especialidade de Cate.

Eu me sento bem ereta, ignorando os insultos dela, e espio por entre as cortinas, observando as pessoas circulando pela calçada. O barulho é ensurdecedor: cavalos e carroças avançam pesadamente para o centro, marretas batem em novas construções, vozes masculinas gritam em dezenas de idiomas diferentes, ambulantes vendem comida e roupas.

Eu não sou uma garota urbana. Isso me deixa tonta. Maura iria adorar a correria, a emoção de sempre haver algo novo. Sinto falta de casa, dos passarinhos cantando e das cigarras. Eu me sinto solitária aqui, rodeada por desconhecidos. Sem minhas irmãs, sem Finn e sem minhas flores... Quem sou eu?

Eu não sou quem a Irmandade quer que eu seja.

– Cate foi covarde demais por não executar magia mental lá no apartamento – desdenha Alice enquanto brinca com um dos brincos de ônix. – É medrosa demais para se arriscar a ajudar as pessoas.

– Não finja que está preocupada em ajudar a senhora Anderson – explode Mei. – Você só queria um pretexto para fazer magia mental. As Irmãs devem ser compassivas. Você acha que as pessoas não reparam que você olha para elas de forma presunçosa?

– Não me importo no que reparam ou deixam de reparar – diz Alice, franzindo seu nariz empinado. – Eu é que não vou fingir ser igual a elas. São tolas de vir para cá do jeito que as coisas estão, para começo de conversa, e mais tolas ainda por continuar tendo filhos se não têm dinheiro para alimentá-los.

Mei fica chocada, em silêncio. O pai dela é alfaiate; a mãe costura para fora e cria o irmão mais novo dela, além de quatro irmãs menores. Certa vez Mei disse sentir-se culpada por ficar com as Irmãs em vez de trabalhar para ajudar. A família dela se orgulha de seus supostos estudos acadêmicos na escola do convento, mas não sabe que ela é bruxa.

– Todo mundo tem problemas, Alice. Não ia fazer mal se você demonstrasse um pouco de solidariedade – sugiro.

– Ah, sim, deve ser muito difícil ser Cate Cahill. Tirada da obscuridade de sua cidadezinha atrasada no meio do nada. Informada de que seria nossa salvadora! – Alice volta a revirar os olhos. Torço para que entalem no fundo da cabeça dela algum dia. – Pessoalmente, não vejo isso. Uma coisinha tímida e feiosa igual a você?

É verdade que não sou nenhuma grande beldade... Mas tímida? Quase dou risada. Sei como permanecer discreta e me manter longe de confusão, e não me gabo da minha magia mental nem fico aterrorizando as outras meninas, se é disso que ela está falando. Durante as seis semanas que passei na escola, fui bem reservada. As Irmãs praticamente se estapearam para serem minhas tutoras, por isso fico ocupada de manhã, à tarde e à noite.

Ainda assim, não sei como alguém que me conhece pode me classificar como *tímida*.

– É assim que você me vê?

Arqueio uma sobrancelha para ela.

Alice mexe na pele de coelho em seus punhos. Até o uniforme da Irmandade dela tem toques refinados, muito embora uniformes devessem demonstrar uniformidade.

– Sim. Tirando sua *suposta* magia mental, você ainda é iniciante. Se uma guerra fosse deflagrada amanhã, o que diabos você iria poder fazer? Estou começando a achar que a profecia toda é bobagem.

– Eu gostaria que fosse – admito, e olho pela janela enquanto a carruagem deixa as ruas movimentadas nas proximidades do rio e segue para o bairro residencial tranquilo do convento.

Há 120 anos, as bruxas que governavam a Nova Inglaterra – as Filhas de Perséfone – foram depostas pelos sacerdotes da Fraternidade. Durante cinquenta anos, toda mulher suspeita de bruxaria era afogada, enforcada ou queimada viva. E qualquer uma que conseguisse escapar do Terror passava a viver escondida. Na melhor das hipóteses, sobraram apenas umas poucas centenas de bruxas na Nova Inglaterra atual. No entanto, pouco antes do Terror, um oráculo fez uma profecia: três irmãs, todas bruxas, que chegariam à maioridade antes da virada do século XX, seriam motivo de esperança. Uma delas, dotada de magia mental, iria ser a bruxa mais poderosa em séculos. Ela suscitaria o ressurgimento da magia; ou, caso fosse capturada pelos Irmãos, seria a causa de um segundo Terror.

As Irmãs acham que sou eu. Que eu sou a bruxa da profecia.

Eu não estou totalmente convencida disso. Mas elas estavam dispostas a negociar a liberdade de minhas irmãs pela minha, e eu acho que esse é um sacrifício bem-feito.

Minha mãe não confiava totalmente na Irmandade, por isso eu também não confio.

Do lado de fora, as lamparinas a gás da rua ganham vida. Passamos aos sacolejos por meia dúzia de casas grandes, cada uma rodeada por um gramado bem cuidado, antes de parar na frente do convento. É uma construção gigantesca com três andares, feita de pedra cinzenta gasta e janelas góticas em arco. Uma escada de mármore branco leva à porta principal, mas nos fundos há um jardim, repleto de flores e bordos vermelhos, além da horta de Irmã Sophia, devidamente escondidos de olhares curiosos por um muro alto de pedra.

– Você nem mesmo *quer* ser a bruxa da profecia, não é mesmo? – pergunta Alice, e puxa o capuz para cobrir o topete dourado.

– Não quero que nenhuma das minhas irmãs morra.

Até Alice fica sem saber o que dizer.

É por isso que Maura, Tess e eu fomos separadas: o oráculo também previu que uma das três bruxas não iria viver para ver o século XX, porque uma das irmãs iria assassiná-la. A Irmandade não acreditava que Maura tivesse controle sobre sua magia. Tendo em vista a natureza funesta da profecia (e, sinceramente, a natureza dos humores de Maura), temiam que ela pudesse me machucar. E não estão dispostas a arriscar a segurança da bruxa de sua profecia.

Tentei dizer a elas que a ideia de Maura me machucar seria impossível. Absurda.

Desde que nossa mãe morreu e o Pai se tornou um arremedo do homem que era, Maura, Tess e eu só tivemos umas às outras. A Irmandade não compreende a força de nossos laços. Eu faria qualquer coisa pelas minhas irmãs.

Mas ainda acordo chorando por causa de pesadelos nos quais me flagro impotente ao lado do corpo ensanguentado delas.

capítulo

– Você está aqui! – diz Rilla Stephenson, que entra saltitante no quarto que dividimos.

Ergo os olhos, surpresa, deitada de barriga para baixo na cama estreita de colchão de penas. Tenho relido as cartas de casa. Ou melhor: *a carta*. Só houve uma, e já decorei o que está escrito:

Querida Cate,

Papai veio para casa na semana passada. Ficou muitíssimo surpreso ao saber que você tinha ido para Nova Londres, mas aceitou sua decisão de bom grado. Ele me pediu que lhe desse suas bênçãos e transmitisse seu amor. Ele está magro e a tosse incessante parece pior do que nunca, mas prometeu ficar em casa conosco até o ano-novo – embora insista para que deixemos nossas aulas a cargo de Irmã Elena.

Depois de passar uma semana trancada no quarto, Maura agora já se recuperou bem. Ela canalizou as energias para os estudos e demonstrou notável melhora. Estou preocupada que ela esteja se esforçando demais. Pedi a Maura que escrevesse para você, mas ela acha que você deve estar vivendo aventuras tão grandiosas que nem se importa com o que acontece em casa. Sei que ela está errada nesse aspecto. E espero que se conforme logo com o lugar dela aqui.

Oferecemos um chá da tarde aqui em casa na semana passada, que contou com uma presença muito boa. Fiz um pão de gengibre esplêndido e todo mundo perguntou sobre você. A Sra. Ishida disse que não se lembra da última vez que uma garota de Chatham se juntou à Irmandade e me pediu que lhe transmitisse seus melhores votos.

Sinto uma saudade terrível de você, Cate. Mesmo com o Pai aqui, a casa fica um tédio e solitária sem você. Penny teve gatinhos no palheiro, três brancos e um preto, e a Sra. O'Hare vive me dando bronca por subir lá para vê-los. Esse é o resumo da animação da semana.

Espero que você esteja bem e que não esteja sentindo muita saudade da gente. Escreva para mim assim que puder.

Com amor,

Tess

Penso na minha irmãzinha brilhante – seus cachos loiros e os olhos cinzentos que captam tudo – e uma onda de saudade de casa toma conta de mim. Desde que Tess nasceu, eu nunca tinha ficado um dia sequer longe dela, o que mudou seis semanas atrás. Eu me lembro de ter ouvido seu primeiro berro (um alívio, depois de um irmão natimorto) e do momento em que vi seu rostinho vermelho esgoelante pela primeira vez. E Maura... temos quase a mesma idade para que eu me lembre de qualquer época sem ela; Maura simplesmente sempre esteve presente para brigar comigo e me fazer dar risada.

Detesto a Irmandade por nos separar. Detesto a magia por lhes dar poder para fazer isso. Se fôssemos meninas normais e comuns...

Mas não somos. E não ajuda em nada ficar pensando nisso.

– Por que você não me acompanha até a sala de estar? – sugere Rilla.

Eu sempre tive meu quarto em casa. É estranho dividir esse espaço com uma desconhecida. Há duas camas altas e estreitas, dois guarda-roupas, uma cômoda... e absolutamente nenhuma privacidade. Rilla sabe que sinto saudade de casa e está determinada a me animar. Ela lê passagens de seus romances góticos assustadores para mim; me oferece xícaras de chocolate quente antes de dormir; divide os doces pegajosos de bordo que a mãe lhe manda da fazenda em Vermont.

As intenções dela são boas, mas nada disso é capaz de curar um coração partido.

– Não, obrigada. Preciso ler. Não consigo me concentrar com tanta gente conversando lá.

Eu me sento ereta e pego um livro didático de História aos pés da cama.

– Caaate – geme Rilla, e abre caminho pelo chão cheio de coisas. A cama dela fica embaixo da única janela em arco; a minha fica encostada na parede, perpendicular à dela. – Você não pode ficar sempre isolada desse jeito. Não quer conhecer as outras garotas?

Na verdade, não. Elas ficam me encarando, como se eu fosse manifestar algum poder magnífico a qualquer instante, e sempre sinto como se eu fosse uma decepção para elas.

– Quem sabe amanhã? – sugiro.

– Você sempre diz isso. – Rilla pula na própria cama. – Eu sei que você não queria estar aqui. *Todo mundo* sabe que você não queria estar aqui. Você nem faz questão de esconder. Mas estamos quase em dezembro... já faz mais de um mês que você chegou a Nova Londres. Será que não consegue aproveitar nada dessa situação?

– Eu estou *tentando*! – afirmo.

Desde que curei Mei, há dois dias, fui tirada da turma de Botânica (a única aula que eu adorava) e colocada em Cura Avançada. Mei tem sido a minha parceira nas aulas e fica me convidando para jogar xadrez com ela no horário do chá da tarde. Rilla faz questão de sentar-se comigo durante as refeições e nas aulas que fazemos juntas, embora certamente fosse bem

mais fácil para ela – e divertido – juntar-se a outras meninas mais falantes e risonhas, em vez de ficar com a única que mal abre a boca.

Será que já agradei a elas pelo esforço?

– Está mesmo? – Rilla ecoa meus pensamentos num tom maldoso incomum a ela. Daí passa a mão na bochecha coberta de sardas, que me faz lembrar Finn toda vez que olho para ela. – Não estou falando de estudar magia e levar comida para os pobres; estou falando de transformar isso aqui no seu lar. Olhe só para o seu lado do quarto!

Ah! De repente percebo a diferença entre o meu lado, que não tem nada, e o dela, que possui a cama coberta por uma colcha amarela de retalhos irregulares, e livros, canecas e vestidos espalhados por todo os lados. Eu nunca mandei buscar meu tapete com estampa de rosas, nem a aquarela que a Mãe fez do jardim. Nem mesmo tirei meus vestidos de primavera da mala. Digo a mim mesma que é porque não quero ocupar muito espaço... Mas é isso mesmo, ou será que só quero estar o mais pronta possível para ir embora a qualquer momento?

– Estou tentando ser sua amiga, Cate. Mas durante metade do tempo você age como se eu fosse uma mosca irritante que você deseja matar com um tapa. Você nunca pergunta como foi o meu dia. Nunca me perguntou nem como eu vim parar aqui!

As reclamações não param, fica uma ladainha sem-fim contra mim, e eu fico abalada. Rilla tem muito boa índole; eu não fazia ideia de que ela havia reparado em minhas evasivas, muito menos que tinha ficado magoada com elas.

– Eu defendo você, sabe, quando as outras meninas dizem que é orgulhosa e metida. E Mei também. Mas você precisa começar a se esforçar mais.

Rilla apoia as pernas na beirada da cama. Está usando um vestido novo hoje: é de brocado amarelo, com enormes mangas bufantes, laço de tafetá no peito e babados de chiffon na barra, tudo de cor laranja. Cai bem nela. Será que pensei em lhe dizer isso? Acho que tenho andado tão absorta em minhas aulas, em sentir saudade de Maura e Tess e...

– Talvez às vezes eu só queira ficar sozinha por cinco minutos! Talvez eu tenha coisas mais importantes na cabeça e não queira saber quem ganhou um vestido novo, ou qual foi a maldade dita por Alice hoje – digo, irritada, arqueando os ombros e apertando o livro contra o peito.

O rosto de Rilla fica corado.

– Não é só com isso que me importo, e você sabe... ou *saberia*, caso ao menos se desse ao trabalho de conversar comigo. Nós todas sabemos como as coisas estão ficando ruins, mas não precisamos discorrer sobre isso a toda hora. Não ia lhe fazer mal se divertir um pouquinho de vez em quando.

– Talvez – sussurro, arrasada com o tom de decepção na voz dela.

Eu *podia* me esforçar mais. Participar dos jogos de xadrez, das partidas de dama e das charadas após o jantar, folhear as revistas de moda de Dubai, conversar sobre as prisões mais recentes dos Irmãos e sobre o que a Irmandade deveria fazer a seguir. Sei que é isso que as outras garotas esperam de mim. Eu *podia* fazer amigas aqui, se quisesse.

Mas isso significaria aceitar que este é o meu lar agora... que meu lugar é aqui entre essas desconhecidas, que meu futuro está na Irmandade, e não com Finn. Isso exigiria aceitar que não tenho mais como voltar atrás e que apesar das terríveis tramoias planejadas, apesar de todas as minhas objeções, as Irmãs estavam certas em me trazer para cá, porque aqui é o meu lugar.

Respiro fundo, me apoio na cabeceira de latão e estico as pernas.

– Como *foi* que você veio parar aqui, Rilla?

Ela desdenha.

– Está perguntando porque quer saber ou porque se sente obrigada?

– Eu quero saber – retruco, sincera. – E peço desculpas por não ter perguntado antes.

– Bom. Eu fiz uma besteira muito grande. – Mesmo à luz de velas, consigo notar as orelhas de Rilla ficando vermelhas. – Havia um garoto de quem eu gostava. Charlie Mott. Ele tinha cabelo preto, andava num cavalo preto e era muito lindo! Eu estava desesperada para que ele reparasse em mim. Em um sábado à noite, fui com uns amigos andar de trenó e me assegurei de que me sentaria ao lado dele. Mas Emma Carrick estava sentada do outro lado, e ele abraçou *Emma* em vez de a mim. Fiquei com tanto ciúme! Tudo saiu um pouco do controle. Desejei que ela não fosse tão bonita, e daí, de repente, ela *não era*; ficou horrorosa! Seu rosto ficou cheio de feridas e o nariz dela cresceu até aqui... – Rilla fez um gesto quinze centímetros além do próprio narizinho arrebitado. – Quando Charlie viu, ele se afastou dela bem rápido. Eu... bom, eu não consegui me conter. Comecei a rir.

Pelo Senhor, mas que desajeitada. Mas aí imagino Finn segurando a mão de outra garota e meu coração se aperta em solidariedade.

– Emma ficou chorando por causa do nariz, e, para ser ser sincera, eu me senti meio mal com a coisa toda, por isso consertei. Mas daí ela começou a berrar feito louca, dizendo que eu tinha lançado um feitiço nela porque estava com ciúme. Os rapazes levaram o trenó até a igreja e me denunciaram. Depois daquilo, Charlie Mott nunca mais olhou para mim. – Rilla suspira.

– Mas Irmã Cora intercedeu por você no seu julgamento.

– É verdade. – Rilla encosta os joelhos no peito e apoia o queixo na saia de brocado amarelo. – E ela me trouxe para cá. Do contrário, eu teria sido mandada a Harwood, com certeza.

Irmã Cora tem uma ampla rede de espiãs formada por governantas e ex-alunas do convento. Elas mandam recados quando desconfiam que as acusações de bruxaria feitas por algum Irmão são de fato verdadeiras. Se Irmã Cora consegue chegar a tempo, ela intervém em nome da garota, usando magia mental para convencer os Irmãos e as testemunhas. Então traz a menina aqui para a Irmandade.

– Alguma garota já se recusou a acompanhá-la?

Rilla olha para mim como se eu fosse louca.

– Por que fariam isso? Depois que você vê os Irmãos se voltarem contra você... – Ela sacode a cabeça e afasta um cacho castanho do rosto. – Nós ficamos mais seguras aqui. Aprendemos a controlar nossa magia e as Irmãs nos protegem.

A Irmandade foi fundada em 1815 pelo Irmão Thomas Dolan, como refúgio para a irmã dele, Leah. No começo, havia poucas bruxas operando em segredo por trás de uma cortina de fumaça de devoção. Então, em 1842, decidiram receber jovens bruxas e ensinar-lhes magia. Irmã Cora estava entre as primeiras alunas da escola do convento. Desde então, ela intervém em julgamentos e trabalha para aumentar nosso contingente. No momento, há cinquenta alunas e uma dúzia de professoras, com umas vinte governantas espalhadas pela Nova Inglaterra e pelo menos uma centena de alunas formadas (como a Sra. Corbett, nossa vizinha em Chatham) que operam como espiãs. A maior parte das garotas que estuda aqui não se torna membro pleno; quando completam 17 anos, partem para viver uma vida normal como mães e esposas.

Essa não vai ser uma opção para mim, claro. Não se eu for a bruxa da profecia.

– Você nunca fica com saudade de casa? – pressiono. – Não sente falta de seus irmãos?

– Sinto, sim – responde Rilla, e olha para um ferrótipo que pendurou acima da cama: ela e os dois irmãos gêmeos de 10 anos, Teddy e Robby; Jeremiah, de 12; e Jamie, de 14. Cinco crianças travessas, de cabelo enrolado e sardas no rosto. – Mas era difícil ser a única menina, sabe, e também a única bruxa. É complicado guardar segredo.

Mal consigo imaginar Rilla guardando qualquer segredo. Ela é muito tagarela.

– Acho que Jamie... ah, agora eu tenho que chamá-lo de James, vivo me esquecendo... talvez desconfie. E Mamãe sabe, claro. Ela também é bruxa, mas não é muito boa; só sabe fazer algumas ilusões básicas. Não que eu seja muito melhor. Tenho certeza de que você percebeu como sou inútil para animação, e não consigo executar magia de cura de jeito nenhum – diz Rilla, corando. – Foi mesmo uma sorte as Irmãs terem me acolhido.

– Eu queria me sentir assim. Sortuda – deixo escapar. Nosso quarto tem pé-direito alto, mas parece pequeno e aconchegante agora, com as cortinas fechadas, a vela queimando e só eu e Rilla cochichando. – Você nunca se pergunta como seria sua vida caso não tivesse sido apanhada?

– Imagino que eu continuaria fazendo doces de bordo, teria me casado e criado um bando de moleques bagunceiros, igual à Mamãe. – Rilla joga uma bala para mim e eu a coloco na boca. – Mas eu fui pega, então não há o que pensar. Eu sempre quis ter irmãs, e agora tenho dezenas delas. Sou feliz aqui.

Eu me inclino para a frente e aliso a colcha azul amarrotada.

– Você não se importa por não ter tido escolha?

– É bem melhor do que ficar em Harwood. – Rilla suspira. – Estamos aquecidas, alimentadas e temos um teto sobre nossa cabeça. Aqui não é bem uma prisão, Cate.

Mas, para mim, parece uma prisão. Embora a vinda para cá tenha sido minha escolha, no fundo mesmo não foi.

Não consigo parar de me lamentar pela vida que não aconteceu.

Eu não devia pensar em Finn, mas as lembranças são cruéis. Elas chegam sem aviso, tudo parece suscitá-las. Elas se repetem sem parar na minha cabeça, maravilhosas e torturantes ao mesmo tempo: Finn me provocando porque gosto de ler histórias de piratas; Finn me beijando no gazebo até eu perder os sentidos; Finn pedindo minha mão em casamento e me dando o anel de rubi da mãe dele.

E a última: Finn, quando saí da igreja onde devia ter anunciado nosso compromisso, perguntando *por quê*.

Sinceramente, achei que fosse me casar com ele, que ficaria em Chatham e seria feliz.

Idiota. A Irmandade jamais iria permitir uma coisa dessas. Não quando uma das bruxas Cahill poderia fazer com que elas retomassem o poder.

O que Finn devia estar pensando de mim agora? Esse tipo de pergunta só vai servir para me deixar arrasada.

Rilla tem razão. Preciso melhorar meu humor.

Eu me levanto.

– Vamos descer então?

– Mesmo? – Rilla se ergue feito um boneco de mola.

– Mesmo. Vou ser uma amiga melhor, Rilla. Não desista de mim ainda, está bem?

Ela sorri e salta para fora da cama.

– Ah, não se preocupe. Eu sou muito mais persistente do que isso.

No momento em que pego os meus livros e Rilla junta balas para levar para a sala de estar, alguém bate na nossa porta. Rilla a abre de supetão e revela Irmã Cora em pessoa.

– Boa noite, Marilla. Como vai?

Os olhos de Irmã Cora são de um azul vigoroso, como safiras; eles me fazem lembrar dos de Maura.

– B-bem – gagueja Rilla, surpresa. – Como vai, senhora?

– Já tive dias melhores – admite a diretora, com os lábios contraídos. – Catherine, será que posso incomodar e convidá-la para beber uma xícara de chá comigo?

Irmã Cora parece uma rainha majestosa de idade avançada com seus cabelos brancos reluzentes trançados numa coroa bonita ao redor da cabeça. Está acomodada em sua poltrona florida, com um vestido cinza forrado com pele branca e macia, e conversa sobre trivialidades. Ela serve chá para mim.

E me faz esperar.

Preocupações disparam pela minha mente. Será que aconteceu algo com Maura ou Tess? Será que ela descobriu mais coisas sobre a profecia? A diretora não convoca garotas para bebericar chá na sala dela sem motivo.

– Posso ajudar com alguma coisa, Irmã? – pergunto finalmente.

Ela me avalia por cima da xícara com borda dourada.

– Eu gostaria de confiar em você, Catherine.

Ela diz isso como se estivesse em dúvida.

– Sinto o mesmo a respeito da senhora – retruco sem emoção na voz enquanto aliso minhas saias azul-marinho.

Ela solta uma gargalhada rouca que parece mais adequada a uma atendente de bar do que a uma rainha.

– É justo. Sei que você não está aqui espontaneamente. Eu pediria desculpas, mas isso faria de mim uma espécie de hipócrita, não é mesmo? Gostaria que você confiasse em mim, mas compreendo que essa confiança não pode ser construída da noite para o dia. Infelizmente, temo que não tenhamos muito tempo. Tome.

Quando ela me entrega a xícara de chá, seu dedinho roça no meu.

No segundo em que minha pele toca a dela, engulo em seco.

Irmã Cora está doente. A enfermidade é maligna e está à espreita em seu corpo. Eu a examino com minha magia. Sinto como se houvesse uma nuvem negra em seu estômago e me encolho num senso de autopreservação. Minha xícara se espatifa no chão. O chá se espalha pelo meu vestido de tafetá e se mistura aos cacos de porcelana branca no tapete muito verde.

– Peço mil desculpas – digo, morrendo de vergonha, mas não consigo desviar meu olhar do dela.

Ela acena e faz os pedaços da xícara despedaçada voarem para a lata de lixo ao lado de sua mesa.

– Então você consegue sentir – diz.

– A senhora está doente – sussurro.

Até a luz da vela, bruxuleante e suave, revela as rugas de seu rosto e de seu pescoço, bem como as veias azuladas que percorrem a pele das mãos, fina como pergaminho. Ela deve ter quase 70 anos.

– Estou morrendo – corrige ela. – Sophia já tentou de tudo, mas só é capaz de me oferecer algumas horas de paz. O que mais me preocupa é a questão de quem vai me suceder. Ficou combinado que Inez ficará na liderança até a bruxa da profecia atingir a maioridade. Vou ser direta com você, Catherine. Você vai completar 17 anos em março, e eu preferiria que Inez não liderasse a Irmandade por mais tempo do que o necessário. Preciso que você compreenda o que está em jogo aqui.

O medo sobe pela minha espinha. Não estou pronta para isso. Estou acostumada a proteger minhas irmãs, mas ser responsável por mais de cem bruxas? Não sei o que fazer nem sei como mantê-las em segurança. Achei que ainda iria demorar anos para ser convocada a me apresentar e liderar!

– Estou ciente do que está em jogo. – Eu me levanto e coloco as mãos na cintura. Meu medo me faz parecer impaciente. – Eu sou bruxa; minhas irmãs são bruxas; minhas amigas são bruxas. Acha que *desejo* ver garotas como nós afogadas, enforcadas ou queimadas? Eu rogaria aos céus para saber como impedir isso, mas não sei! Não sei o que vocês querem de mim.

Irmã Cora bebe mais um gole de chá.

– Se você se sentar, eu explico.

Eu me acomodo na poltrona alta florida ao lado da dela e agarro outra xícara de chá que me oferece. O convento é um prédio absolutamente moderno. Ele foi reformado para incluir aquecedores a gás e toaletes com descarga. No entanto, todos os aposentos têm pé-direito alto e janelas góticas em arco, e o vento de novembro cria correntes de ar. Eu nunca consigo ficar totalmente aquecida aqui.

– Você é uma menina inteligente, Catherine. Acredito que tenha reparado na divisão que existe dentro da Irmandade atualmente – inicia Irmã Cora. – Algumas estão cansadas de esperar, cansadas das injustiças contra as bruxas e também contra as mulheres. Agora que encontramos você, elas querem um confronto direto contra os Irmãos. Dizem que está chegando a hora de retomarmos o poder, de atacarmos usando todos os meios necessários. Já ouviu isso por aí?

– Ouvi, sim.

Já ouvi Alice fazer discursos passionais na sala depois do jantar.

– Mas também há aquelas que preferem esperar. Que têm medo do custo de vidas humanas que uma guerra desse tipo acarretaria. Eu me incluo no segundo grupo – admite Irmã Cora. – Acredito que travar uma guerra antes de estarmos preparadas pode ser desastroso.

Tomo um gole do chá, que está delicioso e repleto de especiarias; imagino que deva conter gengibre em pó.

– O que gostaria que fizéssemos enquanto isso?

– Vamos esperar até você se decidir sozinha. Tenho fé em Perséfone e nessa profecia, Catherine, mesmo que ainda não sejamos capazes de compreendê-la em sua totalidade. – Mesmo que eu ainda não tenha sido capaz de comprovar minha eficiência, ela quer dizer. – Eu reuniria informações. Tenho espiões dentro da Fraternidade. Um deles é integrante do Conselho Titular. Está na linha de sucessão depois de Covington, e está trabalhando para garantir que os membros que estão do nosso lado ocupem posições de poder. Não vai acontecer da noite para o dia, mas acho que é o melhor jeito.

– Provavelmente é o mais seguro – digo. – Assim, há menos chance de sermos todas assassinadas enquanto estivermos dormindo.

Ela dá um sorriso rígido e percebo que já deve ter sido uma mulher muito bonita. A beleza continua ali na linha do maxilar, na inclinação da cabeça.

– Estou realmente tentando impedir que isso aconteça. As probabilidades estarão todas contra nós se o caso for de confronto direto. Há milhares de Irmãos, e nós somos apenas algumas centenas.

– O Irmão Covington pode permanecer no poder por mais vinte anos – observo. – Ele é popular. Encantador.

– Nós podemos providenciar para que não continue. As coisas estão mudando, Catherine. A população em geral está ficando insatisfeita com a mão pesada dos Irmãos. – Meneio a cabeça em concordância ao me lembrar dos meninos jogando pedras em O’Shea e em

Helmsley. – Mas se avançarmos com muita rapidez... se formos levadas pelo medo... Bom, eu iria detestar se repetíssemos os mesmos erros.

Passo o dedo pela borda da xícara de chá. Gosto da cautela de Irmã Cora. Quantas vezes Maura me deu bronca por ser muito empenhada e cuidadosa?

– Não estou com pressa de liderar uma guerra, se é isso que você está perguntando.

O sorriso dela agora era mais caloroso.

– Fico feliz em saber disso, porque eu...

A porta se abre de supetão e Irmã Gretchen entra, apressada, corada e arfando por ter subido a escada correndo.

– Cora! Perdoe-me pela invasão. Dois integrantes do Conselho de Nova Londres acabaram de chegar e exigem uma audiência com você. Acomodei-os na sala de visitas.

Irmã Cora pega da mesa uma agenda encadernada em couro e coloca seus óculos de leitura.

– Não temos nada marcado. Eles disseram qual é o assunto?

Irmã Gretchen sacode a cabeça e seus cachos grossos e grisalhos balançam.

– Não, mas O’Shea não parece ser do tipo paciente.

– E não é. Criatura odiosa. Eu preferia que tivessem enviado Brennan – balbucia Irmã Cora, e se apoia no espaldar da poltrona para se erguer. A dor transparece em seu rosto. – Miséria!

Seus olhos azuis encontram os de Irmã Gretchen, cor de mel, tépidos. Elas parecem travar uma conversa inteira sem palavras. Rilla me disse que ambas são muito unidas, que são melhores amigas desde que eram garotas da escola do convento. Se a Mãe e Zara ainda estivessem vivas, será que também seriam capazes de conversar através de uma troca de olhares?

Será que Rilla e eu seremos, algum dia?

– Por que não nos acompanha, Catherine? – pergunta Irmã Cora. – Uma visita como esta, vinda do nada... é provavelmente sinônimo de confusão. Se não para nós, para outras. Mas é imperativo que você fique em silêncio, independentemente do que eles disserem. Consegue fazer isso?

– Sim, consigo.

Mas não consigo evitar a tensão. O que os Irmãos podem querer a esta hora? O que é tão importante que não pode esperar até amanhã cedo?

– Vamos, então. Não é bom deixá-los esperando.

Irmã Gretchen oferece o braço, mas Cora dispensa. Ela não manca, mas caminha com rigidez, como se todos os movimentos lhe causassem dor. Gretchen e eu a seguimos.

Quando finalmente chegamos à sala de visitas, dois Irmãos estão acomodados lado a lado no sofazinho verde-escuro. A sala tem decoração austera, com mobília forrada com fibra de crina, braços entalhados e tons escuros. Retratos de diretoras já falecidas enfeitam as paredes; pesadas cortinas de veludo nos envolvem em escuridão. É aqui que Irmã Cora se reúne com os pais das garotas e com emissários da Fraternidade.

E foi aqui que dei um tapa na Sra. Corbett (na *Irmã* Gillian Corbett, minha ex-vizinha e acompanhante na viagem até Nova Londres) no dia de minha chegada. Ela garantiu que iria cuidar de minhas irmãs enquanto eu estivesse ausente; disse que elas só iriam se beneficiar por não estarem mais sob meu controle. Perdi a paciência e dei um tapa naquela cara presunçosa. Sorrio diante da lembrança, mas meu sorriso desaparece quando vejo a expressão pesarosa dos Irmãos. Eu os conheço. O Irmão O’Shea é o mesmo homem que prendeu Lavinia Anderson, e trouxe seu cúmplice corpulento consigo.

– Irmã Cora – diz o Irmão O’Shea, e se levanta. – Este é o Irmão Helmsley. E... Irmã Gertrude, é isso?

– Gretchen – corrige Cora. – E esta é uma de nossas jovens noviças mais promissoras: Irmã Catherine.

Sou mais alta do que ele, mas não ousou encarar seus olhos. Em vez disso, baixo a cabeça, lutando para não tremer. A sala está gelada, e a lareira sem dúvida foi acesa às pressas quando as visitas chegaram.

– É um alívio ver uma jovem que se dedica ao Senhor em vez de desfilhar com libertinagem pelas ruas da cidade – diz O’Shea.

Fica óbvio que não me reconhece e, pelo menos desta vez, fico feliz com o anonimato fornecido pela Irmandade. Ele faz um gesto para o chão e nós três nos ajoelhamos.

– Que o Senhor as abençoe e as mantenha assim por todos os dias de sua vida – entoa ele.

– Sentimo-nos agradecidas – respondemos em coro, enquanto nos levantamos. E apesar de este ser o nosso lar, só nos sentamos depois que Irmão O’Shea volta a se acomodar no sofazinho e gesticula para nós. Então Irmã Cora ocupa a poltrona de seda marrom perto da lareira, com Irmã Gretchen no pufe redondo adornado com borlas, ao lado dela. Posto-me de pé atrás de ambas, feito uma sentinela, com os nervos em frangalhos.

– Conforme já devem saber, a sessão do Conselho Nacional já começou – diz Irmão O’Shea. Como se fosse possível esquecer. A cidade foi invadida por centenas de Irmãos, e Irmã Cora nos advertiu para que fôssemos especialmente cuidadosas em relação à nossa conduta durante o evento, que tem duração de três semanas. – Este é um momento de reflexão. Oramos ao Senhor para que nos oriente, para que nos ensine como controlar nosso rebanho fraco e rebelde. Hoje fomos abençoados por Sua sabedoria. Duas novas medidas foram aprovadas.

– Duas? – Irmã Cora engole em seco.

Isso é inédito. Às vezes se passam anos inteiros e ocorrem vários encontros do Conselho Nacional sem que haja nenhuma medida nova. Junto as mãos na frente do corpo e fico virando o anel de madreperla no dedo.

– Quando recebemos a notícia da França, percebemos que precisávamos tomar medidas imediatamente para impedir que o contágio se disseminasse – fala O’Shea, e cruza as pernas na altura dos tornozelos.

Contágio? Não costumo prestar muita atenção às notícias vindas do exterior, mas não me lembro de ter ouvido falar de nenhuma doença.

Helmsley está em silêncio. Ele faz o sofá parecer ainda menor com seu corpanzil. Aparentemente a função dele é tratar mulheres com brutalidade, assustar crianças e ficar calado.

O Irmão O'Shea faz uma pausa, talvez para criar um efeito dramático. Olho para os dedos dele, abertos em cima do joelho: limpos e sem calosidades, com unhas longas cuidadosamente moldadas. Por algum motivo, penso nas mãos de Finn: sardentas, manchadas de tinta, com sujeira embaixo das unhas depois de um dia inteiro de trabalho honesto no jardim.

Será que Finn está em Nova Londres? Os novos membros sempre acompanham o Irmão Ishida à reunião do Conselho Nacional, para a cerimônia de iniciação.

Ele deve estar aqui, mas não tentou me ver.

Será que me odeia?

Ele deve ter passado todas as noites me odiando. Entrou para a Fraternidade para me proteger e daí eu o abandonei sem explicação.

Mas a ideia de que Finn desistiu de mim, de nós, com tanta facilidade... dói.

– Os franceses deram o direito ao voto às mulheres – prossegue o Irmão O'Shea. – Talvez não seja um fato tão surpreendente assim, tendo em vista seus laços próximos com a Arábia. Mas nos obrigou a buscar proteção. Precisamos ter certeza de que nossas mulheres vão continuar inocentes em relação a assuntos tão mundanos, concentradas em manter a alegria no lar e educando crianças boas e tementes ao Senhor. Nossas novas medidas têm o intuito de lembrar às mulheres seu papel.

Ai, não. Isso vai ser pior do que a peste.

– Claro. – A cabeça de Irmã Cora se inclinou um pouquinho, como uma tulipa na chuva. – Estamos aqui para ajudar de todas as maneiras possíveis.

– Espero que sua determinação permaneça inabalada depois de saber como as medidas vão afetar a Irmandade. – O Irmão O'Shea pigarreia.

Helmsley sorri e flexiona as mãos grandes. Será que está torcendo para que nós nos rebelemos e ele possa prender alguém hoje à noite?

O meu coração bate forte. Será que isso é algum tipo de teste perverso?

– A primeira medida, que tem validade imediata, proíbe as mulheres de trabalhar fora. – O'Shea infla o peito, obviamente satisfeito.

Penso em Marianne Belastra, cuja livraria manteve a família depois da morte do pai de Finn. Penso na Sra. Kosmoski, a costureira de Chatham. Em viúvas como Lavinia Anderson, que vão precisar depender da caridade dos Irmãos para alimentar a família. É isso que eles desejam, suponho. Dependência total.

– Mas haverá provisões para as viúvas? – pergunta Irmã Gretchen.

Ela própria é viúva. Não tem filhos. Retornou à Irmandade depois da morte do marido.

Irmão O'Shea balança a cabeça negativamente.

– A única exceção se restringe às enfermeiras... em nome da moderação, sabem como é. A segunda medida, que também entra em vigor imediatamente, proíbe que meninas sejam ensinadas a ler. Obviamente não podemos fazer nada em relação àquelas que já detêm tal habilidade, mas, no futuro, acreditamos que isso seja desnecessário e até perigoso. As meninas podem depender do conhecimento dos pais, dos maridos e da Fraternidade. Não precisam buscá-lo em outro lugar.

A sala cai num silêncio de estupor. Não há som nenhum além do chiado das lamparinas a gás de ambos os lados da lareira.

Olho para Irmã Cora e Irmã Gretchen, para o rosto cuidadosamente inexpressivo delas.

Não consigo imaginar a vida sem livros.

Sem as histórias do Pai sobre os antigos deuses e deusas gregos, sem histórias de piratas, sem contos de fadas e sem poemas. Sem a esperança de um novo caminho, de liberdade e de aventura, além deste que temos aqui e agora. Como a vida seria obscura sem isso!

Penso nas pessoas que amo, nas pessoas a quem confiaria minha vida. Maura. Tess. Finn. Marianne. Todos são pessoas loucas por livros. O que esse novo decreto irá causar a elas?

Flagro-me cerrando os punhos e forço meus dedos a relaxar. Não devo aparentar estar disposta a iniciar uma briga.

– Vocês vão precisar pedir a suas tutoras que cancelem a vinda – diz o Irmão O’Shea.

– Compreendo. – A voz de Irmã Cora é contida e seus ombros estão rígidos. – Vou escrever para elas imediatamente. Nossa escola vai continuar operante?

– Por enquanto, sim. – A voz entrecortada e o rosto azedo dele deixam claro que Irmão O’Shea não aprova isso. – Haverá uma fogueira na praça Richmond na sexta-feira à noite, assim como em cada cidade nos próximos dias. Pedimos aos fiéis que tragam os livros de suas bibliotecas particulares... ficção, contos de fadas, esse tipo de coisa... para serem queimados.

Minha mão dispara, horrorizada, para a boca. Os olhos claros do Irmão O’Shea a seguem.

– Desculpe-me, senhor – digo com a voz estrangulada e forço uma tosse.

Ele se apruma no sofazinho e fica com as costas bem eretas.

– Acreditamos poder contar com as Irmãs para uma contribuição.

– Ah, sim – diz Irmã Cora, e se ajeita na poltrona de seda escorregadia. – Os senhores sempre podem contar conosco.

– Fico contente em saber. – Ele se inclina para a frente e mantém os olhos semicerrados ao examinar cada uma de nós. – Há mais uma questão, e é a mais importante. Descobrimos um oráculo no Hospício de Harwood.

Ordeno ao meu rosto que não revele nenhuma emoção. Brenna Elliott. Tem que ser Brenna.

– Um oráculo? – repete Irmã Cora. – Tem certeza?

Ele assente.

– Há semanas estamos de olho nela. No começo, foram coisas pequenas. A tempestade que tivemos, a identidade de uma menina que vinha roubando bugigangas das outras, o bebê de uma enfermeira que morreu com a febre. – Dificilmente acho que esse último evento tenha

sido considerado uma coisa pequena para a enfermeira. – A enfermeira a acusou de ter enfeitiçado o bebê, e foi isso que nos chamou a atenção. Agora ela diz que há outro oráculo se erguendo... um oráculo que tem o poder de fazer os corações penderem mais uma vez em favor das bruxas, pois ela mesma é uma bruxa poderosa, amaldiçoada com magia mental.

O silêncio cresce e preenche a sala, mitigado apenas pelo crepitar do fogo na lareira.

– Quer dizer que...? – começa Cora.

Por um momento, o medo enruga o rosto magro de O’Shea. Então ele engole em seco, seu pomo de Adão sobe e desce, daí a expressão temerosa desaparece.

– Sim. Este novo oráculo, que está prestes a descobrir seus poderes, é a bruxa da profecia. Aquela que caçamos há uma centena de anos.

Oh! Fico tão imóvel que sinto o sangue correndo pelas veias, sinto o ar entrando e saindo de meus pulmões. Sou uma estátua de Cate feita de carne e osso, com um coração latejante.

Ele está falando de mim.

Mas eu não tive nenhuma premonição. Não por enquanto. *Está prestes a descobrir seus poderes*, disse ele. As profecias são tão vagas que deixam a gente frustrada. Eu poderia começar a ter visões daqui a dez minutos, ou amanhã, ou na semana que vem, ou no ano que vem.

O medo estala dentro de mim. Eu não *quero* ter visões. A responsabilidade de liderar a Irmandade já basta. É demais. Também não quero o peso do futuro em meus ombros.

– Obviamente, precisamos tirar essa criatura de seu esconderijo – diz O’Shea, e Helmsley estala os nós dos dedos, um por um, como se estivesse feliz da vida com a perspectiva sanguinolenta. – Nunca houve um oráculo que também fosse bruxa, muito menos um que fosse capaz de manipular a mente das pessoas. Sempre há gente conspirando contra nós, mas temo pelo tipo de frenesi que ela poderia provocar nas pessoas. Essa bruxa poderia usar sua magia para fazer com que se voltassem contra nós. O futuro da Nova Inglaterra depende de nossa capacidade de encontrá-la e detê-la, Cora. Pode ser que a língua das mulheres fique mais solta perto de você ou de suas noviças. Se ouvir o menor dos boatos, até a menor suspeita de magia mental *ou* de premonições, deve nos informar.

– S-sim, é claro – gagueja Irmã Cora.

Irmã Gretchen a ajuda a se levantar assim que o Irmão O’Shea se põe em pé.

Meu coração martela durante as bênçãos de praxe.

Quando os Irmãos prenderam Brenna, disseram que ela estava delirando. Que era presunção achar que uma mulher era capaz de fazer a obra do Senhor. Agora acreditam nas visões dela?

Talvez ela tenha errado. Ela é *de fato* meio louca.

Será que todos os oráculos enlouquecem? A ideia me deixa trêmula.

Quando os Irmãos se retiram, quando a porta de entrada está bem fechada, Irmã Cora se volta para mim e coloca a mão nos meus ombros, o rosto enrugado numa espécie de origami de preocupação.

– Você já teve alguma visão? Alguma premonição?

Balanço a cabeça.

– Não.

– Nenhuma sensação de que algo está para acontecer, nenhum sonho que mais tarde tenha se tornado realidade? – pressiona ela. – Eu sei que isso deve ser assustador, mas preciso que me diga a verdade, Catherine, para que possamos protegê-la.

Retribuo o olhar dela com solenidade. Irmã Cora tem exatamente a minha altura. Ela é alta para uma mulher.

– Nunca. Eu juro.

Depois de ter acompanhado os Irmãos até a porta, Gretchen volta apressadamente para a sala.

– E suas irmãs? – pergunta Cora.

– Não que eu saiba.

Elas teriam me contado, não é?

– Pode ter se manifestado depois que você saiu de Chatham – reflete Cora. – Isso bagunça tudo. Quisera eu saber as palavras exatas da profecia. Você conhece o oráculo sobre o qual eles falaram, não é verdade? Ela é de Chatham.

– Brenna. – Meneio a cabeça em concordância, me lembrando da última vez que a vi... toda encolhida na sarjeta, o vestido amarelo salpicado de lama. Ela berrava e foi espancada pelos Irmãos até ficar em silêncio.

– Brenna sabe o que você é? – pergunta Irmã Gretchen.

– É difícil dizer. Se querem saber se contei a ela, a resposta é não. Mas ela sabe de coisas sem que precisem lhe contar.

Eu me viro para o outro lado para aquecer as mãos na lareira.

E se Brenna revelar minha identidade aos Irmãos?

– Um oráculo que não tem a cabeça no lugar é a última coisa de que precisamos – balbucia Irmã Cora, e olha para as árvores cobertas de gelo do outro lado da janela.

Irmã Inez, professora de Ilusionismo, entra na sala. Na privacidade do convento, a maioria das professoras usa roupas coloridas, mas ela não. Está sempre envolta num preto fúnebre inabalável.

– Seria bem fácil eliminar uma ameaça como Brenna – sugere ela.

Irmã Sophia, a professora de Cura, cheinha e bonita, vem atrás dela.

– Ela é só uma menina, Inez, e além do mais, é doente. Não acho que assassinato seja o caso.

Assassinato? Arregalo os olhos para elas. Não podem simplesmente *matar* Brenna!

Inez dá de ombros. Seu cabelo castanho está puxado para trás em um coque na nuca e o rosto, com as bochechas saltadas, parece sempre tenso.

– Vão colocá-la sob vigilância constante. Seria mais fácil do que tirá-la daquele lugar, e como é um oráculo, tentar convencê-la a ficar de boca fechada pode não funcionar.

– Anda escutando nas saídas de ar novamente, Inez? – Gretchen olha feio para ela.

– Eu sabia que haveria confusão assim que ouvi a notícia vinda da França – diz Inez. – Quem pode saber o que esta criatura enlouquecida vai dizer a eles? Ela é um perigo para todas nós, e principalmente para a senhorita Cahill. Controlar um oráculo e ter conhecimento prévio do futuro... talvez seja isso que vá nos ajudar a retomar o poder. Não podemos arriscar tudo isso devido a escrúpulos infantis.

Controlar um oráculo. Minha testa se franze com as palavras escolhidas por ela. A Irmandade não pode... não vai... me *controlar*. Não sou fantoche de ninguém, sendo ou não oráculo.

– Tenho informantes em Harwood. Vou fazer com que fiquem de olho em Brenna. – Quando Irmã Cora fala, todas se calam. – Acho que é cedo para sugerir métodos tão extremos. Talvez possamos usar Brenna a nosso favor.

– Agora vão prender garotas a torto e a direito – observa Inez. – Sob qualquer pretexto possível. Não vão se arriscar, não se esse oráculo puder fazer a opinião pública pender para o nosso lado.

Puxo a manga cinzenta de Irmã Cora, tomando cuidado para não encostar na pele dela.

– Se as coisas estão piorando, Maura e Tess deveriam estar aqui conosco.

Mordo o lábio, rezando para que seja a decisão certa. Será que estou cometendo um erro ou retificando-o?

Cora faz um gesto para as outras.

– Eu gostaria de conversar a sós com Catherine, por favor.

Inez franze a testa, mas segue Gretchen e Sophia para fora da sala. Cora fecha a porta. Desta vez, ergue a mão e puxa a corrente para fechar o respiradouro de cobre no alto da parede. Ela sorri quando ele se fecha com um rangido, e então se vira para me examinar com seus olhos muito azuis.

– Vou escrever para Elena imediatamente, pedindo que venha para cá e traga suas irmãs, mas acredito que tenha mais uma coisa que precisamos fazer, o mais depressa possível. – Eu respiro fundo. O que mais ela pode querer de mim? Mas Cora mal faz uma pausa: – Acho que chegou a hora de você conhecer sua madrinha.

Minha madrinha, Zara Roth, está no Hospício de Harwood. Não me lembro dela. Zara foi presa pela posse de livros proibidos quando eu era pequena. Mas era uma estudiosa especialista em oráculos, e ousou dizer que ela sabe mais sobre eles do que qualquer outra pessoa.

– Mas ela está em Harwood – observo.

Porque Irmã Cora não intercedeu em seu julgamento. Minha mãe nunca perdoou as Irmãs por isso.

Irmã Cora se afunda no sofá com um grunhido.

– Sim. Quero que você vá até lá para conversar com ela. Para descobrir o máximo possível em relação aos oráculos anteriores... quantos anos tinham quando as visões

começaram e de que modo se manifestaram no início. Houve dois oráculos entre o incêndio do Grande Templo e Brenna, e os Irmãos pegaram ambas antes de nós. Zara deve saber o que houve. Não vamos permitir que isso aconteça a você. Nós *vamos* protegê-la, Catherine.

– Vai me mandar para Harwood? De propósito?

Não consigo superar a ideia. O hospício é um pesadelo. Passei a vida com essa ameaça pairando em minha cabeça.

– Você não vai sozinha – Irmã Cora se apressa em me reconfortar. – Sophia vai lá toda semana em missão de cura. Se houvesse algum outro modo... Também não me agrada a ideia de enviar você àquele lugar. Mas Zara é muito teimosa. Vai se recusar a falar com qualquer outra pessoa. Ela nunca nos perdoou por ter sido presa.

Eu me sento na poltrona escorregadia de seda, que ameaça me jogar no chão.

– Por que acha que ela vai falar comigo?

Irmã Cora sorri.

– Você é afilhada dela. Ela lhe deve isso.

– E suponho que eu esteja em dívida com a senhora por providenciar para que Maura e Tess fiquem em segurança.

– Vou mandar buscá-las independentemente de qualquer coisa. Essa nova profecia... ela nos deixa um pouco em dúvida a respeito de qual de vocês é a bruxa da profecia. Parece que sua magia é a mais forte, mas se... *quando*... uma de vocês começar a manifestar visões... bom, isso vai sanar a dúvida, com certeza. – Os olhos azuis de Cora encontram os meus. – A escolha é sua, Cate, mas realmente acho que seria prudente buscar os conselhos de Zara. Ela pode ser capaz de ajudar.

Empino o queixo, superando o medo.

– Tem razão. Já está mais do que na hora de eu conhecer minha madrinha.

capítulo

3

O céu está da cor das cinzas.

As chamas lançam sombras pavorosas sobre a multidão na praça Richmond. As pessoas estão reunidas. São milhares: trabalhadores vestindo calças jeans, jaquetas acolchoadas e chapéus de couro tombados na cabeça; homens de negócios com ternos de tweed e gravatas engomadas; e crianças brincando. Ambulantes vendem coxas de frango, cones de papel cheios de castanhas assadas e canecas de cidra, como se fosse uma feira. Mulheres se amontoam e fofocam enquanto ninam bebês ou dão broncas alegres nos filhos, ou ficam quietas e se encolhem sob suas capas. O ar está gelado e cortante agora que o sol baixou.

Talvez haja outras se movimentando em segredo, como as Irmãs fazem. Mas ninguém vai se erguer para censurar a Fraternidade nesta noite. Alice exibiu um discurso corajoso desde que ouviu os novos éditos, mas não vai fazer nenhuma magia numa multidão como esta. Não com centenas de Irmãos e seus guardas lotando a praça. Não com a fogueira logo ali, pronta e à nossa espera.

Esta poderia ser tranquilamente uma noite em 1796, quando fogueiras eram acesas por toda a Nova Inglaterra. Quando queimavam mulheres em vez de livros.

Não é a primeira vez que penso isso, mas fico enjoada do mesmo jeito.

Nunca vi tantos Irmãos reunidos no mesmo lugar. Eles se aglomeram ao redor do palco de madeira improvisado como um bando de corvos. Isso faz meu coração disparar. O medo corre pelas minhas veias, e eu odeio o fato de eles me amedrontarem.

Irmã Cora nos posicionou no meio da multidão, entre dúzias de famílias. Na minha frente, uma mulher com capa cinzenta entoava uma canção de ninar para um bebê com gorro vermelho. O filhinho dela, que também usa um cachecol vermelho combinando com o gorro do bebê, dispara para ir encontrar um amigo.

– Jimmy, não se afaste demais! – berra a mulher.

Eu me viro para Rilla para sugerir que compremos um pouco de cidra e então o vejo.

Finn.

Ele está na beirada da multidão, em pé ao lado de Irmão Ishida.

Está igualzinho ao que era, e ao mesmo tempo, está diferente.

O cabelo: impossível como sempre, denso e desgrenhado. As bochechas e o nariz salpicados com sardazinhas cor de açúcar mascavo. Os lábios fartos, cor de cereja. Os olhos de chocolate tristonhos atrás dos óculos com armação de metal. A capa preta e comprida que vai até os pés e também cobre os pulsos. O anel de prata da Fraternidade que reflete a luz do fogo quando ele gesticula.

Sou esmagada pela culpa. Finn assumiu responsabilidades demais desde que o pai morreu, mas este novo peso em sua postura... isso é culpa minha. O que quer que ele tenha feito nas últimas semanas, está pesando em seus ombros.

Ele se juntou à Fraternidade por mim.

Deixo os olhos caírem sobre a grama morta aos meus pés. De repente sinto calor, estou sufocando apesar do ar frio. Remexo nas fitas que prendem meu capuz e ele cai para trás, revelando o cabelo loiro preso em tranças perto das têmporas.

Minha vontade é atravessar a praça e ir até Finn, pegá-lo pela mão e levá-lo para longe. Levá-lo para algum lugar com privacidade, onde eu possa lhe contar a verdade: eu o amo, vou amar para sempre, não importa o que me obriguem a fazer.

Será que ele ainda me ama? Será que um dia vai ser capaz de perdoar o que fiz?

Volto a erguer os olhos, e desta vez eles encontram com os dele. Cambaleio para trás, tentando encontrar distraidamente o braço de Rilla. Meus sentimentos provavelmente estão expostos no meu rosto com todas as letras, mas quanto a Finn, não consigo decifrá-lo. Será que ele sente saudade de mim, mesmo que só um pouco? Este anseio terrível, este ímpeto de sair correndo pela grama e me jogar nos braços dele... isso não pode ser só da minha parte, pode?

– Finn – digo, sem fôlego.

O nome dele nos meus lábios é um suspiro, uma canção de amor, uma súplica por perdão.

E ele se vira para o outro lado.

Estamos separados por vinte metros e centenas de pessoas, mas mesmo assim soa como uma rejeição.

– Cate? – Minha colega de quarto me encara, os olhos cor de mel cheios de preocupação. Quantas vezes ela disse meu nome? – Cate, está tudo bem com você?

– Está. – A palavra irrompe da minha garganta.

Aperto os cantos dos olhos com as pontas dos dedos para esconder as lágrimas e prendo a respiração para impedir que elas se derramem.

Um movimento, um lampejo cor-de-rosa, atrai minha atenção. Sachi Ishida, minha melhor amiga de Chatham, e sua meia-irmã, Rory Elliott, acenam feito loucas com seus lenços para captar minha atenção. Volto a vestir o capuz para esconder o rosto, para ocultar as lágrimas traidoras idiotas que caem apesar de todo o meu esforço.

– Com licença, Rilla. Ví algumas garotas que conheço.

Vou ziguezagueando através da multidão, desviando de crianças que brincam de pega-pega. Sachi e Rory estão em um ótimo lugar atrás da aglomeração, junto a uma árvore de bordo vermelho. Há algumas garotas de maria-chiquinha brincando perto da árvore, mas nenhum adulto muito próximo. Eu me jogo em cima de Sachi e quase a derrubo com a força do meu abraço. Não é muito gracioso, mas não me incomoda. Ela me aperta com força, a pele cinzenta do capuz dela faz cócegas no meu nariz, e então Rory dá beijinhos bem estalados nas minhas bochechas. Se alguém tivesse me dito há dois meses que eu iria considerar estas garotas amigas de confiança, que iria ao encontro delas com um prazer assim tão cego, eu teria afirmado que a pessoa estava louca.

– Estou tão feliz por ver vocês! O que estão fazendo em Nova Londres?

– Acho que podemos perguntar a mesma coisa, *Irmã* – diz Rory.

Os olhos escuros de Sachi repousam no meu rosto.

– O que deu em você para entrar para a Irmandade, Cate?

– Não sei o que você quer dizer. Estou muito feliz aqui em Nova Londres – desconverso, e olho para trás.

Uma menininha loira enrosca os pés no bambolê e cai no chão. Seu amigo a ajuda a se levantar e limpa a sujeira de sua capa azul-marinho.

– Mentirosa. – Rory não é de medir palavras. – Você esteve chorando, isso está muito óbvio.

– Não precisa nos contar agora – diz Sachi, me olhando de soslaio.

– O Pai está aqui para participar do encontro do conselho. Finn, também. Acho que você já o viu, não? Ele falou com você?

Balanço a cabeça, incapaz de falar por causa do bolo que se formou em minha garganta.

– Ah, Cate, você parece péssima. – Ela joga para mim o lenço de renda rosa-choque.

– Ele por acaso... – Enxugo os olhos, luto contra meu orgulho e solto: – ... ele por acaso falou alguma coisa de mim?

Sachi franze a testa.

– Para mim? Não. Mas não sou exatamente confidente dele. O Pai acha que ele é maravilhoso, sabe? Está sempre falando de Finn, de como a mente dele é brilhante, de como poupou a mãe de tanto trabalho e por aí vai. Mas houve momentos na carruagem... quando o Pai estava dormindo e ele achava que ninguém estava olhando... nos quais Finn parecia arrasado. Do mesmo jeito que você está agora – diz ela, tocando no meu braço com a mão enluvada.

Ela usa luvas novas de cetim cor-de-rosa com botões de madrepérola, e Rory usa luvas iguais, só que vermelhas. São totalmente inúteis neste frio, mas são bonitas.

Não quero que Finn fique triste, mas a ideia me anima.

Enfio o lenço de Sachi no bolso e tento fingir que não estou examinando a multidão em busca do rosto dele.

– Sério mesmo?

– Sério mesmo. Mas você não é a única que tem novidades. – Sachi ergue sua cidra para fazer um brinde, então bate a caneca na de Rory, ignorando sua expressão azeda. – Eu estou comprometida!

Isso chama minha atenção.

– Com seu primo Renjiro?

– O Pai não iria se contentar com nada diferente.

O Irmão Ishida é chefe do conselho de Chatham. Ele não tem noção de que as filhas dele são bruxas... nem de que Sachi sabe sobre a paternidade de Rory. A própria Rory não sabe. Sachi acha que é mais seguro assim, já que Rory é meio negligente, tendência acentuada por seus hábitos alcoólicos.

– Ela não pode se casar com ele. Ele é um puritano terrível. É aí que você entra, Cate.

Rory me lança seu sorriso de coelho. Tirando os cabelos escuros e lisos, ela e Sachi não têm nada em comum. Rory é alta e voluptuosa e sempre parece um pouco vulgar; Sachi é mignon, de olhos escuros e elegante. Mas as duas estão vestidas de acordo com a última moda, com botas de pelica de salto, capuz com pele e vestidos de renda vistosos de cores fortes por baixo das capas. À primeira vista, parecem garotas de sociedade insípidas, do tipo que não causa problemas.

Pensar isso seria um erro grave.

– Eu? – pergunto. – Como?

– Não sei como posso tirar você dessa situação, a menos que... – As bochechas de Sachi ficam tão rosadas quanto suas luvas. – Minha esperança era que você pudesse me recomendar para as Irmãs.

– As Irmãs? – repito feito uma idiota.

Dou uma espiada nelas. De onde estou é difícil distinguir uma silhueta da outra entre as Irmãs, todas com suas capas pretas; não consigo nem distinguir Rilla. Seria uma bênção para mim ter uma amiga em Nova Londres... uma verdadeira amiga a quem eu pudesse confiar todos os meus segredos. E Sachi é bruxa, embora ela não conheça o verdadeiro intuito da Irmandade. Ela deve estar mesmo muito desesperada a ponto de sugerir a ideia de posar de freira pelo resto da vida.

– Você acha que elas iriam me aceitar? Eu não sou muito religiosa, mas o Senhor bem sabe como sou boa em fingir ser coisas que não sou – suspira ela.

– Não sei – falo devagar, muito embora meu coração esteja saltitante com a ideia. – Posso falar com Irmã Cora em seu nome. Você também, Rory?

Rory solta uma gargalhada que parece um cacarejo e ajeita uma mecha de cabelo escuro dentro do capuz.

– Você é capaz de *me* imaginar como freira? Não, obrigada.

– Você quer mesmo voltar para casa e se casar com Nils? – Sachi franze a testa. – Você vai passar a ser *propriedade* dele. E você é doze vezes mais inteligente do que ele. Não pode querer...

– Eu quero – interrompe Rory. – Eu quero ser esposa e mãe. Quero ser uma garota normal. Nunca tive isso. Quero que minha filha tenha isso.

Sachi apertou mais sua caneca.

– Mas... se você voltar para Chatham, nós vamos ficar separadas.

– Nós iríamos ficar separadas de qualquer jeito. Você pode me visitar nos feriados. – Rory sorri. – E creio que eu vá ter de me comportar, já que você não vai estar presente para intervir junto ao seu pai. Não quero acabar como a prima Brenna.

– O Pai não iria mandar você para *Harwood* – insiste Sachi, e baixa a voz, apesar da cacofonia da multidão.

Rory ergue as sobrancelhas grossas.

– Você dá mais crédito a ele do que eu. Desconfio que ele ficaria bem feliz se eu sumisse.

Mordo a língua por deferência a Sachi, mas acho que Rory tem razão.

A expressão de Rory está tristonha quando ela se encosta no tronco do bordo, olhando fixamente para a fogueira.

– Velho hipócrita. Ele não tinha o direito.

– Vamos encontrar outro exemplar – promete Sachi, oferecendo o braço a Rory. – Quando chegar em casa, talvez você possa pedir à senhora Belastra.

Rory se afasta.

– Não vai ser a mesma coisa! Não vai ser o meu.

– Quem? O que aconteceu? – pergunto, perplexa.

Na parte da frente da praça, guardas saem da catedral acompanhando uma silhueta de ombros largos, toda vestida de preto, e eu sei que deve ser Covington. As pessoas começam a se dirigir ansiosamente para o palco. Dizem que Covington é um orador maravilhoso. As pessoas viajam durante dias para ouvir os sermões dele, embora todos eles sejam disponibilizados no dia seguinte, no jornal *Sentinela*.

– O Pai queria contribuir com a fogueira – explica Sachi. – Ele examinou as nossas coisas quando saímos para fazer compras ontem e pegou alguns de nossos livros. Tinha um que era muito especial para Rory.

– *Cassandra* – diz Rory. Tess teve esse livro quando era pequena. Pessoalmente, eu o achava assustador... as aventuras de uma boneca que ganha vida enquanto a criança está dormindo. – Conheço o tal livro de cor. Sei que tem uma nódoa de geleia na página treze. Mamãe estava tão animada, nem ficou brava comigo por isso. Fizemos um chá para as minhas bonecas naquela tarde.

– Você e sua mãe fizeram um chá para as bonecas? – pergunta Sachi.

Ao nosso redor, crianças recolhem os brinquedos e voltam para os pais, agitadas com a espera pelo início da cerimônia.

– Ela nem sempre foi assim. – Rory segura as lágrimas. Ela está com os ombros recurvados e as mãos enfiadas nos bolsos da capa. – Quando eu era pequena, ela era gentil. Sempre costurava vestidos para as minhas bonecas. Nós inventávamos histórias sobre as aventuras vividas por elas enquanto eu dormia, igual a *Cassandra*.

Tento me lembrar dessa versão da mãe de Rory. Ela deve ter sido uma mulher respeitável, mas não me lembro disso. Só a conheço como uma reclusa estranha, que supostamente sofre dos nervos, mas que na verdade é atormentada pela bebida. É uma surpresa ela não ter sido presa... ou talvez o Irmão Ishida se preocupe com os segredos que possam ser revelados caso ela seja levada a julgamento.

Eu sei como é sentir falta de uma mãe. E não consigo imaginar como é sentir falta dela quando ela de fato está presente.

Sachi entrelaça o braço ao de Rory e damos alguns passos na direção do palco no momento em que um homem bonito e de ombros largos sobe nele. O homem tem maxilares proeminentes, cabelo preto com alguns fios grisalhos nas têmporas e, de algum modo, faz com

que a capa preta padronizada dos Irmãos pareça uma veste muito refinada. É a primeira vez que o vejo, mas sei quem ele é. Todo mundo na Nova Inglaterra sabe quem ele é. O Irmão William Covington é o chefe do Conselho Nacional.

Agora ele está acima de todos nós, e a multidão vai ficando em silêncio. Pais erguem crianças nos ombros para que possam enxergar melhor. Uma dúzia de guardas com suas vestes pretas e douradas cercam a plataforma. Levanto o rosto respeitosamente na direção do palco. Covington está falando e a voz dele é doce como mel:

– A ficção cultiva a imaginação de maneiras perigosas. Incentiva nossas meninas a fazerem jogos perigosos de “e se?”, quando, na verdade, o “se” não interessa. O que interessa é o aqui e o agora. O que interessa é o caminho que o Senhor estabeleceu para cada uma. – Os olhos de Covington examinam a multidão e ele gesticula de modo que parece estar falando diretamente comigo. – Precisamos cultivar outras qualidades nas nossas meninas. Devemos educá-las para serem filhas boas e obedientes, e esposas humildes e obedientes. Nossas meninas precisam ser puras de coração, dóceis de espírito, e castas nos hábitos. Se têm perguntas, se têm anseios que não compreendem, devem oferecê-los ao Senhor... e a nós, os representantes do Senhor aqui na Terra.

O céu agora se tingiu de um azul bem escuro. A fogueira estala e vomita fumaça, mas o ar noturno esfriou. Do outro lado da rua, assoma a Catedral de Richmond, bloqueando as estrelas. Enfio as mãos no meu abafador feito de pele, tentando procurar Finn no meio da multidão enquanto finjo escutar Covington.

– Pedi aos fiéis que trouxessem combustível para nossa fogueira. Fiquei feliz ao ver que tantos de vocês trouxeram livros. – Gente na multidão acena com suas oferendas, satisfeitos com a aprovação dele. – Em um momento, vou pedir que se adiantem, mas primeiro...

Dois guardas arrastam uma mulher para a frente. Ela está chorando e se debatendo; tem as mãos amarradas para trás. Um terceiro guarda empurra um carrinho com uma pilha de livros.

– Esta mulher, Hannah Maclay – diz Irmão Covington –, está lidando com livros proibidos. Ela os vende aqui mesmo, nas ruas de Nova Londres.

A multidão vaia. As pessoas esticam o pescoço para enxergar entre seus vizinhos; as crianças avançam e são puxadas pelas mães.

A mãe de Finn é... era, até muito pouco tempo atrás... livreira.

– Ela vem envenenando a mente de nossas mulheres e crianças com romances de mau gosto e contos macabros que fazem sucesso em outros países. Alega que estes livros são um tesouro, e não uma traição. Eu gostaria de mostrar a ela e a todos vocês reunidos aqui hoje quão pouco eles valem.

Dois dos guardas pegam grandes quantidades de livros e os jogam na fogueira. As páginas começam a enegrecer e a se encurvar, as palavras são transformadas em coisas mortas e inúteis. Hannah Maclay se desvencilha do guarda que a segura, daí ele a empurra e...

Ela cai, aos berros, bem na fogueira.

A capa negra pega fogo. Seus longos cabelos castanhos também.

Em nome do Senhor, será que vão simplesmente deixá-la queimar? Será que ninguém vai ajudá-la?

Ninguém se mexe. A multidão parece congelada. Algumas crianças começam a berrar, e seus pais, despreparados para tal espetáculo, colocam-nas em pé com muita pressa. Também sinto vontade de berrar.

Minha magia se agita e me sobe à garganta. Estou prestes a lançar um encanto de animação para tirá-la do perigo quando percebo que, bem, não é a mim que os Irmãos vão culpar. Vão partir do princípio de que ela usou magia para se salvar. E, se acharem que ela é bruxa, podem voltar a jogá-la no fogo.

Forço a magia a sossegar e, em vez disso, rezo. *Por favor, não permita que os guardas sejam tão cruéis quanto parecem.*

Passa-se um longo momento antes que alguém avance e a puxe de lá. Ela está agitada, berrando. Eles a empurram para o chão e jogam a capa em cima dela, abafando as chamas e escondendo-a de nossas vistas. Ela fica quieta.

A multidão está em silêncio. Olho para a Irmandade. Desta vez, avisto Rilla, que está com as mãos sardentas cobrindo a boca, horrorizada. Na frente dela, a mulher com o bebê de gorro vermelho aperta a criança junto ao corpo, levemente virada para o lado oposto do palco, como que para protegê-lo da visão. O outro filho está agarrado às saias dela.

Levanto os olhos para Irmão Covington. Todo mundo está olhando para ele.

Seu rosto bonito ostenta uma expressão solene. Ele sacode a cabeça enquanto os guardas carregam a mulher para longe. Será que ela está viva? Está tão quieta...

– Um acidente lamentável – diz ele. – Causado pela desobediência de uma mulher.

Aquilo não pareceu acidente. Pareceu uma afirmação orquestrada com muito cuidado. Uma advertência.

Sachi e Rory estão bem abraçadinhas, as mãos unidas, os rostos pálidos.

A cerimônia prossegue como se não houvesse problema algum. Como se nós não tivéssemos acabado de ver uma mulher em chamas, talvez morta. Certamente queimada e com cicatrizes que vão permanecer pelo resto da vida.

Uma fileira de Irmãos avança, cada um segurando um ou dois livros. Eles os jogam no fogo e fazem uma medida com a cabeça, como se estivessem executando um sacramento. O ritual é tão silencioso quanto uma solenidade na igreja.

Será que Maura e Tess já receberam a carta de Irmã Cora? Será que ainda estão em Chatham, sendo obrigadas a testemunhar uma fogueira esta noite? Eu sei que vão considerar um sacrilégio; sei que vão querer intervir. Até o Pai vai ficar tenso por ter que ficar ali assistindo àquilo.

A mulher que foi empurrada no fogo poderia tranquilamente ser Marianne Belastra.

– Aquela mulher não estava fazendo mal a ninguém – sibila Rory de repente. – E o meu livro também não. Isso é ridículo!

O pai dela agora está na frente da fila. Os olhos dela estão fixos no livro que ele tem nas mãos... é um livro fino com o desenho de uma boneca e letras cor-de-rosa que compõem o nome *Cassandra*.

– Ele tem que seguir as regras. – Os ombros de Sachi se retesaram de preocupação. – Você sabe disso. Ele não acredita em exceções.

– Nem para as próprias filhas? – Um músculo salta no maxilar de Rory.

Filhas? Eu quase desmaio de tanto choque. Rory sabe?

– Mesmo assim – diz Sachi, e seus olhos cheios de culpa encontram os meus. Quando foi que ela contou a Rory?

– Você o está defendendo? – A voz de Rory se ergue e, ao nosso redor, as pessoas começam a olhar.

– Quieta! – Sachi a arrasta para trás, para a proteção da árvore de bordo, e eu as acompanho. – Não. Claro que não. Estou do seu lado. Eu *sempre* estou do seu lado, Rory.

Rory está tremendo de raiva.

– Eu o odeio – solta ela, olhando fixamente para o outro lado da praça enquanto o Irmão Ishida joga *Cassandra* no fogo.

E as chamas sobem por mais uns cinco metros. Os Irmãos recuam para evitar o calor do incêndio repentino. Mulheres berram no meio da multidão. As pessoas batem as fagulhas das capas, apagam-nas com as botas e balbuciam, consternadas.

– Bruxaria! – vocifera Irmão Covington.

Eu me viro para Sachi e Rory e então vejo: o livro traçando seu caminho pelo ar cheio de fumaça, acima das cabeças da multidão apavorada, acima das cabeças das Irmãs, e diretamente para cima de nós.

A fogueira se reflete nos olhos castanhos vazios de Rory.

É Rory. É ela que está fazendo isso. Ela perdeu o controle.

– Rory – sussurro, tentando fazer com que volte a si.

O livro está quase em cima de nós, e então...

Sachi estende o braço e o pega. Ela o aperta contra o peito, usando as duas mãos, abraçando-o como se fosse um tesouro muito, muito precioso.

Ao nosso redor, a multidão se afasta e explode em gritos de pavor e medo. As pessoas apontam e engasgam.

– Bruxaria!

– Magia!

– Que o Senhor nos ajude!

De soslaio, avisto uma menina rica vestida com pele branca desmaiando e caindo. Um homem corpulento com costeletas bastas e calça xadrez a apara. Suponho que a maior parte dessas pessoas nunca tenha visto magia de verdade. Dois meninos de cara suja disparam em nossa direção, curiosos, antes de as mães gritarem para que se afastem.

Lanço um olhar breve para as Irmãs e vejo que todas elas (Irmã Cora, Inez, Alice, Rilla) não estão olhando nem para Sachi, nem para Rory, mas sim para *mim*. Fico ruborizada. Não devia estar aqui, não devia chamar atenção para mim, mas agora não tenho como fugir; não posso simplesmente *abandonar* as duas assim.

– Sachi, não! – Rory tenta arrancar o livro da irmã, mas Sachi a empurra com força. Rory cai no chão.

– Fique longe de mim – urra Sachi.

Pelo Senhor, o que Rory fez?

Minha mente gira, impotente. Não há nada que eu possa fazer para consertar isso. Os guardas dos Irmãos estão abrindo caminho pela multidão e já estão quase em cima da gente. Todo mundo viu Sachi fazer magia... ou parecer ter feito.

Rory se levanta, desajeitada. Ela está com lama nos pés, no queixo, nas mãos e no capuz refinado de pele. Agarro o braço dela e a puxo para longe no instante em que os guardas nos alcançam. Um sujeito alto e barbado golpeia a têmpora de Sachi com uma espingarda e ela se encolhe no chão.

Abraço Rory, contendo-a, embora pareça reconfortá-la. Ela luta contra mim, suas unhas ferem meus pulsos.

– Solte-me! – grita ela, sua respiração é quente na minha orelha. – Preciso contar a eles que fui eu. Solte-me!

De que adianta o sacrifício de Sachi se Rory também for presa?

– Não – digo bem alto. – Fique longe dela. Ela é uma bruxa.

De repente Irmão Ishida surge ao nosso lado, o rosto pálido e paralisado de choque. Quase sinto pena dele enquanto encara a filha, desfalecida aos pés dos guardas numa confusão de renda cor-de-rosa, lã preta e pele. Há um corte na têmpora dela e o sangue escorre para a terra. Penso absurdamente que poderia curá-la e se eu ao menos pudesse tocar nela. Mas é claro que não posso. Não na frente de toda essa gente.

Um guarda loiro e bonito cospe em Sachi.

– Bruxa desgraçada.

– Será que devo jogá-la na fogueira também? – pergunta um guarda de cabelo escuro, e aponta a espingarda como se pronto para atirar ao menor movimento.

Não. Por favor, Senhor, não.

– Sachiko, uma bruxa? – murmura Irmão Ishida, confuso. – Minha filha, uma bruxa?

Um guarda mais velho ergue Sachi e a joga no ombro feito um saco de batatas.

– Esta garota é sua filha, senhor? Sinto muito por sua perda.

– Para onde... para onde vão levá-la? – pergunta Irmão Ishida.

– Para a prisão, para aguardar por julgamento. Mas depois de uma exibição dessas, não há muita necessidade de julgamento, não é mesmo? – O guarda sacode a cabeça. – É melhor tirá-la daqui, senhor.

– Não – geme Rory.

Eu a agarro pelos ombros e a sacudo com força.

– Pare com isso. Pare com isso nesse instante! Você precisa se recompor.

Rory olha feio para mim, então enterra o rosto em meus cabelos e diz baixinho ao meu ouvido:

– Cate, por favor, por favor, não deixe que levem Sachi embora. Ela é tudo que tenho. Por favor.

E embora tenha cometido uma tolice daquelas, ela me deixa de coração partido.

– Irmão Ishida. – É Finn, em pé bem próximo a mim, mas sem me tocar. Sua voz é suave, sem nenhum traço de emoção. Fico olhando para ele com olhos vazios, feito uma idiota. – Senhor, permita-me acompanhar a senhorita Elliott de volta à estalagem. Ela está sofrendo um grande choque.

O Irmão Ishida nem olha para Rory. Ele não se preocupa nem um pouco com ela, mesmo na atual conjuntura.

– Claro que sim. Obrigado, Belastra. Eu vou só... – Sem saber o que dizer, ele simplesmente segue os guardas.

Agora estamos a sós, nós três numa ilha isolada do restante da multidão boquiaberta. Metade das pessoas ao nosso redor fugiu para uma distância mais segura, ao passo que outros curiosos se aproximaram para assistir ao espetáculo. Com as bochechas inflamadas, dou tapinhas sem jeito nas costas de Rory. Irmã Cora vai querer minha cabeça por isso.

O Irmão Covington comenta algo a respeito de como o demônio se revela, “mas a luz do Senhor e os virtuosos não podem ser apagados”. Ele parece contente com a exibição pavorosa. O fogo amainou. A cerimônia recomeça. Irmã Cora e Irmã Inez avançam com um grupo de garotas do convento, todas segurando livros de nossa biblioteca.

As palavras de Covington parecem chegar até mim vindas de muito longe.

– Vimos nesta noite que as bruxas estão tão ansiosas para salvar seus falsos ídolos, a ponto de até arriscar executar magia no meio da multidão. Claro que isso só prova a proibidade de nossa causa.

Meus braços estão tremendo e minhas pernas estão bambas. De repente, Rory parece impossivelmente pesada.

– Entregue-a para mim – diz Finn, e sustenta o peso dela. – Vou acompanhá-la até a estalagem. Você precisa se juntar ao restante de sua ordem, Irmã Catherine.

Ah! Que estranho Finn me chamar assim, tão formal.

Perco a compostura. Meus olhos disparam para os dele.

– Eu... Eu...

– A senhorita Elliott precisa ser mais contida em relação a seu pesar – interrompe ele. – Uma dama não deve demonstrar emoções em público. A sua escolha de companhias está chamando atenção para si de maneira nada condigna de uma Irmã.

Olho para ele, boquiaberta, surpresa com sua frieza. Depois de tudo que aconteceu, ele não é capaz de oferecer nem uma palavra de consolo? Rory não é a única que está em choque.

Eu me recomponho e dou um apertão breve na mão de Rory.

– Irei visitá-la quando puder. Ou você pode vir me ver no convento. Você não está sozinha, Rory. Escutou o que eu disse?

O rosto manchado de lágrimas me espia, grudado ao ombro de Finn.

– Você não está sozinha – repito, antes de voltar a atravessar o gramado em direção às Irmãs.

Rilla dá um passo adiante e agarra minha mão.

– Ah, Cate, que horror. Você conhecia bem aquela menina? Mas que diabos ela estava pensando? Senhor, suas mãos estão geladas. Beba um pouco da minha cidra, assim vai se esquentar.

Ela empurra uma caneca para mim.

Dou um gole, o calor da bebida queima minha garganta. Inalo o cheiro forte de canela antes de lhe devolver a caneca.

– Obrigada.

– Ah, você está com cara de quem vai desmaiar. Pronto, apoie-se em mim – diz Rilla, daí me abraça e esfrega as minhas costas. Ela é como uma irmã mais velha também; sabe reconfortar. – Senhor, mas esta noite foi mesmo um horror.

Meus olhos ardem com lágrimas devido à bondade dela. Eu não mereço isso. Não tenho sido uma boa amiga para Rilla. Não tenho sido uma boa amiga para ninguém. Acabei de ver Sachi apanhar e ser presa e fiquei lá parada, sem fazer nada para ajudar.

De que vale minha magia se não posso ajudar as pessoas que amo?

Enfio as mãos nos bolsos da capa e meus dedos roçam um pedaço de papel dobrado. Um papelzinho que não estava lá uma hora antes, tenho certeza. Eu o tiro do bolso e dou uma olhada discreta.

Cate, diz. E a letra é de Finn.

capítulo

4

Não há carruagens suficientes para todas nós, por isso voltamos a pé para o convento. O caminho é longo, e a noite ficou muito fria. Caminhamos em duplas e trios pelas calçadas de pedra, com as mãos enfiadas nos abafadores de pele ou nos bolsos das capas. O clima é sombrio; nem Rilla tenta bater papo. As pessoas vão passando por nós: pais carregando crianças com olhos sonolentos e mulheres com as mãos enluvadas segurando o braço de seus maridos. Um homem com cheiro azedo dá um encontrão no meu ombro e nem pede desculpas.

Passamos do bairro do governo para o bairro do mercado. Durante o dia, aquilo é uma loucura de gente apressada entrando e saindo das lojas de queijos, de vestidos e de carnes, mas agora todos os estabelecimentos estão fechados. Velas tremeluzem nos apartamentos em cima das lojas conforme os comerciantes vão chegando em casa depois da fogueira. O tráfego de transeuntes fica ainda mais raro quando chegamos ao nosso bairro tranquilo; a maior parte das pessoas que mora nestas belas casas tem meios para se deslocar, usando carruagens. Passo os dedos pela treliça de rosas vermelhas de um vizinho e sinto seu perfume adocicado.

Ao subirmos os degraus de mármore, olho com anseio para a janela do meu quarto no terceiro andar.

Irmã Cora está à nossa espera lá dentro, o rosto marcado pela preocupação. Ela aguarda até que todas estejam reunidas no saguão de entrada e então ergue a mão para pedir silêncio.

– O que fomos forçadas a presenciar nesta noite foi horrível – comenta ela. – Sinto muito por terem sido obrigadas a ver aquilo. Mas serve como um lembrete importante para sabermos que precisamos controlar nossa magia. O que aconteceu com aquela jovem bruxa hoje à noite pode acontecer com qualquer uma de nós caso a gente perca a paciência. Agora que os Irmãos estão em busca do novo oráculo, precisamos ser especialmente discretas.

– Aquela menina foi uma tola – diz Alice, que tira a capa e revela um vestido de brocado preto com faixa de veludo na cintura.

Fico irritada.

– Aquela menina era minha amiga. *É* minha amiga – corrijo, horrorizada.

Sachi não está morta.

Alice cruza os braços sobre o peito largo.

– E como ficou lá parada enquanto ela era presa, chamou atenção para todas nós. Fico surpresa que os guardas não tenham interrogado você.

– Tenho certeza de que Catherine teria se virado muito bem – diz Irmã Cora. Ela volta a erguer a voz. – Tomem cuidado, garotas, e não percam a esperança. Essa época sombria não vai durar para sempre.

Com isso, ela dá meia-volta e se dirige para o andar de cima; uma silhueta desaparecendo nas sombras. As garotas penduram as capas em ganchos no saguão de entrada e então se espalham em todas as direções. A maioria corre para o andar de cima, para os quartos; algumas vão para a biblioteca, embora eu não consiga imaginar como teriam cabeça fria para estudar; outras correm para a sala de estar, ansiosas para conversar a respeito dos horrores da

noite. Rilla me alcança quando coloco a mão no corrimão de madeira entalhada, ao pé da escada.

– Vamos beber um chocolate quente – convida ela, ansiosa. – Você não deve ficar sozinha.

Ficar sozinha é o que desejo. Mas prometi que ia me esforçar e ser uma amiga melhor, não foi? Então, permito que ela me reboque para a sala reservada às alunas. Há duas salas no convento, como é adequado à fachada privada e à pública da Irmandade.

É aqui que tomamos chá todos os dias depois que as aulas terminam, e onde as garotas se reúnem à noite para socializar. É uma sala alegre com cortinas azuis quadriculadas, lamparinas a gás e tapetes coloridos espalhados. Há um piano, um tabuleiro de xadrez em uma mesinha de chá, uma cesta de material para fazer tricô e uma pilha de revistas de moda.

Mei afunda numa cadeira de forro xadrez azul e eu ocupo o pufe aos pés dela. Rilla se apressa até a cozinha para buscar chocolate quente. Alice e Violet ocupam seus assentos de sempre no sofazinho de pelúcia cor-de-rosa, e algumas outras garotas se espalham em diversas poltronas e puffes pela sala. Durante alguns minutos, o único som presente é o crepitar da lareira.

– Minha mãe tem uma pilha de romances escondida em um compartimento secreto no guarda-roupas dela – solta Lucy Wheeler, se ajeitando na banquetta do piano.

– Minha tia ensina danças antigas. – Daisy Reed é uma garota alta com pele cor de chocolate e voz melosa e arrastada. – Ela dá aulas em seu celeiro. As garotas vão lá e dançam valsa umas com as outras, e o tio toca violino para embalar. Tia Sadie aprendeu tudo com minha avó, que aprendeu tudo com minha bisavó.

A irmã menor de Daisy, Rebekah, sentada ao lado de Lucy, rói uma unha.

– Guardam segredo do vovô porque ele faz parte do conselho da cidade.

Mei enfia a mão no bolso e tira de lá sua *japamala* de contas de marfim entalhadas.

– Minha família ainda pratica a religião da nossa terra. Falamos chinês em casa. *E* somos imigrantes, por isso já somos suspeitos de cara.

– Meu pai comete traição todos os dias. – Violet van Buren é filha do cocheiro e melhor amiga de Alice. – Ele seria executado com toda certeza.

– Parem com isso. Estão agindo como bobinhas assustadas, todas vocês. É isso que eles querem – desdenha Alice. – Querem que a gente fique com medo. Apavoradas demais para desafiá-los.

– Só tenho meu pai agora. A ideia de perdê-lo... – Vi engole em seco.

É uma garota bonita, com cabelo preto brilhante e grandes olhos violeta que devem ter sido a inspiração para seu nome.

Alice revira os olhos.

– Você devia ter orgulho do seu pai! A maior parte das pessoas age como cordeirinhos.

Vi tira os grampos do cabelo e os dispõe no braço do sofazinho, depois passa os dedos pelos cachos brilhantes. Qualquer coisa para evitar os olhos de Alice.

– Eu *tenho* orgulho dele. Isso não significa que eu não me preocupe.

– Fico imaginando se tem mais gente, além daqueles que conhecemos, insatisfeita com os Irmãos. – Falo baixo, mas todas as cabeças na sala se viram. – Aqueles meninos que acertaram Mei estavam mirando nos Irmãos. Eu nunca tinha visto isso.

– Visitei meus pais ontem – irrompe Mei, e se curva para desamarrar as botas. – Papai não é do tipo político, mas *vociferou* contra a nova medida que não deixa as garotas trabalharem. Minha irmã, Li, fez 16 anos há algumas semanas e logo arrumou um trabalho de bordadeira de corpetes... está ganhando bem. Papai espera que permitam que ela continue bordando de casa, mas se não...

– Não vai fazer a menor diferença para quem tem dinheiro. As esposas e filhas dessa gente não sai para trabalhar – diz Alice, batendo os calcanhares contra o assoalho de madeira num ritmo impaciente.

Fico vermelha. Meu pai começou como um pobre professor, mas depois que herdou a empresa de transportes do tio, se tornou mercador, assim como o pai de Alice, com dinheiro suficiente para que eu e as minhas irmãs nunca precisássemos procurar emprego para pagar as contas. Finn ficava preocupado com o fato de as pessoas fofocarem sobre minha queda de padrão caso eu me casasse com ele. Dizia que eu iria me ressentir com ele por ter de pregar meus próprios botões e preparar meu próprio jantar. Essa foi uma das razões pelas quais ele se uniu aos Irmãos... para ter dinheiro para sustentar uma esposa.

Minha mente fica retornando ao bilhete dele.

Encontre-me no portão do jardim à meia-noite. Preciso conversar com você.

Só dizia isso.

– Papai mal fala de política comigo, mas acredito que ele não esteja nem um pouco preocupado – prossegue Alice. – Talvez os Irmãos escutem alguém como ele, alguém que eles respeitam, mas não vão dar atenção a lojistas.

– Mas se um número suficiente de pessoas se irritar... – começo.

Eu me sinto como uma criança naquele pufe, com os joelhos quase na altura das orelhas, por isso me levanto.

– Nada vai mudar. *Nós* é que temos de mudar as coisas. Por que vocês não conseguem enxergar isso? – indaga Alice, e joga as mãos para o alto. – “Esta época sombria não vai durar para sempre”, é o que Irmã Cora diz, mas também não vai ter fim se não ajudarmos! Não podemos simplesmente ficar aqui sem fazer nada, esperando que você comece a ter visões.

Fico vermelha. Ela não tem ideia do que é sentir-se absolutamente inútil.

– Se houvesse algo que eu pudesse fazer para forçar as visões, eu faria!

– Faria? – desdenha Alice, e meus olhos baixam para o tapete azul, cheios de culpa.

– Precisamos fazer *alguma coisa* – diz Lucy. Ela é uma das garotas mais jovens no convento, só tem 12 anos; suas bochechas são coradas e ela usa longas tranças cor de

caramelo. – Não podemos só ficar esperando que eles prendam mais garotas ou... ou que comecem a queimá-las!

– Está vendo, até a Leitoazinha aqui entende – rebate Alice. Lucy é gordinha, e mesmo o gosto inocente de uma menina por doces é combustível para a língua maliciosa de Alice. – Não se engane, Cate. Essa gente não está nem aí para os direitos das mulheres, só querem saber de colocar comida na mesa. Os Irmãos mantêm todos amedrontados... talvez nós também devêssemos fazer isso. Talvez essa seja a única maneira de mantê-los na linha.

– Não foi isso que fez com que as Filhas de Perséfone fossem derrubadas, para começo de conversa? – questiono.

Minhas palavras são recebidas com silêncio. Os pelos da minha nuca se eriçam e eu me viro devagar.

– Senhorita Cahill? – Irmã Inez está parada à porta. – Podemos ter uma palavrinha, por favor?

A voz dela ainda tem um sotaque espanhol pesado, musical, claramente dissonante de sua figura. Ouvi boatos de que ela atravessou clandestinamente as fronteiras dos territórios espanhóis para o sul quando era apenas uma menina, arriscando-se a ser executada para chegar à Nova Inglaterra e encontrar outras bruxas. Isso faz com que a história dela pareça bem romântica, mas tenho pena do guarda de fronteira que a encontrasse. Tenho certeza de que ela poderia estripar um homem com aqueles olhos.

– Sim, senhora.

Sigo Inez pelo corredor. Ela atravessa sua sala de aula marchando, vai até a ampla mesa de carvalho na frente e se acomoda nela, as costas muito eretas.

– O momento é obscuro para as Filhas de Perséfone, senhorita Cahill, e desconfio que vá ficar ainda mais sombrio antes de isso terminar. Hoje à noite os Irmãos nos lembraram do que são capazes. – Ela ajeita uma pilha de trabalhos de alunas e a coloca de lado. Reconheço os garranchos desorganizados de Rilla na folha do topo. – Arrisco dizer que está na hora de fazermos a mesma coisa. E, para isso, precisamos de uma líder. E uma coisinha triste que se arrasta pelos corredores não vai servir. As garotas daqui precisam que você seja forte.

– Eu sou forte.

A irritação enrijece minha espinha e eu jogo os ombros para trás.

– Então prove.

Ela toca no broche de marfim no pescoço. Como sempre, está vestida com bombazina preta dos pulsos até às canelas, sem nenhum ornamento exceto o broche.

– Fiz tudo que me foi pedido até agora. Se há algo mais que eu precise fazer, basta que digam e eu o farei.

Abandonei tudo. Finn. Minhas irmãs. Meu jardim. Abandonei todos aqueles que amo para vir para cá, para protegê-los. Do que mais eu poderia abrir mão?

– Magia mental – fala Inez baixinho. – Esta é nossa maior arma contra os inimigos. Quero ver do que você é realmente capaz.

Hesito, meus olhos recaem sobre o grosso dicionário encadernado em couro no canto da mesa dela.

– Quer que eu execute magia mental na senhora?

Não conheço ninguém que ousaria se oferecer para isso, e ela não parece ser do tipo que abre mão do controle com facilidade.

– Não. – Irmã Inez contorce a boca, como se eu tivesse sugerido algo absurdo. – Quero que você volte para a sala de estar e convença o máximo de garotas possível a vir aqui falar comigo.

A lamparina a gás chia no canto da mesa dela. De onde estou, dá para ver que a cúpula de vidro azul está coberta por uma camada grossa de poeira. Irmã Inez não me parece do tipo que se preocupa com enfeites; há poucos toques pessoais na sala dela. Nenhum quadro, nenhuma flor ou vaso bonito.

– Com comandos muito simples, há pouquíssimo risco para as afetadas, se é essa a sua preocupação – diz ela.

Mordo o lábio. Ela certamente não iria fazer com que as próprias alunas corressem riscos desnecessários, mas...

– A mim, parece muito errado entrar na mente delas sem consentimento – explico. – Talvez minhas atitudes não deixem isso transparecer, mas quero sim fazer amigas aqui. Como posso esperar que confiem em mim se eu fizer uma coisa dessas?

– Se fizer da maneira adequada, elas nunca vão saber – responde Irmã Inez. – Você não está aqui para fazer amigas, senhorita Cahill, e não é colega delas. Você é a bruxa da profecia. Elas não precisam confiar em você, nem gostar de você; só precisam respeitá-la. E, se tiverem um pouco de medo de você... bom, melhor ainda.

As palavras me perturbam. Ela pode até ter razão, mas esse não é o tipo de líder que eu quero ser.

– Por que agora? – pergunto, e me sento numa carteira na primeira fila.

Inez semicerra os olhos castanhos e franze as sobrancelhas grossas.

– Prefere esperar até que ocorra alguma situação perigosa e então você descubra que não é capaz? Suas ressalvas em relação a esse assunto me decepcionam.

Cruzo as mãos em cima do tampo gasto de madeira.

– Estou segura de que eu *poderia* fazer isso, se necessário. Mas não vou usar magia mental apenas para agradá-la, indo contra a minha consciência. Não sou um macaco adestrado que executa magia segundo ordens.

Irmã Inez me encara, surpresa, mas não baixo os olhos.

– Claro que não – diz ela finalmente, e volta a ajeitar a pilha de papéis já perfeita, como se precisasse ocupar as mãos. – Peço desculpas. Compreendo que isso deve ser desconcertante. Nem sabemos se você é a bruxa da profecia, agora que esse negócio de oráculo veio à tona. Mas até que se prove o contrário, devemos proceder como se fosse. E se for verdade... Bom, você pode ser convocada a liderar antes do que pensa.

– Porque Irmã Cora está morrendo.

– Ela lhe contou? – Inez parece momentaneamente desconcertada. – Sim. Vai ser um milagre se ela sobreviver até o ano-novo. E quando ela se for, haverá quem se espelhe em você em busca de liderança, apesar de sua pouca idade e inexperiência, simplesmente porque você é a bruxa da profecia. Quero que saiba que, quando essa hora chegar, quando perdermos Cora, você pode contar comigo. Você é só uma menina, senhorita Cahill. Decisões difíceis e dolorosas fazem parte dessa posição. Sou o braço direito de Cora há anos. Posso tomar essas decisões com você ou tomá-las para você, se assim desejar.

Ela se levanta e contorna a mesa.

– Você atinge a maioria em março, mas não há pressa. Fico contente em permanecer na liderança pelo tempo que você desejar. – Ela coloca a mão fria e ossuda no meu ombro. – Entende o que estou dizendo?

– Sim, senhora. – Ela está me oferecendo uma saída muito tentadora. – Obrigada.

– Muito bem. Então vejo você amanhã na aula.

Eu me levanto ao perceber que fui dispensada. Mas tenho a estranha sensação de ter acabado de passar por um teste, e não tenho certeza se fui aprovada.

Dois pisos abaixo, o relógio de pé anuncia a meia-noite. Dou uma olhada em Rilla, encolhida embaixo da colcha amarela. Ela ressona de modo reconfortante. Atravesso o quarto na ponta dos pés e abro a porta, a respiração presa.

Eu me arrepio a cada ranger dos antigos degraus de madeira. Na cozinha, faço uma pausa para colocar minha capa nos ombros e puxo o capuz para cobrir as tranças compridas. O vento de novembro assobia triste na lareira.

O frio dentro do convento não é nada comparado ao frio lá fora. Assim que chego ao pátio dos fundos, ele corta meu nariz, minhas bochechas e as pontas dos meus dedos. A água na bacia de pássaros virou gelo. Passo apressadamente pelas janelas embaçadas da estufa de Irmã Evelyn, ansiando pelo calor fumegante lá dentro.

O vento penetra minha capa, joga o capuz para trás e faz meu cabelo bater no rosto. A meia-lua lança sombras no caminho calçado de ardósia. Se uma única garota encostasse o nariz na vidraça gelada de um quarto com vista para o jardim, eu estaria perdida.

O jardim é do tamanho de um quarteirão da cidade; um portão de ferro batido na outra extremidade se abre para a alameda atrás do convento. Seguro o metal gelado e o arrasto para abrir. Uma silhueta alta dispara do canto.

Por um minuto, sorrio feito boba. Então me apresso na direção dele, imprudente, desejosa.

– *Por quê?*

O rosto dele está escondido pela sombra de seu capuz preto, mas eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar; só que nunca a escutei tão furiosa comigo.

Paro de supetão, como se uma folha de vidro nos separasse.

Aquela tinha sido a última coisa dita por Finn naquele dia na igreja. E agora era também a primeira coisa que ele me perguntava.

Estamos tão próximos... A centímetros de distância. Eu poderia estender a mão e...

– Nós tínhamos um plano. Eu cumpri minha parte. Achei que você fosse cumprir a sua. Achei que você fosse anunciar nosso compromisso. O que aconteceu, Cate? Você... – O capuz dele cai para trás e revela o cabelo em tom de cobre, mais desganhado do que nunca. As bochechas estão vermelhas, assim como as pontas das orelhas. Ele respira fundo, lutando para se controlar. – Seus sentimentos por mim mudaram?

– Não!

Olho fixamente para ele, chocada. Será que ele me considera assim tão volúvel, tão infiel?

– Então me diga por que fez isso.

Os ombros dele estão rígidos sob a capa preta, e o jeito como ele olha para mim... não acredito que o achei frio *antes*.

Minha intenção é dizer que não podemos ficar juntos. Convencê-lo de que não o desejo. Seria mais seguro se ele me esquecesse, voltasse para Chatham e encontrasse alguma outra garota. Eu devia fazer com que ele me odiasse.

Já contei muitas mentiras, mas não essa. Não vou conseguir fazer isso.

– *Diga para mim.* – A voz dele é entrecortada, mas seus olhos castanhos buscam respostas.

Fico tentada a contar tudo. A permitir que ele me reconforte, que me convença, que elimine meus medos com beijos.

Na primeira vez que beijei Finn, os lábios dele famintos nos meus, suas mãos delicadas em minha cintura, todo meu bom senso se perdeu num borrão de desejo; e então surgiram plumas por todos os lados: amassadas sob minhas sapatilhas, pousando nos livros proibidos empilhados no armário, presas ao cabelo ridiculamente desganhado dele.

Mesmo agora, a magia entoa através da minha pele, agitada por essa mistura maluca de medo, culpa, amor e vergonha que rodopia dentro de mim. Estimulada pelo corpo de Finn, a centímetros do meu. Ele é o único que já fez com que eu me sentisse assim, meio louca de desejo.

– Se eu for a irmã da profecia, devo isso às outras garotas. Às outras... bruxas.

Apesar de estarmos sozinhos no jardim noturno, com o vento uivando ao redor, minha voz soou baixa ao pronunciar a palavra.

– Mas e o que você deve a *mim*? Ou a você mesma, aliás? – Os ombros dele despencam. – Você não é assim, Cate. Ficar aqui em Nova Londres, com as Irmãs... Não é isso que você quer... ou, pelo menos, não é o que a garota por quem eu me apaixonei queria. Talvez eu tenha entendido mal.

– Não! – rebato, chocada com a dúvida na voz dele. – Eu ainda sou aquela garota.

– Então o que mudou? Ouvi falar sobre a profecia de Brenna. Os Irmãos estão atrás de você. Não vão parar até... – A voz dele falha, mas nós dois sabemos como a frase termina. *Até*

eu estar morta. – Ou será que é isso? Você anda tendo visões? Devia ter me contado, podia ter confiado em mim...

– Eu sei – interrompo. – Ainda não tive nenhuma visão.

– O que é, então? Por acaso elas ameaçaram as suas irmãs? – A voz dele se suaviza, mas, por trás dos óculos, seus olhos estão impacientes.

– Não. – Elas queriam a mim, não a Maura, nem a Tess. Implorei para que levassem Maura... afinal de contas, era o que ela queria, e dessa forma poderia ser afastada de Elena... e eu ficaria em casa para cuidar de Tess. Elas não aceitaram. Disseram que o lugar de uma bruxa do meu calibre era junto à Irmandade.

Ao lembrar disso, estremeço.

– A Mãe abriu mão da livraria por nós. Aquilo é o trabalho da vida toda dela. O sonho do meu pai. Eu me juntei aos Irmãos, muito embora eles defendam tudo que odeio. Fiz isso por você, e daí você foi embora como se... como se não se importasse com nada disso! – A voz de Finn se eleva e ele se afasta de mim, agarra o portão de ferro com as mãos enluvadas.

– Sinto muito. – Não parece suficiente. Enfio as mãos nos bolsos para evitar estendê-las para ele. – Eu odiei abandoná-lo daquele jeito. Achei que eu teria uma chance de explicar. Eu nunca quis magoar você.

– Você me magoou. Está magoando. – As palavras saem embotadas quando ele se vira de frente para mim. – Explique agora. Você me deve pelo menos isso.

Olho para além dele, para as janelas escuras do convento que me fitam.

– Não é bom ficarmos aqui, em ambiente aberto – digo, e o conduz para longe do portão, mais para o interior do jardim.

Os arbustos estão cobertos por uma renda feita de geada. Seguimos para um canto protegido, onde o ar é cortante, verde e tranquilo. Não parece que estamos no meio de uma cidade enorme e agitada. Poderíamos estar em qualquer lugar.

Detesto a ideia de contar a verdade a ele... de tirar o fardo de minhas costas e colocá-lo nas dele... mas talvez seja melhor que Finn saiba logo o que está em jogo. Que saiba como ele se coloca em perigo sempre que se aproxima de mim. Assim ele mesmo vai poder escolher se vale a pena me amar.

O medo de que ele chegue à conclusão de que *não vale* luta contra o meu desejo de que ele fique em segurança.

– Não foram minhas irmãs que elas ameaçaram – sussurro.

– Foi o seu pai? – pergunta ele, e eu balanço a cabeça em negação.

No momento em que a percepção o atinge, seu rosto se contorce, seus olhos se fecham atrás dos óculos. Ele solta uma enxurrada de palavras.

– Fui eu.

– E disseram que iam delatar sua mãe. Ou Clara. – Lágrimas se alojam na minha garganta e minha voz sai fraquinha.

– Mas que desgraçadas – balbucia Finn. Bate a palma da mão contra o muro alto de pedra que separa o jardim do gramado do vizinho. – Você devia ter me contado. Nós poderíamos ter encontrado uma saída juntos. Agora estamos os dois encalhados aqui, com metade da cidade atrás de você e os irmãos jogando livreiras na fogueira... Quase roubei um cavalo e voltei para casa, ainda estou tentado a fazer isso.

– Esse gesto só serviria para lançar ainda mais desconfianças – observo.

Dou um passo adiante, minha mão quase toca no braço dele, quase sinto seu calor.

– Eu sei disso! – explode ele, e dou um passo atrás. – Não posso abandonar a Fraternidade. Acredite, já pensei bastante sobre o assunto.

– Sinto muito, Finn, sinto tanto. Não sei mais o que dizer.

Ele passa a mão nos cabelos.

– Sinto saudade de você. Não entendi por que foi embora, e isso quase me enlouqueceu. E as coisas estão piorando em Chatham. Eles... nós... prendemos duas garotas no mês passado na cidade. A coisa está assim em toda a Nova Inglaterra. O Hospício de Harwood está abarrotado de inocentes.

A voz dele é amarga. Só o Senhor é testemunha do que Finn tem sido obrigado a fazer.

– Quem foi?

– Mina Coste, sob pretexto de imoralidade. – A testa de Finn se enrugou e eu mal consigo me segurar para não estender a mão e alisá-la com os dedos. Mina é a caçula dos estalajadeiros de Chatham: uma garota esbelta e risonha, com cabelo loiro-avermelhado. – O pai dela a flagrou saindo pela janela certa noite. Ela se recusou a dizer para onde estava indo. Então ele a espancou, Cate, e Ishida praticamente o parabenizou por isso, e eu só fiquei lá olhando. Eu tive que ficar lá *sem fazer nada!*

Cerro os punhos. Nunca vi Finn desse jeito. Ele sempre foi contrário às restrições dos Irmãos, mas essa fúria que mal transparece é nova. A culpa me invade.

– Deve ter sido horrível para você.

– Mas foi bem pior para ela. Eu não podia fazer nada! – A risada dele é um rosnado desagradável. – Então pegaram Jennie Sauter com um Atlas antigo. Ela é só uma ignorante oriunda de uma família analfabeta de camponeses, tentando se educar a respeito do mundo e... – Ele para por um instante. – Desconfio que só vá piorar. Parte de mim quer ir para casa proteger minha mãe e Clara, e parte de mim quer ficar aqui, onde posso cuidar de você.

– Onde nós podemos cuidar um do outro – corrijo, e me inclino para ele.

Ele sorri, e isso o deixa com ruguinhas nos cantos dos olhos. Tal visão faz com que o nó no meu coração se afrouxe um pouco. Talvez ele seja capaz de me perdoar, no fim das contas.

– Até que seria bom ter alguém cuidando de mim. Tenho andado arrasado sem você.

– Eu também. Sinto uma saudade louca de você. – Percebo que os olhos dele estão pousados na minha boca, que o ar entre nós ficou elétrico. – Mas você ainda pode dizer a eles que mudou de ideia. Não vão culpá-lo.

– É traição ir embora depois da cerimônia de iniciação. – Finn tira a luva direita e ergue a mão na qual está o anel de prata indicativo de seu posto. – Além do mais, eu acho... eu espero poder fazer o bem ao decidir ficar.

A sinceridade dele me derruba. Dou um passo adiante e Finn me aperta contra si. Seus lábios são macios na minha têmpora.

– Cate – murmura ele, a voz rouca de desejo.

– Eu sei.

Acaricio o maxilar dele, que está com a barba por fazer, e então aperto as mãos ao redor de sua cintura. Repouso a cabeça em seu ombro e sinto o cheiro de chá e tinta, de Finn.

A felicidade me sufoca.

Eu não sabia se algum dia seria capaz de voltar a fazer isso.

As mãos dele estão enroscadas em meus cabelos, passeiam pelas minhas costas, traçam o contorno dos meus quadris, como se ele quisesse garantir que sou eu mesma e que estou ali em seus braços, e em segurança. Seus lábios vão da minha têmpora para a bochecha. Inclino o rosto para cima, ansiosa pelo beijo.

Ele não me decepciona.

Por alguns momentos, meu mundo consiste em Finn, em sua boca e suas mãos. No final, eu me afasto e enterro meu rosto frio em seu pescoço. Ele estremece e me abraça com força.

– Pelo bom Senhor, você está congelando.

– Estou bem – afirmo.

Mas, acima de nós, o relógio da torre indica que meia hora se passou.

– Você precisa entrar. E se alguém reparar que saiu?

– Ninguém vai reparar. Minha colega de quarto tem o sono muito pesado.

– Aquela de cabelo curto e sardas? Ela lhe deu cidra – lembra ele, e eu faço que sim com a cabeça, ridiculamente contente por me dar conta de que ele estava me observando, prestando tanta atenção em mim quanto eu estava prestando nele.

– Ela é um doce. – Eu me afasto para fitá-lo. – Como está Rory?

– Histérica. Eu lhe dei um pouco de uísque e fiquei com ela até que dormisse.

– Foi bom você ter cuidado dela. – É tão típico de Finn querer cuidar de todo mundo, mesmo de uma garota chorosa que ele mal conhece. – Sabe, foi Rory quem fez a magia. Não foi Sachi. Ela perdeu o controle.

Explico toda a verdade, que as duas são irmãs e bruxas, para a grande surpresa de Finn.

– Sachi vai ser mandada para Harwood, não vai? – pergunto.

Finn assente, a tristeza refletida nos olhos cor de chocolate.

– Não há como evitar. Não com tantas testemunhas. – Ele tem razão, eu sei, mas fico com o coração partido só de ouvir. Ele entrelaça os dedos aos meus. – Você acha que pode arriscar fugir assim mais uma vez? Não duas noites seguidas, mas...

– Depois de amanhã? – sugiro.

– Domingo – concorda ele. – Vai demorar uma eternidade. Eu... eu amo você, Cate.

Ainda soa mágico ouvi-lo dizer isso. Toco os lábios dele com os meus, um breve esvoaçar.

– E eu amo você. Jamais duvide disso.

Estes encontros secretos à meia-noite são loucos e perigosos. Para nós dois. O dia depois de amanhã parece estar a uma eternidade de distância, principalmente com a aproximação de minha visita a Harwood. Mas quando me esgueiro de volta ao convento, estou mais determinada do que nunca a utilizar minha magia para ajudar a mudar as coisas.

É como se um arremedo pálido e triste de Cate tivesse passado o último mês circulando por esses corredores, e agora, estimulada pelo amor de Finn e pela promessa de ver minhas irmãs em breve, eu tenha me tornado sólida.

Minha confiança dura só até eu entrar na cozinha escura, quando abaixo para tirar as botas e vejo Irmã Inez olhando fixamente para mim.

– Olá, senhorita Cahill. – Ela está empoleirada numa banquetta alta, perto da lareira. As brasas brilham num tom alaranjado suave na grelha. – Sua colega acordou e viu que você não estava lá. Ficou preocupada com a possibilidade de você ter sido acometida por algum acidente terrível ou de ter sido sequestrada.

Solto uma risada forçada.

– Rilla lê romances demais. Eu não estava conseguindo dormir, por isso saí para um passeio no jardim.

– À meia-noite? Com este tempo? – Irmã Inez acende uma vela e a coloca entre nós, na mesa de carvalho que funciona como área de trabalho na cozinha. – Não sou tola. Vi que não estava sozinha.

Fico imóvel. Será que ela contou para mais alguém? Será que devo apagar sua lembrança de nos ter visto juntos? Suponho que precise agir sobre Rilla também, para impedir que ela faça qualquer pergunta comprometedor a Inez. Minha mente gira.

– Não há necessidade de fazer nada radical. – Mesmo agora, Inez usa seu uniforme preto. Será que ela dorme com ele? Seu cabelo castanho está penteado em uma trança longa que chega à cintura, e apesar de estar com quase 40 anos, tem só alguns fios grisalhos. – Não tenho intenção de prejudicar o Irmão Belastra.

Penduro minha capa no gancho ao lado da porta, mas reluto em desviar os olhos dela. É como se eu fosse dar as costas a uma cobra venenosa.

Ela tamborila os dedos longos e ossudos na mesa e o anel de prata da Irmandade reflete a luz da vela.

– Vocês dois se reconciliaram? Ele a perdoou por tê-lo abandonado?

Até parece que em algum momento desejei abandoná-lo. Concordo com a cabeça, tensa.

– E ele sabe o que você é? Sabe a verdade sobre a Irmandade? Você sabe que não vai ajudá-lo em nada se mentir para mim – completa ela, ríspida.

– Ele não vai contar para ninguém. É muito mais complacente para conosco do que à Fraternidade – garanto a ela.

Ainda estou parada à porta, as costas contra a parede na qual o papel em tom alegre de amarelo está marcado por fuligem cinzenta.

– Isso é perfeito. – Inez sorri. – O Irmão Belastra é um rapaz inteligente, de acordo com a opinião geral. Há um cargo disponível de assistente de um dos integrantes do Conselho Titular, o Irmão Denisof. Se Belastra se candidatar, posso providenciar para que seja selecionado. Ele iria permanecer aqui mesmo em Nova Londres e imagine só como seria útil para a Irmandade ter um aliado assim.

De forma egoísta, eu me sinto tentada. As reuniões do Conselho Nacional vão terminar em poucas semanas e Finn e o Irmão Ishida vão voltar para Chatham. Quem sabe quando vamos voltar a nos ver?

– Eu pediria que você mantivesse esse acordo apenas entre nós três, é claro. Não haveria necessidade de ninguém mais saber. Nem mesmo Cora – diz Irmã Inez.

Deslizo para mais perto dela. A luz da vela faz com que as painéis de cobre brilhem contra a parede de tijolos atrás do fogão.

– Mas ela já tem um espião no Conselho Titular, não tem?

– Tem, sim. – Inez cerra os dentes. – Mas se você e eu trabalharmos juntas, seríamos fantásticas. Cora não se importa em deixar que mais dúzias de garotas sofram, talvez até morram, nas mãos dos Irmãos. Ela vai lhe dizer que é necessário fazer sacrifícios, que pode demorar anos até sermos capazes de dividir o poder com os Irmãos e, ainda assim, ele será *dividido*. – Irmã Inez cospe a palavra. – Se as coisas se encaminharem como desejo, podemos chegar ao poder em questão de meses. Você e o Sr. Belastra poderiam se casar em vez de se encontrar às escondidas.

Eu me inclino para a frente e apoio as palmas na mesa de cavaletes. Irmã Sophia deixou o pão do nosso café da manhã ali para crescer.

– Já declarei minha intenção, não posso me casar.

Inez se inclina no outro lado da mesa.

– Se o estratagema da Irmandade não for mais necessário, você poderá fazer o que bem entender.

Inez está usando meus sentimentos por Finn para me manipular; eu sei disso e, no entanto, não fico imune. Para ser sincera, a argumentação dela faz sentido. Depois do que vimos nessa noite, talvez faça mais sentido do que a precaução de Irmã Cora.

– Vai conversar com ele a respeito? Vai pedir que se candidate ao cargo?

Eu hesito.

– O que mais ele teria de fazer?

– Por enquanto, apenas se candidatar. – Inez sopra a vela. – Você está fazendo a coisa certa, senhorita Cahill. Confie em mim e vou tomar providências para nós duas conseguirmos o que desejamos.

capítulo

5

Na manhã seguinte, Irmã Gretchen bate à minha porta antes do café da manhã.

– Temos um problema lá embaixo. Você pode vir comigo?

Largo a escova na cama por fazer. É surpreendente como estou me sentindo bem mais animada hoje, depois de ter me reconciliado com Finn. E se há uma chance de ele permanecer em Nova Londres e de nos vermos com frequência...

– Claro. O que é?

Gretchen semicerra os olhos para mim, ofuscada pela luz forte que entra pelas cortinas amarelas.

– Há uma garota implorando para entrar para a Irmandade. É a senhorita Elliott. Ela diz que é sua amiga.

Pego alguns grampos na penteadeira e saio ajeitando o cabelo.

– Rory – digo por entre os grampos na minha boca. Tess sempre me dá bronca quando faço isso. Ela diz que vou acabar engolindo um. Dou um sorriso. Ela e Maura devem chegar logo... quem sabe até amanhã.

– É uma candidata adequada? – pergunta Irmã Gretchen.

Na verdade, a pergunta de Irmã Gretchen significa: *Ela é bruxa?*

Mas, no caso de Rory, será que basta?

– Sim e não – respondo. Gretchen e eu descemos a escada, apressadas, junto com dúzias de garotas que estão indo tomar café da manhã – Ela é uma bruxa, mas é uma instável.

Irmã Gretchen olha para mim com ar sábio.

– E todas nós já não fomos assim? – Ela acena para a sala formal de visitas. – Ela está ali, com Cora.

Irmã Cora está sentada no sofá verde-escuro. O rosto dela está pálido e seus olhos azuis sustentam olheiras pesarosas. Rory caminha de um lado a outro na frente da grelha fria, cheia de cinzas. Ela se vira para mim no momento em que entro. Seus olhos estão vermelhos e o cabelo preto escapa do coque malfeito. Ela está vestida com um recato que não lhe é característico, com uma monstruosidade de tafetá verde-hortelã cheia de babados.

– Cate! Você tem que me ajudar. – Ela agarra meu pulso com dedos frios.

– Qual é o problema? É Sachi? – O crime dela, ou melhor, o crime de Rory foi chocante, mas certamente ela seria julgada ainda assim, não?

– É o meu pai. – A palavra soa peçonhenta na língua de Rory. – Agora que ela foi presa, ele está com pressa para se livrar de mim. Vai me mandar de volta para casa. Devo partir amanhã de manhã.

Ajeito um grampo que está me machucando.

– Bem, provavelmente vai ser melhor assim. Você não vai querer passar mais tempo do que o necessário com ele.

– Você sinceramente acha que vou voltar para casa e me casar com Nils como se nada tivesse acontecido? – Rory oscila para trás, como se eu tivesse batido nela. – A culpa é toda

minha, Cate!

Fico olhando feio para ela e vou pisando firme até a janela. As cortinas bordô estão amarradas com laços de veludo marrom. Olho para a rua vazia, tentando controlar minha irritação.

– Então não piore as coisas. Sachi queria que você ficasse em segurança, e daqui você não vai poder ajudá-la. Vá para casa e não se meta em confusão.

Rory desaba na poltrona de seda marrom e enterra o rosto nas mãos.

– Eu quero me comportar melhor. Quero *ser* melhor. E acredito que possa fazer isso, mas daí penso em como ele sempre olha feio para mim, em como sempre me considerou inferior para ser amiga de Sachi, e... eu fico tão irritada que seria capaz de destruir tudo o que vejo pela frente. Se ele fosse um bom pai para ela, talvez eu pudesse perdoá-lo pela maneira como me trata, mas ele a renegou completamente! Disse que ela não é mais filha dele.

Aliás, naquele momento tinha outra filha bem diante de si. O Irmão Ishida é um homem cruel.

– Não tenho estômago para vê-lo duas vezes por semana na igreja. Não consigo ficar na mesma cidade que ele! – Rory aperta o punho fechado contra a boca, a respiração entrecortada. – Você precisa me ajudar, Cate. Por favor? Não posso voltar para Chatham.

Olho de soslaio para Irmã Cora, mas o rosto dela está impassível. Olho para o teto em busca das palavras certas, admirando os beirais enfeitados com vinhas e cachos gordos de uvas. Nunca tinha reparado naquilo, mas elas de fato combinam com o papel de parede horroroso verde e roxo. Fico imaginando se o decorador original dessa sala tinha a intenção de fazer com que as pessoas quisessem fugir dali o mais depressa possível.

– Compreendo que esteja chateada, Rory, mas você não deve tomar nenhuma atitude precipitada. Ontem à noite você disse que queria ser mãe, mais do que qualquer outra coisa. Isso mudou?

Rory me olha com firmeza.

– *Tudo* mudou. Quero ser a irmã que Sachi merece. Se, ou melhor, *quando* ela sair daquele lugar, quero ser uma pessoa de quem ela possa se orgulhar.

Ah! Ela ganha crédito comigo por não negar o que fez, por não tentar oferecer pretextos. Sinto uma pontada de culpa por tratá-la tão friamente, mas não vou passar a mão na cabeça dela. Porém, se vou endossá-la, preciso saber se ela não vai representar perigo para mim, para as minhas irmãs ou para o restante das garotas do convento.

– Podemos confiar que você não voltará a perder o controle?

Rory e eu nos viramos para olhar para Irmã Cora, que obviamente compreendeu o ocorrido na noite anterior.

– A Irmandade é um refúgio para dezenas de garotas – completa ela. – Não podemos permitir que você nos coloque em perigo.

– Um refúgio para... – repete Rory, devagar, e eu praticamente enxergo as engrenagens da mente dela girando. Ela olha de mim para Cora, e de novo para mim. – Vocês são bruxas?

Todas vocês? Mas isso é *perfeito!* Eu seria uma péssima freira.

– Mas você tem que ser capaz de *fingir* – observo.

Rory olha para mim com olhos de cachorrinho ansioso.

– Vou me portar bem, juro! Cresci com Sachi, não é mesmo? Eu sei ser dissimulada quando necessário. Eu consigo, Cate. Sei que sim.

Olho para Irmã Cora. Ela não se mexeu, mal piscou. É impossível deduzir o que está pensando.

– Deixe-me conversar a sós com Irmã Cora por um momento, Rory. Você pode aguardar no corredor.

Rory ajeita a saia verde horrorosa.

– Eu sei o que fiz, e nunca vou me perdoar por isso. Se eu pudesse ficar no lugar de Sachi, ficaria, de verdade. Mas como não posso, preciso ficar perto dela. E longe do meu pai. Me dê essa oportunidade. Permita que eu prove que posso ser melhor, Cate, por favor.

Meneio a cabeça em concordância e Rory sai para o corredor, com os passos pesados. Seu gingado alegre desapareceu; Rory caminha com a cabeça baixa, como se fosse ela a pessoa a caminho de uma sentença de prisão.

Quando a porta se fecha, eu me sento ao lado de Irmã Cora no sofazinho. Quero ser vista como uma igual, não como uma aluna que suplica. Quero que minha opinião tenha relevância.

– Então a senhorita Elliott e a garota que foi presa ontem à noite são irmãs? – pergunta ela.

– Meias-irmãs. Rory é ilegítima.

– Foi ela quem fez a magia na praça? E permitiu que a irmã levasse a culpa? – As sobancelhas finas de Cora se arqueiam num gesto de reprovação.

– Rory também teria se apresentado, mas eu a impedi. Achei que seria pior ainda se as duas fossem presas – explico. – A vida de Rory nunca foi fácil. A mãe dela é alcoólica e ela mesma gosta de beber. E o oráculo louco, Brenna Elliott, é prima dela.

– Interessante. Talvez ela possa nos ajudar a compreender Brenna. – Os olhos azuis de Irmã Cora repousam sobre mim. – Quer mandá-la embora?

Retribuo o olhar e empino o queixo.

– Pelo contrário, acredito que devemos acolhê-la.

– Por quê? – Cora batuca com os dedos no braço de mogno entalhado do sofá. Quase uma dezena de anéis de prata adornam suas mãos. – Você acaba de traçar um perfil desabonador a respeito da garota.

– Mas nós temos uma obrigação para com Rory. Não é para isso que a Irmandade existe? Para acolher bruxas como ela e ensiná-las a controlar sua magia? Metade das razões pelas quais ela é tão descuidada é porque não quer ser bruxa; não sabe o que fazer com isso. E a outra metade é porque... porque ela nunca se sentiu parte de nada, a única coisa que ela possuía era a relação com Sachi – explico, montando as peças à medida que vou falando. – Nós podemos ajudá-la.

Irmã Cora se levanta, faz uma careta e pega sua bengala.

– É um risco.

– Sim, é.

Rory tem lá seus defeitos, mas eu também tenho os meus. E *minhas* irmãs também. E o que Rory fez foi apenas uma versão mais pública do que Maura fez depois que Elena a traiu.

Enrugo a testa e me lembro de Maura em minha última noite em Chatham: um pequeno furacão de decepção, arrasando tudo em seu caminho.

Eu iria gostar se alguém desse uma segunda chance à minha irmã.

– Ela disse que está comprometida – observa Irmã Cora. – Romper a intenção pode causar um belo rebuliço.

Eu me levanto também e as saias cinzentas farfalham.

– Irmão Winfield ficaria bem satisfeito de se livrar dela. Podemos usar a prisão de Sachi para explicar sua devoção religiosa repentina. As duas sempre foram inseparáveis.

Cora aperta os lábios, pensativa. Atrás dela, três ex-diretoras olham para mim de suas molduras douradas.

– Tem certeza de que é isso que deseja?

Faço que sim com a cabeça.

– Se virarmos as costas para as garotas que mais precisam de nós para salvar a própria pele, qual é a nossa utilidade?

Cora sorri.

– Sua afinidade pela cura, sua decisão a respeito desse problema, como mandou buscar suas irmãs prontamente, apesar do perigo em potencial para você mesma... tudo isso diz muito sobre você, é muito positivo.

Detenho Cora enquanto ela manca em direção à porta; quero corrigi-la num ponto.

– Sabe, não foi sacrifício nenhum mandar buscar Maura e Tess. Elas jamais iriam me prejudicar.

A boca de Irmã Cora se contorce de pena.

– Pelo seu bem, espero que não, Catherine. De verdade, espero que não.

A carruagem avança aos sacolejos ao sair da estrada bem gasta de Nova Londres e começa a subir a colina em direção ao Hospício de Harwood para as Criminalmente Insanas. Começa a nevar, gotas minúsculas de gelo batem nas janelas. Afasto a cortina e pressiono o rosto contra o vidro embaçado, vendo a paisagem passar. Há vacas deitadas no pasto lamacento, perto de um laguinho meio congelado. Um momento depois, Robert para a carruagem a fim de deixar um camponês com um rebanho de bodes peludos marrons atravessar a estrada. É gostoso sair da cidade... ou seria, se eu pudesse esquecer nosso destino.

Há cinco de nós amontoadas na carruagem: cinco saias amplas de bombazina preta, cinco pares de mãos enfiadas em abafadores de pele idênticos, cinco pares de botas pretas abotoadas pairando por cima das garrafas de água quente no piso frio de madeira. Nosso disfarce aqui é mais importante do que nunca.

Irmã Sophia puxa o capuz para cobrir os cachos negros e nós a imitamos. Devemos estar chegando perto agora. A ansiedade faz meu estômago se contorcer.

– Pelo bom Senhor, estou nervosa – deixo escapar, e então fico vermelha imediatamente. Que tipo de líder confessa estar com medo?

Mas as outras garotas estão assentindo. Me aperta meu braço e seus olhos escuros demonstram solidariedade.

– Na primeira vez que vim aqui, fiquei morta de medo. Não há nada de que se envergonhar.

– Depois fica mais fácil. – Addie ajeita os óculos sobre o nariz comprido. – No começo, fiquei furiosa com o jeito como aquelas garotas são tratadas. Mas isso não ajuda em nada. Agora eu só tento fazer qualquer coisa que possa melhorar um pouco a situação para elas.

Até a tímida Pearl, que quase nunca fala nada, sorri para me incentivar. Ela é muito dentuça e sabe disso; não é à toa que Alice vive fazendo gozação dos dentes dela.

As três vêm ao hospício toda semana com Irmã Sophia. Fico maravilhada com a coragem plácida delas. Será que não têm medo de algum dia não receberem permissão para ir embora?

Resumindo a situação, é disso que mais tenho medo em relação a essa visita. Não tenho medo de que Zara se recuse a falar comigo, nem de ver o sofrimento das garotas que, se não fosse pela interferência da Irmandade e pela magia mental de Tess, poderiam ser minhas colegas de quarto. Não, tenho medo de que, no momento em que atravessarmos os portões, soe um alarme anunciando a presença de uma bruxa, e assim eu fique presa ali para sempre.

É uma loucura ir ao hospício de propósito. Não consigo evitar o pavor inominável e cheio de superstição que invade minhas veias e transforma todo meu corpo em gelo.

Irmã Sophia coloca a mão quente sobre a minha e a náusea diminui.

– Acalme-se, Cate – murmura ela. – Você não vai poder ajudar ninguém se estiver nesse estado antes mesmo de entrar.

Eu me sinto tão covarde. Se Cora não tivesse sugerido a conversa com Zara, será que eu teria me oferecido para participar de uma missão de enfermagem? Ou será que eu teria me escondido atrás da bruxa da profecia, aquela que não pode ser colocada em perigo, e teria deixado que outras fossem no meu lugar, mesmo com meu dom de cura tendo superado o de todas as outras? Tenho treinado, e apesar de a cura me deixar fraca e enjoada, também me dá uma satisfação que nenhum outro tipo de magia jamais deu.

A carruagem desacelera diante de um enorme portão de ferro forjado com as palavras HOSPÍCIO DE HARWOOD escritas no alto. A cerca alta se estende de ambos os lados, com arame farpado por cima.

Robert troca algumas palavras com o guarda. Espio pela janela e vejo pela primeira vez o monstro que espreita na encosta da montanha nua. É um prédio ameaçador de três andares, de pedra cinzenta desgastada. Duas alas se estendem de ambos os lados e, em cada extremidade, uma enorme chaminé solta fumaça de carvão no céu pálido. Barras de ferro cruzam a maior parte das janelas; algumas estão completamente fechadas com tijolos.

A carruagem estaciona. Robert nos ajuda a descer, uma por uma, para o solo coberto de gelo. Meus dedos estão cerrados dentro do abafador. Nós quatro seguimos Irmã Sophia como patinhos amedrontados.

Antes de termos chance de tocar a campainha, uma enfermeira de avental branco abre a porta. Ela tem cabelos grisalhos que nascem ondulados da testa enrugada, um nariz batatudo e bochechas coradas.

– Irmãs, abençoadas sejam por virem aqui.

– É nosso dever cuidar dos menos afortunados – diz Irmã Sophia.

– Com a graça do Senhor – murmura a enfermeira e nos chama para entrar. – Entrem, entrem, saiam do frio. Primeiro a ala das que não colaboram, como sempre?

Subimos dois lances de escada e hesitamos na frente de uma porta grande que isola toda a ala sul. A enfermeira-chefe tira uma chave de latão de uma corrente que tem no pescoço e a enfia na fechadura. Quando ela abre a porta, cruzo as mãos atrás das costas para acalmar o tremor.

Não sei o que esperar. Um alarido de vozes, garotas berrando e xingando? Devaneios raivosos e súplicas desesperadas por ajuda? Mas o lugar está silencioso feito um cemitério. Os rostos que se viram para olhar para nós são vazios; os olhos, desprovidos de emoção. Aquilo é definitivamente apavorante.

A sala está envolta em escuridão, sem velas nem lamparinas a gás. Meu nariz se franze com um cheiro desagradável. Uma combinação de penico e sabão para eliminar piolhos. Duas longas fileiras de camas se estendem até a outra extremidade da sala, onde uma lareira apagada ocupa a maior parte da parede. Suponho que fogo representaria muito perigo nesse local. Estremeço dentro de minha capa, grata por seu calor.

As mulheres aqui devem estar congelando. Usam blusas brancas finas e saias de tecido marrom grosseiro, como o dos sacos de estopa cheios de farinha no armazém. Algumas têm cobertores de lã ásperos enrolados nos ombros. As garotas em si são magras e têm olhos vazios, como se fossem mal alimentadas, e estão malcuidadas, com cabelos embaraçados, rosto sujo e manchas nas blusas.

Duas enfermeiras estão sentadas bem ao lado da porta. Elas se levantam quando entramos; a mais gorda geme quando seus joelhos estalam.

– Vejam, garotas, as Irmãs estão aqui para rezar com vocês antes do chá!

As meninas olham para nós, então voltam a seus afazeres sem demonstrar o mínimo interesse. Nossa chegada mal penetra a névoa delas.

Irmã Sophia me avisou que as pacientes são mantidas dopadas com o láudano que é acrescentado ao chá. Isso impede que as bruxas verdadeiras se concentrem o suficiente para fazer qualquer tipo de magia e mantém as outras quietas e obedientes.

Estou acostumada a ver mulheres quietas e obedientes. Mas passei a compreender que na maioria das vezes é só fachada. Isso aqui é totalmente diferente. A fúria toma conta de mim e me faz ficar com os pés firmes no chão. Já não basta os Irmãos terem tirado essas mulheres de

seus lares e de suas famílias, condenando-as a viver pelo resto da vida nessa prisão miserável. Eles também lhes tiraram a capacidade de pensar e escolher, a capacidade de *lutar*.

– Irmãs! – Uma garota que mais parece um pau cai para a frente, aos pés de Irmã Sophia. – Eu sou muito má. Temo que não possa ser salva.

– Levante-se, criança – diz Irmã Sophia. – Deve rezar ao Senhor para que a ajude.

A garota sacode a cabeça, seus olhos azuis são morosos. Sua pele parece enferma e amarela de icterícia.

– Ele não me escuta. Estou perdida demais. Eu sou uma garota má, muito má.

– O Senhor escuta a todos os Seus filhos. – Irmã Sophia se agacha, seu rosto gorducho é afável e dotado de compaixão. – Qual é o seu nome?

A garota se encolhe no chão, a trança escura lhe esconde o rosto.

– Stella. Ah, Irmã, ajude-me, por favor. O Senhor vem até mim nos meus sonhos, e eu imploro a Ele por perdão, mas Ele nunca fala.

– É alucinação do seu remédio, sua tonta – vocifera a enfermeira magricela. Embaixo da touca de babadinhos dela, o cabelo preto se revela raro e ensebado. – O Senhor não aparece para garotas más.

Irmã Sophia se levanta e puxa Stella consigo.

– Venha sentar-se comigo, Stella, e vamos rezar juntas.

– Essa é a primeira vez que você vem aqui, não é? – A enfermeira gorda repara no meu interesse quando Addie se ajoelha ao lado de uma garota com cachinhos cor de canela que está deitada de barriga para cima, os olhos fixos no teto, feito um cadáver. – Aquela era selvagem quando chegou. Mordeu e arranhou a enfermeira-chefe. Quem diria, não é mesmo? Agora ela não assusta nem a um pombo! – Ela dá risada e gotículas de cuspe atingem minha bochecha. Resisto ao ímpeto de limpá-la com a mão.

Ela gesticula para a garota loira que faz uma mesura a Pearl.

– Aquela ali diz que é casada com um príncipe! Ainda arruma o cabelo, para o caso de ele vir fazer uma vista.

– As visitas não são permitidas, são?

No fim da fileira, várias outras garotas estão encolhidas embaixo de cobertores marrons finos, dormindo.

A enfermeira sacode a cabeça e seu queixo duplo treme.

– Ah, não, é melhor que elas fiquem longe das pessoas normais. Principalmente as garotas que estão aqui. Estas são as que nos enfrentam quando chegam ou que não querem tomar o chá. Agora recebem medicamento extra. Isso rende a algumas delas pensamentos esquisitos, mas mantém a maioria quieta feito ratinhos.

Eu me esforço para não expressar meu pavor. Mei se dirige à segunda fileira de camas e pega as mãos de uma garota linda de pele morena, que balança para a frente e para trás no ritmo de uma música que só ela escuta. Quando ela se vira para Mei, vejo o hematoma que escurece seu olho direito e o corte em sua bochecha.

– O que aconteceu com aquela garota?

– Ah, ela é uma das preferidas do Irmão Cabot. Agora já não costuma mais fazer tanta confusão.

– Uma das... preferidas dele? – repito, perplexa.

– Ele gosta das mais bonitas. – A enfermeira pisca para mim.

– Isso é comum? – pergunto ao me lembrar das adoráveis Mina Coste e Jennie Sauter, e de todas as garotas de Chatham que foram sentenciadas a este lugar.

– Bom, ele não é o único que costuma vir aqui para fazer inspeções regulares. A enfermeira-chefe anterior tentou acabar com isso, sabe como é, e foi demitida pelo incômodo. É melhor não se envolver.

Alguém com unhas afiadas agarra meu pulso e eu me sobressalto.

– Sarah Mae – reclama a enfermeira, e vejo olhos verdes semicerrados. Uma garota sardenta que não tem mais do que 13 anos me observa. A barra da saia dela está enlameada; o cabelo castanho, cheio de folhas entremeadas. – Olhe só para você. O que fez durante seu passeio matinal?

– Conduzi um enterro – responde ela. – Pode fazer uma prece comigo, Irmã?

– Hum... claro, eu...

A enfermeira faz que não.

– Não nesse estado vergonhoso, mocinha! Só as boas garotas que penteiam o cabelo e se comportam podem conversar com a Irmã simpática – insiste ela, e me faz seguir a fileira. – Essa aí adora animais. Encontra passarinhos mortos e enterra. É de dar medo, isso sim.

Ouvimos um clamor repentino quando a porta se abre e a enfermeira-chefe aparece com um carrinho de chá.

– Hora do chá, garotas! – anuncia ela, sorridente. – Façam fila!

Várias mulheres avançam, apressadas.

– Agem como se estivessem famintas. – Mas não parece haver comida nenhuma no carrinho.

A enfermeira sacode a cabeça com cachinhos grisalhos.

– Elas recebem duas refeições por dia... mingau no café da manhã e um jantar quente. O que essas garotas querem mesmo é o chá. – Arqueio as sobrancelhas e ela solta mais uma gargalhada. – Algumas ficam com tremores se não o bebem.

– Entendo.

Cada uma das garotas pega uma xícara e estende para ser enchida. O chá não é servido num bule, mas sim com uma concha, tirado de uma sopeira grande e fumegante. Algumas delas colocam as mãos em concha ao redor da quentura e observam o líquido durante um momento; outras bebem avidamente. A chefe matrona e a enfermeira magricela de cabelo escuro observam cada uma delas.

– Beba seu chá, Mercedes – bronqueia a enfermeira-chefe, e uma mulher vira a xícara na boca, obediente, e dá para notar sua garganta se movimentando.

– Algumas tentam dar para outras, ou jogam no penico se não prestarmos atenção – explica a enfermeira. – São espertinhas.

Ela continua falando, fofocando a respeito dessa e daquela paciente, mas estou de olho nas garotas no fim da fila. Algumas tentam se livrar da obrigação de beber o chá, mas não adianta nada. Uma mulher derruba a xícara no chão e a enfermeira-chefe dá um tapa antes de lhe entregar outra. Uma loira pequenininha segura a xícara, porém se recusa a beber, e fica com os olhos vidrados enquanto a chefe das enfermeiras avisa que ela não deve fazer confusão. Por fim, ela faz um sinal com a cabeça para a enfermeira magricela, que tapa o nariz da garota. Quando ela abre a boca para respirar, a enfermeira-chefe derrama o chá em sua garganta. A garota sufoca, tosse e engole.

– Está na hora de passarmos para outra ala – chama Irmã Sophia da porta.

Olho ao redor do cômodo, para gravar aquela tristeza na memória, e faço uma promessa. Vou melhorar as coisas para estas garotas. Elas não vão passar o restante da vida aqui. Não se eu puder evitar.

No corredor, Irmã Sophia segura meu cotovelo.

– Está tudo bem com você? – pergunta ela, e eu faço que sim com a cabeça. Fico imaginando se pareço tão horrorizada quanto me sinto. – Pearl, Addie e eu iremos à enfermaria no primeiro andar. Por que você e Mei não visitam o segundo andar, e depois vão ao nosso encontro lá embaixo? Mei vai ficar com a ala norte, e você pode visitar a sul.

Minha mente gira com perguntas. Será que vou saber quem é Zara quando a vir? Será que ela vai me reconhecer? Ela deve ter um pouco de noção da realidade; durante o outono, ela me mandou um bilhete pedindo que eu procurasse o diário de minha mãe. Quão dopada será que está? Será que a mente dela está lúcida o suficiente para nos ajudar, mesmo que esteja disposta?

Há uma enfermeira postada logo à porta da ala sul. É uma mulher alta e larga, e está debruçada sobre uma peça que está tricotando; não se dá ao trabalho de sair de sua banqueta quando nota que sou só eu.

– A maior parte das garotas aqui está trabalhando, Irmã.

– Trabalhando? – pergunto. – Que tipo de trabalho são capazes de fazer?

– Ah, você deve ser nova. – A enfermeira sorri. Ela tem uma enorme marca de nascença vermelha espalhada pela bochecha direita. – Esta ala abriga pacientes que não nos dão nenhum trabalho. Algumas ajudam com a horta, outras na cozinha ou na lavanderia. Tudo com supervisão, é claro, mas sabe como é... Mente vazia, oficina do diabo.

– Claro.

Esse lugar é tão sombrio... não sei como alguém consegue não enlouquecer aqui. As tábuas riscadas do assoalho estão empenadas e ondulam sob minhas botas, e o corredor está escuro, a não ser pela lamparina da enfermeira. As cortinas que cobrem as janelas estão carcomidas de traça e o papel de parede está descascando. Não há quadros nem plantas para aliviar a

sensação de abandono do lugar caindo aos pedaços. Uma pequena silhueta escura (um rato?) dispara pelo fim do corredor, as unhas minúsculas raspando no piso.

Há pequenas janelas em cada cela, com etiquetas com o nome das pacientes. Caminho pelo corredor, espiando para dentro dos quartos, que estão quase todos vazios. Na metade do lado direito, finalmente vejo o nome Z. ROTH marcado em tinta azul desbotada.

Minha madrinha.

Lá dentro, uma mulher alta está sentada numa cadeira de balanço de madeira, de frente para a janela. Sua massa de cabelos encaracolados me surpreende. De algum modo, eu esperava que ela fosse ruiva, igual à Mãe.

Respiro fundo e empurro a porta. Ela range ao abrir.

– Senhorita Roth? Zara Roth?

– O que você quer? – A voz de Zara é de uma rouquidão onírica. Seus olhos castanhos estão vidrados, as pupilas pequenas como pontas de alfinete apesar da escuridão. – Não estou com disposição para rezar hoje, Irmã.

– Eu não... eu não... – Entro em pânico quando a porta bate atrás de mim e a fechadura se tranca. A enfermeira vai vir aqui. Irmã Sophia não vai me largar neste lugar. No entanto, preciso lutar contra a urgência de esmurrar a porta com toda a força e berrar para que me deixem sair. O quarto parece sufocantemente pequeno, mal tem tamanho suficiente para a cama estreita e a cadeira. Não há nenhum toque pessoal: nada alegre ou confortável, nada bonito.

Como Zara suporta isso? Ela está neste lugar há dez anos.

– Vá embora e me deixe em paz.

Minha madrinha deve ter sido bonita, mas agora está acabada: braços e pernas longos despontam dos punhos e da barra puída, como um espantalho; suas bochechas são fundas e o nariz adunco é um pouco grande demais para o rosto magro.

Hesito. Eu gostaria de ter o talento de Tess para decifrar as pessoas.

– Eu sou Cate – digo, me aproximando. – A filha de Anna.

– Cate Cahill? – A mão de Zara voa para o pingente de ouro que traz ao pescoço. Ela examina meu rosto durante um bom tempo. – Você não se parece com Anna – diz ela, e vira para o outro lado, como se fosse o fim da conversa.

– Maura se parece com a Mãe. Eu puxei o Pai – explico e ajeito uma mecha de cabelo que se soltou do coque.

Zara dirige os olhos semicerrados para mim. De perto, sinto a corrente de vento que entra pela janela com grades de ferro; vejo os pés de galinha ao redor dos olhos dela e os fios grisalhos dos cabelos. Ela só tem 37 anos, a mesma idade que a Mãe teria, mas parece mais velha.

– Brendan nunca foi bonito. Anna era tão linda, podia ter se dado melhor, mas os dois estavam apaixonados. – Ela sacode a cabeça. – Por que está tentando me confundir, falando de Anna? O que você quer?

Mordo o lábio.

– Só quero conversar com você. Estou estudando na escola do convento com as Irmãs e quis conhecer minha madrinha.

– As Irmãs? Ah! Então Cora já está sabendo do novo oráculo. – A risada dela é um guincho enferrujado. – Ela precisa de mim. Eu sabia que isso aconteceria logo que ouvi as fofocas das enfermeiras.

Não sei o que eu estava esperando. Que nos abraçássemos e chorássemos? Que ela mentisse e dissesse como eu era parecida com minha mãe? Só sei que não era bem *isso*.

– Maldita seja por usar a lembrança de Anna para chegar até mim – diz Zara, parecendo aceitar que eu sou quem digo que sou.

Ela abre o pingente. Dentro dele há um ferrótipo da Mãe quando era jovem.

– Ah!

A emoção cria um nó na minha garganta. Faz um mês que não vejo uma foto do rosto de minha mãe; eu não trouxe nenhuma para o convento. Ela se parece mesmo com Maura, com seus cachos e olhos grandes, e rosto em forma de coração.

– Eu a amava como se fosse minha irmã – começa Zara, triste. Então se encolhe como se tivesse sido picada por uma vespa. – Suas irmãs... as duas estão vivas?

– Claro que sim. Estão a caminho de Nova Londres agora. Irmã Cora achou que era melhor e mais seguro se todas nós ficássemos no convento – explico, e me sento na beirada da cama dela.

– Acha que isso é prudente? – Zara agora parece mais alerta. – Levando em conta a profecia?

– A profecia está errada – falo sem emoção, e cruzo os braços.

O sorriso de Zara suaviza seu rosto comprido e anguloso.

– Você é uma guerreira, não é, Cate Cahill? Mesmo quando criança, já era determinada. Senhor, mas você era a maior moleca. Sempre correndo atrás daquele seu vizinho. – Faço uma careta. Paul não é mais meu. – Você vivia voltando para casa com os joelhos ralados de cair dar árvores. Anna tinha medo que você fosse quebrar esse seu pescocinho ingênuo.

– Ainda não quebrei, infelizmente.

Zara vira a cadeira para ficar de frente para mim, os joelhos dela batem nos meus devido ao espaço minúsculo.

– Vão enforcar você, sabe, ou quem sabe queimá-la viva – diz ela, os olhos disparando para a porta. Meu sorriso se desfaz em pavor. – Se você for o oráculo. Houve mais duas desde o Grande Templo. Elas foram mantidas aqui e torturadas para que revelassem suas profecias. É isso que vão fazer com Brenna. Mas você... não vão permitir que você viva.

Tento não deixar as palavras me afetarem, mas elas afetam.

– Só porque eu sou bruxa?

– Nunca houve um oráculo com magia antes. E magia mental, ainda por cima. – Zara salta para o outro lado do quarto para espiar pela janelinha, então volta para a cadeira e sua voz se transforma num sussurro. – É *mesmo* você? Foi por isso que Cora a enviou?

– Não sei. Eu não tive nenhuma visão. Eu esperava que talvez você pudesse me dizer o que esperar. O que aconteceu com os outros dois oráculos?

Zara rói uma unha, pensativa. Todas as suas unhas estão muito roídas, as pontas dos dedos estão rachadas e com sangue.

– Eu gostaria de ajudar você. Em nome de Anna. Mas você agora é uma delas, e não posso perdoar o que fizeram. Não só comigo, embora isso por si só já tenha sido bem ruim. Você sabe quantas garotas passam por estas portas? Quantas são surradas ou usadas pelos Irmãos como brinquedinhos? E quando elas morrem, tantas morrem, sabe, elas param de comer e simplesmente se entregam. Quando isso acontece, eles não fazem rituais adequados. Há uma vala coletiva do outro lado da colina. É só isso que nos espera. *E Cora simplesmente permite que isso aconteça.*

Quero repetir o juramento que fiz no andar de cima: vou salvar essas garotas.

Mas não sei como, nem quando.

– Ela não pode salvar todo mundo – digo baixinho.

Zara se vira para mim com os olhos furiosos, as narinas se dilatando.

– Foi isso que ela disse a você? Ela podia ter *me* salvado!

Zara olha pela janela por um instante. A neve cai mais pesada agora e cobre a encosta da colina com um branco açucarado. Ao longe, vejo o silo vermelho de uma fazenda próxima e, além dele, o torreão branco de uma igreja.

– Tenho raiva de Cora, mas não sou tola o bastante para fazer com que você sofra por isso. Já vai sofrer bastante se for o oráculo – adverte ela.

– Espero que eu seja. Prefiro que seja eu a Maura ou Tess. – Respiro fundo. – Você vai me contar sobre os outros oráculos? Como os Irmãos as encontraram?

Zara não precisa de mais indução.

– Marcela Salazar só tinha 14 anos quando tentou avisar ao pai que ele iria se afogar caso fosse nadar num lago próximo. Depois que ele morreu, entregaram-na aos Irmãos. Não sei como não foi morta na hora por bruxaria. Ficou trancada no andar de cima a vida toda. Morreu aos 25 anos, durante o surto de tifo de 1829.

– Não foi uma boa vida – observo.

– Não foi tão ruim quanto a de Thomasina Abbott. – Zara lança um olhar solene para mim e fica mexendo no colar em seu pescoço. Enquanto fala e as palavras vão jorrando cada vez mais depressa, ela se balança com mais violência em sua cadeira. – Quando tinha 12 anos, ela tentou avisar um vizinho sobre um incêndio em casa. O vizinho não lhe deu ouvidos, a casa pegou fogo, e depois ela foi acusada de bruxaria e mandada para cá. Ela se recusou a falar com os Irmãos, mas eles percebiam quando ela estava tendo uma visão, então recorreram à tortura. Amputaram seus dedos e quebraram suas pernas com tanta violência que ela nunca sarou direito. Então ela começou a falar coisas sem sentido e eles ficaram sem saber se ela estava louca ou apenas fingindo, por isso fizeram todo o tipo de experiência pavorosa com ela. Furaram o crânio dela para tentar mitigar a insanidade, e isso a matou. Foi há três, não,

quatro anos. Então dissecaram seu cérebro. A enfermeira disse que não havia nenhuma anomalia para explicar a loucura nem as visões.

Meu estômago se revira e fico enjoada com a ideia de ter meu cadáver dissecado para pesquisa.

– Será... – Minha voz sai entrecortada. – Será que eu vou ficar louca?

O balanço violento de Zara para tão subitamente que a cadeira dela trava no piso de cimento com um estalo.

– Não sei. Você vai estar em situação melhor do que a maioria, pois vai compreender a natureza das visões. Elas podem desorientar. Causar dores de cabeça e confusão. As outras tentaram impedir que coisas ruins acontecessem, e isso as colocou em perigo. As profecias sempre se realizam.

Ficamos nos encarando num silêncio consternado. Sei que Zara pensa estar me dizendo a verdade, mas me recuso a acreditar.

– Zara? – A enfermeira com a marca de nascença bate na porta e se inclina para dentro. Ergo os olhos, torcendo para que ela não tenha escutado nada que não devesse, mas ela parece exasperada. – Não deve desperdiçar o tempo da jovem Irmã com suas histórias. Precisam dela lá na enfermaria.

– Eu só estava contando a ela sobre o Minotauro – diz Zara com aquela voz onírica mais uma vez. – Todas as donzelas perdidas no labirinto. Elas precisavam de um herói para salvá-las.

– Se você deixar, ela passa o dia todo contando essas histórias gregas infames. Ela já foi governanta – diz a enfermeira, e estala a língua em reprovação. Ela segura o tricô encostado no avental branco, e agora vejo que é uma meia azul de criança. Para um neto, talvez? – Despeça-se agora, Zara.

Zara me lança um sorriso largo e estranho. Faltam-lhe vários dentes.

– Adeus, Irmã Catherine. *Cave quid dicis, quando, et cui.*

– Ora, não quero saber disso. Fale adequadamente em nosso idioma como o restante de nós, Zara, ou não vai ter jantar – reprime a enfermeira. – O que ela disse?

– Não faço a menor ideia – minto.

Graças à insistência do Pai para que fôssemos educadas em latim, conheço bem a frase.

Cuidado com o que diz, quando e para quem.

capítulo

6

A enfermaria de Harwood é um lugar infernal. Uma onda opressiva de calor me recebe, como se tivesse aberto a porta de um forno. Uma lareira arde numa ponta, e a sala parece pequena e sufocante. As cortinas pesadas estão fechadas e velas lançam sombras monstruosas nas paredes. Uma dezena de pacientes cochila, chora e tosse nas camas estreitas de metal, e o ar tem cheiro de cobre, como sangue.

No canto, uma garota grita pela mãe durante o sono. Outra garota tosse, sons horríveis entrecortados que dilaceram seu corpo magro. Addie está sentada ao lado de uma velhinha esquelética que tem dificuldade para respirar; cada inspiração é tão árdua que parece ser a última. Addie parece muito jovem ao lado dela, com a cabeça abaixada em oração, o cabelo castanho macio preso em um coque na nuca. Enquanto observo, ela toca na mão da mulher e a paciente entra num sono pacífico.

Hesito à porta, o suor se acumula em minhas costas. Não quero entrar. O lugar faz lembrar demais o quarto de enferma de minha mãe. Mais para a frente no corredor, duas enfermeiras batem papo e dão risada, agora que deixaram seus postos nas mãos capazes das Irmãs.

Irmã Sophia avança, apressada.

– Tem uma paciente aqui que está além da minha habilidade. Pode ficar com ela um momento para ver se consegue ajudá-la?

Irmã Sophia me conduz até uma mulher que se agita e geme na cama. Sombras arroxeadas brotam sob seus olhos. Quando ela agarra a barriga inchada, tenho uma desconfiança repentina e terrível.

– Por favor – implora ela, os olhos azuis cheios de lágrimas. – Por favor, traga meu bebê. Eu só quero ver minha menina. Só uma vez, antes que a mandem embora.

Olho para Irmã Sophia, que sacode a cabeça num gesto mínimo, confirmando minha desconfiança. O bebê está morto.

– Ela estava chorando e então parou, e agora não me deixam vê-la. Onde ela está?

Irmã Sophia me empurra de leve em direção à mulher. Minha vontade é de fugir dali. Como poderei ser útil perante uma tristeza tão imensa?

– Irmã, por favor – sussurra a mulher com lábios pálidos, secos e rachados. Volto a olhar para Irmã Sophia antes de perceber que ela está falando *comigo*. Sirvo um copo de água turva da jarra que está na mesinha de cabeceira e levo até a boca da mulher.

Ela bebe um gole e então vira a cabeça para o outro lado.

– Quero meu bebê – diz ela com a voz firme.

O cabelo dela é claro e lhe cai nos ombros.

– Sinto muito – respondo, imaginando o que mais essa mulher sofreu, por que está neste lugar. – Sinto muitíssimo pela sua perda.

É a coisa errada a se dizer.

– Não. – Os olhos dela ficam selvagens e ela se joga contra a lateral da cama, determinada a se levantar e encontrar sua filha. – Não! Você está mentindo. Eu ouvi quando ela chorou.

Estendo a mão, agarro o pulso fino dela e a puxo de volta ao travesseiro antes que possa se jogar no chão.

– Pare. Você não está bem, moça. Vai se machucar.

Minhas palavras soam calmas, mas por dentro estou tomada pelo pavor. A mulher está terrivelmente doente. Senti no momento em que toquei nela. É um milagre não estar morta como o bebê.

– E daí? – Ela desvencilha o braço num tranco. – Prefiro morrer a viver o resto da vida nesse inferno. Pelo menos vou estar com ela. Disseram que era uma menina. Minha única filha!

Eu me prendo a essa nova informação.

– Você tem filhos?

Ela assente e limpa as lágrimas com o dorso das mãos.

– Tenho dois.

– Então precisa se cuidar. Eles vão precisar da mãe.

Mais lágrimas jorram dos olhos dela.

– Nunca mais vou vê-los. Eles vão crescer me odiando por tê-los abandonado – choraminga ela.

– Não. Você é a mãe deles. Eles vão entender quando estiverem mais velhos. – Eu gostaria de poder prometer que ela vai sair desse lugar, que vai voltar a ver os filhos. Mas por que ela acreditaria em mim, uma garota com roupa de freira? E será que ousou prometer tal coisa?

– O que você sabe sobre isso? Está casada com o Senhor – desdenha ela. – Nunca vai ser mãe.

Ah! Eu gostaria de ser mãe um dia.

Penso nos filhos dessa mulher. Imagino que são dois menininhos bem loirinhos, cujos lábios devem ter ficado trêmulos ao serem informados da morte da mãe. Essa é uma tristeza que conheço. Estendo o braço, seguro o pulso dela e desejo que possa ir para casa, para seus menininhos, para que eles não precisem saber o que é perdê-la. Desejo que ela consiga ter saúde suficiente para lutar quando chegar a hora.

O encanto toma conta de mim. Ele me estripa, vira meu corpo do avesso, retorce meu estômago.

Ah, isso dói. Como dói. Isso é muito pior do que curar Mei.

Caio na cama da mulher, minha cabeça gira, mas tento manter a imagem dos dois meninos na mente. Não largoo pulso dela. Sou capaz de fazer isso. Preciso fazer isso, por eles.

– Cate. – A mão de Irmã Sophia está no meu ombro e me puxa para trás, fazendo com que eu solte o pulso da mulher.

Olho para a paciente através de olhos vidrados. Minha cabeça lateja. Ela não parece nem um pouco diferente, apenas confusa com o fato de eu quase ter desmaiado em cima dela. Será que o feitiço funcionou? Não saberei dizer se não voltar a tocar nela, mas se o fizer, vou desfalecer.

Irmã Sophia pede desculpas à mulher. Ela dá algum pretexto dizendo que sou nova na função de enfermeira e que fiquei muito abalada com a perda dela. E então ela me abraça e me conduz para fora do quarto, pelo corredor e para fora do prédio, na neve. Vomito na grama ao lado da estradinha para as carruagens. Daí ela me ajeita na carruagem e me instrui a deitar no assento de couro. Só então me sinto segura para fazer a pergunta que não se cala dentro de mim:

– Ela vai sobreviver?

Será que foi suficiente? Será que *eu* fui suficiente?

Fico estupefata ao perceber como desejo desesperadamente que meu feitiço tenha funcionado.

Irmã Sophia me observa. Ela é tão doce. É fácil esquecer que é dona de um intelecto poderoso, que possui uma compreensão da anatomia e da biologia que rivalizaria com os conhecimentos de qualquer médico. Ouvi cochichos entre as garotas de que ela já teria dissecado um cadáver humano.

Ela estende a mão e afasta o cabelo do meu rosto. O gesto é dolorosamente maternal.

– Você sentiu uma forte conexão com ela, não foi?

Faço que sim enquanto a carruagem gira ao meu redor.

– Eu sei como é perder a mãe.

– Imaginei que você poderia se identificar com o caso dela, tendo em vista seu histórico – reconhece Irmã Sophia. – Ela vai se recuperar. Você não conseguiu sentir a eficácia do feitiço?

– Acho que estava concentrada demais na minha intenção.

– Isso às vezes acontece, quando você deseja muito curar alguém. É difícil atingir o equilíbrio. Nosso trabalho requer empatia, mas você precisa se manter desapegada o suficiente para sentir que o encanto está funcionando e também perceber a hora de parar. Tentar curar alguém cuja doença está além do alcance do seu dom vai fazer com que você passe muito mal.

A náusea e a tontura estão diminuindo um pouco. Firmo os pés no assoalho de madeira da carruagem e me sento ereta.

– Aquela mulher teria morrido naquele lugar, sem cuidados médicos adequados – prossegue Irmã Sophia, com os olhos castanhos fixos nos meus. – Você salvou a vida dela, Cate. Isso é um trabalho do qual você deve se orgulhar.

– Eu... sinto-me agradecida.

A ideia de ter orgulho da minha magia, de ser bruxa, parece errada. Mas ter salvado aquela mulher não pareceu errado. Foi doloroso e difícil, mas correto.

– Antes que as outras garotas se juntem a nós... – Irmã Sophia se inclina para perto de mim e apoia os cotovelos nos joelhos que estão por baixo da saia preta. – Seu dom de cura é muito forte. Você pode tirar grande proveito dele. Mas há coisas que precisa saber. Posso ser sincera?

– Por favor.

– Em primeiro lugar, precisa ter cuidado com o trabalho que executa no hospital, ou em qualquer lugar público, ou em qualquer pessoa que não saiba que você é bruxa. As enfermeiras aqui não se importam o suficiente para desconfiar de nós. Mas se nós curássemos inteiramente uma sequência de pacientes, isso chamaria atenção para nossas visitas, para você, e para toda a Irmandade.

Ah! Não pensei na diferença entre fornecer alívio momentâneo e curar alguém completamente, e em como a segunda alternativa pode ser arriscada.

– Pelo bom Senhor, eu nem...

Irmã Sophia ergue a mão.

– Não. Sua habilidade é incrível. Mas há pessoas que não pensariam duas vezes em tirar vantagem disso. Vão querer levar seu poder ao limite, determinar como você pode utilizá-lo em nome da Irmandade. *Existem* limites, nós não somos deuses. Precisamos respeitar isso, ou pode ser perigoso para o nosso bem-estar, tanto do ponto de vista físico quanto espiritual.

Meneio a cabeça em concordância

– Compreendo.

– Não tenho certeza se compreende. – Irmã Sophia suspira. – Vida e morte são dois lados da mesma moeda. Ser capaz de sentir a vida de uma pessoa tremeluzindo dentro dela pode ser sedutor. Já houve bruxas que usaram seu poder de cura para o mal, contra seus inimigos.

– Como seria possível usá-lo para o mal? – Estou confusa. – Quer dizer... que podemos *deixar* as pessoas doentes? Então posso causar uma dor de cabeça em alguém em vez de curá-la? – Ela nunca mencionou isso na aula.

Pensei que a magia de cura fosse boa. Pura.

Eu já devia saber. Magia nunca é simples.

Irmã Sophia assente.

– Não é possível fazer com que alguém sinta dor do nada, mas você pode intensificar muito uma dor já existente. Minha intenção não é assustar você. Só está começando a compreender o alcance do seu dom, Cate. O que nós podemos fazer nas mãos certas, é uma bênção. Sacerdotes e médicos costumam falar de seu ofício como uma vocação. Eu acredito que o meu também seja. Do Senhor ou de Perséfone ou de alguém totalmente diferente, não sei, mas sou grata por isso.

– Ah, eu... – Minha voz morre quando Pearl abre a porta da carruagem e as outras entram.

– Sou grata por ter quatro aprendizes maravilhosas. – Irmã Sophia sorri para todas nós. – Os efeitos colaterais da cura costumam desanimar a maior parte das garotas de estudá-la com seriedade. Isso sem mencionar a noção ridícula de que biologia e anatomia não são assuntos adequados a mulheres. Isso é bobagem.

Ela continua falando e falando, mas estou perdida em pensamentos enquanto a carruagem sacoleja na descida da colina. Nunca pensei na minha magia como bênção, apenas maldição. Pensei que talvez a cura fosse diferente. Menos complicada do que magia mental. Uma forma

de ajudar as pessoas, de provar que os Irmãos estão errados quando dizem que toda magia é maligna. Mas, assim como qualquer tipo de poder, tudo depende do caráter da pessoa que faz uso dele.

Quando chego em casa, o convento está alvoroçado com notícias da chegada de minhas irmãs. Perdi o chá da tarde; as garotas estão estudando na biblioteca ou seguindo para seus quartos no andar de cima. Nos lábios delas, ouço os sussurros: *Profecia. Maura e Tess. Irmãs Cahill.*

Corro para a sala de estar, então me detenho à porta.

Elas chegaram.

Ao longo do último mês, desejei isto mais do que tudo: ver minhas irmãs. Mas agora que elas estão aqui, sinto meus nervos especialmente à flor da pele. Não tenho certeza se sou a mesma Cate que as deixou à porta da igreja há um mês. Será que elas também mudaram durante minha ausência?

Maura está acomodada ao lado de Alice no sofá cor-de-rosa. Está linda, com um vestido cor de esmeralda que faz com que seus olhos pareçam tão verdes quanto capim na primavera. O cabelo ruivo está arrumado num coque alto, preso com pentes incrustados de pedrarias; seus pés estão enfeitados com sapatilhas de veludo cor-de-rosa arrematadas com laços verdes.

– Eu sempre tive uma intuição forte – diz ela, e bate as pestanas com modéstia. – Eu simplesmente *sinto* coisas em relação às pessoas.

– Que tipo de coisas? – pergunta Vi, embevecida. Ela se espremia no sofazinho, do outro lado de Alice, mas suas enormes saias cor de lavanda fazem volume na frente. Vi é magra como eu e necessita de anquinhas para dar volume à silhueta.

– Ah, sabe como é. – Maura dá um aceno lânguido. – O tipo de coisas de que são capazes. Se são de confiança ou não. Eu não iria me surpreender se passasse a ter visões a qualquer momento.

Olho além dela e vejo Tess em um pufe ao lado de Rory, com o cabelo claro preso em tranças ao redor da cabeça, como as minhas. Ela usa um vestido vermelho xadrez e parece corada e saudável, embora um pouco cética em relação aos novos poderes psíquicos recém-descobertos de Maura. Quando ela me vê, levanta de um salto. Eu poderia jurar que ela está um dedo mais alta do que quando a vi da última vez.

– Cate! – Tess se joga para cima de mim, e eu a abraço e aperto com tanta força que ela solta um gritinho. Ao ouvi-lo, dou risada, e ela também.

Maura se levanta e me dá um abraço negligente. O cheiro dela é doce e cítrico, igual a capim-limão.

– Você *finalmente* chegou! Estamos esperando há uma eternidade.

– Sinto muito por não estar aqui quando vocês chegaram. Senti tanta falta de vocês duas – digo e olho com cuidado para Maura.

Será que ainda está brava comigo por eu tê-la abandonado?

Estou contente por elas estarem aqui. A Irmandade não é o que eu queria para elas, mas também não é tão ruim quanto a Mãe pintava. E talvez a decisão não devesse ter sido só minha. Ao vê-las ali, mais altas, mais bonitas, e mais amadurecidas do que nunca, fico tonta com a percepção: elas não são mais crianças. Têm o direito de escolher o próprio futuro.

Maura retorna à sua plateia cativa e leva as mãos ao coração com uma teatralidade dramática. Todos os olhos estão fixos nela, bem do jeito que ela gosta.

– Tem sido um horror, isolada e sozinha no interior.

Tess dá um tapa no braço de Maura.

– Você não estava sozinha, sua tonta. Eu estava lá!

– Ah, você sabe o que quero dizer. – A risada de Maura é viva e alegre. – Chatham é assustadoramente tediosa, e nunca conhecemos outras bruxas. Nossa mãe era tão rígida, nunca tínhamos permissão para treinar. Eu quero aprender tudo sobre a Irmandade e a história da magia. Tenho inveja de vocês, garotas; creio que eu esteja muito atrasada para a minha idade.

Fico olhando para Maura, sua testa está marcada pela preocupação. Ela nunca foi uma pessoa insegura. Mas esta é precisamente a tática certa; Alice, Vi e suas bajuladoras já estão se jogando aos pés dela, oferecendo ajuda nos estudos ou em qualquer coisa que puderem. Eu me volto mais uma vez para Tess.

– Gostei do seu cabelo assim. E que negócio é esse de crescer enquanto eu não estava vigiando? Você agora está batendo no meu queixo.

– Sou uma gigante. – Tess sorri para mim. – Ah, Cate, estou tão feliz de ver você. Senti tanto a sua falta!

– Não tanto quanto eu senti a sua. – Absorvo as outras presentes à sala: Rebekah está sentada ao piano, com Lucy ao seu lado, muito embora as duas tenham abandonado a música. Mei está ganhando de lavada da Rilla no xadrez. Algumas das bajuladoras de Alice estão espalhadas pelo chão, na frente da lareira, folheando revistas. Mas não há nenhuma professora presente. – Elena também está aqui?

O nome chama a atenção de Maura.

– Naturalmente. Está com Irmã Inez agora. Ela e Paul nos acompanharam.

– Paul McLeod? *Meu* Paul? – Ele é a última pessoa que eu esperava que acompanhasse minhas irmãs.

– Ele é seu mesmo? – Maura sorri. – Veio nos visitar várias vezes depois que você partiu.

Tess faz uma pausa em seu exame na estante de livros, que contém ampla variedade de romances góticos.

– Ele anda preocupado com você.

– Anda mesmo? Ele nunca menciona Cate para *mim* – caçoa Maura, e eu ruborizo. Da última vez que eu a vi, estava de coração partido com a traição de Elena. – Aliás, onde você esteve hoje? Ninguém quis nos dizer.

Estremeço, afundando no papel de parede de florezinhas azuis.

– Eu estava em Harwood.

– Por quê? – Maura engole em seco e todo seu verniz alegre cai.

Ela afunda no sofazinho cor-de-rosa e Alice dá tapinhas reconfortantes em sua manga. Tess se encolhe perto de mim com os olhos cinzentos preocupados.

– Está tudo bem com você?

Levo os dedos às têmporas e massajeio a dor de cabeça que surgiu.

– Está tudo bem. Fui até lá em missão de enfermagem. Irmã Cora queria que eu falasse com Zara, afinal ela estudou os oráculos.

– Zara é nossa madrinha – explica Maura às outras, embora na verdade ela seja apenas a minha madrinha. – Ela é uma bruxa poderosa e uma estudiosa brilhante.

Alice se inclina para a frente, ansiosa, e apoia os cotovelos nos joelhos. O vestido que usa hoje é de um veludo roxo chocante.

– O que ela disse para você?

Minha memória evoca a imagem de Zara: cachos escuros, olhos sonhadores e pingente dourado.

– Ela está um pouco confusa por causa do láudano, mas consegui fazer com que me contasse a respeito dos dois outros oráculos antes de Brenna. Os Irmãos as mantiveram em Harwood e as torturaram para que revelassem suas profecias.

– Elas foram torturadas? – sussurra Tess, remexendo em seus punhos rendados.

Confirmo meneando a cabeça. Ela, Maura e eu nos entreolhamos, unidas em nosso medo, e resolvo guardar os outros detalhes pavorosos só para mim.

– Você teve alguma visão? É por isso que Irmã Cora mandou você? – pergunta Alice.

– Não. Ainda não – digo, e parece que a sala bufá de decepção. – Não sei por quê. Brenna tem visões desde os 15 anos pelo menos, e Zara disse que as outras tinham 12 e 14 anos quando os Irmãos as pegaram.

– Talvez você tenha um despertar tardio – diz Alice com acidez corrosiva, avaliando o modo como o vestido de bombazina preto cai sobre minha silhueta magra.

Fico vermelha. Sei que o uniforme das Irmãs não fica bem em mim.

– Bom, se é para acontecer, eu gostaria que acontecesse logo. É como ficar esperando que um machado desfira seu golpe.

– Sempre dá para ter esperança – graceja Alice com os lábios cor-de-rosa contraídos.

Maura se vira.

– Não fale assim com a minha irmã.

Alice olha para ela, boquiaberta.

– Perdão?

– Você escutou o que eu disse. – Maura dá um sorriso, exibindo bem os dentes. – Se Cate *for* o oráculo, é a bruxa mais poderosa nesta sala. Ela merece o seu respeito. Não se esqueça disso.

Alice recua e se encolhe no canto do sofá. É a primeira vez que eu a vejo se encolher perante qualquer coisa, e não consigo conter o sorrisinho que contrai meu rosto. Eu achava

que Maura ficaria furiosa comigo, não que fosse me defender. Tinha me esquecido de como ela é capaz de demonstrar uma lealdade intensa.

– Já está fazendo amizades, Maura? – Elena Robichaud entra na sala, passando por mim, e suas saias de tafetá farfalham.

Em contraste com o vestido cor de creme, a pele escura dela praticamente brilha. Ela é uma garota muito bonita.

– Eu estava dizendo a Cate como Tess e eu teríamos ficado perdidas sem você no mês passado – diz Maura com uma frieza que, de algum modo, transmite exatamente o oposto.

Reparo na maneira como os ombros dela se retesam e seu sorriso fica frágil com a chegada de Elena.

Elena a ignora e ajeita seus cachinhos escuros. Se eu não a conhecesse, acharia que ela estava nervosa também.

– Olá, Cate.

Dou um sorriso imparcial, apesar de ainda ter vontade de esganá-la por ter deixado minha irmã de coração partido.

– Olá.

– Por que não nos ajuda a desfazer as malas, Cate? – Maura se levanta e lança seu sorriso mais charmoso para as garotas enquanto Elena, Tess e eu saímos para o corredor. – Estou tão contente por finalmente estar aqui. Espero que nos tornemos grandes amigas.

– Não há dúvida sobre quem é a beleza da família – diz Vi em voz alta o suficiente para todas nós escutarmos.

– Ela é enérgica, isso eu admito – concorda Alice.

Tess coloca sua mãozinha na minha.

– Não dê atenção a elas.

– Ah, eu nunca dou.

Mas a facilidade com que aceitaram Maura me irrita. Ela conseguiu conquistar o respeito delas em cinco minutos, e eu não consegui isso em um mês. De repente sou lembrada de como as pessoas paravam na rua para elogiar Maura quando ela era pequena, para dizer à Mãe como ela era uma criança linda, dar-lhe pirulitos, acariciar seus cachos ruivos e enchê-la de perguntas, às quais ela respondia com sua adorável língua presa. Eu era a menina sem graça, com cabelo ralo e liso que sempre se soltava das tranças por mais que a Mãe as apertasse; que sempre tinha lama na barra da saia por ficar correndo por aí; que não tinha interesse algum em conversar com desconhecidos. Às vezes também me davam doces, mas só depois de terem dado a Maura e de perceberem que eu estava ali.

As pessoas gostam de Maura, elas se atraem por sua vivacidade e beleza. Sempre foi assim. Não era tão óbvio quando ficávamos todas trancadas em casa, mas agora volto a me sentir como a criança rejeitada. Será que eu já não devia ter superado isso?

Elena para ao pé da escada.

– Aquela foi uma performance e tanto.

Maura lança um olhar duro para ela.

– Todas as minhas palavras foram sinceras.

– Claro que sim. Você anda muito ambiciosa ultimamente.

O sorriso de Elena é amargo, e eu fico perplexa. Convencer nós três a nos juntarmos à Irmandade sempre foi o objetivo de Elena; foi para isso que ela foi mandada a Chatham. Devia estar feliz da vida.

Maura ergue uma sobrancelha.

– Você fala como se reprovasse.

– Não. É só que detesto vê-la perdendo sua bondade natural para conseguir popularidade.

Maura dá risadinhas.

– Não acho que você, dentre todas as pessoas, tenha o direito de me dar sermões sobre bondade.

Ela sobe a escada, apressada, gingando o quadril, e Tess vai atrás.

Eu hesito, apoiada no corrimão.

– Nunca vi você e Maura discutirem assim.

Elena dá de ombros.

– Ela não me perdoou.

Fico parada no degrau mais baixo, mas um pouco acima de Elena. Tinha me esquecido de como ela é *mignon*; ela tem esse tipo de presença.

– Você brincou com ela para ter acesso a mim. Eu não a culpo.

– Se isso lhe serve de consolo, eu também não me perdoei. – Elena baixa os olhos para as tábuas de madeira do assoalho. – Tome cuidado, Cate. Não é só comigo que ela está brava.

– Cate! Venha! – chama Maura, imperativa, do segundo andar.

– É melhor ir logo. Ela detesta esperar – suspira Elena.

– Você não vem conosco? – A Elena de quem me despedi há um mês estaria ansiosa para se meter em todas as nossas conversas.

– Não. Vou deixar que vocês três se entendam sozinhas.

Minhas irmãs me levam para o quarto delas no terceiro andar. Maura abre e amarra as cortinas verdes pesadas, e passa a observar o jardim coberto de neve. Tess arrasta seu baú pelo chão com dificuldade, em direção à estante de livros. Ela se ajoelha e abre um forro falso de cetim embaixo de seus vestidos, revelando duas dúzias de livros. Tira primeiro um exemplar gasto de *Metamorfoses*, e abraça o volume junto ao corpo.

– Eu não podia deixá-los para trás, para os Irmãos queimarem – explica ela ao ver meu sorriso. Aí examina o restante e me entrega *Arabella, corajosa e verdadeira*. – Este é para você, da senhora Belastra.

Folheio meu romance preferido da infância, comovida com o fato de Marianne ter se lembrando de mim. Espero que um dia possa me retratar com ela, que possa lhe mostrar o quanto fui grata pelos sacrifícios que ela fez para que Finn e eu ficássemos juntos, mesmo que à época não parecesse.

– Como vai Marianne?

– Sabia que queimaram a maior parte dos livros dela? – Os olhos cinzentos de Tess fáisçam. – Ela conseguiu passar alguns escondidos para clientes como o Pai, mas o restante... fizeram uma fogueira bem na praça central e foram jogando os livros no fogo com a ajuda de carrinhos de mão. Irmão Winfield até fez um discurso a respeito de como é importante resguardar nossa mente do pecado insidioso dos romances!

– Marianne deve ter desejado morrer ao assistir à cena. – E seu filho não estava lá para reconfortá-la. A culpa me corrói.

– Dava para ver a fumaça a quilômetros de distância. Era possível sentir o cheiro até da nossa casa. – Tess acaricia seu livro como se estivesse protegendo suas delicadas orelhas da sina de seus amigos. – O Pai ficou furioso. *Eu* fiquei furiosa.

– Falando em Marianne... – diz Maura, e se vira da janela. – Não acredito que Finn Belastra entrou para a Fraternidade. Não parece ser o estilo dele.

Ela está olhando fixamente para mim, obviamente aguardando uma resposta. Quanto será que ela sabe da história toda?

– E não é mesmo.

– Todo mundo em Chatham está dizendo que foi por isso que você entrou para a Irmandade. Porque Finn decepcionou você. – Maura tira os pentes incrustados de pedrarias do cabelo e os coloca na penteadeira. – É verdade?

Ponho as mãos na cintura.

– Não. Eu entrei para a Irmandade para proteger vocês duas, porque Elena ameaçou vocês. Você sabe muito bem disso.

– Que pena – suspira Maura. – Eu fiquei bem impressionada. Minha irmã mais velha tendo um caso amoroso escandaloso com o jardineiro! Parecia algo tirado dos meus livros. Quer dizer que não havia nada entre vocês? Nenhum beijo roubado no gazebo?

– Não. Bom, sim. Quer dizer, não é o que você pensa – afirmo, corada e sem jeito. – Ele não me decepcionou. Ele não é assim.

– Claro que é. Coitadinha de você. – O reflexo de Maura no espelho olha para mim. Tess também me observa; seus olhos cinzentos estão repletos de solidariedade. – Deve ter sido um choque terrível. Trair a própria mãe e depois dispensar você. Ele sempre foi ambicioso, não é mesmo? Eu me lembro dele na aula de catecismo quando éramos pequenas. Era um sabichão.

– Maura! – bronqueia Tess. – Cate não quer falar sobre isso. Pare de alfinetá-la.

– Não estou alfinetando. Estou reconfortando. Talvez eu não seja muito boa nisso. – Maura se ajoelha e tira um vestido dourado reluzente de um de seus baús. Ela olha para mim, o rosto triste, vulnerável. – Eu sei como é quando os outros brincam com você. Poderia ter me procurado, Cate. Eu poderia ser sua confidente.

– Não foi assim que as coisas aconteceram entre mim e Finn – reclamo. – Não foi igual a você e Elena.

O rosto de Maura ostenta uma máscara quando ela se levanta.

– Claro que não. Tenho certeza de que seu caso era profundo, até ele decepcioná-la e ir para o lado do Irmão Ishida. Pelo menos agora sabemos por que você não queria se casar com Paul. Você pode abrir meu vestido, Tess? – Maura se vira de costas para nós.

Maldição. Eu disse a coisa errada. Como é que eu sempre consigo dizer a coisa errada para ela?

Tess, obediente, começa a abrir a fileira de botões nas costas do vestido verde de Maura. Fecho os olhos e rezo para ter paciência.

– Eu não estava apaixonada por Paul. Não foi você quem me disse uma vez que eu só devia me casar com alguém que fizesse meu coração bater forte?

Maura me olha, furtiva, do espelho.

– No seu lugar, eu não me preocuparia com Paul. Ele certamente ficou surpreso, mas parece estar se dando bem sem você.

– Fico feliz em saber – digo, seca. – Então ele voltou para Nova Londres?

– Voltou. – A voz de Maura fica abafada quando Tess puxa o vestido por cima da cabeça dela. – Ele vai trabalhar na empresa de arquitetura do senhor Jones. Disse que não havia mais nada para ele em Chatham.

Eu não devia perguntar. Ela quer que eu pergunte, e fico com raiva por lhe dar tal satisfação. Mas não resisto à curiosidade.

– Lá embaixo você disse... deu a entender... por acaso Paul foi visitar *você*?

– Não precisa parecer tão chocada! – Maura dá risada. – Eu sou um amor, você sabe.

– Sei, sim. – Ela é mais bonita do que eu, mais simpática e mais inteligente. Ela adora a cidade, igual a Paul, e deseja aventuras. Não é a primeira vez que penso que eles dariam um belo par, mas mesmo assim fico surpresa. – É só que, da última vez que eu o vi, ele me pediu em casamento, e da última vez que a vi, você estava...

– Da última vez que você me viu, eu era uma tola. Meus sentimentos por Elena não passaram de uma paixão de dois minutos por uma professora. Eu estava solitária, ela me bajulou e fez com que eu me sentisse importante. Fui tola o suficiente para achar que aquilo significava alguma coisa. Agora já superei. – A voz de Maura sai entrecortada e irritada. Ela não parece ter superado totalmente.

– E agora você tem sentimentos por Paul.

Olho para minha irmã ali parada, totalmente segura com seu corpete e anáguas cor de marfim, os cachos ruivos caindo pelas costas, e sinto uma onda estranha de incerteza, como se estivesse olhando para uma desconhecida. Será que eu a conheço?

– Você disse que eu ia mudar de ideia a respeito do casamento quando encontrasse o homem certo. Talvez eu tenha encontrado. E Paul ficou muito magoado quando você foi embora. Você não se despediu, nem ao menos respondeu ao seu pedido. Ele merece mais do que isso.

Merece mesmo, não nego, mas...

– Ele conversou com você sobre isso? – Tal ideia me deixa inquieta e pouco à vontade. Ele sempre foi *meu* amigo. Maura era uma peste, a irmã menor que nos seguia para todo lado.

Maura assente.

– Ele queria respostas. Eu não podia contar a ele a verdade a respeito da Irmandade, é claro, por isso deixei que pensasse que tinha sido *mesmo* por causa de Finn Belastra. Temo que isso faça você parecer bastante patética.

Tess puxa o vestido dourado por cima dos ombros de Maura.

– Tenho certeza de que Cate teve seus motivos.

– Cate sempre tem seus motivos. Mas ela prefere não compartilhar nada conosco, por isso nós só podemos especular – diz Maura com ar despreocupado, ajeitando o vestido no quadril. – Em todo caso, Paul disse que viria aqui para ver se estávamos todas bem acomodadas. Talvez eu consiga convencê-lo a me levar para fazer compras. Tess, você pode vir conosco como acompanhante. Eu chamaria você, Cate, mas acredito que seria um pouco esquisito.

– De fato. Eu não ia querer atrapalhar sua diversão – concordo.

– É muita gentileza de sua parte. Mal posso esperar para ver a cidade direito. Agradeço ao Senhor por Brenna Elliott e essa nova profecia. Tinha medo de passar o resto da minha vida definhando em Chatham! – suspira Maura.

– Chatham não é tão ruim assim – fala Tess, e amarra uma faixa larga de veludo marrom na cintura de Maura.

– Ah, você sabe do que estou falando. Isso muda as coisas. Elena diz que a Irmandade não tem mais tanta certeza a seu respeito, Cate. A bruxa da profecia pode ser qualquer uma de nós.

– Não fale assim, Maura. – Tess parece estar à beira das lágrimas. – Pare de tentar incitar uma briga. Logo vamos descobrir qual de nós é o oráculo, mas, por enquanto, finalmente estamos juntas mais uma vez. Não está contente com isso?

Maura olha para mim um tanto alarmada, como se admitir a saudade de mim fosse lhe tirar algo importante. Talvez tirasse mesmo.

– Sinto muito. Devo desculpas a vocês duas. – Respiro fundo. – Principalmente a você, Maura. A decisão de vir para cá e deixar vocês duas em Chatham era algo que deveríamos ter resolvido juntas. Vocês duas já têm idade suficiente para fazer escolhas sobre o próprio destino. Vocês me disseram isso, e eu não dei ouvidos. Eu... às vezes não sou uma boa ouvinte.

– Às vezes? – desdenha Maura, e revira os olhos para o teto envolto em sombras.

– Maura! – Tess fica brava.

Estendo a mão para Maura. Ela olha para mim durante um longo momento e então a aperta.

– Tudo bem – diz ela. – Também senti sua falta.

capítulo

Na tarde do dia seguinte, na hora do chá, Tess pega um prato de bolinhos de abóbora.

– Que tal a sala de visitas da frente? – sugere, e se dirige para a porta enquanto pego duas xícaras de chá.

Maura puxa uma das tranças de Tess quando ela passa pelo sofazinho cor-de-rosa.

– Aonde você vai?

– Cate e eu íamos para um lugar tranquilo, para colocar o assunto em dia – explica Tess. – Quer vir junto?

Maura revira os olhos.

– Ah, não. Não quero me intrometer.

Coloco leite e açúcar no chá de Tess, do jeito que ela gosta, e tento fingir que não estou escutando o que elas dizem.

Tess suspira.

– Não seria intrusão nenhuma, Maura. É só que não falo com ela há semanas; quero saber tudo sobre tudo.

– Tudo bem. Na verdade, acho que a companhia que tenho aqui é mais empolgante – responde Maura, e volta a se virar para Alice. A mágoa passa pelo rosto de Tess.

– Obrigada – balbucia ela. Termino de servir o chá e caminhamos juntas, em silêncio, até a sala de visitas da frente, e fechamos a porta.

– Então... como estão as coisas em casa? – pergunto.

Tess se encolhe no sofá rígido, enfiando os pés cobertos com meias por baixo do corpo, ao mesmo tempo em que mastiga um bolinho. Canela e noz-moscada perfumam o ar. Ela aponta para o outro bolinho no prato.

– Você precisa comer alguma coisa. Está magra demais.

Pego fósforos na latinha e acendo as lamparinas a gás de ambos os lados da lareira. Elas dão uma ilusão de calor, pelo menos. O lugar está gelado porque a lareira está apagada, muito embora o aquecedor esteja ligado. – Está evitando minha pergunta?

– Não. Bom, talvez esteja. – Tess me entrega o bolinho assim que me sento ao lado dela. – Você sempre fica tendo chiliques por causa da gente. Nós não podemos nos preocupar com você?

– Não. – Dou uma mordida só para agradá-la. – Pronto. Agora me conte.

– As coisas não estavam nada boas. – Tess suspira, amarra de novo o laço cor-de-rosa de sua trança e evita meus olhos. – Depois que você foi embora, Maura passou quase uma semana sem sair do quarto. Daí ela e Elena deram início a uma disputa para ver quem berrava mais. Maura estava... eu nunca a vi tão furiosa. Até o Pai interveio para ver o que estava acontecendo. Mas aí Maura executou magia mental nele para que se esquecesse do que tinha escutado, e depois disso ela ficou diferente. Na semana passada, eu a flagrei treinando sua magia em John e na senhora O'Hare.

– O quê? – solto um gritinho. O casal O’Hare trabalha para nós, como empregada e cocheiro, desde que éramos pequenas. Eles praticamente são parte da família.

– É. – Tess ergue os olhos cinzentos tristonhos para mim. – E também não acho que foi a primeira vez. Não sei com que frequência ela andou fazendo isso antes de eu descobrir. Ela não quis me contar.

– O que ela disse em defesa própria? – Pouso o bolinho que não terminei de comer.

Tess encolhe os ombros.

– Ela não achava estar fazendo nada de errado. Disse que precisava treinar para convencer a várias pessoas ao mesmo tempo. Eu disse a ela que, se fizesse aquilo de novo, eu nunca mais iria falar com ela. – Diferente de Maura, Tess não é do tipo que faz ameaças vazias. – Ela jurou que não faria mais.

– O casal O’Hare está bem? – Passo o dedo pelo contorno do abacaxi entalhado no braço do sofá.

– Parece que sim. Mas estou mesmo preocupada é com Maura. Ela agora está *obcecada* pela magia. Durante toda a viagem até aqui, sempre que não estava flertando com Paul, ela ficava fazendo perguntas a Elena sobre a Irmandade. Aparentemente ela acha que pode se tornar a irmã da profecia caso se esforce bastante. – Tess morde o lábio. – Mas não acho que a profecia funcione assim. Não sei o que Maura vai fazer se não for ela.

– Vai ficar ainda mais irritada? Achei que tivéssemos estabelecido uma trégua ontem à noite, mas ela só me ignorou de lá para cá. – Tiro as sapatilhas e coloco os pés sob o corpo, imitando a posição de Tess. – Você detesta esse lugar?

– Não, é sublime. Muito... acolhedor. – Tess dá uma olhada ao redor da sala e revira os olhos.

– Estou falando sério! – protesto. Eu praticamente consigo sentir as ex-diretoras desdenhando de mim em seus retratos, reprovando minha exposição de emoções. Parece impensável que algum dia eu possa fazer parte do grupo delas.

– Só faz um dia que cheguei aqui – diz Tess. – Ainda não formei opinião.

– Eu não iria suportar se você também estivesse brava comigo. – Ajeito os babados na bainha do meu vestido xadrez azul.

– Eu sei que você queria ficar em casa com o Pai e...

– Eu entendo por que mandou nos chamar – interrompe Tess. – Acho que vou gostar daqui. É só que tudo é um pouco opressor. Estou acostumada com uma casa só com a gente. Agora parece que todo mundo está olhando para mim o tempo todo.

Tess usa um vestido azul novo com bolinhas cor-de-rosa e roxas, e laços cor-de-rosa combinando nas tranças. O efeito é doce e pueril. Faz com que eu tenha vontade de cuidar dela como se fosse minha filhinha, daí preciso me lembrar de não tratá-la como criança.

– Estão curiosas a seu respeito por causa da profecia. Você vai se acostumar.

Ela assente.

– Todas as garotas parecem simpáticas. Bom, quase todas.

Fico paralisada mais uma vez, a raiva tinindo dentro de mim, com o bolinho a meio caminho da boca.

– Alguém não foi gentil com você? Quem?

– Cate, parece que você vai quebrar a cabeça de alguém com esse bolinho. – Tess dá risadinhas. Eu fico vermelha e o devolvo ao prato. – Ninguém me tratou mal, mas Alice e Vi não são simpáticas com *você*.

Tento deixar para lá.

– Não se preocupe com isso. Quero que você faça amizades.

Tess desdenha.

– Eu não poderia ser amiga de ninguém que não gosta de você, boba.

Dou-lhe um abraço breve, comovida com sua doçura. Obviamente, Maura não pensa a mesma coisa. Ela passou o jantar de ontem e o café da manhã de hoje com Alice e Vi.

Tess sorri.

– Adivinhe só! Irmã Gretchen se ofereceu para me ensinar alemão.

Retribuo o sorriso.

– A família de Mei fala chinês em casa. Aposto que ela pode ensinar a você.

– Chinês? – Tess solta um gritinho, praticamente louca de felicidade. – É mesmo?

– De verdade. Quer perguntar a ela? Aposto que ela ainda está jogando xadrez com Addie.

– Apago as lamparinas e Tess pega o prato e a xícara dela, ainda cheia. Ela faz uma pausa ao lado da mesa, no saguão de entrada.

– Que bonito – diz ela, e aponta para a bandeja de prata. Em cima dela, há uma prateleirinha em forma de lira, feita para guardar cartas. Quando ela estende a mão para tocá-la, o chá derrama em cima da mesa. – Opa!

Pego a única carta manchada de chá, endereçada à Irmã Cora, e agito no ar.

– Vá pegar um pano na cozinha.

– A carta estragou? – pergunta Tess. – É melhor tirar do envelope, antes que molhe o papel.

Enrugo a testa para ela.

– E vou violar a correspondência pessoal de Irmã Cora? Duvido que ela vá gostar disso. – Não tem endereço de remetente; deve ter sido entregue pessoalmente. E se tivermos inutilizado algo importante? Tess sai, apressada. Eu deslizo a unha por baixo do selo de cera. Está marcado com a letra B.

Não preciso ler, concluo. Só vou tirar do envelope para garantir.

Acontece que eu não precisava ter me preocupado. A carta ficou um pouco manchada de marrom na parte de baixo por causa do chá, mas as seis linhas de texto continuam perfeitamente legíveis, só que as letras estão dispostas em combinações estranhas que não fazem o menor sentido para mim.

Tess volta correndo com um pano.

– Eu estraguei a carta? – pergunta ela, e morde os lábios enquanto enxuga a mesa. – Era algo importante?

– Não sei. Acho que está escrita em código. – Aceno a carta para ela.

– É mesmo? – Ela arranca o papel de mim, a testa franzida. Ela fica muito parecida com o Pai quando está quebrando a cabeça em cima de uma tradução. – É um cifrado de César – diz depois de um minuto de exame atento.

– E eu devia saber o que isso significa?

– É uma cifra de substituição, em que cada letra é substituída por outra letra. Dizem que César usava três letras deslocadas para a direita... trocava A por D, B por E, C por F e assim por diante. Isto aqui parece utilizar duas letras deslocadas para a esquerda, em vez disso, então... – Tess faz uma pausa. – A se transforma em Y, B se transforma em Z, C se transforma em A e assim por diante. Foi bem-feito. Não é tão fácil de decifrar.

Estou olhando boquiaberta para ela mais uma vez, desconcertada com sua esperteza.

– Mas você decifrou em menos de um minuto.

Ela fica vermelha.

– Eu li um livro do Pai sobre criptografia. Você sabe que eu gosto de enigmas, equações e todas essas coisas. Depois disso, passei um mês escrevendo bilhetes em código para a senhora O'Hare. Mas ela não conseguia ler muito bem; precisei dar a solução das cifras para ela. Mas, bom, uma pessoa normal não iria entender assim tão depressa. Se é que iria entender.

Dou risada. Bem típico de Tess mesmo.

– Então você está dizendo que consegue ler isto?

– Sim. – O sorriso dela se desfaz enquanto decifra o texto. – Diz o seguinte: *Em alto grau de alerta depois do último relatório de Harwood. Prenderam oito garotas nos últimos dois dias...* Acho que é isso. Ou seriam seis garotas em zero dia, mas isso não faria sentido... *sem julgamento. Sendo mantidas sob guarda pesada no porão do prédio do Conselho Nacional e...* – A voz de Tess falha e coloco a mão no ombro dela – *... torturadas e deixadas sem comida. Não seria surpresa se simplesmente desaparecessem. Mesmo sob condições terríveis, seis juram não serem capazes de fazer profecias. Duas alegaram que podem, mas uma é louca e a outra, simplória. As famílias estão em polvorosa. Talvez possamos usar isso a nosso favor.*

Permanecemos em silêncio por um momento.

– Coitadas dessas garotas – digo finalmente.

Sou eu que os irmãos querem, não elas. Oito garotas inocentes estão sofrendo enquanto passo as noites em segurança na minha cama.

Tess joga a carta de volta na mesa e olha para mim.

– Como isso pode ser usado a nosso favor? – exige saber.

– Irmã Cora acha que as pessoas estão ficando fartas dos Irmãos, que podem estar prontas para uma nova liderança em breve. Uma liderança *compartilhada*, entre os Irmãos e as bruxas – explico, andando de um lado a outro no saguão de entrada. – Quanto piores os Irmãos forem, mais as pessoas vão nos dar crédito.

Tess coloca as mãos na cintura e desdenha.

– Então ela simplesmente vai deixar as coitadas das garotas apodrecerem, na esperança de incitar algum tipo de motim? Isso não está certo. Deve haver algo que nós possamos fazer.

Dou uma espiada pela janela ao lado da porta da frente. Uma charrete preta fechada passa pela rua lá embaixo, os cascos do cavalo fazem barulho. Os galhos dos bordos vermelhos se agitam ao vento, acenando seus dedos nus.

– Não sei o quê.

– Vou chamar Maura – resolve Tess.

Quando ela se afasta, apressada, pego a carta da mesa e retorno à sala de visitas para acender as lamparinas mais uma vez. Então me sento na poltrona de seda ao lado da lareira, fico olhando para os beirais decorados e desejo receber orientação.

Tess volta com Maura em apenas um minuto. Maura está furiosa, seus olhos azuis crepitam.

– O que Cora pretende fazer? Simplesmente deixar que essas pobres garotas sejam assassinadas? Quem sabe quantas mais os Irmãos vão prender?

– O que mais ela pode fazer? Ela está protegendo a *nós* – observo.

Maura afunda no sofazinho. Está usando outro vestido novo, azul-safira com risca de giz preta.

– Alice diz que o conselho de guerra está em reunião agora mesmo para falar sobre possíveis estratégias de ação.

– Conselho de guerra? – pergunto quando Tess se acomoda ao lado de Maura.

– O conselho de guerra das Irmãs. Alice me contou tudo a respeito. Cate, já faz um mês que está aqui e você ainda não sabe de nada? – Maura suspira. – Os membros são Irmã Cora, obviamente, além de Gretchen, Sophia, Johanna, Evelyn e Inez. As seis integrantes mais antigas da Irmandade. Elas realizam votações para qualquer assunto importante, mas Alice diz que ultimamente estão enfrentando impasses em relação a tudo, porque Inez e Cora sempre discordam.

Alice isso, Alice aquilo.

– Como é que Alice sabe tanta coisa? – questiono, impaciente.

– Ela é uma xereta terrível, por isso – confessa Maura, e eu dou risada. – Mas é útil. Ela também escutou Johanna e Inez conversando sobre a última profecia de Brenna. Ela revelou aos Irmãos que o outro oráculo está em Nova Londres. – Ela ajeita um cacho ruivo atrás da orelha e se empertiga um pouco.

– Esse deve ser “o último relatório de Harwood” – digo e sacudo a carta. – Deixou os Irmãos frenéticos, caçando oráculos por todos os lados.

Tess se inclina para a frente, tira a carta de mim e a examina, como se esperançosa de que sua tradução estivesse errada.

– É tudo culpa nossa.

– A culpa não é nossa. É de Brenna, por não ser capaz de ficar de boca fechada – contesta Maura. – E se a próxima profecia dela fizer com que venham bater à nossa porta? E se ela lhes

der a localização exata?

Fico olhando para o tapete marrom.

– Talvez possamos fazer Rory ir até lá para pedir a Brenna que seja discreta.

Tess bate a carta em seu joelho.

– No momento em que Brenna parar de lhes contar suas visões espontaneamente, vão torturá-la para que as revele. Ela só ficará em segurança enquanto for útil a eles.

Faço uma careta ao imaginar os Irmãos cortando os dedos de Brenna e quebrando suas pernas.

Maura bate a sapatilha preta no chão. Sua expressão é de indiferença calculada.

– Então talvez seja uma bênção acabar com o sofrimento dela.

A sala fica em silêncio por um minuto. Uma carroça passa do lado de fora. Escuto o rangido das rodas e o barulho dos cascos dos cavalos. Tess está com o corpo rígido e os ombros duros.

– Você quer matá-la? – pergunta ela baixinho.

– Eu não *quero*, mas... que tipo de vida ela tem naquele lugar? – A máscara de indiferença de Maura cai, seus olhos azuis disparam para os meus cheios de esperança. Por um minuto ela se assemelha mais uma vez a minha irmã mais nova, com seu rosto em formato de coração, sincero e louco por uma aprovação que não posso dar.

– Mesmo assim, é a vida dela – argumento ao me lembrar da conversa com Irmã Sophia na carruagem ontem. – Não é nosso papel brincar de ser Deus.

– Iriam torturá-la, e quem pode saber o que iam arrancar dela nesse processo? O fim seria rápido se viesse de uma de nós. Alice diz que Irmã Sophia seria capaz de resolver o assunto assim. – Maura estala os dedos.

Será que Sophia já fez isso? Já matou a pedido das Irmãs? Será que estava tentando me alertar que um dia poderiam me pedir para fazer isso? Fico enjoada diante de tal perspectiva.

– Brenna não está bem – diz Tess. Seu rosto ficou pálido. – Quem pode saber o que acontece com uma pessoa que enxerga o futuro? Precisamos pensar na coisa sob o seguinte ângulo: e se fosse uma de nós trancada lá?

– Talvez seja uma de nós em breve, se ela não guardar suas visões para si. – Maura ergue a xícara com borda dourada que trouxe consigo e beberica um gole no chá. – Brenna já era estranha antes disso. Arrisco dizer que a loucura dela tem a ver com o fato de ser Brenna, e não de ser um oráculo.

Faço uma careta ao me lembrar de Thomasina Abbott.

– Não lhe faria mal demonstrar um pouco de compaixão.

– Não podemos nos dar ao luxo da compaixão em momentos como esse. – Maura pousa a xícara no pires, fazendo barulho. – Por causa dela, oito garotas inocentes vão ser assassinadas. Quantas vidas arriscamos a cada dia que a perdoamos?

– Não, Maura. É errado. Nós não somos assassinas. – Os olhos cinzentos dela estão muito sérios.

– Talvez você seja jovem demais para compreender as complexidades disso – arrisca Maura.

– Nem ouse. – Tess se levanta de um pulo e suas tranças balançam. – Posso ser jovem, mas isso não significa que sou boba, nem que não tenho direito a uma opinião.

Eu também me levanto.

– Concordo com Tess.

– Claro que concorda! – Maura joga as mãos para cima.

– O que está acontecendo com aquelas garotas é errado, e espero que Irmã Cora e o conselho de guerra possam encontrar um jeito de deter os acontecimentos. – Dou uma olhada na carta que está na mão de Tess, agora um pouco amassada depois de apertada com tanta força. – O recado diz que isso pode ser usado a nosso favor, para ajudar a fazer com que a opinião pública fique do nosso lado. Detesto pensar na questão de maneira tão fria, mas talvez devamos aguardar para ver o que...

– Esperar para ver, esperar para ver – imita Maura. – Você e Cora formam uma bela dupla, não é mesmo? Senhor, torço para que *eu* seja o oráculo, ou a Irmandade nunca vai *fazer* nada! As Irmãs vão só ficar sentadas olhando enquanto garotas morrem sem que ninguém se importe com elas!

Dou um passo à frente, o queixo empinado.

– Eu me importo, sim.

– A maneira como você demonstra isso é péssima – explode Maura, e sai da sala pisando firme. Então bate a porta.

Tess se apoia na lareira de mármore, lágrimas deslizam silenciosamente por suas bochechas.

– Só estou irritada – explica ela, e enxuga as lágrimas usando as duas mãos. – Detesto que as pessoas sejam condescendentes comigo. E não gosto do jeito como Maura está agindo, tão... superior. Você sabe que ela repete feito um papagaio todas as coisas que Irmã Inez diz, não sabe?

Faço que sim com a cabeça. Já é bem ruim ouvir Inez propor uma ideia tão cheia de frieza, mas ouvi-la de Maura, que conhece Brenna e passou a infância com ela! Quando foi que Maura se transformou numa garota capaz de falar em assassinato com tanta calma?

Vou me encontrar com Finn hoje à noite, mas ainda não resolvi o que fazer a respeito da sugestão de Inez para que ele seja espião da Irmandade. Não confio nela, mas estou cansada de segredos e mentiras, de ver garotas sendo prejudicadas porque nós temos medo de revidar. Se ao menos Finn conseguisse informações sobre os planos da Fraternidade, será que Inez poderia fazer uso deles para derrubá-la?

Inez é o tipo de mulher capaz de vencer uma guerra, mas a que custo?

Tess se recolhe em seu quarto, mas eu escolho ir à sala de estar para falar com Mei e perguntar sobre as aulas de chinês. Maura, Alice e Vi estão tagarelando no sofá, e Maura olha

feito para mim quando entro. Lucy Wheeler está arranhando o piano enquanto suas amigas Hope e Rebekah se postam ao lado, virando as páginas da partitura para ela e cantarolando antigas canções folclóricas. A voz de Hope é um belo soprano agudo. Mei e Addie não estão mais lá, mas Rory está largada numa poltrona xadrez azul, folheando uma revista de moda distraidamente. Ela ergue os olhos quando chego.

– Cate!

– Rory. Você postou suas cartas hoje?

Ela se mudou para o convento no dia anterior, sem nenhuma objeção de Irmão Ishida. Cora se ofereceu para falar com ele, mas não foi necessário; arrisco dizer que ele ficou feliz por ter se livrado dela. Irmã Cora escreveu uma carta para a Sra. Elliott, e Rory escreveu outra para Nils, rompendo o noivado. Tess e eu a ajudamos com isso depois do jantar de ontem. Foi uma obra-prima, atribuindo toda a sua cegueira à maldade da melhor amiga e falando sobre a escolha da devoção ao Senhor em detrimento de sua afeição terrena a Nils.

Rory assente. Hoje ela está mais composta, com um vestido carmim em camadas, com renda nos punhos.

– Nils não vai ter nenhuma dificuldade de encontrar outra garota. Já o flagrei olhando para Emily Ruhl.

Afundo no pufe azul gordo aos pés dela.

– Você vai sentir falta dele?

Rory dá de ombros.

– Vou sentir falta da ideia dele. Vou sentir falta de ter alguém para beijar, alguém para fazer com que eu me sinta especial – diz ela, contendo as lágrimas. – Você compreende, suponho. Sachi me disse que você andava beijando Finn, não Paul McLeod.

Os pelos da minha nuca se arrepiam e olho para trás. Fico achando que vou ver Maura e Alice cochichando a meu respeito, mas, em vez disso, vejo Irmã Inez à espreita na porta.

Ela volta o olhar para minha irmã.

– Maura, podemos dar uma palavrinha?

Maura ergue os olhos, cheia de ansiedade.

– Claro que sim.

Enrugo a testa de preocupação, me perguntando o que Inez deseja com Maura, então retorno a atenção a Rory.

– Sachi contou todos os segredos dela a você, não foi? – Ela era a única pessoa a quem eu contara sobre Finn, logo depois de ela me revelar que Rory era sua irmã.

Rory fica vermelha. Nunca a vi corar, nem sabia que ela era capaz disso. Ela dá uma olhada nas garotinhas cantando ao piano, em Alice e Vi conversando no sofá.

– Depois que eu a flagrei beijando Elizabeth Evans – sussurra ela.

– Beijando... Elizabeth? – Elizabeth Evans trabalha numa loja, é alta, bonita e é sobrinha do chocolateiro de Chatham.

– Mas que cara, Cate! Eu também fiquei chocada. Temi pela minha virtude, é claro – brinca Rory, e joga o cabelo escuro.

Dou uma risadinha. A relação de Rory com Nils estava longe de ser casta.

– Sachi explicou que não tinha desejos por mim, e então fiquei bem ofendida por ela não ter! Por que não? Eu sou uma garota bonita. – Rory revira os olhos. – Ela ficou com medo de eu tentar metê-la em alguma tramoia para provar que eu era desejável, então finalmente me contou que éramos irmãs.

– E como foi isso?

Rory cruza os braços sobre o busto farto.

– Fiquei brava por ela não ter me contado antes. Suponho que ela tivesse medo que eu saísse correndo pela rua, entregando nosso querido papai, ou que eu começasse a beber sem parar. Não fiz nada disso na ocasião, mas... – O sorriso de Rory se esvai. – Acontece que eu acho que ela estava certa em não me confiar tal informação.

Pouso a mão na manga dela.

– Sinto muito.

Rory morde o lábio e seus olhos castanhos se mostram preocupados.

– Você não vai pensal mal dela por causa disso, vai?

– Por ter beijado uma garota ou por ter confiado em você? – Enrugo a testa para ela. – A resposta é não, para as duas coisas.

– Elizabeth meio que estava apaixonada por ela – diz Rory. – Era divertido caçoar de Sachi por isso.

– Coitada de Elizabeth. – Dou uma olhadela para trás quando Maura retorna à sala e se acomoda ao lado de Alice. Será que as coisas teriam sido diferentes entre mim e Maura caso eu tivesse aceitado a paixão dela por Elena de maneira mais graciosa? Se tivesse visto aquilo como um meio para caçoar dela? As situações são diferentes, é claro. Elena só estava brincando com ela. Mas eu quero que Maura tenha o que eu tenho com Finn, que seja tão feliz quanto ele me faz feliz.

Dou uma espiada no relógio em cima da lareira. Ainda faltam horas até eu me encontrar com ele, e parece uma eternidade. Ele deve estar sabendo que os Irmãos prenderam aquelas garotas. Algo precisa ser feito, mas o quê? Claro que ele não concordaria com Maura, considerando o assassinato de Brenna a melhor solução.

– Você acha que seria impossível tirar alguém de Harwood? – pergunta Rory de repente.

Atrás de nós, a música do piano para, mas Hope e Rebekah continuam cantando.

– Acho que seria muito difícil.

Hope e depois Rebekah ficam em silêncio. Eu me viro para ver se Lucy escutou o que dissemos, mas ela está marchando em direção à porta. Um segundo depois, Hope e Rebekah vão atrás dela. Eu me viro mais uma vez para Rory, mas ela está de pé, largando a revista na poltrona vazia. O rosto dela está estranho, livre de todo o seu vigor usual.

– Rory? – digo, mas ela simplesmente se afasta e se junta à estranha procissão.

Fico estupefata até perceber Vi se levantando do sofazinho. Ao lado dela, Maura fita o fogo com os olhos azuis vazios. Mal se passa um segundo e Alice também segue Vi porta afora.

Levante. A ideia agora se impõe sobre mim, vinda do nada.

Minhas pernas se flexionam e estou prestes a levantar quando sinto o formigamento revelador da compulsão de Maura.

Não, penso. Apoio as botas no chão e cruzo as mãos com recato no colo, os dedos entrelaçados. Eu me acomodo com firmeza na almofada azul, sinto o calor do fogo contra as minhas costas. Fecho os olhos e inspiro, resistindo à vontade de me levantar e caminhar rumo à porta.

O momento passa. Abro os olhos e vejo minha irmã vindo em minha direção, sorrindo feito uma doida.

– Consegui todo mundo, menos você. Seis! – Ela se gaba.

Minha espinha fica tensa. Não gosto que ninguém fique xeretando minha mente, nem mesmo minha irmã. Minhas lembranças são *minhas*; não é para ninguém ficar fazendo experiências com elas.

– Ah, não se irrite. – Maura franze a testa. Não há ninguém na sala, à exceção de nós duas. – Foi Irmã Inez quem pediu.

– Você entrou na mente delas sem permissão. Elas são supostamente suas *amigas*. – Eu me levanto e entrelaço as mãos atrás das costas. – Você não vê nada de errado nisso?

– Eu as compeli a ir para a outra sala. Não foi nada de mais. Não causei nenhum mal – afirma Maura. – Não seja tão estraga-prazeres, Cate.

Ouçõ o *tap, tap, tap* revelador dos saltos de Irmã Inez quando ela vem chegando de seu gabinete.

– Bom trabalho, Maura – parabeniza.

Maura fica radiante.

– Seis... isso é raro, não é? É algo *poderoso*.

– É, sim – concede Irmã Inez. Mas volta seus olhos de falcão para mim. – Você sentiu alguma coisa, senhorita Cahill?

– Senti, sim – reconheço. – Fiquei com vontade de me levantar e de caminhar até a porta, e ao mesmo tempo senti vontade de não obedecer. Foi muito estranho.

– Você sentiu compulsão, mas foi capaz de resistir a ela. – Irmã Inez me examina como se eu fosse um inseto no microscópio. – Foi isso que aconteceu da última vez que Maura tentou executar magia mental em você, não foi?

Meneio a cabeça em concordância. Não ousou olhar para minha irmã, mas praticamente sinto que ela murcha.

– Bom. Seis pessoas continua sendo um feito e tanto. Até agora, nenhuma pupila aqui foi capaz de fazer qualquer coisa parecida. Gostaria que houvesse mais de nós com essa habilidade. Ela poderia ser útil quando a guerra se deflagraisse. – Irmã Inez concede a Maura

um raro sorriso, mas seu olhar se desvia para mim. – Se a senhorita Cahill aceitasse fazer o teste, eu estaria em mais condições de avaliar qual de vocês duas é a mais poderosa.

– A compulsão não é o único tipo de magia que importa – digo, irritada.

A fúria aparece no rosto de Maura. Minha irmã já se irritou comigo mais vezes do que sou capaz de contar. Ela já agiu com desprezo, rejeição e ciúme. Mas nunca olhou para mim desse jeito.

Como se me *detestasse*.

Minha intenção não é diminuir a conquista de Maura, de verdade. É só que essa fixação na magia mental me assusta. Por que Irmã Inez dá tanta atenção a isso? Qual é a intenção dela?

Um calafrio percorre meu corpo.

É apenas alguém caminhando sobre meu túmulo, diria a Sra. O'Hare.

capítulo

8

Finn está à minha espera no portão do jardim à meia-noite, com a capa e o cabelo salpicados de flocos de neve.

– Que surpresa encontrá-la aqui. – Ele lança um sorriso torto e segura a minha mão, entrelaçando seus dedos enluvados nos meus. A voz dele é alegre e seus passos, saltitantes, apesar do clima terrível. – Esqueceu as luvas de novo.

Não tenho coragem de dizer a ele que não esqueci. Eu queria tocá-lo sem nada entre nós.

– Vamos para a estufa – sugiro, tremendo, semicerrando os olhos contra as fortes rajadas de vento. Minhas botas afundam nos quinze centímetros de neve enquanto caminhamos com dificuldade pelo jardim. Quando chegamos à construção de vidro octogonal, a barra da minha capa, do vestido e da camisola estão todas cobertas de neve. Uso um feitiço para destrancar a porta. Eu gostaria de tirar a capa, mas minha roupa já está bem escandalosa sem o corpete nem a anágua. Rilla tinha acabado de cair no sono e fiquei com medo de despertá-la... a ela e a sua curiosidade infinita.

Do lado de dentro, os canos de vapor assobiam sob as tábuas do assoalho. Ar quente embaça as paredes de vidro. Fileiras de samambaias frondosas e orquídeas premiadas da Irmã Evelyn enchem o centro do cômodo. Ao fundo, limoeiros e laranjeiras estão pontilhados de frutos coloridos. O cheiro é de terra úmida e de natureza, de coisas que crescem, como um oásis de primavera e esperança no meio do inverno terrível da Nova Inglaterra.

Finn me puxa num abraço e dá um beijo de leve nos meus lábios frios. Ele joga as luvas em uma das mesas e se inclina para examinar uma orquídea falenopse vermelha. Fico brincando com o caule de uma catleia branca delgada.

– Que flor linda. Como é o nome dela? – pergunta ele. Jardinagem é um dos poucos assuntos no qual meu conhecimento supera o dele.

Eu o conduzo pelo corredor.

– Estes são oncídios, são chamados de damas-dançantes, porque lembram a saia de uma mulher. E estes são dendróbios. São um pouco mais fortes do que as outras orquídeas, por isso Irmã Evelyn permite que eu ajude com elas.

Finn está em pé atrás de mim e me abraça.

– Você adora este lugar, não é mesmo?

Adoro. É um alívio escapar dos olhos xeretas e das línguas fofoqueiras que estão dentro do convento, mas, de algum modo, eu sempre me sinto um pouco culpada, como se estivesse sendo infiel às rosas da Mãe ao admirar essas orquídeas de estufa.

– É meu lugar preferido em Nova Londres, principalmente agora que está frio demais para a jardinagem propriamente dita. – Eu me inclino para trás, no abraço dele. – Você tem tido algum tempo para fazer suas traduções ultimamente?

– Quase nenhum. Estamos sempre ocupados, em meio a reuniões do conselho, banquetes e sermões. Ishida me apresenta a todo mundo que encontramos, como se eu fosse uma espécie de bicho de estimação. É revoltante.

– É mesmo? Você parece bem alegre – digo, desconfiada.

– Bem, estou feliz por ver você, é claro. Isso e... eu tenho um plano. – Ele me vira para que eu possa encará-lo. – Eu não ia contar até que fosse oficial, mas hoje à tarde estive com o Irmão Szymborska, chefe do Arquivo Nacional. Eu me inscrevi para uma vaga no escritório deles, como escriturário, e acho que tenho boas chances.

– Você quer ficar aqui em Nova Londres? – pergunto. A oferta da Irmã Inez batuca feito um tambor na minha cabeça.

– Com você. – Ele olha para mim, cheio de expectativa.

– Seria fantástico. Fico tão feliz – respondo, mas minha voz sai sem emoção. Como posso pedir isso a ele?

O sorriso dele desaparece.

– Você não parece feliz.

Eu me viro e tiro uma erva daninha de uma muda.

– Você sempre quis ser professor. E se algo acontecer à sua mãe ou a Clara e você não estiver presente? Não quero que você termine me odiando por tê-lo obrigado a ficar aqui.

– Isso não vai acontecer. Isso não é só por você, Cate. – Ele sorri para atenuar as palavras.

– Em parte, sim, quero ficar perto de você. Mas ensinar o currículo aprovado pelos Irmãos está longe de ser o meu sonho. No Arquivo, eu não vou ter que prender garotas inocentes. Vou registrar e preservar livros... os únicos exemplares restantes na Nova Inglaterra, em alguns casos.

Finn já abriu mão de tanta coisa por mim. Como posso pedir que sacrifique isso também? Avanço para o grupo de flores seguinte.

– Parece perfeito para você.

– Para nós, eu pensei. – Finn segura meus pulsos, fazendo com que eu pare de mexer nas coisas. – Se não quer que eu fique em Nova Londres, deve me dizer.

Eu me viro depressa para ele.

– Não! Não é isso, de jeito nenhum. *Claro* que quero você por perto.

– Você poderia ter me enganado. – Ele olha bem para mim. – Veja bem, Cate. Todos os registros dos Irmãos ficam guardados no Arquivo. Os conselhos locais enviam relatórios a respeito de todas as prisões. Se eu trabalhasse no Arquivo, ficaria a par de informações que podem ser muito úteis para a Irmandade.

– Está dizendo que tem disposição para ser espião? – Caio na gargalhada.

Finn assente, um pouco inseguro.

– Por que soa tão absurdo?

– Não é absurdo! Irmã Inez me flagrou voltando para dentro na outra noite. Ela nos viu juntos. Talvez eu devesse ter feito com que ela esquecesse, mas não fiz. Ela sugeriu que talvez você pudesse nos ajudar. Há um outro cargo aberto, para escriturário de um membro do Conselho Titular com um tal de Irmão Denisof, e Inez pediu que você se candidatasse para a vaga.

Finn se apoia na mesa.

– Bom, consigo entender como as informações do Conselho Titular seriam vantajosas.

O Conselho Titular inclui o Irmão Covington e onze de seus conselheiros mais próximos. Suas reuniões são sombrias e secretas; ninguém nunca sabe onde nem quando vão ocorrer. Há muitos boatos a respeito de quem seriam os onze conselheiros, mas ninguém admite em público, por medo de se transformar em alvo.

Eu sacudo minha capa, que está úmida por causa da neve derretida.

– É muitíssimo perigoso. Se pegarem você passando informações...

– Ainda assim, eu estaria correndo menos perigo do que você – observa ele, e passa o dedo pelo meu pulso nu.

Em reação, meu coração se acelera.

– Eu nasci assim. Não tenho escolha. Além do mais, parece que você poderia ser feliz no Arquivo.

– Eu prefiro ser útil. Eu conheço Denisof. Bom, *ouvi falar* dele. Não me surpreendo por ele fazer parte do Conselho Titular. – Apesar da barba por fazer, o rosto de Finn de repente parece infantil, vulnerável. – Independentemente do cargo que eu conseguir, você não ficaria infeliz se eu permanecesse em Nova Londres?

Sacudo a cabeça.

– De jeito nenhum. Quero estar com você o máximo que conseguirmos. – Abraço o pescoço dele. Finn está com dor de cabeça; sinto isso cada vez que toco nele. – Não tive oportunidade de contar para você ainda. Eu me transformei numa enfermeira muito competente. Sei que você está com dor de cabeça, por exemplo.

Ele pinça a ponte do nariz com os dedos e faz uma careta.

– É Ishida. Aquele homem nunca para de falar.

Encosto minha testa na dele. Vejo a dor de cabeça dele: uma névoa vermelha e pulsante que lentamente vai cedendo, à medida que eu a afasto com minha magia. Se pudesse, eu iria protegê-lo de todo o mal do mundo; uma dor de cabeça não é nada.

– Está melhor agora? – pergunto, e ele assente, parecendo estupefato. Agarro o ombro dele enquanto o mundo gira ao meu redor. – Sou capaz de curar problemas mais sérios também, mas há efeitos colaterais. Faz com que eu me sinta meio... tonta.

– Tonta? – Ele me firma colocando as mãos na minha cintura.

– Estou bem. Uma dor de cabeça exige muito pouca magia; montes de bruxas seriam capazes de curar isso. Ontem eu salvei a vida de uma mulher. – Fico surpresa com minha própria soberba. Nunca me senti assim a respeito da magia. Eu prossigo, num ímpeto impulsivo: – Quanto mais pratico, mais fácil fica. Sou a melhor do convento, tirando Irmã Sophia, e ela é a professora de cura. Eu gosto de ajudar as pessoas. Em Harwood, eu me senti como se... como se estivesse fazendo algo útil, algo bom.

– Em Harwood? – A voz de Finn se eleva. – Você esteve em Harwood?

Confirmando com a cabeça e me afastando um pouco para olhar melhor o rosto dele. Sua testa está franzida, os olhos castanhos estão cheios de preocupação atrás dos óculos.

– Não fui sozinha. Irmã Sophia leva garotas até lá em missão de enfermagem uma vez por semana. E pude conhecer minha madrinha, Zara. Sua mãe já a mencionou para você?

– As Irmãs permitiram que você fosse a Harwood? – Ele parece chocado com isso.

– Eu estava em perfeita segurança – garanto a ele. – Irmã Cora, a diretora, pediu que eu fosse até lá conversar com Zara sobre os oráculos anteriores. Existiram dois entre o Incêndio do Grande Templo e Brenna.

– O que aconteceu com elas? – pergunta Finn, preocupado.

– É um pouco desconcertante – confesso. É um alívio contar a ele sobre a tortura, as experiências e a loucura que Thomasina sofreu. Eu não quis preocupar Maura e Tess, mas ontem à noite sonhei que os Irmãos me caçavam carregando tochas. Ishida estava bem na frente do bando, dando gargalhadas estridentes. Foi pavoroso.

Rezo para que tenha sido apenas meu medo, e não uma premonição.

– Pelo bom Senhor. – As mãos de Finn se apertam em volta de minha cintura. – Como é que podem torturar garotas dessa maneira e ainda assim alegarem serem homens do Senhor?

– Se forem bruxas, ninguém se incomoda. – Minha voz falha e eu apoio a bochecha no ombro dele. – Você soube das garotas que estão presas no porão do prédio do Conselho Nacional?

Finn passa a mão nos meus cabelos.

– Soube. Agora são nove.

Mais uma desde o relatório que Cora recebeu.

– Não sei o que fazer – confesso. – Maura e Tess estão aqui agora. Maura culpa Irmã Cora por não se esforçar mais para proteger as garotas, e culpa Brenna também, por revelar aos Irmãos que o oráculo está aqui em Nova Londres. Ela acha que devemos assassinar Brenna antes que ela conte algo que tenha a ver conosco.

– O que você acha? – pergunta Finn, e se afasta para poder olhar para mim.

Fico tão contente de poder conversar com ele. Quando estou com Finn, não me sinto culpada por ainda não ter as respostas.

– Não quero nem pensar nisso. Mas se ela souber que a bruxa da profecia é uma de nós, pode fazer com que venham até aqui. Não sei como impedir isso. Não sei como impedir *nada* disso.

Finn retesa o maxilar.

– Sinto uma certa tentação de levar você embora daqui agora mesmo. Para algum lugar remoto onde ninguém jamais iria nos encontrar. Se eu achasse que você viria comigo...

Fecho os olhos com força para segurar a tentação.

– Não posso. Preciso cuidar de Maura e de Tess. E se não for eu? E se for mesmo uma delas?

– Isso seria um grande alívio para mim. – A voz de Finn fica muito grave. – Você se preocupa com o que a profecia significa para elas, mas eu me preocupo com *você*, Cate. Alguém precisa se preocupar. Você iria se sacrificar sem pensar duas vezes para garantir a segurança delas. Você iria sacrificar a *nós*.

As palavras deles pairam entre nós, um lembrete de que já fiz isso.

– Não sei se eu seria capaz de fazer isso de novo – retruco com sinceridade. – Eu sei que estar aqui é perigoso para você. Eu deveria mandá-lo embora, mas não quero desistir de você. É egoísmo da minha parte.

– Que bom. Seja egoísta. – A boca de Finn clama pela minha num beijo ardente e minha mente se esvazia de tudo, exceto do contato das mãos dele, de seus lábios, de sua língua.

Ele se afasta para tirar a capa. Por baixo, veste uma camisa bem engomada de linho branco, um colete cinza e calça de linho cinza combinando. Ele está bem na moda, bonito. Mas não se parece exatamente com meu Finn, amarfanhado, desajeitado e estudioso.

Começo a mexer nos cabelos dele, passando os dedos pelos fios grossos. Deslizo os dedos por baixo da gola e solto o botão de cima quando minha boca roça seu pescoço. As mãos dele apertam minhas costas num reflexo e me ancoram contra ele. Sem meu corpete pesado entre nós, os botões de seu colete cutucam minha barriga.

Mexo no botão de cima do colete dele e, quando abre, mexo no seguinte. Finn mordisca o lóbulo da minha orelha.

– Está tirando minha roupa?

Estremeço com a respiração dele na minha orelha e chego ao terceiro botão.

– Tem alguma objeção?

– Não. – A voz dele está um pouco rouca quando tiro o colete e o jogo no chão. Meus braços voltam a envolver seu pescoço; os músculos marcados de seus ombros se retesam sob as pontas dos meus dedos.

Fico imaginando como ele seria sem camisa.

Fico imaginando como ele seria sem roupa nenhuma.

Se eu tivesse ficado em Chatham, se tivesse recusado as Irmãs, será que estaríamos casados agora, compartilhando a mesma cama todas as noites? Eu me aperto com mais força de encontro a ele enquanto suas mãos deslizam sob minha capa, acariciando as laterais do meu corpo. Fico corada de pensar em quanto desejo aquilo.

Então a porta se abre e nós nos separamos.

Maura está à porta, a neve sopra para dentro, de trás dela.

– Eu perguntaria o que vocês estão fazendo, mas é bastante óbvio – solta ela, irritada.

Ajeito meu cabelo desgrehado, vermelha até não poder mais. Finn se vira e pega o colete.

– Eu não estava conseguindo dormir, por isso fiquei olhando a neve. Vi vocês pela minha janela... mas isso aqui está pior do que eu imaginava! Onde está com a cabeça, Cate? Qualquer um poderia ter visto vocês!

Ela não precisava parecer tão escandalizada.

– Está tudo bem aqui, Maura. Volte para a cama.

– Você acha que vou deixar você aqui para continuar com isso? Com ele? – Maura cospe, ultrajada, e percebo que não está preocupada com minha virtude. – Será que você não tem nenhum bom senso? Nenhum orgulho?

Finn me lança um olhar magoado enquanto se atrapalha para vestir a capa.

– Você não contou para suas irmãs?

– Eu não contei para ninguém – explico.

– Compreendo o que isso deve parecer – diz ele. – Mas garanto a você, Maura, que só tenho as intenções mais honrosas em relação à sua irmã.

– Bem, minha irmã pode ser tola o bastante para acreditar nisso, mas eu não sou. Cate, ele rompeu qualquer promessa que tenha feito a você. Agora ele é um *Irmão!* – A porta bate e se fecha atrás dela quando Maura avança com passos firmes, apontando para o anel de prata no dedo de Finn.

Ele se vira para Maura e a capa preta esvoaça ao seu redor. Como ele consegue fazer um símbolo que detestei a vida toda parecer tão ousado?

Arrisco dizer que ele poderia fazer qualquer coisa parecer ousada para mim.

– Eu só me juntei aos Irmãos para ajudar Cate. Para ser capaz de sustentar uma esposa – afirma ele.

Maura dá risada.

– Por favor me diga que não acredita nessa bobagem, Cate. Depois que ele acabar com você, o que vai acontecer? As Irmãs supostamente devem ser castas; você seria presa se alguém descobrisse! Está se colocando em perigo por causa de alguns beijos, e isso coloca todas nós em perigo. Será que você nunca pensa em ninguém além de você mesma?

– Eu não... ? – Finn é a única parte da minha vida que é *só* minha, e ela quer que eu me envergonhe por isso? Que despreze como se fosse algo insignificante? Ela sempre é muito rápida para tirar as piores conclusões a meu respeito.

Raiva e vergonha se chocam dentro de mim, e minha magia se ergue, intrinsecamente ligada às minhas emoções. Faço Maura recuar pelos ares vários passos, lançando-a contra a parede de vidro. Não foi com força suficiente para feri-la, mas foi repentino o bastante para surpreendê-la.

Nunca usei magia contra ela, mas quero que saiba que isso é sério.

– Cale a boca, Maura, e nos dê uma chance de explicar.

– O que você está fazendo? – berra ela, estridente. O cabelo ruivo está se soltando da trança solta; suas botas deixam poças pelo chão.

– Ele já sabe que sou bruxa. Sabe de tudo. Eu confiaria minha vida a Finn. Mais do que isso, eu confiaria *sua* vida a ele.

Maura arqueja.

– Está louca? Ele pode ser um espião!

Finn segura minha mão.

- Eu sou espião. Para a Irmandade.
- O quê? – Os olhos azuis dela se arregalam.

Eu me afasto dele.

- Tem certeza? Mas e o emprego no Arquivo?
- Tenho certeza – responde Finn, e passa a mão nos cabelos.
- Vou me inscrever para o outro cargo, se é lá que me provarei mais útil para a Irmandade.

De quais informações Irmã Inez precisa?

– Irmã Inez sabe que você se encontra com Finn? Ela *aprova*? – Maura desaba contra a parede. O algodão azul molhado de sua camisola aparece por baixo da capa preta nova.

– Ela acha que Finn pode ser um aliado valioso – explico.

– E você está apaixonado por ela? – pergunta Maura a Finn. Todo o ímpeto de luta se esvaiu dela. De repente, parece muito pequena, com mechas de cabelo ruivo formando cachos ao redor do rosto pálido. – Está disposto a arriscar sua vida por ela?

– Estou. – Finn se vira para Maura com toda sinceridade. É imponente, conforme já sei muito bem. – É importante que eu faça alguma coisa. Mesmo antes de eu me apaixonar por Cate, eu discordava das atitudes dos Irmãos. Vejo diariamente o desprezo que os homens que me cercam têm pelas bruxas, vejo como têm pouco respeito pelas mulheres. Falam sobre o que fariam com as bruxas caso as pegassem, caso não houvesse leis para impedi-los. – Seu rosto fica sombrio. – Se eu não fizer algo para lutar do lado certo, que tipo de homem serei?

Ele é um homem bom, honroso. Olho fixamente para Finn, arrebatada mais uma vez por minha sorte.

Maura absorve tudo aquilo.

– Você nunca me disse que estava apaixonada por ele. – A voz dela é pequena, magoada.

Dou alguns passos até ela.

– Eu devia ter contado a você desde o começo. Sinto muito.

Maura sacode a cabeça e lágrimas tomam conta de seus olhos azuis.

– Tudo é tão fácil para você, Cate. Não é justo.

Sem me dar tempo para responder, para argumentar contra a óbvia inverdade, ela ergue as saias e sai correndo para fora, para o meio da neve.

Eu me volto mais uma vez a Finn, enterrando meu rosto nas mãos. Eu devia ter contado a verdade a respeito dele às minhas irmãs. Por mais que Maura alegue ter superado Elena, é óbvio que não superou. Se não fosse assim, não reagiria dessa maneira ao me ver feliz.

Finn coloca a mão no meu ombro.

– Será que você deve ir atrás dela?

– Não. Vou tentar conversar com ela amanhã. Ela teve uma... desilusão. Talvez ainda não tenha superado do jeito que imaginava. – Como foi que tudo se transformou em competição entre nós? Como é que o meu relacionamento pode tirar qualquer coisa dela?

– Às vezes é melhor deixar os ânimos esfriarem. Talvez tudo tenha sido esquecido até amanhã.

De algum modo, eu duvido que isso aconteça.

– Você e Clara brigam?

Finn assente, contorcendo os lábios.

– Muito. Ela me acusa de ser sabichão e mandão, imagine só.

– Nunca. – Dou risada e pego a mão dele. – Quero discutir essa espionagem um pouco mais. Não me sinto muito à vontade com...

– O que você faria se eu a proibisse de voltar a Harwood? – interrompe ele, e ergue a sobrancelha para mim.

– Você jamais iria me proibir de nada – retruco, enrugando o nariz. Essa é uma das coisas que eu mais amo nele.

– Tem toda a razão. Por isso, preciso que me conceda o mesmo respeito – diz ele.

– Claro que eu *respeito* você. Não seja bobo. Você é a pessoa mais inteligente que conheço, tirando Tess, talvez. – Respiro fundo e aliso o colete dele. Em sua pressa para vesti-lo, ele fechou os botões todos errados. – Só estou com medo. Não quero perder você.

– Não vai perder. Permita que eu corra os mesmos riscos que você, Cate. – Sou puxada para um abraço e dessa vez me agarro a ele. A ansiedade brota dentro de mim, sombria e incômoda.

Eu não sabia que existia algo comparável ao medo de perder uma de minhas irmãs, mas isso aqui me atinge com a mesma profundidade. E se eu nunca mais escutar o farfalhar caloroso de sua risada, ou nunca mais puder conversar sobre meus problemas com ele, ou nunca mais puder beijá-lo?

A ideia terrível de um mundo sem Finn Belastra me dilacera. Eu o amo. Eu *sabia* disso. Fiquei de luto pelo casamento que não aconteceu. Fiquei preocupada com a possibilidade de ele não me perdoar ou de eu passar anos sem vê-lo. Mas eu sabia que ele estaria em segurança em Chatham. Eu era capaz de imaginá-lo cumprindo seus afazeres diários, dando aula na escola dos meninos, aturando os sermões de Irmão Ishida, jantando no apartamento da mãe. Eu era capaz de imaginar a geografia de sua vida, muito embora eu não fizesse mais parte dela. No entanto, a imagem dele morto e pálido, tal como minha mãe, enterrado num cemitério em algum lugar... é mais do que sou capaz de suportar.

Não consigo respirar, não consigo pensar além do pânico repentino. Não posso perdê-lo. *Não posso.*

– Cate. – Finn levanta meu queixo com um dedo e eu o beijo. Eu o beijo como se eu fosse me estraçalhar em mil pedacinhos se não o fizesse; eu o beijo como se meus lábios nos dele pudessem protegê-lo de qualquer perigo.

Quando Finn se afasta, lágrimas estão se empoçando em meus olhos. Deixo a cabeça pender para que ele não as veja.

– Você precisa entrar – diz ele. – A gente se encontra em breve. Prometo.

Enrosco meu dedinho ao dele. O mais leve roçar de sua pele quente e sardenta contra a minha.

Meneio a cabeça em concordância e finjo que acredito. Mas ele não pode me fazer promessas assim.

Nenhum de nós pode.

capítulo

Na tarde seguinte, Alice, Mei e eu saímos para entregar comida aos pobres. Uma nuvem de descontentamento parecia ter se assentado em cada um dos apartamentos que visitamos. As mães pareciam fechadas e preocupadas, e apesar de não ousarem soltar nenhuma palavra de reclamação, pensavam em voz alta sobre como fazer as verduras e legumes durarem mais em forma de sopa. Filhas que até a semana anterior trabalhavam em lojas olhavam feio para nós, por cima da costura, e andavam de um lado a outro feito felinos enjaulados.

Sinto uma pontada de culpa por saber que algumas delas poderão ir para a cama com fome até o fim da semana. De todas as preocupações que sempre tive, essa nunca foi uma delas. Será que podemos fazer mais para ajudar? Se nós deflagrásemos a guerra contra os Irmãos, será que essas famílias ficariam em melhores condições?

Os homens que estão em casa não hesitam em erguer a voz. Pais resmungam a respeito do fardo extra que as novas medidas dos Irmãos representam para seu bolso; avôs de idade avançada fazem piada sobre voltarem a trabalhar. Vejo mais de um homem enfiar um jornal embaixo das almofadas do sofá quando entramos, e sei que não se trata da publicação sancionada *Sentinela de Nova Londres*, o arauto dos Irmãos. Parte de mim tem medo deles, mas suas reclamações também me enchem de esperança. Talvez finalmente estejam enxergando a crueldade dos caprichos dos Irmãos.

– Eles têm montes de dinheiro nos cofres, graças às nossas contribuições! – O Sr. Brooke costuma ser alegre, apesar da perna quebrada que o impede de trabalhar na fábrica. Mas não hoje. Está acomodado em uma poltrona dura, com a perna apoiada num banquinho e as muletas escoradas no canto atrás dele. Ele e a família ocupam metade de uma casinha de tijolos de dois andares, logo depois dos limites do bairro do mercado. – Veja bem, não estou sugerindo que as garotas devam sair saltitantes pela cidade afora nem que tenham ocupações que não sejam decentes. Minha Molly trabalhava na floricultura da esquina e ela flertava discretamente com os homens para convencê-los a comprar flores para suas esposas, mas era só para ajudar nos negócios, sabe? Ela vendia mais flores do que qualquer outra garota.

– Papai, quieto! – Molly é uma garota bonita, com olhos assustados, da cor de centáureas-azuis. – Está tentando fazer com que eu seja presa?

– Nós não vamos dizer nada – prometo a ela, e suas agulhas de tricô retomam o serviço.

O Sr. Brooke franze a testa.

– Eu não quis passar nenhuma ideia errada a respeito disso. Molly é uma boa garota.

– Claro que é. – Mei sorri. Alice apenas funga, como sempre.

Há conversa sobre mais garotas desaparecidas também, garotas que os Irmãos desconfiam ser o oráculo. As irmãs Chen cochicham a respeito da prima de uma amiga que morava do outro lado da cidade. Dizem que os Irmãos ouviram vizinhos fofocando a respeito de um sonho estranho que ela tivera, e então a levaram embora, dizendo à família que a esquecesse. Como se fosse algo assim tão fácil.

Pelas minhas contas, agora são dez garotas.

Durante toda a tarde, caminhamos pelo limite tênue entre a solidariedade para com as famílias que visitamos e as críticas à Fraternidade. Depois de visitarmos a última casa, já acomodadas na carruagem para retornar ao convento, eu me viro para Mei:

– Você acha que a situação está assim na cidade toda?

Mei assente.

– Meu irmão diz que as pessoas estão falando sobre organizar uma manifestação.

– Isso nunca aconteceu, não é? – Mas será que eu saberia, tendo passado a vida enfiada em Chatham?

– Não desde a época em que as Filhas de Perséfone estavam no poder – responde Mei. – E todas nós sabemos o que aconteceu depois.

Estamos quase em casa quando a carruagem para de supetão. Mei escorrega e cai no chão. Imagino que Robert tenha precisado puxar as rédeas para evitar entrar na traseira de uma carroça e fico com pena da boca dos cavalos, até que...

– Veja! – Alice aponta através da janela com o dedo trêmulo. A rua está cheia de carruagens pretas com o selo dourado dos Irmãos. Meu coração dispara. Conto seis delas, e isso significa pelo menos duas dúzias de Irmãos. Por que tantos? A não ser que haja algum problema...

Deve haver algum problema.

Maura e Tess estão lá dentro.

Alguma voz baixinha e sensata observa que eu devia sair correndo na direção oposta. Que se eu *for* o oráculo e os Irmãos me acharem, tudo pode ficar dez vezes pior. Na melhor das hipóteses, vão me torturar até que eu lhes faça profecias. Na pior, vão me queimar na fogueira na praça Richmond com todas as pessoas que amo assistindo ao espetáculo.

Eu sei disso; já ouvi com clareza da boca de gente em quem confio; mas não posso dar as costas para minhas irmãs se elas estiverem em perigo.

E não me preocupo apenas com Maura e Tess. De algum modo, nas últimas semanas o convento conseguiu se tornar parte de mim. Não sei determinar exatamente o momento em que isso aconteceu, mas passei a sentir que este é meu segundo lar, e as garotas aqui são minha segunda família. Rilla, Addie, Daisy, Irmã Sophia, a pequena Lucy Wheeler... todas me conhecem melhor do que meu próprio pai, e eu não quero que nada de mau aconteça a nenhuma delas. Não se eu puder evitar.

Abro a porta da carruagem, levanto as saias e pulo para o calçamento de pedra.

Alice e Mei vêm logo atrás de mim. Robert dispara em direção ao convento, na nossa frente, e não posso culpá-lo por abandonar as garotas que estava conduzindo. Ele deve estar louco de preocupação pela segurança de Vi. Corremos atrás dele, subindo a escada em disparada.

O hall de entrada está lotado de Irmãos. Um deles está postado no patamar do primeiro andar, segurando uma folha de pergaminho e chamando nomes com uma voz aguda e

anasalada. Há garotas enfileiradas no corredor. Uma a uma, são levadas para as salas de aula e para a sala de visitas da frente. É fácil avistar Maura, resplandecente com um vestido amarelo ensolarado com uma faixa vermelha larga, mas não vejo Tess.

Um Irmão gordo com um chumaço de cabelo loiro e olhos vorazes agarra meu braço quando passo por ele.

– Você aí, espere um minuto. Qual é o seu nome?

Baixo a cabeça, tentando desacelerar a respiração depois da corrida enlouquecida. Tento demonstrar despreocupação, como se não houvesse nada a temer.

– Catherine Cahill, senhor.

Ele consulta uma lista. Espio por cima de seu cotovelo e vejo que há um rol de alunas e alguns nomes estão riscados.

– Você já foi chamada. Disseram que estava fora, entregando rações às margens do rio.

– Sim, senhor. Acabei de voltar.

O que está acontecendo? Onde está Tess?

– Venha comigo – diz ele. Garotas saem da frente rapidamente enquanto ele percorre o corredor com passos pesados e faz um gesto para a sala de Ilusionismo. – Entre aqui.

Três Irmãos estão na frente do quadro negro. O mais velho está sentado à mesa de Irmã Inez, tem uma pena na mão e um pergaminho em branco diante de si. Fico ali, em pé, os olhos voltados para baixo, numa postura recatada, as mãos cruzadas na frente do corpo.

– Nome? – vocifera um deles.

– Catherine Cahill, senhor. – Ouço o escriba anotar minha resposta enquanto olho fixamente para as tábuas do assoalho brilhantes da sala de aula de Irmã Inez. Provavelmente alguém as encerara de ontem para hoje. A sala ainda tem um cheiro leve de limão.

– O que a trouxe para a Irmandade, senhorita Cahill?

– Eu queria poder servir aos pobres e enfermos. Executar trabalho caridoso em nome do Senhor. – Pura de coração, dócil de espírito e casta de hábitos. É isso que devo aparentar. Não vão me prejudicar se eu responder às perguntas corretamente.

– Acha esse tipo de trabalho agradável? – rosna ele.

Agradável? Que resposta eles querem? Penso no Hospício de Harwood, nas garotas da ala das que se recusam a cooperar, e mal consigo suprimir um calafrio.

– Não, senhor, mas faço isso pela graça do Senhor. O trabalho me faz grata por minhas próprias bênçãos.

A pena raspa contra o pergaminho mais uma vez. Será que ele está escrevendo só minha resposta ou algo mais?

– Qual é a virtude mais importante de uma jovem dama, senhorita Cahill? – pergunta outra voz.

– Obediência. – Fomos treinadas a dar essa resposta desde pequenas.

– Muito bem. Já teve alguma premonição, senhorita Cahill? Uma sensação muito forte, talvez de algo que estava prestes a acontecer? Um sonho que depois se tornou realidade? Olhe

para nós quando der sua resposta.

Então é por isso que estão aqui. Estão à caça do oráculo.

Olho para eles com expressão de choque.

– Não, senhor. Nunca.

– Ouviu dizer que tal coisa tenha acontecido com alguma das garotas daqui?

Nem pisco.

– Não, senhor.

– O que pensaria de uma garota que sentisse tais coisas?

– Iria considerá-la maldosa e presunçosa, senhor. Precisamos colocar nossa fé no Senhor para que Ele nos guie, e nunca pensar que é obra de mortais fracos e pecadores como nós – explico. Meus olhos recaem no abajur de vidro azul na mesa de Irmã Inez. Ela o limpou.

O velho de costeletas que está à mesa pousa a pena e me lança um sorriso.

– Muito bem, senhorita Cahill. Está dispensada. – Ele não perde tempo com bênçãos ritualísticas, simplesmente faz um gesto de dispensa.

– Muito obrigada, senhor. – Eu me apresso de volta ao corredor, ansiosa para encontrar minhas irmãs.

Maura está com Vi na frente da biblioteca.

– Ainda estão interrogando Tess – diz ela, os ombros rígidos de tensão. – Ela está lá dentro há muito tempo.

Agarro a mão de Maura enquanto luto contra o medo que toma conta de mim.

– Tenho certeza de que está tudo bem com ela.

– Claro que sim. – Mas Maura aperta meus dedos entre os dela; a discussão de ontem à noite foi esquecida.

As perguntas dos Irmãos não foram muito difíceis. Se eu consegui manter a calma e responder de maneira apropriada, arrisco dizer que Tess não terá nenhum problema. Mas à medida que os minutos vão se passando, minha mente busca desastres em potencial. Ela está em uma biblioteca. E se quiserem saber a respeito das insídias morais dos romances? E se lhe perguntarem sua posição a respeito da queima de livros? Será que ela vai ser capaz de mentir de maneira convincente?

A porta da biblioteca se abre de repente e dois Irmãos saem arrastando uma pequena figura loira.

– Vamos levar esta garota conosco para mais interrogatórios.

O apertão de Maura vai ficando mais forte, a ponto de eu achar que os ossos de minha mão vão quebrar. Sinto um aperto no coração antes de reconhecer Hope Ashby, amiga de Lucy.

Nós nos encolhemos de encontro às paredes. Irmã Cora sai da sala de visitas da frente.

– Posso perguntar sob que alegações?

– As respostas dela às nossas perguntas não foram satisfatórias. Acreditamos que ela possa ser um oráculo ou saber da existência de algum.

Meu coração dispara. Hope tem 12 anos e está apavorada. E se a torturarem? Ela não vai conseguir se calar. Irmã Cora precisa fazer alguma coisa para impedir que a levem.

– Irmã Cora, por favor me ajude! Me ajude – implora Hope.

– Se você for inocente, logo retornará a nós. – O rosto de Irmã Cora carrega um tom pálido enfermo e seu sorriso é falso. Ela deve saber que não voltaremos a ver Hope.

Vejo meu pavor refletido no rosto de todas as garotas ao redor. Irmã Cora não pode... não vai... nos salvar. Parte de mim acredita que, se eu estivesse no lugar dela, eu faria mais. Lutaria com mais afinco. Mas a parte pragmática sabe que ela está sacrificando Hope para proteger o restante de nós.

Os Irmãos começam a arrastar os pés porta afora, evidentemente contentes agora que efetuaram uma prisão. O sujeito que estava chamando nomes aos pés da escada enfia os papéis numa bolsa a tiracolo preta e pigarreia.

– Que isto sirva de lição. Ninguém está isento. A perfídia é capaz de se infiltrar até nas almas mais jovens e mais inocentes, e nós vamos desenraizá-la e puni-la em qualquer lugar que a encontrarmos. – Ele faz uma mesura a Irmã Cora. – Obrigada por sua cooperação, Irmã. Retornaremos em breve para conduzir uma nova busca.

Os Irmãos saem em fila, levando Hope. Tess sai da biblioteca abraçando Lucy, que não para de soluçar. Quando me vê, seu rosto se contrai, ela larga Lucy e corre para me abraçar pela cintura.

– Levaram Hope! – soluça ela.

O rosto claro de Maura parece adoentado.

– Graças ao Senhor não foi você.

– *Devia* ter sido eu – choraminga Tess, e enterra o rosto no meu ombro. – Hope não sabe nada de nada! Ela simplesmente ficou *paralisada* quando a interrogaram. Ah, Cate, foi horrível!

– Eu sei – murmuro. Dou tapinhas de consolo no ombro dela e olho para Maura, mas ela já se virou para o outro lado e está se afastando, seguindo pelo corredor em direção a Alice.

Atrás dela, Irmã Cora, que se apoiava pesadamente no suporte do corrimão ao pé da escada, agora desaba no chão, desfalecida.

– Carreguem-na até a sala de estar, vou cuidar dela lá – instrui Irmã Sophia. – Ela não devia estar executando magia, doente como está.

– O que ela fez? – Ouço Maura perguntar, olhando com desprezo para nossa diretora desfalecida. – Certamente não ajudou Hope.

– A senhorita Ashby não pode revelar aquilo que não lembra – diz Irmã Inez simplesmente. Ela bate palmas duas vezes e todas as alunas se reúnem no saguão de entrada. – Garotas, minha intenção não é alarmá-las, mas talvez este seja um momento de alerta. Essa foi a primeira busca que os Irmãos conduziram aqui, mas não será a última. Precisamos ser vigilantes. Se vocês possuem qualquer livro que não seja permitido, providenciem para que

permaneçam ocultados por magia sempre que não estiverem em uso. É óbvio que a Irmandade já não está acima de suspeita.

Na manhã seguinte, eu me dirijo para a biblioteca com uma braçada de livros de anatomia, cheios de diagramas do corpo humano. Embora tenhamos argumentado que nosso poder de cura é de caráter mágico, Irmã Sophia está determinada a nos fazer aprender ciência também. Nossa tarefa agora é memorizar os duzentos e poucos ossos do corpo humano. E apesar de eu estar um pouco preocupada com o fato de os Irmãos estarem fechando o cerco sobre os supostos oráculos, e por Finn estar se candidatando a um emprego que pode causar sua morte, não estou disposta a parecer ignorante diante das outras garotas.

Estou descendo a escada para o primeiro andar quando passo por Tess, que está subindo. Sorrio, mas ela parece perdida em pensamentos. Nada fora do comum. Mas então ela pisa sem querer na barra de seu vestido de brocado cor de pêssego, tropeça e os livros caem de seus braços. Ela se apoia nas mãos e joelhos segundos antes de seu rosto atingir a balaustrada de madeira.

– Está tudo bem com você? – pergunto, sem fôlego. Ela sempre esbarra nas coisas quando está com a mente preocupada, mas não costuma cair quando está *subindo* uma escada.

Ela olha para mim... não, *através* de mim, com os olhos cinzentos, sem foco.

– Tess? – Estendo a mão para ajudá-la a se levantar, mas ela não faz menção de pegá-la.

– Está tudo bem – diz, e se levanta sozinha.

Tess não parece nada bem. Está pálida. Seu sorriso é forçado e ela não me fita nos olhos.

Eu me abaixo e recolho os livros dela: dois volumes grossos e gastos sobre a história da bruxaria.

– Você se machucou?

– Eu disse que está tudo bem, não disse? Você ficou surda? – Ela tapa a boca com a mão.

Mordo o lábio.

– Desculpe. Eu não queria aborrecer você.

– Não é você. – Agora ela olha para mim como se nunca tivesse me visto, como se estivesse me examinando, avaliando.

– Tem uma coisa que preciso lhe contar – diz ela finalmente. É evidente que passei na inspeção. – Podemos ir para o seu quarto?

– Claro que sim. – Meu estômago se contorce enquanto a conduzo ao andar de cima. Por que ela parece tão desalentada?

O sol penetra no quarto pela abertura das cortinas de Rilla, traçando faixas nos tapetes coloridos pendurados, refletindo no espelho acima da penteadeira. Incito Tess a entrar e fecho a porta.

– Rilla tem aula de botânica por mais uma hora, então não vamos ser interrompidas.

Sinto uma pontada bem pequena de ciúme, desejando que tivesse tempo na minha grade para aulas de botânica. Minha colega de quarto mal sabe a diferença entre tulipas e rosas, ou

entre peônias e ranúnculos.

Tess se senta aos pés da minha cama, os joelhos apertados junto ao peito. Tiro as sapatilhas e me sento na outra ponta, de frente para ela, minhas pernas compridas esticadas entre nós. Quero enchê-la de perguntas, mas mordo a língua. Sei por experiência própria que Tess vai falar quando estiver pronta, e nem um segundo antes.

– Não há maneira simples de dizer isso. Você promete que escuta sem interromper?

Viro o anel da Mãe no dedo.

– Prometo.

Tess apoia o queixo pontudo nos joelhos e olha para mim, com o rosto franzido, igual ao do Pai.

– Ando tendo visões. No começo, não tive certeza. Começou... Bom, acho que começou há algum tempo, mas não me dei conta do que era. Quando acontece, parece que minha cabeça fica leve, e às vezes eu perco a noção de onde estou. Estou com alguns hematomas pelo corpo, de bater nas coisas. Durante um tempo, achei que estivesse tendo alucinações, que fosse uma febre ou algum tipo de ataque. Mas então as coisas que eu via começaram a acontecer. A fogueira, os Irmãos queimando pilhas de livros. A família Dolamore mudando para longe depois da prisão de Gabrielle. O pequeno Adam Collier caindo no lago congelado. Nossa gata tendo gatinhos no celeiro... três brancos como a neve, um preto. Como eu era capaz de enxergar essas coisas antes de acontecerem? Como eu poderia saber?

A voz de minha irmãzinha soa calma enquanto ela explica como deduziu pela lógica que é vidente.

– Esses são apenas alguns exemplos. Eu tive uma dúzia de visões, e até agora, que eu saiba, sete se realizaram. – Os olhos de Tess estão fixos nos meus. – No começo não acontecia com muita frequência, mas agora... Tive duas só nessa semana. Acho... Cate, acho que *eu* sou o novo oráculo.

Eu me esforço para manter o pânico afastado do rosto. Não posso assustá-la.

– Você contou para mais alguém? – sussurro.

Tess sacode a cabeça. Hoje o cabelo dela está penteado em duas tranças loiras compridas.

– Não. Eu não quero... – Ela engole em seco e sua voz treme só um pouco. – Não quero que as pessoas pensem que sou louca.

Minha postura se despedaça. Mergulho até o outro lado da cama e a envolvo num abraço bem forte. A pele dela tem cheiro de baunilha e especiarias.

– Ninguém iria pensar isso. Você é a pessoa mais sã que conheço. Veja só como está calma. Se fosse eu, estaria escondida embaixo da cama.

Tess enterra a cabeça no meu ombro e esfrego as costas dela desenhando círculos, do mesmo jeito que costumava fazer quando ela acordava chorando por causa de pesadelos.

– Brenna ficou louca – balbucia ela junto ao meu pescoço.

Eu a afasto e olho bem para aquele rostinho preocupado.

– Você não é Brenna Elliott.

– Ela é a única pessoa que conheço que tem visões.

A preocupação dela me deixa de coração partido. Esse também foi meu medo inicial. Há quanto tempo ela estaria em pânico por causa disso? É um fardo pesado demais para se carregar sozinha.

– Brenna não estava tão mal antes de ter sido mandada para Harwood. Isso não vai acontecer com você.

– Se os Irmãos soubessem... se alguém mais descobrisse...

– Ninguém vai descobrir. – Minha voz é pungente. – Você é uma bruxa, Tess, e é muito poderosa. É capaz de realizar magia mental. Se alguém desconfiar, você pode se proteger.

Até a Mãe aprovaria isso.

– Os Irmãos estão matando todas aquelas garotas porque estão à minha procura – sussurra Tess. – Levaram Hope embora ontem e... e Maura quer matar Brenna, e a culpa é toda minha.

– Não. – Ponho as mãos nos ombros dela e a encaro bem nos olhos. – A culpa não é sua. A coisa toda é... é terrível, mas não é por sua causa.

Tess mexe no pingente de ouro em seu pescoço.

– É tão estranho, Cate. É igual a um lampejo de alguma lembrança, só que enxergo algo que ainda não aconteceu. É tão claro quanto uma fotografia. Na escada, agora há pouco, vi Irmã Evelyn escorregar no gelo e quebrar o braço. Não sei quando vai acontecer... hoje ou amanhã, ou em fevereiro do ano que vem. Mas sei que vai acontecer.

Irmã Evelyn ensina botânica e história, e é a pessoa mais velha que já vi. Sua pele é bege e enrugada, como uma castanha, e o cabelo dela parece feito de fiapos de algodão. Ela usa óculos de leitura em formato de meia-lua e parece suscetível a ser soprada para longe por qualquer vento mais forte, mas ainda assim consegue cuidar de suas orquídeas premiadas na estufa.

Tiro os grampos do meu cabelo, só para ter o que fazer com as mãos.

– Você viu alguma coisa que envolva a gente? – Ela hesita e eu entro em pânico. – O que você viu? Se não me contar, só vou ficar imaginando o pior.

Tess fica vermelha.

– Você e Finn Belastra. Estavam se beijando. Estava escuro. Você usava um vestido cor-de-rosa coberto de flores. É aquele que Elena acabou de trazer para você. Eu ajudei a escolher o tecido, depois de vê-la com ele. Você estava bonita.

– Ah! – Eu também fico vermelha.

– Vocês dois andam se encontrando em segredo, não é? – pergunta Tess. Não há censura em sua voz, e vejo como somos sortudas por ser Tess a pessoa a ter as visões. Tal dom seria apavorante caso estivesse no corpo da pessoa errada. Se fosse Maura... Bem, estou contente por ser Tess. – Ele é algum tipo de espião? Finn não pode acreditar na Fraternidade. Ele não é assim.

– Você viu isso também? – Eu me inclino para a frente, ansiosa.

Tess olha para mim como se eu fosse muito burra. Deve estar se sentindo melhor.

– Não. Isso é bom senso. Não vejo nenhum outro motivo para ele ter fechado a livraria, a menos que fosse para ajudar você de algum modo. Ele adora livros. – Ela me lança um sorrisinho cheio de sabedoria. – Ele deve amar você mais.

– Foi só isso que você viu a meu respeito, ou envolvendo Maura?

– Eu vi a gente abrindo a carta de Irmã Cora ontem. Foi por isso que derramei meu chá em cima dela – confessa. Ela pega um dos livros que estava carregando. – Ando lendo sobre os oráculos desde que cheguei aqui. Preciso saber se as visões sempre se tornam realidade ou se às vezes os detalhes mudam. Se eu vir coisas ruins, será que posso impedir que aconteçam? Eu me senti péssima quando Adam Collier caiu no lago congelado. O pai dele o encontrou a tempo e ele está bem, mas... poderia ter sido terrível.

– A culpa não seria sua.

Tess me lança um olhar enviesado.

– É gentil da sua parte dizer isso, mas você não iria se sentir assim caso fosse você, não é verdade?

Eu me apoio na cabeceira de latão, agora com o cabelo solto, caindo nos ombros. Ela não precisa de falsos consolos. Esse não é um problema de criança. Eu não posso continuar a tratá-la como se fosse bebê.

– Não, provavelmente, não. Fico contente por você ter me contado. Obrigada por confiar em mim.

Tess assente e traça círculos com a ponta do dedo na capa de couro vermelho.

– Acho que você é a única pessoa a quem devo contar por enquanto. Eu me sinto péssima por guardar segredos de Maura. – Ela respira fundo, num fôlego entrecortado. – Mas temo que ela vá ficar brava comigo se descobrir. Ela deseja tanto ser a bruxa da profecia. Mas isso é grandioso demais para eu guardar só para mim. Eu... estou com medo, Cate.

Eu também.

capítulo

10

Irmã Inez me segura depois da aula vespertina do dia seguinte. Eu caminho devagar até a mesa dela, com passos pesados, temerosa em relação à reprimenda que estou prestes a receber. A lição de hoje foi lançar feitiços em nós mesmas para ficarmos parecidas com Irmãos específicos. Rilla foi maravilhosa, impressionou a todas com sua imitação de Covington. Maura se transformou no Irmão Ishida durante a maior parte da aula. Já eu... embora tenha uma imagem muito distinta de O'Shea na cabeça, não consegui manter a ilusão durante mais de dois minutos por vez. O resultado: um sujeito de rosto comprido, magro e careca usando meu vestido de brocado cor de chocolate. A situação certamente mereceu a gozação de Alice e Maura, bem como este sermão.

Para dizer a verdade, não consigo parar de me preocupar com Tess. Eu nunca me animei muito com a ideia de ser a bruxa da profecia, mas detesto o fato de o fardo ter recaído sobre os ombros dela. Ainda faltam quatro anos para ela atingir a maioridade e poder liderar a Irmandade, mas, neste ínterim, vai querer se envolver na administração de Inez, e não consigo deixar de me perguntar como Inez vai reagir a isso. Tess é jovem, mas sempre teve opiniões muito fortes. Ela não vai ser fantoche de ninguém. Será que Inez estará disposta a considerar os sentimentos dela como conselhos, ou será que – tal como Maura – irá desprezar as opiniões de Tess como se fossem as de uma criança imatura?

Tenho orgulho de Tess por manter a cabeça no lugar, apesar do medo. Ela realmente é a mais inteligente e a melhor de nós três.

– Temos um problema, senhorita Cahill – diz Irmã Inez diz. Sua voz é dura, entrecortada, e percebo que isso é mais sério do que meu desempenho hoje.

– Temos? – pergunto.

– Irmão Belastra se apresentou para ser o escrivão de Denisof, mas parece que alguém se colocou no caminho dele. No *nosso* caminho.

– Quem? – Finn não deve nada a ninguém, a não ser sua mãe. Será que aconteceu algo em Chatham? Lembro-me de Hannah Maclay e estremeço.

– Irmão Ishida reluta em abrir mão de seu novo recruta – explica Inez. Enquanto fala, ela vai lançando ilusões sobre os livros em suas prateleiras, transformando-os de livros didáticos sobre magia em respeitáveis cartilhas de espanhol. Os doze espelhos de mão que mostraram nossos reflexos dos Irmãos durante a aula são transformados em pequenos cavaletes que exibem aquarelas inocentes. – Ele afirma que Belastra deveria servir no conselho de Chatham durante um ano inteiro antes de começar a trabalhar em algum outro lugar. Denisof tem status muito superior, mas escrivães existem aos montes. Ele não vai escolher Belastra se isso for causar confusão.

Que desgraça! Dentre todas as pessoas que poderiam se colocar em nosso caminho, tinha que ser logo Ishida. Eu *odeio* aquele homem.

– O que devemos fazer?

– Você deseja mesmo que Irmão Belastra permaneça em Nova Londres? – questiona Inez.

Meus olhos encontram os dela.

– Muito. – Talvez eu devesse abrir mão dele, enxergar isso como um sinal de que ele ficaria mais seguro em casa, mas a ideia de ele voltar a Chatham acaba comigo.

– Você conhece Ishida. Convoque-o para uma reunião. Use a magia para convencê-lo a deixar Belastra no cargo. – Inez se inclina por cima da mesa feito uma sombra comprida. – Você pode fazer isso?

Dou um sorriso. Para falar a verdade, não seria problema nenhum usar magia mental em Ishida.

– Posso.

– Excelente. O tempo urge, senhorita Cahill. – Há uma impaciência mal contida nela enquanto batuca os dedos ossudos na mesa. – Diga a Belastra que sua primeira ordem é descobrir a hora e o local do próximo encontro do Conselho Titular.

– Vou resolver isso hoje – prometo.

Dessa vez, não faço nenhuma pergunta.

Não consigo encontrar Rory em lugar nenhum. Ela não está no quarto do terceiro andar, que divide com Daisy, nem na sala de estar, nem na cozinha. A biblioteca é um lugar improvável para ela, mas confiro lá também. Irmã Gretchen está sentada atrás de sua mesa, lendo um romance alemão e observando um grupo de garotas estudando.

– Viu Rory? – sussurro.

– Cora mandou chamá-la há alguns minutos – responde Gretchen.

Ah, não. Subo dois degraus por vez. O que Rory aprontou para já ter sido chamada para uma reunião de disciplina? Ela me prometeu que iria se comportar! Ela parecia um pouco deprimida, talvez, mas não senti cheiro de bebida nem uma vez nem a ouvi fazendo piadas inapropriadas. Mas, sinceramente, ando preocupada. Talvez eu devesse ter cuidado melhor dela. Rory deve estar se sentindo solitária e meio louca de preocupação por Sachi.

Sachi. Mal tenho pensado nela ultimamente, com toda a agitação da chegada de minhas irmãs. Em que tipo de lugar ela deve estar presa? Por quais tipos de coisa deve estar passando, à espera de seu julgamento, ciente da probabilidade de ser condenada a Harwood pelo resto da vida?

Irrompo na sala de Irmã Cora, em pânico.

– O que quer que ela tenha feito, está arrependida – anuncio, sem fôlego. – Por favor, não a mande embora.

– Catherine – diz Irmã Cora. – Mas de que diabos você está falando?

– De mim, acho. – Rory está acomodada em uma das poltronas de estampa floral verde, perto da janela. Está com um vestido vermelho-tomate com enormes mangas bufantes e decote ousado. Parece mais uma cortesã do que uma freira. – Ela acha que ando me comportando mal. É uma suposição sensata, de fato, mas tenho sido uma aluna-modelo, Cate. Não ando flertando com nenhum homem pelas calçadas.

Irmã Cora dá uma risadinha. Irmã Sophia deve ter conversado com ela recentemente. Cora está com a aparência saudável e vigorosa, usa um vestido roxo com arremates prateados.

– Esta não é uma reunião disciplinar. Eu queria conversar com ela sobre sua prima, Brenna.

– Ah! Que bom! – Fico pairando junto à porta, sem graça. – Sinto muito por duvidar de você, Rory.

– Está perdoada. Para falar a verdade, foi bem simpático o jeito como você veio correndo para me salvar.

Irmã Cora faz um sinal para que eu entrasse.

– Agora que você está aqui, é melhor se juntar a nós. Victoria estava me contando um pouco sobre Brenna. – Ela faz um gesto e a cadeira de espaldar alto perto da escrivaninha desliza pela sala e se posta diante dela e de Rory.

Rory assente, a pena vermelha em seu cabelo se agita.

– Nós crescemos juntas, entrando e saindo uma da casa da outra dezenas de vezes por dia. O pai de Brenna e meu padrasto, Jack, eram irmãos. – Os olhos castanhos de Rory dançam com as lembranças, mas a luz dentro deles se esvai. – Quando minha mãe... ficou doente, a família de Brenna não permitiu mais que ela me visitasse tanto.

– Como foi que você ficou sabendo sobre as profecias? – pergunta Cora.

– Brenna nos procurou na véspera de Jack morrer. Ela pediu a ele que não fosse a Newburgh, que não fosse a lugar nenhum ao qual não pudesse ir a pé. Ele desprezou o pedido com uma risada. E então, no caminho de volta de Newburgh, o cavalo dele se assustou e a charrete bateu numa árvore. Exatamente como Brenna disse que ia acontecer. No dia seguinte ao enterro, o pai dela a mandou direto para Harwood.

Então Brenna tentou impedir que acontecesse. Ela já devia saber como era perigoso falar de ter visões, mas, mesmo assim, tentou avisá-lo, e vejam só o que recebeu em troca por sua preocupação.

Ninguém pode descobrir o que Tess é.

– Ela sempre foi um pouco fora do comum, mas foi Harwood que bagunçou a cabeça dela de vez – diz Rory com os lábios carnudos apertados, e percebo que ela devia estar pensando em Sachi. Se aquele lugar iria acabar com sua irmã, como fez com sua prima.

– Será que foi culpa de Harwood ou das profecias? É comum os oráculos enlouquecerem? – Tenho medo de perguntar, mas preciso saber. Será que houve outras além de Brenna e Thomasina?

– Ela não é a primeira – suspira Irmã Cora. – Mas as visões de Brenna não são a causa de sua doença ou, pelo menos, não são a *única* causa. Ouso dizer que vocês, garotas, precisam saber a verdade, principalmente você, Cate.

Rory e eu trocamos olhares assustados.

– Nós tentamos intervir no primeiro julgamento de Brenna. Quando eu soube que ela era um oráculo, quis mantê-la em segurança na Irmandade. Bruxa ou não, era o melhor lugar para

ela. – A voz de Irmã Cora é bondosa, como se estivessem fazendo um favor a Brenna. – Mas como ela não era bruxa, teve direito de escolha. Ela se recusou a vir para Nova Londres conosco. Estava com medo; quis ficar em Chatham. Sinceramente, não achei que fosse demorar até que ela voltasse a ser presa.

– Então *você* a mandou para Harwood? – Rory fica em pé num disparo, enfurecida.

Irmã Cora ergue a mão para silenciá-la.

– Essa não era nossa intenção original. Eu queria apagar a lembrança sobre nossa conversa e sobre nossa presença da memória de Brenna. Tinha levado comigo uma aluna capaz de executar magia mental. Achei que seria benéfico a ela testemunhar um julgamento. Permiti que ela compelissem Brenna. Infelizmente, deu tudo errado. Compreendam, esse é um risco que corremos todas as vezes que executamos magia mental. Desde então, Brenna não é mais a mesma.

Deve ter sido Alice que estragou Brenna.

A fala bizarra de Brenna de repente faz sentido. *Buracos na minha cabeça. Os corvos os colocaram ali. Eles foram ao meu julgamento. Os Irmãos me deixaram sozinha com eles. Fiquei com muito medo. Achei que fossem arrancar meus olhos com o bico, mas só levaram minhas lembranças embora.*

Fico tão horrorizada que mal consigo pensar. É por *isso* que a Mãe falava tão mal da magia mental, é por isso que nunca pode ser usada despreziosamente.

Ao mesmo tempo, uma parte minúscula de mim está *aliviada*. A loucura de Brenna não tem a ver com as visões. É uma coisa a menos para Tess se preocupar.

Há lágrimas nos olhos castanhos de Rory.

– Você acabou com ela. Permitiu que uma aluna treinasse nela. Você acabou com ela, e depois a abandonou!

– Victoria, compreendo que isso é difícil para você. Por favor, sente-se para que possamos conversar sobre o assunto – diz Cora. – Brenna não estava bem. Harwood era o melhor lugar para ela.

– Harwood é um lugar aonde ninguém vai para *melhorar* – intervenho. Cora deve saber disso.

– É mentira. Você tinha medo que ela as entregasse – acusa Rory, e avança sobre nós. Ela é tão alta quanto eu, mas voluptuosa em todos os lugares que não sou. Ela semicerra os olhos. – Você a mandou para lá para apodrecer, achando que ninguém ia prestar atenção aos devaneios de uma louca. Mas agora estão prestando atenção, e você... Eu ouvi os boatos. O conselho de guerra fez uma reunião para discutir se deve matá-la! – Lágrimas escorrem pelo rosto de Rory e ela treme como um floco de neve ao vento.

– Sinto muito. – Irmã Cora abre as mãos e sacode a cabeça branquinha. – Gostaria de prometer a você que a Irmandade não fará nenhum mal a Brenna, mas não posso. Meu dever principal é proteger nossas garotas, principalmente o próximo oráculo. Só posso dizer que, por enquanto, não temos intenção de causar nenhum mal a Brenna.

Eu me encolho. Senhor, mas que decisão terrível de tomar.

Fico feliz por não ser eu a tomá-la.

Será que em breve isso vai acontecer com Tess? Se Tess argumentasse contra o assassinato de Brenna, mas Inez argumentasse a favor, quem venceria essa disputa? Será que Tess teria *direito* a voto, na posição de futura diretora? Estou ajudando Inez e, no entanto, percebo que, se eu fosse o oráculo e tivesse de deixá-la governar no meu lugar durante alguns anos, e não meses, eu não ficaria inteiramente à vontade com o ajuste.

– Não pode prometer? Não *quer* prometer, você quer dizer. Se fosse Cate, você moveria mundos e fundos para libertá-la – acusa Rory, amarga. – Mas minha prima, minha irmã... elas são descartáveis!

Ela sai pisando firme rumo à porta e suas palavras me lembram dos avisos de Zara em relação a Cora. De repente ela está agitando os braços e deslizando de volta até nós. Então desaba desconjuntada em sua poltrona, como se empurrada por uma mão invisível.

Irmã Cora se levanta. Hoje ela não demonstra sinal de dor. Seus movimentos são graciosos e fortes.

– Você devia agradecer a Perséfone por não ser Cate. Sabe o que poderia acontecer se fosse? A profecia diz com muita clareza que, se ela cair nas mãos dos Irmãos, pode causar um segundo Terror. – Olhando com muita raiva para Rory, Cora ainda parece uma velha rainha sagaz em seu traje roxo. – Brenna não seria a única a ser presa. Nós todas seríamos encarceradas, ou coisa pior. Queimadas na cama à noite, como aconteceu com as bruxas no Grande Templo, ou nas praças das cidades por toda a Nova Inglaterra. Decapitadas na frente dos familiares, e nossos familiares decapitados também, como simpatizantes, se tentassem interferir. Amarradas a pedras e jogadas em rios para nos afogar. É isso que você quer?

– Claro que não! Só quero minha família de volta! – grita Rory.

– Rory. Vamos para o meu quarto conversar – sugiro e a puxo para sair. Preciso tirá-la daqui antes que perca o controle. Sinceramente, acho que ela tem certa razão. Irmã Cora tinha uma obrigação para com Brenna, e falhou.

– Você não pode consertar isso, Cate. – Já no corredor, Rory agarra a saia de cetim com os punhos rijos enquanto se afunda contra a parede. Eu a puxo para a alcova do assento da janela do terceiro andar. Nós nos acomodamos em almofadas macias e ficamos olhando para a neve que cai do céu cinzento.

– Eu não posso resolver a situação de Brenna – reconheço. – E não posso impedir que Sachi seja mandada para Harwood. Gostaria de poder consertar as coisas, mas não sei como.

Rory funga.

– Quero ir ao julgamento dela.

– Não tenho certeza se isso é uma boa ideia. – Rory está aprendendo a controlar sua magia e seu humor, mas sob tais circunstâncias... bem, quem não ficaria vulnerável?

Rory franze a testa.

– Não estou pedindo sua permissão, Cate. Ela precisa ver um rosto amigo. – Há um toque de rigidez em sua voz.

– Bem, então vou com você. Não pode ir sozinha – resolvo, e cruzo as pernas na altura dos tornozelos. – Mas primeiro precisamos descobrir *quando* será o julgamento. Seu pai deve saber, não é mesmo? Mesmo que não tenha planos de participar...

– Duvido que ele consiga ficar longe. Talvez até mesmo testemunhe contra ela. – Rory estende a mão e ajeita a pena, que ficou torta com a corrente de vento que vem da janela. – A maneira como ele está agindo agora iria deixá-la de coração partido.

Meus lábios se contorcem num sorriso. Há uma coisa que posso fazer por Rory.

– O que você acha de ter uma chance de dizer ao seu pai o que pensa dele? *Sem* ser presa por insubordinação?

Rory semicerra os olhos para mim.

– Como seria possível?

– Acontece que eu tenho uma tarefa a cumprir que envolve seu pai e coerção – confesso. – Você gostaria de me acompanhar?

Ela sorri.

– Eu teria de ser louca para perder essa oportunidade.

As calçadas de pedras estão cobertas por uma camada grossa e escorregadia de gelo, e é perigoso caminhar. Talvez, no fim das contas, deveríamos ter ficado aguardando até a carruagem ser liberada. Está caindo uma chuva congelante, que machuca meu nariz e minhas bochechas descobertos. Acima de nós, o céu é de um cinza tempestuoso da mesma cor dos olhos de Tess.

Rory faz uma pausa na frente de um hotel de tijolinhos de quatro andares. Um porteiro com uniforme preto nos convida a entrar e nossas capas pingam no piso de mármore branco. Rory vai na frente e me conduz ao segundo andar, onde bate com força em uma porta pesada de carvalho. O corredor em volta tem um papel de parede de um dourado intenso, com detalhes rebuscados em gesso. Eu me sinto mal-arrumada neste lugar elegante, mas espero que as capas da Irmandade nos deem pelo menos um pouco de respeitabilidade. Um momento longo e tenso se passa antes de o Irmão Ishida abrir a porta, vestido com calça preta e camisa cinza com colarinho. É estranho vê-lo sem a capa preta de seu cargo. Assim ele parece mais um homem, um pai, do que um pastor.

– Senhorita Elliott. – Ele assente com brusquidão, sem nem olhar nos olhos dela. – Ah, e Irmã Catherine. Bom dia.

Agora que o momento chegou, Rory parece ter perdido toda sua bravata. Ela fica olhando para o pai, calada.

– Podemos entrar, senhor? – pergunto. – Gostaríamos de ter uma palavrinha.

– Certamente. – Ele dá um passo atrás e faz uma reverência. Minha mão dispara até a bochecha. O corte sarou, e ele não vai se lembrar de ter me dado um tapa por causa da minha

insubordinação. Tess se assegurou disso. Mas eu nunca vou me esquecer nem do falatório que acompanhou a ação. Ele disse que, se dependesse dele, iria ressuscitar as fogueiras.

A lembrança fortalece minha determinação.

– Como posso ajudá-las? – Irmão Ishida deixa de lado a cerimônia de praxe e faz um gesto para que nos sentemos no sofá verde. A sala dele é grandiosa: repleta de sofás e poltronas de veludo, cortinas pesadas de adamascado dourado com estampa de folhas e mesinhas de chá reluzentes de pau-rosa, todas com pés recurvados, como cabeças de cobra. Um tapete oriental marrom e dourado se estende sobre o assoalho de madeira e lamparinas a gás com suporte dourado fornecem uma iluminação constante e intensa, apesar da escuridão lá fora.

– Teve notícias de Sachi? – pergunto.

– Ela está presa, esperando julgamento, como deve ser – diz o Irmão Ishida sem emoção, e ocupa a poltrona à nossa frente.

– Como deve ser? – repete Rory.

– De fato. – Ele volta seus olhos de mármore negro para ela. – Ela é uma *bruxa*. Sachi merece qualquer castigo que o conselho de Nova Londres considerar adequado.

– Sabe quando será o julgamento dela? – pergunto.

– No sábado – responde ele.

– O senhor foi visitá-la? – intervém Rory. – Ela está bem?

O Irmão Ishida bate os dedos na cabeça de dragão esculpida no braço de sua poltrona.

– Não fui, e não vou.

Eu já esperava isso, mas, ainda assim, fico surpresa com a frieza dele.

– É assim tão fácil para o senhor excluí-la de seu coração? – Rory estala os dedos.

Irmão Ishida olha para ela com desgosto.

– Não foi fácil, mas é o desejo do Senhor. No momento em que Sachiko executou magia pela primeira vez, ela se anulou de nossa família e de toda a sociedade decente. Ela é uma mancha no nome da família Ishida, e eu não vou...

– Mas ela continua sendo sua filha – diz Rory com a voz grave e tensa. – Não há nada que o senhor possa fazer por ela? Para ajudá-la?

– Não me interrompa. – Irmão Ishida ajeita o colarinho com os dedos carnudos. – Não há nada que eu possa fazer, mesmo que quisesse interceder. Não quero. Apaguei o nome de Sachiko de nosso livro de Escrituras. Não tenho mais filha.

Rory solta uma risada estrangulada.

– Tem. Tem sim.

Uma mecha de cabelo preto cai sobre a testa de Ishida quando ele sacode a cabeça.

– Não. Eu reneguei Sachiko. É minha obrigação...

– Não estou falando de Sachi – diz Rory baixinho. – Eu sou sua filha.

Irmão Ishida fica paralisado. Seus olhos disparam para mim.

– Isso é um acinte.

– Não é. Você deu dinheiro para minha mãe, para que ela ficasse quieta. – Rory empina o queixo. – Eu sou sua filha.

Irmão Ishida se levanta, seu rosto está corado de fúria. Ele se vira para mim, não para Rory.

– Lydia Elliott é uma vadia popular. Poderia ter se deitado com meia dúzia de homens. Irmã Catherine, rogo para que não escute essa besteira.

– E é mesmo besteira? – pergunto, minhas mãos cruzadas sobre o colo. – Há... boatos que dizem o contrário.

– Não passa de fofoca maliciosa! – Ele se volta para Rory, a veia da testa saltada. – Como ousa vir até aqui para se aproveitar do pesar de um pai? Que garota ardilosa e manipuladora você é. Talvez soubesse da bruxaria da minha filha, quem sabe até a incentivou, achando que poderia conquistar um lugar para você na minha casa. Como se alguém como *you* pudesse substituir minha Sachiko! Você nunca foi digna da amizade dela. Talvez tenha sido você a lhe ensinar tais modos maléficos!

Rory não se abala, apesar de ele estar praticamente gritando na cara dela.

– Se ela herdou bruxaria de alguém, foi de você. Sua avó era bruxa.

Irmão Ishida agarra o braço de Rory e a ergue. O aperto dele deve estar machucando.

– Isso é bobagem. Proíbo você de repetir tal blasfêmia.

– Que diferença faz? – Rory se irrita. – Sachi vai ser mandada para Harwood de qualquer jeito. Você não vai ter netos. Sua linhagem está acabada... a menos que tenha outro bastardo em algum lugar.

Irmão Ishida lhe dá um tapa na cara, fazendo Rory cair no sofá. A cabeça dela quase cai no meu colo. Ela não é *mignon* como Sachi. Ele deve ter batido com força.

– Como ousa falar assim comigo? – urra ele, com o cuspe voando de sua boca. – Eu devia mandar prendê-la por sua impertinência.

A mão de Rory dispara para a própria bochecha.

– Você não tem nem um pingo de sentimento paterno, não é mesmo?

Eu fico em pé.

– Rory é noviça na Irmandade agora. Agradeço se não voltar a tocar nela. – Sinto uma leve emoção por ser tão audaciosa.

– Perdão? – Irmão Ishida parece estupefato. Não é incomum homens erguerem a mão para a esposa e as filhas. A Fraternidade prega que as mulheres devem se submeter à autoridade do pai e do marido.

– Deve pedir desculpas a Rory – ordeno, irritada. Ela continua lá, deitada de costas, parecendo meio zozna. – Há algo mais que gostaria de dizer a seu pai, Rory?

Ela não precisa que eu pergunte duas vezes. Esforça-se para ficar de pé, a capa preta está torta, seu vestido vermelho aparece por baixo. As sapatilhas escarlates estão estragadas devido à caminhada na neve derretida com sal. O cabelo escuro está desganhado, a pena

vermelha encharcada e torta. Mas ela está linda, ali, de pé, acertando as contas com o homem que nunca a reconheceria como filha.

– Você me enoja – diz ela com clareza. Irmão Ishida se encolhe. Choque e fúria disputam espaço em seu rosto. – Você finge ser um modelo de moralidade, mas que tipo de homem comete adultério? Que tipo de homem abandona os filhos? Você não passa de um hipócrita mentiroso.

– Como ousa falar assim de mim!? – berra Irmão Ishida, e parte para cima dela. Rory se esgueira para trás do sofá.

Dessa vez a magia mental vem a mim com facilidade. O poder rodopia dentro do meu corpo, saltando das pontas dos dedos. Minha concentração é tão afiada quanto um bisturi, e não está maculada por absolutamente nenhum sentimento de culpa. Ordeno que ele se esqueça dessa cena e que permita que Finn Belastra permaneça em Nova Londres, onde poderá servir melhor aos objetivos da Fraternidade.

A exaustão resultante não é nada comparada à náusea da cura. Ignoro a sensação e examino Irmão Ishida com atenção.

Ele colide contra uma das mesinhas de chá e a derruba fazendo muito barulho, então para. A confusão passa por seu rosto quando ele se vira para olhar para mim e para Rory.

– Garotas? O que eu estava dizendo mesmo? Sinto muito, tive um pouco de tontura.

– O senhor está bem? – Tento manter a sensação de triunfo longe da minha voz.

– Estou, estou. – Ele se abaixa para endireitar a mesa.

– Nós estávamos de saída, depois de oferecer-lhe nossas condolências por Sachi. Lamentamos muito por sua perda e pedimos desculpas se nossa visita o incomodou – digo, apesar de as palavras terem gosto de lama. – Precisamos voltar para a Irmandade a tempo do jantar.

– Muito bem. Obrigado por terem vindo, garotas. Sinto por sua fé em Sachiko ter sido equivocada. A minha também foi. O Senhor teria feito com que nós a renegássemos, sabem?

Pego a mão de Rory.

– Sabemos.

No corredor, Rory desaba contra o papel de parede dourado e cobre o rosto com as mãos.

– Obrigada – sussurra ela.

– Sinto muito por isso ter sido necessário. Você merece um pai melhor.

– Jack sempre foi bondoso comigo – diz Rory. – Fico feliz por ter o nome dele, e não o daquele monstro.

– Espero que Sachi nunca tome conhecimento das coisas que ele disse a respeito dela.

– Eu não direi palavra sobre isso. – O rosto de Rory se contorce. – Precisamos ajudá-la, Cate. Não posso permitir que ela passe o resto da vida em Harwood. A mãe dela nunca vai se colocar contra ele. Eu sou a família que ela tem agora.

– Ela tem a mim também – afirmo. – E a toda a Irmandade, se é que nossa opinião faz alguma diferença.

Há um pequeno corte na bochecha de Rory por causa do anel do pai. Convoco minha magia mais uma vez e toco de leve no rosto dela.

– Fique quietinha.

Rory segura meu braço quando cambaleio.

– Você é maravilhosa, Cate Cahill, sabia? Eu nunca achei que você tivesse algum apreço por mim. A maior parte das pessoas não tem. Elas simplesmente me toleram, para agradar a Sachi.

Ah! É verdade que só fiquei amiga de Rory porque era pré-requisito de Sachi, e sua atitude inabalável – “me ame, ame minha irmã” – impediu que eu criticasse Rory abertamente. Mas eu a julguei em silêncio por seus modos espalhafatosos, por seus vestidos ousados, por sua mãe bêbada e por sua impulsividade. Ela sofreu muito com tudo isso, mas em vez de me colocar no lugar dela, eu a condenei por buscar conforto em alguns goles de álcool e nos braços daquele desmiolado do Nils Winfield. E, pior de tudo, eu nunca lhe dei crédito por ser sensível o suficiente para notar.

A vergonha me cobre como gelo.

– Eu gosto de você – afirmo, e percebo que é verdade. – Você tem coragem suficiente para dizer o que pensa. Você é leal, mesmo quando não é fácil, como com Brenna, por exemplo. E não se importa nem um pouco com o que pensam de você.

Rory fica radiante com meus elogios.

– A última parte é mentira. Mas agradeço. Ninguém jamais falou de mim assim, exceto minha irmã.

Ofereço um sorriso atordoado.

– Você pode me recompensar. Sabe onde fica o quarto de Finn?

– É logo ali. – Rory aponta para a porta do outro lado do corredor. – Por quê?

– Pode ficar de vigia para mim? Tussa se alguém aparecer no corredor. Quero deixar um bilhete para ele.

– Ah, desse tipo de travessura eu dou conta – diz Rory, e se posiciona na extremidade do corredor. Sou invadida pela ternura. Abençoada seja Rory por não fazer perguntas nem me condenar por entrar escondida no quarto de hotel de um homem.

Coloco a mão na maçaneta dourada e ordeno que se abra. Ele não tem uma sala de visitas grandiosa, só um quarto com uma escrivaninha pequena no canto. Eu me apresso até ela. Há alguns livros empilhados ali. Uma capa preta está pendurada nas costas da cadeira da escrivaninha. Um par de botas repousa bem alinhado na frente da lareira. Atrás de mim, a cama com dossel está por fazer, os lençóis amarrotados saem de baixo do edredom verde grosso.

Penso em Finn voltando para este quarto, tirando suas roupas pesadas de inverno e deitando-se na cama. Será que ele fica acordado à noite pensando em mim, assim como faço com ele?

Fico corada e retorno à escrivania. Estou aqui por um motivo definido, não tenho tempo para ficar devaneando. Há uma caneta-tinteiro sobre uma pilha de papel de pergaminho. Ele começou a escrever uma carta para a mãe. Não consigo deixar de ler as primeiras linhas:

Eu me apresentei para um cargo de escrivão aqui em Nova Londres. Espero que compreenda. Vou sentir saudades de você e de Clara, obviamente, mas meu coração está na cidade no momento e, além disso, creio que serei capaz de fazer um bom trabalho aqui, um trabalho que, acredito, contaria com sua aprovação...

Meu coração está na cidade... será que ele está falando de mim? O coração dele? Não consigo segurar um sorriso tolo diante de tal ideia. Pego a caneta-tinteiro e puxo uma folha de papel em branco de baixo da carta.

Encontre-me para um passeio amanhã às quatro nos jardins da praça Richmond. Sinto saudades.

Hesito, mordo a ponta da caneta e então acrescento: *Com amor, C.*

capítulo

Na tarde seguinte, estou no meu quarto quando Maura bate à porta aberta.

– Minha mais querida irmã – estrela da porta, gloriosa com um vestido de brocado cor de creme bordado com folhas de um azul reluzente. Ela deve ter meia dúzia de vestidos novos. Baixo os olhos para o meu próprio vestido cinza debruado de vermelho. Eu estava me sentindo bonita cinco minutos antes, mas agora sou uma pomba sem graça em comparação ao pássaro azulado. – Podemos ter uma palavrinha? Em particular? – Maura lança um sorriso para Rilla, que está deitada de barriga para baixo em sua colcha amarela, lendo um romance de amor.

– Vou até a cozinha pegar um chocolate quente – diz Rilla, e se levanta de um salto, deixando o livro aberto na cama. – Quer um, Cate?

– Não, obrigada, eu vou sair. Tenho um assunto para resolver.

Maura sorri quando Rilla deixa o quarto, saltitante.

– Tem um encontro com seu espião arrebatador?

Eu a puxo para dentro do quarto e fecho a porta.

– Fique quieta!

– Ah, não vou espalhar seu segredo – diz ela, enroscando um cacho ruivo no dedo. – Mas espero que ele lhe diga algo útil. Finn precisa começar a comprovar seu valor.

O medo toma conta de mim. Para ganhar o silêncio dela, é isso que quer dizer?

– Maura, você se dá conta de que ninguém mais pode saber disso?

– Eu não contei para absolutamente ninguém. Aaaaah, mas que lindo. – Maura pega um par de brincos de pérola da minha penteadeira e coloca nas orelhas. – Tenho planos para esta tarde. Aula particular especial com Irmã Inez.

Eu me sento na beirada da cama e pego minhas botas.

– Vai treinar magia mental nas suas amigas de novo? – Tenho vontade de enfiar as palavras de volta na boca no segundo em que escapam. A última coisa que desejo é irritá-la ainda mais.

– Mas quanta reprimenda, nossa! – Maura arqueia as sobrancelhas e fala em tom ferino. – Não vi você reclamar quando Irmã Cora apagou a memória de Hope.

Calço botas pretas de salto.

– Aquilo foi para nos proteger, não por diversão.

– Que parte disso você acha que é divertido para mim? Permitir que os Irmãos entrem aqui e nos interroguem? Ver uma garotinha inocente ser presa, sabendo que vão deixá-la apodrecer em um porão qualquer? – Maura caminha pelo quarto com passos pesados, pisando nos chinelos e nas meias que Rilla largou por todo lado. – Já não estamos seguras aqui. Podem nos prender a qualquer momento.

– Eu sei disso.

– Agora já prenderam pelo menos treze garotas, contando com Hope. Irmã Cora está doente. Precisamos de uma líder forte, não de tanta incerteza. – Maura larga o corpo sobre a colcha amarela amarfanhada de Rilla. – Quero que você faça o teste.

– Não. – Eu me abaixo para amarrar os cadarços.

Maura resmunga.

– Por que você é tão egoísta? Se fizesse o teste, iríamos descobrir qual de nós é a mais poderosa e poderíamos começar a fazer planos em comum acordo. Se for eu, gostaria de trabalhar com Irmã Inez para começar a *fazer* alguma coisa.

– O teste só serve para medir um tipo de magia – observo, e endireito o corpo. O que mais ela está tão ansiosa para fazer além de assassinar Brenna?

– É o tipo mais importante. – Maura semicerra os olhos azuis para mim. – É por isso que você está tão relutante? Está com medo de que o teste confirme que *eu* sou a bruxa da profecia?

– Isso é ridículo – respondo sem me alterar. Estou pensando em Tess, desejando poder contar a verdade a Maura, mas assim que digo a frase percebo que mais uma vez falei o que não devia. Como é que sempre consigo dizer exatamente a coisa errada para ela?

– Não é ridículo! – Maura bate as mãos na lateral do corpo e faz a cama de Rilla sacudir. – Você nunca desejou isso tanto quanto eu. Eu tenho me esforçado dez vezes mais do que você. Não só com a magia, mas também para conquistar o respeito dessas garotas. Você acha que eu gosto de passar tanto tempo com aquela esnobezinha da Alice Auclair?

Olho para ela, boquiaberta.

– Gosta?

– Não! Pelo bom Senhor, mas será que você não me conhece nem um pouco? – questiona Maura, e se levanta de um pulo. – Ela é popular porque todo mundo tem medo dela. Estou tentando cair nas graças dela para que ela e suas amigas deem apoio a Inez e a mim. Quando chegar a hora da guerra, vamos precisar de todos trabalhando juntos, e não de nos dividir como está acontecendo agora. Estou trabalhando noite e dia para conquistar meu lugar aqui, mas não posso dizer o mesmo de você. Entretanto, as Irmãs ainda estão presas à ideia de que você é a bruxa da profecia, apesar de ainda não ter tido nenhuma visão.

Eu me concentro na fileira de botões azuis que marcham por seu corpete em vez de olhá-las nos olhos.

– Você também não teve.

– *Vou ter* – responde Maura em tom resolutivo. – Não vou passar o resto da vida esperando enquanto garotas são caçadas. Faça o teste, Cate.

Eu me levanto, a paciência fervendo.

– Eu disse que não, e falei sério. Eu já sei que sou capaz de executar magia mental. Não vou ficar treinando só para me exhibir. E pode ter certeza de que não vou quebrar a confiança das minhas amigas e nem das minhas familiares treinando com elas!

Maura se apoia na penteadeira. Há mágoa em seu rosto.

– Vejo que alguém anda dando com a língua nos dentes. Tess ou Elena?

– Não importa. Não acredito que você fez aquilo com o casal O'Hare!

Maura aperta os babados da saia cor de creme. Tenho a sensação desconcertante de que ela gostaria de esmagar a mim em vez do lindo brocado.

– Você é tão esnobe quanto Alice, se acha melhor do que todo mundo.

– Não é verdade! Eu nunca disse que era melhor bruxa do que você.

Maura sai pisando firme em direção à porta.

– Não, mas você simplesmente se considera uma pessoa melhor. E isso não é verdade. A única razão por que Cora dá preferência a você é porque ela odeia Inez. Se o meu aniversário fosse primeiro, seria eu. É só isso, Cate, por isso não fique se achando extraordinária.

Ela bate a porta atrás de si e eu me afundo na cama, com a cabeça nas mãos. Será que ela tem razão? Será que os elogios simpáticos de Cora não passam de bajulação por eu ser uma alternativa melhor a Inez?

Lembro-me de que isso não importa mais.

Não posso revelar o segredo de Tess antes de ela estar pronta, mas essa competição constante com Maura é cansativa. Parece que todo mundo no convento está observando, esperando para ver qual de nós será a irmã da profecia. Nenhuma das professoras reconhece que Irmã Cora está morrendo, mas todas sabem que está doente. Este é um segredo aberto. Parece que todas estão esperando que ela morra, e que Inez assuma o controle e faça as coisas acontecerem. Mas o que Inez estaria planejando... e como minha irmã está envolvida nisso?

Eu me levanto e examino minha caixinha de joias de mogno em busca de outro par de brincos, já que Maura levou as pérolas. Talvez seja loucura encontrar Finn no meio da tarde, em plena luz do dia. Mas ele estará vestido como Irmão e, desde que tomemos cuidado para manter a distância adequada, vai ser improvável que alguém desconfie de que estamos fazendo algo errado.

Alguém dá batidas breves à porta e Tess enfia a cabeça para dentro.

– Achei você. Vai sair? – Ela dá uma olhada nos brincos de granada na minha mão e baixa a voz. – Vai se encontrar com Finn?

– Como você sabia? – exijo saber enquanto coloco os brincos.

– Você arrumou o cabelo. – Tess aponta para as tranças bem enroladas no alto da minha cabeça. – Precisa parar de olhar para mim como se eu fosse entrar em combustão a qualquer momento, ou as pessoas vão começar a desconfiar. Você é a garota menos discreta que conheço. Posso ir junto?

– Para encontrar Finn? – pergunto, incerta.

– É, boba. – Tess pega meu par sobressalente de botas marrons no cantinho junto ao armário e as calça. – Só quero conhecê-lo. Quer dizer, eu já o vi na livraria dúzias de vezes, mas não quando sabia que você o *amava*. Preciso conhecê-lo um pouco já que ele vai ser meu cunhado um dia, não é?

– Nós não estamos mais comprometidos. – Minha voz soa brusca, embora seja doloroso dizer isso. – Devolvi o anel dele antes de ir embora de Chatham.

Tess abraça minha cintura.

– No coração, vocês ainda estão comprometidos.

Não posso deixar de dar um sorriso.

– Quando foi que você se transformou nessa pequena romântica? Anda lendo os livros de Maura?

Tess se abaixa para afivelar as botas e enrubesce.

– Não me julgue. Alguns deles são bem divertidos.

Ah, ela está crescendo. Sonha com um rapaz para si, talvez. Quando eu tinha 12 anos, achei que fosse crescer e me tornar Catherine McLeod; tinha certeza disso, assim como tinha certeza de que a grama era verde e o céu, azul. Será que havia algum garoto em Chatham que Tess achava bonito?

– Você não vai contar para Finn, vai? Sobre as minhas visões? – Os olhos cinzentos dela voltaram a ficar sérios. – Não quero que ninguém saiba por enquanto. Ninguém além de você.

– Então não vou contar.

Não vou perder Tess cometendo os mesmos erros que cometi com Maura. Vou fazer tudo diferente com ela... e isso significa dar ouvido a suas vontades e respeitá-las, sem desdenhar nem ser mandona.

Mesmo que isso signifique me distanciar mais de Maura a cada dia que passa.

Os jardins da praça Richmond ficam ao lado da catedral, bem na frente da praça árida onde a fogueira foi acesa. O parque público não é nem de longe o lindo oásis verde que deve ser na primavera ou no verão, mas, ainda assim, é uma fuga colorida dos tijolos e das pedras da cidade. Os bordos vermelhos se agarram ao outono, estendendo seus dedos cobertos de folhas para o sol fraco. Embaixo deles, raminhos de hamamélis exibem suas flores amarelas fininhas enquanto as roseiras brancas dormem. Por toda nossa volta há o som de água pingando; é o gelo derretendo depois da tempestade de ontem. Em comparação com os dias anteriores, hoje certamente será mais quente.

Todos os caminhos estão enlameados, é uma bagunça pisoteada. Na outra ponta do parque, um menininho pula alegremente numa poça, com os dois pés. Avisto Finn sentado em um banco de mármore perto do laguinho de patos. Se fosse primavera, arrisco dizer que o lugar estaria lotado de crianças dando comida para os passarinhos e brincando na água rasa enquanto as mães davam bronca, mas hoje há apenas alguns marrecos malhados flutuando placidamente sobre a água amarronzada.

Ele ainda não nos viu. Aproveito a oportunidade de observá-lo sem que perceba. Está debruçado sobre um livro, lendo enquanto espera. O cabelo castanho grosso está arrepiado, como se Finn já tivesse passado a mão nele meia dúzia de vezes, e seu queixo exhibe a barba por fazer, como se tivesse se esquecido de se barbear nas últimas duas manhãs. De repente ele ergue os olhos e nos vê – e me vê –, e seu sorriso com dentinhos separados é largo. Ele se levanta, ajeita os óculos com o indicador e enfia o livro no bolso.

Minha vontade é de correr para ele, me jogar em seus braços, mas Irmã Catherine traça seu caminho com cuidado pela trilha.

– Você conhece minha irmã, Tess. Ela quis vir para conhecer você do modo adequado. Tess, este é Finn. – Meu estômago se contorce quando percebo que essas são minhas duas pessoas preferidas no mundo, e eu quero que elas se adorem.

– Bom dia, Irmão Belastra – diz Tess, acanhada, suas mãos enfiadas nos bolsos da capa.

– Finn – corrige ele. – Por favor. É bom ver você de novo, Tess.

– Obrigada por nos encontrar. – Estou tão acostumada a ser furtiva, a encontrá-lo em lugares secretos: na livraria da mãe dele, no nosso jardim em casa, na estufa das Irmãs. Eu me sinto estranhamente acanhada e formal, com Tess e o mundo todo aqui assistindo.

– Fico contente com isso. – Ele dá um passo mais para perto e baixa a voz. – Ouvi dizer que os Irmãos fizeram uma busca no convento. Achei que vocês estariam a salvo lá. Achei que esse fosse o *objetivo* da coisa toda.

– Não existe mais lugar seguro. – Olho para além dele, para os patos despreocupados, lembrando do pavor na voz de Hope. – Soube alguma coisa a respeito das garotas que foram presas?

– Uma delas morreu ontem, a de mente simplória. Foi torturada. Arrisco dizer que as outras não vão durar muito. São interrogadas noite e dia, não recebem alimento nem água e nem podem dormir. – Tess chega mais perto de mim e a boca de cereja de Finn se contorce numa careta. – Sinto muito. Vocês conheciam a garota que levaram do convento?

– Ela era amiga de Tess. – Luto contra a vontade de abraçá-la, por saber que isso irá deixá-la constrangida. Ela morde o lábio inferior com os dois dentes perolados da frente, um mau hábito que puxou de mim e sinal claro de angústia, por isso mudo de assunto. – Foi difícil para você poder sair?

Finn dá de ombros.

– Ishida me deu licença para não participar das sessões do conselho, para me reunir com meu novo chefe. Denisof vai achar que estive participando da sessão durante toda a tarde. Ninguém vai sentir minha falta.

Dou um sorriso.

– Isso significa que você conseguiu o cargo?

– Recebi a notícia hoje pela manhã. – Seus olhos castanhos estão sérios por trás dos óculos, mas ele faz uma mesura teatral para deixar o clima mais leve. – Qual é a minha missão, cara dama?

– Descobrir quando é a próxima reunião do Conselho Titular, e onde. – Passo a mão pelas costas do banco, contornando as curvas com a ponta do dedo. – Detesto ter de pedir isso a você.

– Eu me ofereci, está lembrada? E estou ansioso para ajudar, por isso pare de se desculpar, Cate.

Meu coração se anima só com isso: Finn pronunciando o meu nome.

– Além do mais, não se trata exatamente de uma aventura emocionante. – Ele parece levemente decepcionado e meus lábios formam um sorrisinho ao notar sua vontade de fazer papel de herói. Fico feliz por não ser algo mais perigoso. Afinal de contas, isto não é um dos livros dele. – Denisof faz parte do conselho. Imagino que ele vá pedir que eu libere a agenda dele. O que Inez está planejando?

– Não sei – confesso. – Ela está nos ensinando a nos transformar nos Irmãos. Talvez vá sequestrar um dos membros do Conselho Titular antes da reunião e colocar uma de nós no lugar dele para descobrir quais são os planos. Brenna disse alguma coisa nova?

Finn tira a capa e a estende sobre o banco molhado. Eu me sento talvez um *pouquinho* mais perto do que seria absolutamente apropriado, quase tocando a calça cinza dele com o quadril. Ele está vestido com suas belas roupas da Fraternidade: colete cinza, camisa branca e botas pretas sujas de lama. Tess se acomoda do meu outro lado.

– Hum... na verdade, disse. – Ele pigarreia. – Ela previu que um dos integrantes dos Irmãos vai traí-los ao se mancomunar com as bruxas.

– O quê? – solto um berro estridente e fico em pé num rompante, quase tropeçando nas pedras que cobrem o caminho.

– Shhh. – Finn me pega pelo pulso e faz com que eu volte a me sentar. – Ela não deu nenhum detalhe. Não há nada para me identificar.

Respiro fundo. Eu defendi Brenna, mas se as profecias dela continuarem colocando as pessoas que amo em grande perigo, o que poderei fazer? Será que Inez e Maura têm razão?

– Isso está muito perigoso agora – começo. – Não quero...

– A escolha não é sua. A decisão é minha. Também ouvi alguns boatos sobre a Irmandade – prossegue Finn. Sua mão sardenta está apoiada no joelho, a poucos centímetros da minha. Ele tem uma mancha de tinta preta no indicador.

– Que tipo de boatos? – questiona Tess, e estica o pescoço para enxergá-lo.

– Os integrantes mais rígidos do conselho queriam fechar a escola do convento. Mas foram minoria na votação. O voto para proibir a educação das meninas não foi unânime, sabem. Pelo menos um terço do conselho votou contra. Como concessão a essa parcela, a escola do convento recebeu permissão para permanecer aberta.

– Como se cinquenta garotas instruídas fizessem muita diferença – explode Tess, batendo os punhos fechados nas coxas.

– A facção de O’Shea argumenta que fazem. Ele afirma que qualquer fortaleza de ensino feminino é um bastião da maldade. Uma fonte de rebelião em potencial.

Dou um sorriso maroto.

– Bom, ele não está errado em relação a isso.

– A facção dele acredita que não deve haver exceção nem isenção, e que a Fraternidade deveria ter mais controle sobre o funcionamento cotidiano da Irmandade. Eu não me surpreenderia se isso estivesse na pauta da reunião do Conselho Titular.

Dou risada, descrente.

– Como? O que eles pretendem fazer? Colocar um homem lá para mandar no lugar?

Finn ajusta os óculos mais uma vez.

– É *exatamente* isso que eles pretendem fazer. O’Shea acha que um Irmão deve ser o diretor. Que, se as garotas precisam receber educação, então que um homem supervisione o currículo.

Solto algumas palavras nada dignas de uma dama.

– Nós íamos ter que modificar a memória dele dia sim, dia não! Ele ia se transformar em um vegetal.

– Ou teríamos que estudar coisas enfadonhas como aquarelas, as Escrituras e francês – bufá Tess.

– Francês, não. Agora que as damas francesas adquiriram o direito de voto, o francês está proibido, para o caso de nossas garotas tão impressionáveis encontrarem no idioma uma passagem para a imoralidade. – Finn contrai a boca, como se estivesse com vontade de dar risada. – Brennan, outro integrante do Conselho Titular, se opõe a O’Shea. Ele é um homem bom. Ele mesmo tem três filhas, e arrisco dizer que isso faz diferença.

– Acho difícil acreditar que *qualquer* integrante da Fraternidade seja um homem bom – resmungo. Finn se encolhe e se ajusta no banco, e eu gostaria de poder enfiar as palavras de volta garganta abaixo. O que há de errado comigo hoje? – Desculpe. Eu não estava falando de você, obviamente. Eu sei que você não quer estar lá.

– Eu posso não ser o primeiro homem a me juntar aos Irmãos para proteger a família. – Finn olha fixamente para o anel entalhado em prata em seu anelar direito. – É mais fácil ficar em silêncio do que ter seus valores, sua dedicação aos Irmãos ou mesmo ao Senhor questionados.

– Isso é covardia. Se há mesmo tantos quanto você diz, eles poderiam mudar as coisas erguendo a voz! – sibilo. A alguns metros de distância, duas meninas de maria-chiquinha brincam com bonecas em um banco enquanto a mãe empurra um carrinho de bebê ao redor do lago.

– Então eu mesmo sou um covarde. Eu estava presente no dia em que as novas medidas foram debatidas. Só que ainda não tinha direito a voto, mas poderia ter argumentado contra. Talvez eu pudesse ter feito a diferença. – A voz de Finn está carregada de autodesprezo.

– Não. Você não podia arriscar chamar atenção para si! Isso é diferente – afirmo, e coloco a mão na dele. Nem me preocupo se alguém pode nos ver. Só quero reconfortá-lo, para compensar minhas palavras descuidadas.

Finn afasta a mão.

– Não é. Aqueles homens também são maridos, pais e irmãos. Acredito que vá chegar um momento em que eles *de fato* vão erguer a voz.

– Essa é uma ideia grandiosa, mas quão ruins as coisas vão ter que ficar até que eles se imponham? – Eu me afasto dele no mármore frio. – O que vai ser necessário? Os Irmãos estão assassinando garotas agora mesmo, enquanto temos esta conversa!

– E o que você está fazendo a respeito? – A pergunta parece um tapa na cara, um eco de todas as críticas de Maura. – Você é poderosa, Cate. A Irmandade junta deve ter uma força incrível e, no entanto, você simplesmente está... ganhando tempo. Não a culpo, mas...

– Parece que culpa, sim. O que podemos fazer sem nos entregar? – exijo saber. – Não é tão simples como simplesmente erguer a voz. Não para nós mulheres.

Finn franze a testa.

– Eu sei disso. Não quero que você se coloque em risco, o Senhor bem sabe, mas se todo mundo se sentisse assim, como é que iríamos avançar?

Nós nos entreolhamos num silêncio melancólico. Essa é nossa primeira... não é uma briga, não exatamente. Mas é a primeira vez que temos opiniões divergentes em relação a algo tão importante. Será que a ação *depende* de mim? É tão mais fácil simplesmente colocar a culpa nas políticas odiosas dos Irmãos. Eu sei que Finn tem certa razão, logicamente. Eu sei que a Fraternidade não pode ser formada inteiramente por hipócritas dissimulados e cheios de ódio como o Irmão Ishida, capazes de renegar as próprias filhas. Mas não consigo conciliar essa lógica com o medo que senti a vida toda.

Será que é assim que a maior parte das pessoas se sente em relação às bruxas?

Tess se levanta e inclina a cabeça.

– Que barulho é esse?

Fiquei tão envolvida em nossa discussão que nem reparei, mas agora escuto os gritos vindos da praça Richmond, o urro contínuo de vozes entoando um cântico em uníssono.

Não consigo distinguir as palavras, mas sempre que uma multidão se reúne, raramente é bom para garotas como nós.

Tess já está andando, apressada, pelo caminho enlameado que dá para a frente do parque.

– Tess, espere! – exclamo, e saio atrás dela. Estou praticamente correndo, minhas botas escorregando na lama, mal tenho consciência de que Finn vem atrás de mim aos tropeços. Quando passo pelas árvores, enxergo a multidão reunida na praça Richmond, derramando-se para a rua de paralelepípedos que passa diante da catedral, espremendo-se nos degraus largos de mármore. Não são dúzias de pessoas gritando. São *centenas*. Talvez milhares.

É mais gente reunida do que já vi na minha vida inteira.

Será que estão queimando mais livros desta vez?

Tess para perto da multidão, com os olhos arregalados.

– Deixem nossas mulheres trabalharem! Deixem nossas mulheres trabalharem! – entoam sem parar.

Algumas pessoas carregam placas de madeira pintadas com cores fortes proclamando DEIXEM NOSSAS MULHERES TRABALHAREM e O SALÁRIO DAS MULHERES AJUDA A ALIMENTAR A FAMÍLIA e NOSSAS FAMÍLIAS TÊM FOME. A multidão é, em sua maior parte, de classe operária: homens usando calças remendadas ou os novos jeans azuis, camisas arregaçadas até os cotovelos, boinas e coturnos enlameados. Alguns deles

sacodem canecas de cidra enquanto gritam. Há umas poucas mulheres no meio da multidão, gritando junto aos maridos:

– Deixem-nos trabalhar!

Dezenas de pessoas seguram panfletos. Um homem que passa amassa um deles, joga no chão e eu o pego. Há um desenho de duas crianças magras, de olhos esbugalhados, com pratos vazios, olhando em súplica para a mãe, que tricota em sua cadeira de balanço. No quadro seguinte, dois homens gordos com capa preta se empanturram com um banquete farto de pernil, coxa de galinha e bolo. A legenda diz: *Deixem nossas mulheres trabalharem! Venha à praça Richmond e proteste contra a nova medida dos Irmãos a respeito do emprego feminino. Nossas famílias passam fome enquanto nossas mulheres ficam em casa sem fazer nada.*

– Não acho que deveríamos estar aqui – diz Finn por cima do meu ombro.

– Eu nunca tinha visto um protesto – comento, sem fôlego. – Isso é esplêndido!

– Não tenho certeza se já *houve* algum protesto. Não contra a Fraternidade, pelo menos – diz Tess. Os olhos cinzentos dela encontram os meus, e eu sei que ambas estamos pensando a mesma coisa. Houve protestos contra as Filhas de Perséfone. Eu li a respeito deles. Foi assim que tudo começou.

Um homem corpulento usando uma boina de veludo cotelê enviesada na cabeça se aproxima.

– Veio se juntar a nós, Irmão?

– Já estávamos de saída – afirma Finn, e segura meu cotovelo.

O homem entrega um panfleto a ele.

– Fique. Devia ver o que as pessoas acham de suas novas leis.

– Não é minha lei. Eu acredito no direito que as mulheres têm de trabalhar – declara Finn.

– Votou contra, foi? – Finn hesita, e o homem corpulento dá risada. – E por que votaria? Vocês ficam lá sem fazer nada e enriquecem, enquanto as nossas famílias passam fome. É bem fácil pensar em moral quando se está bem alimentado.

Um homem com pele morena e maxilar quadrado, vestindo camisa de flanela vermelha, chega aos pulos.

– Não tenho tanta certeza se este aí é cheio de moral, Ted. Está andando com duas garotas, ousado que só. São hipócritas, todos eles.

– Mantenha a língua em tom civilizado. Estas damas são noviças da Irmandade. – Finn puxa Tess para trás de si.

– Essas garotas do convento não são melhores do que os Irmãos. Nunca trabalharam honestamente nem um dia na vida, aposto – diz o homem de cabelo escuro com voz arrastada. Ele tem o mesmo sotaque espanhol de Irmã Inez.

Fico surpresa com meu próprio ultraje.

– Trabalhamos, sim. Nós cuidamos dos doentes no hospital. Levamos comida para quem precisa.

– Mas a vocês não falta nada, não é mesmo? Continuam indo para a cama à noite de barriga cheia e deitam a cabeça em travesseiros fofos de pluma – observa Ted.

– Não queremos a caridade de vocês – fala o espanhol. – Queremos fazer as coisas por nossa conta.

Olho para os dois com desgosto.

– Vocês não parecem estar passando fome.

O homem de cabelo escuro dá risada, agarra meu braço e me puxa para longe de Finn.

– Você é abusada, não é mesmo? Duvido que ele aprove essa atitude – diz ele, e aponta para Finn com a cabeça. – Posso mostrar a você o que é bom, Irmã.

O hálito dele cheira a álcool, e agora compreendo por que Finn ficou temeroso. O protesto é um estopim para a violência, exacerbado pelo álcool, pelo sol quente e pela mentalidade da multidão.

Firmo os pés no chão encharcado usando o máximo de força possível. Se esse homem tosco acredita que pode me tratar com brusquidão, está absolutamente errado.

– Tire as mãos de mim. Não vou a lugar nenhum com você.

– Venha, vamos dar só uma olhada por aí juntos. Aposto que sou mais divertido do que ele. Já provou uísque? – Ele remexe no bolso e tira uma garrafinha, seus olhos escuros me examinam. – Já foi beijada, Irmã?

Ah, isso já é demais. Dou um tapa na cara dele.

O amigo dele dá risada.

– Ela acabou com você agora, Marco!

Todo vermelho, Marco esfrega a bochecha e olha para mim com ódio.

– Vagabunda da elite.

Finn dá um passo em nossa direção. Os olhos dele estão furiosos.

– É assim que você demonstra seu respeito pelas mulheres?

Marco sorri.

– Tem razão. Minha luta é com *you*.

Ele empurra Finn, que cambaleia para trás e dá um encontrão em Tess. Ela escorrega e cai no chão. A lama grossa respinga na capa dela e em seu rosto. Finn se levanta, cambaleando, mas o homem de cabelo escuro se vira com facilidade e lhe dá um soco. Finn cai para trás.

– Pare com isso! Devia ter vergonha na cara – solto, irritada, e ajudo Tess a se levantar. – Olhe só o que você fez. Ferir uma criança faz com que você se sinta másculo?

Marco avança para cima de mim mais uma vez, mas agora tropeça nos próprios pés de modo espetacular e cai estatelado na lama.

Foi obra de Tess. Dificilmente posso condená-la. Não acredito que um pouquinho de magia sutil seja muito pior do que uma briga pública. Flexiono os dedos, que ainda estão formigando por ter dado um tapa nele.

– Vamos, Marco, já chega. Esse não é o tipo de confusão que nós queremos – diz Ted, e arrasta o amigo para o meio da multidão.

Finn pega meu braço e o de Tess e nos puxa rapidamente para a direção oposta.

– Que protesto esplêndido, não é mesmo? – Ele olha feio para mim. – Venham, vou acompanhá-las até em casa.

Abro a boca para argumentar que ele não deve ser visto nas proximidades do convento, mas ele me olha de modo tão repressor que não ousa soltar mais nenhuma palavra.

Fazemos uma pausa quando chegamos ao bairro do mercado, a alguns quarteirões do centro da cidade.

– Tome – diz Tess, e entrega seu lenço a Finn. Tem sangue escorrendo do nariz dele e a bochecha já está inchando. Parece dolorido.

Finn faz uma pausa, tira a capa e nos instrui a fazer a mesma coisa.

– Se o restante da cidade estiver no mesmo clima, vamos ficar mais seguros assim.

É estranho caminhar pela cidade sem capa, com o cabelo descoberto. Não arrisco fazer isso desde menina. De todo modo, ninguém nos questiona. Isso também é estranho. Eu não podia caminhar pela rua Church sem que alguém parasse para me cumprimentar ou perguntar pelo Pai. Enquanto percorremos um quarteirão, encontramos duas damas refinadas saindo da costureira, com uma aia atrás delas, carregando vários vestidos novos; uma mãe arrastando três meninos melequentos aos berros, saindo de uma loja de doces; um homem na frente de um açougue cortando peças frescas de carne enquanto uma cabeça de porco nos encara de maneira inabalável da vitrine; e outro homem carregando quatro caixas de chapéu empilhadas até o queixo, que me dá um encontrão e me joga aos tropeções para cima de Tess. Ninguém sorri nem nos dá bom dia. Mas também ninguém olha torto para nós, já que não estamos usando capa. Todos estão absortos em seus afazeres.

Caminhamos em meio a um silêncio pontuado pelo rangido de rodas de carroça, pelo batucar de ferraduras de cavalo, pelos gritos dos meninos que vendem o jornal *Sentinela* e pelos berros de vendedores oferecendo flores, castanhas assadas e saborosas tortas de carne. É o fim do expediente e as ruas estão lotadas. Eu me aproximo muito de Finn, meu braço roça o dele, e mantenho Tess à minha frente, onde posso vê-la. Quando passamos pelo bairro residencial, próximo ao convento, as casas ficam maiores e o barulho fica para trás, até que sobram apenas algumas charretes abertas passando e o som da água escorrendo pelas calhas.

Finn para um quarteirão antes do convento.

– Pode nos dar licença um instante? – peço a Tess.

Ela assente.

– Obrigada por ter defendido nossa honra, Finn.

– Ah, fui de uma utilidade tremenda – balbucia Finn.

– Você foi brilhante – afirma Tess, e coloca a mão no braço dele. Então se afasta até uma distância prudente e fica mexendo no azevinho que cresce no portão do vizinho para se distrair e nos dar privacidade.

– Sinto muito por não ter dado atenção quando você disse que devíamos ir embora. Você está muito irritado comigo? – Estendo a mão e toco a bochecha dele, fazendo uma careta de

compaixão.

Finn sacode a cabeça, sem me fitar bem nos olhos.

– Não foi exatamente a primeira vez que apanhei numa briga, mas detesto o fato de você tê-la presenciado.

Ah! Sempre penso em Finn como alguém tão seguro de si, tão confiante e inteligente. Mas o menino que conheci quando criança era totalmente diferente: um sabichão pomposo, alto, mas magricela feito uma vagem, e propenso a levar surras no pátio da escola.

– Não penso nada de ruim em relação a você por causa disso. Aliás, se estivéssemos em algum lugar com um pouco mais de privacidade, eu iria mostrar exatamente o que penso de você – flerto com ele e seus lábios traçam um sorriso relutante. – Brigar não é a única maneira de demonstrar coragem. Entrar para a Fraternidade por mim e espionar para nós, isso é ter coragem.

– Eu quero ser capaz de proteger você – balbucia ele.

– Eu sou capaz de me proteger sozinha. – Aperto a mão dele e me concentro em seus ferimentos. Só levo um momento para curá-los. Dessa vez nem fico tonta.

Finn examina a bochecha com as pontas dos dedos e confirma que não está mais inchada.

– Não precisava fazer isso – murmura ele.

– É bem fácil. – Eu é que não vou permitir que ele ande machucado e sangrando por aí só para manter seu orgulho.

Ele enfia o lenço sujo no bolso e raspa a bota na calçada.

– Eu gostaria de poder fazer mais para garantir sua segurança. Quero ser seu marido, Cate. Esses encontros às escondidas...

– Eu sei. – Um gato de rua listrado se esfrega nas canelas de Tess e ela se abaixa para acariciá-lo, dizendo palavras doces. *Esta é a garota que tanto apavora os Irmãos?* – Também não acho que seja o ideal. Mas o que quer que Inez esteja planejando, tem que dar certo.

capítulo

A tensão que cozinhou em banho-maria dentro do convento explode na tarde seguinte, durante a aula de História da Bruxaria. Irmã Sophia está dando aula no lugar de Irmã Evelyn, que tropeçou nos degraus da entrada e quebrou o braço, bem como Tess havia previsto. A maior parte das nossas aulas são baseadas em habilidades mágicas, e não em faixa etária, mas História da Bruxaria é exceção; a turma é formada pelas doze garotas mais velhas do convento. Nós nos acomodamos nas carteiras, bancos de madeira estreitos com tampos gastos acoplados, em fileiras bem retas de quatro por quatro, a última das quais fica vazia.

Irmã Sophia está lendo passagens sobre as medidas cada vez mais restritivas da Fraternidade no início do século XIX, época em que o teatro e as danças públicas foram declarados ilegais. Parece bobagem nos concentrarmos nas coisas que aconteceram há quase cem anos, quando poderíamos estar falando sobre os protestos do dia anterior ou sobre as garotas que estão sendo presas. Quase ninguém presta atenção. O fogo queima na lareira, a ponto de fazer com que a sala pareça abafada e sonolenta. À minha frente, a dedicada Pearl copia anotações em sua lousa, a cabeça loira de Alexa está caída e Maud e Eugenia trocam bilhetes. À minha esquerda, Rilla desenha corações em sua lousa com o giz.

À minha direita, Mei passa as contas de marfim de *japamala* entre os dedos, preocupada com suas irmãs. O irmão dela, Yang, esteve no convento ontem à noite com a notícia preocupante de que Li e Hua tinham se esgueirado para fora de casa para participar dos protestos e que estavam entre as duzentas pessoas presas pelos guardas dos Irmãos. Não há espaço suficiente para todos na prisão de Nova Londres, por isso estão presos feito gado em um galpão perto do rio.

– Baba foi vê-las e levou um sermão dos guardas por ter criado garotas que causam problemas – contou Mei ontem à noite. – Ele acha que vão ficar detidas alguns dias, para aprenderem a lição, e depois as mulheres serão levadas a julgamento por indecência pública.

Nada de bom pode sair disso. Dou uma olhadinha em Mei, cuja boca articula um mantra silencioso enquanto ela passa as contas entre o polegar e o dedo médio.

Ouvimos alguns passos no corredor e Irmã Gretchen aparece à porta.

– Com licença, Sophia. Detesto interromper, mas Cora mandou chamá-la.

Irmã Sophia fecha o livro com um barulho alto que faz Alexa se sobressaltar e despertar, e tira todo mundo do estupor.

– Garotas, estão dispensadas.

Irmã Cora deve estar sofrendo muito para chamá-la no meio da aula.

– Irmã Cora está morrendo? – pergunta Daisy à Irmã Sophia. Eu me viro para ficar de frente para ela e reparo que ela e Rory estavam jogando uma partida de Pássaros, Feras e Peixes na lousa. Rory não conseguiu preencher muitas letras, e a visão de meio homem pendurado numa forca me causa um calafrio, mesmo na sala quente.

– Hoje, não – diz Irmã Sophia, ríspida. – Se estivesse, eu não poderia fazer nada por ela.

Capto um lampejo da seda amarela da manga de seu vestido quando ela passa por entre as carteiras.

– Posso ajudar?

Ela dá um tapinha no meu ombro, e sorri distraidamente.

– Não, querida, mas obrigada por se oferecer.

Ela e Irmã Gretchen se retiram aos sussurros. Embora tenhamos sido dispensadas, todas permanecemos nas carteiras, abaladas. É a primeira vez que alguma professora admite publicamente que Irmã Cora está morrendo.

– Eu a vi no corredor hoje de manhã, quando fui levar um recado para Irmã Gretchen – diz Daisy com sua fala arrastada, apagando o jogo na lousa com um trapo. – Parecia péssima. Mal conseguia andar.

Rilla coloca o lápis de lado.

– Eu estava ajudando na cozinha no café da manhã e Irmã Gretchen disse que Cora só consegue tomar caldo e chá. Acho que agora não vai demorar muito. Minha avó ficou assim no fim.

Maura saltita até a frente da sala, empurra os livros de Irmã Evelyn para um cantinho da mesa e senta-se ali mesmo.

– Precisamos fazer com que Irmã Inez se torne diretora *agora*, para podermos avançar com as coisas em vez de simplesmente ficar aguardando pela morte de Irmã Cora. Com os Irmãos tão envolvidos na caça ao oráculo e no protesto, este é o momento perfeito para atacar.

Mei estremece e enfia as contas no bolso de seu vestido alaranjado.

– Este é um momento *perigoso*, com tantos Irmãos na cidade para a reunião do Conselho Nacional. Irmã Cora diz que precisamos ter cuidado redobrado.

– Irmã Cora é velha demais e cautelosa demais. Precisamos de alguém com coragem de nos liderar – diz Maura, e balança os pés feito uma criança. Ela usa sapatilhas marrons de salto com borlas douradas na ponta. – Uma dúzia de garotas foi presa sem julgamento, como oráculos em potencial. Se pudessemos tirá-las do prédio do Conselho Nacional, imaginem que sensação causaria! Os Irmãos ficariam furiosos.

– Isso é impossível – diz Eugenia. Ela se arrisca a dar uma olhada para Alice e fica vermelha, remexendo nervosamente em seu coque castanho. – O prédio do Conselho Nacional é uma fortaleza absoluta. O Irmão Covington tem um apartamento grandioso lá dentro, e a guarda dos Irmãos patrulha o lugar o tempo todo.

Sinto um segundo de *déjà vu*; Rory, na sala, perguntando para mim: *Você acha que seria impossível tirar alguém de Harwood?*

Pelo menos dessa vez, eu não paro para pensar no assunto com cuidado.

– Se estamos pensando em organizar uma invasão... – digo lentamente, meu olhar em Rory – ... que tal Harwood?

A lousa de Rory cai de sua mão e se espatifa no chão.

– Sério? – Ela engole em seco.

Maura cruza os braços por cima do corpete cor de creme.

– As garotas de lá não correm perigo iminente.

– Mas é lá que o oráculo está. – Batuco os dedos no tampo de madeira. – É Brenna que está colocando todo mundo em perigo, incluindo a nós. Se conseguirmos tirar Brenna de lá...

– E Sachi! – interrompe Rory, e se abaixa para pegar a lousa rachada.

– Nós já sabemos como entrar. Cate, Pearl e eu vamos lá toda semana em missões de enfermagem – completa Mei. – A dúvida seria como *tirá-las* de lá.

– Ora, Cate Cahill. – Alice semicerra os olhos azuis e franze os lábios para mim. – No final das contas, pode ser que você tenha algumas boas ideias nessa sua cabecinha. Se vamos arriscar o pescoço para salvar garotas, é melhor que sejam bruxas, e onde há mais bruxas em potencial do que em Harwood? Além daqui, é claro.

– Se conseguíssemos tirá-las de lá de algum modo... digamos, se Harwood pegasse fogo... nós *teríamos* números melhores quando a guerra começar – reflete Maura, tomada pela onda crescente de entusiasmo.

– Um incêndio? – Balanço a cabeça. – As mulheres que estão lá vivem *dopadas*. Se houvesse um incêndio, quantas delas seriam queimadas vivas nas camas?

– Não precisa haver um incêndio de fato. – Alice se irrita e revira os olhos. – Só precisamos de algo para deixar as enfermeiras atarantadas, para que chamem a brigada de incêndio, de modo que o portão fique aberto e elas não reparem se algumas garotas fugirem no meio da confusão. Podemos providenciar para que sua irmã fuja, Rory.

– E a irmã de Lucy Wheeler? Ela também está lá, mas não é bruxa – diz Daisy com a testa morena franzida.

– Acho que devemos nos limitar às bruxas – insiste Alice. – Não podemos salvar todo mundo.

– Isso é cruel. – Mei tira a franja dos olhos. – É o seguinte, se Li e Hua foram condenadas para lá, não vou deixar que apodreçam naquele lugar só porque não são bruxas. Elas são minhas irmãs.

Maud abana a mão, como que pedindo permissão para falar, e eu meneio a cabeça para ela. Ela é uma garota baixinha com cabelo ruivo, mas não tem os cachos bonitos de Maura. Seus cabelos têm cor de cenoura, e ela é a pessoa com mais sardas que já vi na minha vida.

– Minha prima Caroline está lá – diz ela. – Mas não é bruxa, ela foi presa por ter tido um caso com um dos Irmãos do conselho da nossa cidade. Ele já era casado, mas não aconteceu absolutamente nada com ele.

– É sempre assim – diz Rory com amargor, e arregaça a renda cor-de-rosa de seus punhos.

– Concordo com Alice nesse aspecto. Há centenas de garotas lá. Não podemos trazer todas para a Irmandade. Mesmo que no início fiquem gratas por terem sido salvas, quem pode saber se vão guardar os nossos segredos? – Maura alisa a saia cor de creme. – Precisamos colocar a Irmandade em primeiro lugar.

– E você é amiga do arquiteto que construiu Harwood, não é? – Alice lança um sorriso calculado para Maura. – Um pequeno flerte, e aposto que você consegue descobrir como fazer isso. Nós podemos mudar a aparência para ficarmos parecidas com pedreiros, daí vamos criar algum tipo de distração e, no meio de toda confusão, vamos tirar as bruxas de lá sem ninguém notar.

De repente, fico desconfiada do trabalho que trouxe Paul de volta a Nova Londres. A firma dele deve estar supervisionando a reforma de Harwood. Curioso Maura nunca ter mencionado isso. Mordo o lábio. Como foi que ela e Alice assumiram o controle tão rápido? A ideia foi minha, e agora são elas que estão tomando decisões a respeito de quem será salva e estão dando as instruções?

Rilla sacode a cabeça e seus cachinhos marrons balançam.

– Acho que Mei tem razão. Se apenas *algumas* garotas escaparem, não acham que os Irmãos vão se vingar das restantes? Se as condições lá já são tão ruins como vocês dizem...

– E são – Mei e Pearl fazem coro.

– Não vou deixar Caroline para trás, para ser castigada – diz Maud, cheia de teimosia.

– Ah, tudo bem, podemos salvar sua prima idiota. Mas não podemos nos preocupar com *todas*. Há alguns riscos em travar uma guerra – fala Alice. E apesar de saber que ela está certa, e de que a própria Irmã Cora iria concordar, isso não cai bem para mim.

Eu me levanto.

– Eu já estive em Harwood e vi as condições daquele lugar. É horrível. Digo que devemos continuar pensando até podermos encontrar um jeito de tirar todas as garotas de lá, bruxas ou não.

Mei faz uma pausa em seu mantra.

– Concordo com Cate.

– Eu também – dizem Rilla, Maud, Daisy e Pearl em uníssono.

– Mas não vai demorar demais se ficarmos pensando? Será que assim não vão ficar apodrecendo lá para sempre? – insiste Rory.

Eu sei que ela está pensando em Sachi, no julgamento que vai acontecer amanhã.

– Não, é claro que não. Tem que haver um jeito.

– Estou decepcionada com todas vocês. – Maura olha com raiva para mim. – Eu sabia que Cate na verdade não iria partir para a execução, mas não achei que vocês todas iriam se enfileirar atrás dela feito patinhos amedrontados. Nós *podemos* fazer isso funcionar, eu sei que sim. Se uma das enfermeiras presenciarem algo que não devia, Alice e eu simplesmente faremos com que ela se esqueça do que viu.

– Esse não é o ponto – argumento, sentando-me no tampo da mesa.

– E se houver mais de uma testemunha? – Vi ergue a voz pela primeira vez e arrasta sua carteira para longe da de Alice, fazendo muito barulho. – E se os encantos de vocês falharem e expuserem a todas nós? Não há como resolver isso à força.

– O que você quer dizer com isso? – Alice se irrita e fica mexendo em um de seus brincos.
– Maura é maravilhosa em compulsão, e eu vou estar lá para ajudá-la.

– E se você não conseguir? E se for revelado que a Irmandade é um covil de bruxas? O que aconteceria com todas nós? Com o meu pai?

– Não seja tola – explode Alice. – Seu pai pode dizer a todos que foi compelido, que não sabia de nada sobre nossa magia. Eu poderia apagar a memória dele, então ele nem estaria mentindo.

Vi bate a lousa na carteira com tanta força que ela se quebra ao meio. Metade das garotas na sala se sobressalta nas carteiras.

– O diabo que você vai fazer isso!

– Vi! – Alice engole em seco e suas orelhas ficam bem vermelhas.

– Não! Magia mental não é brinquedo para você ficar por aí se exibindo com ela. Não vou ajudá-la a acabar com a mente dele, como fez com aquela pobre garota no ano passado.

Alice leva a mão ao busto. Se eu achasse que ela guardava um coração ali, iria ficar com pena dela.

– Como ousa!

Vi olha feio para sua melhor amiga, desafiadora.

– Você iria compreender se seu pai fosse mais importante para você do que o bolso dele.

Alice sai de trás de sua carteira e vai pisando firme até onde Maura se encontra, cheia de ressentimento.

– Bom, agora vejo quem são minhas *verdadeiras* amigas aqui.

– Isso é importante demais para esperar. Se tivéssemos mais bruxas com poderes de magia mental, poderíamos proteger a nós mesmas – insiste Maura, e se recusa a reconhecer que perdeu a aprovação geral. – Nós não precisaríamos esperar até que os Irmãos viessem aqui para nos levar, uma a uma. Nós poderíamos ir atrás deles.

– Como? – Violet solta uma gargalhada nada digna de uma dama. – Você não pode sair por aí compelindo todos os Irmãos com os quais cruzar pela rua.

Fico surpresa pelo olhar feio de Alice não transformá-la em pedra ali mesmo.

– Por que não? É muito melhor do que ficar aqui sentada, esperando aquele oráculo louco nos entregar. Nós precisamos fazer *alguma coisa*, e eu pelo menos sou grata por ter alguém por perto... – Ela olha para Maura – ... que não é um gatinho covarde e amedrontado feito vocês.

– Não é covardia pensar nas coisas com cuidado em vez de fazer algo de maneira intempestiva – argumento, e reteso o maxilar.

– Talvez você só queira postergar o ataque aos Irmãos. Talvez sinta mais solidariedade por eles do que deixa transparecer, por causa do seu rapaz – desdenha Alice, e sinto meu coração apertar. Será que Maura contou a ela que continuo me encontrando com Finn? – É patético ficar protegendo um homem que decepcionou você.

– Você se envolveu com um Irmão? – Rilla engole em seco ao meu lado. – Você nunca me contou isso!

– Você sempre faz isso, Alice – reclama Vi. – Caçoa de todo mundo que discorda de você. Todas nós temos direito a opiniões, sabia?

– Você só está com inveja porque não tem serventia nisso. Você não é capaz de fazer magia mental e suas ilusões são péssimas. Se seu pai não tivesse se oferecido para ser cocheiro de graça, não teria valido a pena salvar você! – berra Alice, o rosto bonito todo vermelho.

– É mesmo? – Vi semicerra os olhos e, de repente, montes de aranhas sobem pelo vestido verde de Alice. *Centenas* de aranhas.

É uma ilusão... bem apavorante, se você tem medo de aranhas. A julgar pelo jeito como Alice berra e saltita, ela tem.

– Tire isso daqui! Tire isso daqui!

Maura vai até Alice e joga algumas aranhas no chão. Elas saem correndo em velocidade surpreendente, e várias das garotas colocam os pés para cima das cadeiras, berrando. Daisy joga um livro em cima de uma aranha especialmente grande, achatando-a.

– Acalme-se. Elas não são de verdade. Você não pode lutar contra elas se não se concentrar – diz Maura a Alice.

– Elas não deviam estar brigando, para começo de conversa – digo, mas com a orientação de Maura, Alice parece ter recuperado a calma. Ela faz as aranhas sumirem.

– Ilusões? Vejamos – fala Vi, e então Alice começa a crescer, fica mais alta do que eu, tão alta quanto as estantes de livros que cobrem a parede dos fundos. Dois chifres curvados, como os de um carneiro, despontam em meio aos seus cabelos, e sua pele ganha um tom horroroso de azeitona, igual a um monstro de livro de fantasia.

Rilla cai na gargalhada. Pearl cobre a boca com a mão. Até Eugenia e Maud, que costumam ficar do lado de Alice, mal conseguem conter um sorriso.

Alice berra e corre para o espelho com moldura dourada que fica acima da lareira, curvando-se e se retorcendo até conseguir enxergar seu reflexo. Ela berra de novo quando avista um lampejo de sua imagem.

– Vi, já chega – reclamo, e me levanto da minha carteira.

– Não, não chega – argumenta Vi, e dá um focinho de porco para Alice. Atrás de mim, Rory dá tanta risada que chegar a soltar roncões. – Ela é tão exibida, e nem é a melhor bruxa daqui.

– E você também não é. Não se vanglorie – diz Maura, irritada, e de repente os ombros de Vi se encurvam, seu cabelo fica grisalho, a pele perfeita se enruga, a boca murcha e ela perde os dentes até se transformar numa velha caquética. As garotas engolem em seco, horrorizadas, enquanto Alice morre de rir. Até eu dou um passo atrás, impressionada com a perfeição da ilusão.

– Maura – solto um gemido. – Você não está ajudando em nada.

Maura dá um sorriso maldoso para mim.

– Acabe com o encanto... se for capaz.

É a vontade que tenho. Não apenas por estar do lado de Vi na discussão, mas porque Maura lançou a proposta como se fosse um desafio, e eu nunca ignorei um desafio. Busco a minha magia e a encontro pairando, pronta, agitada pela minha mistura de medo e raiva. Mas hesito. Se eu não conseguir desfazer a ilusão de Maura, ela nunca vai me deixar esquecer isso. E se eu conseguir, vou humilhá-la na frente de um monte de testemunhas. Será que ela vai ser capaz de me perdoar algum dia?

– O que você *fez* comigo? – indaga Vi enquanto explora o rosto modificado com os dedos.

– Deixou você tão feia por fora quanto é por dentro – provoca Alice.

– Basta! – ordeno, irritada. Primeiro me concentro em Vi, ciente de que a ilusão de Maura vai ser a mais difícil de desfazer. Como sempre acontece em momentos de estresse, começo a lançar os encantos em voz alta. – *Acclaro!*

Não é fácil. Quando canalizo a ilusão com minha magia, ela resiste, teimosa. Forço um pouco mais e ela vacila. Maura me observa com uma expressão de satisfação no belo rosto. Vou além e o feitiço se desfaz, e Vi volta a ser a garota elegante de 16 anos.

– Mas e eu? – Alice se aproxima de mim, pisando firme, enorme e irritada, derrubando carteiras em seu rastro. – Você não pode simplesmente me deixar assim!

Maura acena e Alice encolhe a seu tamanho normal, os chifres desaparecem e a pele clareia.

Mei olha ansiosamente em direção ao corredor.

– Irmã Inez vai ter um ataque se nos flagrar.

– Foi só um pouco de diversão. Não seja tão estraga-prazeres – diz Maura irritada.

Alice passa os dedos pelos cabelos dourados desgrehados, fungando.

– Foi Vi quem começou.

– Você provocou – observo.

– Quem é você para me dizer o que fazer? Você não é professora, sua...

Lanço o feitiço de silêncio e ela leva as mãos à garganta, daí olha para mim com raiva, muda.

– Eu sou a bruxa mais poderosa desta sala, é isso que eu sou. – As palavras saem da minha boca antes que eu seja capaz de contê-las. Maura estremece como se eu tivesse batido nela, mas Rilla e Mei se viram na cadeira para olhar para mim. – As coisas estão piorando. Os Irmãos vieram aqui, à nossa casa, onde supostamente estaríamos a salvo, e levaram Hope. Sei que vocês estão frustradas com isso. Eu também estou. Mas precisamos nos unir. Não podemos começar a brigar entre nós, e não podemos tramar planos malucos sem pensar em todos os detalhes e dar chance para que todas possam expressar sua opinião.

– Mas que discurso bonito. – Irmã Inez caminha com passos firmes até a frente da sala, com seus saltos ecoando a cada passada. – Mas devo lembrá-la de que ainda não está no comando, senhorita Cahill.

Nem você, penso eu, e minha desconfiança a respeito dela fica mais séria.

– Tire o feitiço da senhorita Auclair.

Eu obedeço e engulo um sorriso. Baixo os olhos para que ela não veja o triunfo neles. Se Inez precisa me pedir que desfaça o feitiço, significa que o feitiço é forte demais para ela quebrar.

– Não foi minha intenção ir além dos meus limites. A senhora não estava aqui – digo.

Isso é o mais próximo de um pedido de desculpas que ela vai conseguir.

– Vocês estão proibidas de executar magia umas nas outras sem uma professora presente, como bem sabem – ralha Irmã Inez. – Como não são capazes de encontrar sozinhas uma ocupação adequada, quero que escrevam três páginas de caderno a respeito das medidas progressivamente restritivas do Conselho Nacional ao longo dos últimos cinquenta anos. Talvez seja melhor começarem agora, antes que eu peça cinco.

As garotas se espalham.

– Aquilo foi espetacular – sussurra Rilla, saltitante, ao meu lado.

– A expressão de Alice quando você a fez calar a boca foi brilhante – completa Rory.

Pearl lança um sorriso tão grande que mostra até os dentes.

– Com licença. Eu gostaria de conversar com minha irmã um instante. – Maura pega meu cotovelo e me arrasta pelo corredor até a sala de literatura, que está vazia.

– Como você tem coragem? – solta ela, e se vira para mim depois de bater a porta, irritada.

Desabo numa carteira. Todos aqueles feitiços em sucessão tão rápida me deixaram exausta e, sinceramente, não estou disposta a brigar.

– Como tenho coragem de quê? De discordar de você e de Alice? Ela pode ser uma cobra, mas acha que você é igualzinha a ela, sabia?

– Você simplesmente não suporta o fato de eu ser mais popular do que você!

Ah, isso de novo, não!

– Eu não me importo se você tiver cem novas amigas. É a qualidade delas que me preocupa. Você não demonstrou ter feito as melhores escolhas no passado.

– Você *ia* mesmo jogar isso na minha cara. – As bochechas de Maura ficam rosadas. – Elena gostava, sim, de mim. Ela admitiu mais tarde. Ela mentiu para tranquilizar *você* e garantir que *você* se juntasse à Irmandade, e para agradar à idiota e querida Irmã Cora.

– Sinto muito – digo, sincera. – Sinto muito por ela ter magoado você e por eu ser parte do motivo disso. Mas não gosto da maneira como você vem agindo aqui. Ultimamente, parece que você é outra pessoa, Maura. Como se estivesse disposta a fazer qualquer coisa para provar seu valor a Irmã Inez.

– Talvez eu *queira* ser outra pessoa! Estou cansada de ser uma das garotas Cahill, a bobona romântica, a bonitinha, a que precisa ser vigiada porque pode fazer algo impensado. – Maura joga as mãos para cima, exasperada. – De que diabos adianta ser *bonita* se minha opinião não vale nada?

Cerro o maxilar, magoada apesar de tudo.

– Como é que vou saber? *Você* sempre foi a irmã bonita.

Maura caminha de um lado a outro entre as carteiras, serpenteando por elas.

– Você fez tudo o que pôde para desacreditar minhas ideias agora há pouco. E se isso já não fosse bem ruim, ainda disse que era a bruxa mais poderosa da sala, como se isso fosse um fato comprovado! Quando tiver idade para tal, quero liderar a Irmandade. *Você* quer casamento, bebês e uma casinha bonitinha com jardim. Por que está brigando comigo por causa disso?

Porque eu não confio na capacidade de ser cautelosa com as pessoas como deveria. Porque estou começando a desconfiar de que a única pessoa em quem confio para liderar a Irmandade para Tess até que ela alcance a maioridade seja *eu*.

– Talvez eu possa fazer as duas coisas – digo, e meus olhos baixam para o piso gasto de madeira.

– Você é uma egoísta desgraçada! – berra Maura. Ela fecha os olhos num esforço para se controlar. – Você se recusa até a fazer o teste de magia mental. Como é que você vai governar sem usar compulsão?

Penso no Irmão Ishida. Será que devo contar a ela a respeito? Não, ela só vai jogar na minha cara que fiz isso por causa de Finn, como se eu fosse alguma tola cegada pelo amor.

– Eu posso usá-la quando necessário.

– Pode mesmo? Ou será que ficaria adiando até o momento certo ter passado? Alice e eu tivemos a ideia de tirar aquelas garotas de Harwood, e como a ideia não tinha sido *sua* e não se encaixava nos *seus* belos princípios, você fez com que todo mundo se voltasse contra ela!

– Não era só eu que tinha dúvidas – reclamo, tremendo. A sala não foi usada hoje e a lareira está cheia de cinzas frias.

Maura geme e joga as mãos para o alto mais uma vez. Ela já começou a usar um anel fino de prata no indicador direito. Apesar de ele ainda não estar gravado com o lema das Irmãs, é um sinal claro de seu compromisso.

– Se Brenna causar a morte de mais alguém enquanto você está *pensando*, vão querer sua cabeça.

Eu me levanto.

– Você não esteve em Harwood, Maura. Não viu como era. Se eu fizer isso, vou fazer do jeito certo.

– Se fizer isso – caçoa Maura, e se inclina para tão perto que consigo sentir o perfume de capim-limão que ela usa. – Você é covarde demais para de fato *fazer* alguma coisa, Cate. Esse é o seu problema.

– Eu vou salvá-las. – Planto as mãos no quadril e enfio os polegares na faixa azul da cintura. – Espere só para ver.

– *Você* é que pode esperar. Logo Cora vai morrer e Inez será a encarregada. Ela vai me eleger seu braço direito, não você. Irmã Inez só está usando você para conseguir informações de Finn.

Agarro o braço de Maura e faço com que se vire para mim, apertando o tafetá cor de creme no punho dela.

– Você pode confiar mais nela do que confiou em Elena? Sinceramente, acha que se ela suceder Cora e depuser a Fraternidade, simplesmente vai lhe ceder o lugar quando você estiver pronta para liderar?

Maura fica me olhando, boquiaberta.

– Inez acredita em mim.

Balanço a cabeça.

– *Eu* acredito em você! Acredito que você seja mais inteligente do que isso.

A raiva passa pelo rosto de Maura, seus lábios se contraem e ela semicerra os olhos, então eu saio voando mais de três metros para trás. Minhas costas vão de encontro à lousa, com força, e eu escorrego para o chão feito uma boneca de trapos atirada por um gigante. Minhas saias cinzentas se esparramam ao redor.

Minha irmã se aproxima de mim, os olhos azuis brilhando.

– Minha intenção é liderar a Irmandade, Cate. Vou agradecer se você não se colocar no meu caminho. Cansei de fazer papel de boazinha.

Eu me contorço e tenho dificuldade para me levantar, segurando o cotovelo que bateu com muita força na bandeja de giz.

– É isso que você tem feito, me humilhando ao dizer para todo mundo como fui traída, como sou burra e como sou *covarde*? Tentando mostrar que é melhor do que eu a toda a hora?

Minha irmã esfrega a mão no rosto em formato de coração.

– Tudo isso seria bem mais fácil se você não estivesse aqui – diz ela com simplicidade, de maneira desconcertante, e um calafrio sobe pela minha espinha.

Ah!

– Como assim? – sussurro, o coração batendo forte.

Ela recua e se coloca ao lado da mesa de Irmã Gretchen.

– Você me faz perder a paciência e dizer coisas idiotas e que magoam, que não tenho intenção de dizer e não consigo esquecer a maneira como você fez Elena se voltar contra mim. Ela está do seu lado, sabia? Elena diz que gosta de mim, mas acha que *você* seria uma líder melhor. – Maura solta uma gargalhada seca e meus olhos disparam para os dela. – Se não fosse você, eu teria tudo o que quero.

Cometi erros, é verdade. Talvez eu tenha sido relapsa e teimosa, mas nunca agi com maldade de propósito. Eu amo Maura. Faria qualquer coisa por ela.

– Não quero brigar com você, Cate, de verdade. Mas não vou recuar.

– Nem eu. – Não posso. Não se o futuro da Irmandade e de todas as garotas de Harwood estiver em jogo.

Olho para minha irmã, e apesar de ela estar bem na minha frente, parece estar a oceanos de distância.

Não sei mais como me comunicar com ela.

Irmã Sophia vem me buscar na hora do jantar e isso faz todas as outras garotas olharem em nossa direção.

– Sinto muito por interromper sua refeição, Cate – diz ela, e coloca a mão no meu ombro. – Cora está chamando.

A conversa à nossa mesa vacila e para. Sussurros dançam pela sala de jantar.

– Claro – respondo, dobrando o guardanapo e colocando-o na mesa. As coisas devem estar ruins mesmo, se Sophia já não pode ajudar.

– Quer que eu leve o resto do seu jantar para o quarto? – pergunta Tess. Ela sempre se senta com Lucy, Rebekah e as meninas mais jovens durante o café da manhã, mas sempre jantamos juntas.

– Não, obrigada. – Lanço um olhar penalizado para as batatas-doces assadas, as abóboras e o frango no meu prato. Não vou querer comer depois de uma sessão de cura, e é melhor não fazer isso com o estômago cheio.

Há cinco mesas compridas de carvalho na sala de jantar: quatro para as alunas e uma para as professoras. Depois da briga com Alice hoje à tarde, Vi fez toda questão de sentar à nossa mesa esta noite. Maud veio com ela, apesar de ficar olhando ansiosamente na direção da mesa de Alice.

Eu faço a mesma coisa. Flagro Maura olhando feio para mim e desvio rápido o olhar.

Ela está irritada comigo, e com inveja. Vai superar. As coisas são assim entre irmãs; não é exatamente a primeira vez que surge uma rivalidade entre nós.

Mas isto parece mais importante do que disputas sobre quem viu Tess engatinhando pela primeira vez, ou sobre quem vai com a Mãe à cidade, ou de quem é a vez de ganhar um vestido novo. Isto aqui vai direto ao cerne de quem somos, e para que fomos moldadas.

Maura nunca disfarçou que se acha mais inteligente, mais bonita, mais ambiciosa e mais talentosa do que eu. Eu costumava ignorar as alfinetadas.

Eu costumava pensar que Maura tinha razão.

Levanto-me e me afasto da mesa, a cabeça erguida, ignorando os cochichos. Irmã Cora mandou *me* chamar. Sou a única capaz de fazer isso. Deve valer para alguma coisa.

Sophia me conduz até a sala de estar de Cora, então se coloca à porta feito uma mariposa. Ocupo a poltrona florida posicionada ao lado da de Cora. Há um bule de chá fumegante na mesa entre nós. Ela já serviu uma xícara para si e agora serve uma para mim.

– Pode ir, Sophia. Obrigada – ordena ela.

Sophia sai da sala e nos deixa envoltas em sombras. A lamparina a gás na mesa de Cora cria um pequeno círculo de luz que não chega a nos alcançar.

– Sophia disse que você se ofereceu para me curar, Catherine. – Cora usa um penhoar azul e tem uma manta branca no colo. Seu cabelo cai no ombro direito, numa trança comprida. – Agradeço por isso. Ainda que sejam só mais algumas horas, para que eu possa pensar com mais clareza, já vão ajudar bastante.

O pânico borbulha dentro de mim.

– Ainda não encontrei o limite do meu poder de cura. Talvez...

Cora sacode a cabeça.

– Não se esforce além do seu limite por mim. Já fiquei em paz com a ideia de morrer, na medida em que qualquer mulher é capaz de aceitar, claro. Toda esperança repousa em algumas horas sem essa dor, para eu ao menos poder colocar minhas coisas em ordem. – Ela pousa a xícara e estende a mão com a palma voltada para cima. Tudo é muito profissional. Tique-taque, não há tempo a perder.

Pego a mão dela, macia e quente por causa do chá. Minha magia estremece com sua doença.

Aperto a mão com mais força e penso em como precisamos de Irmã Cora.

Não estou pronta para liderar. Tess não está pronta para liderar.

Ela precisa de tempo. *Nós* precisamos de tempo.

Lanço o feitiço e a dor é imediata e cegante.

Arquejo, encolhendo o corpo, com o estômago revirado. Minha cabeça rodopia, sinto calor e enjoo. Mas continuo lutando contra a doença dentro dela. Penso nas garotas exibidas como Alice, ambiciosas como Maura, doces como Lucy e desesperadas como Rory. Irmã Cora salva meia dúzia de garotas todo ano das garras dos Irmãos. Isso já é razão suficiente para lutar por ela, não é?

É mais do que suficiente.

Parece que levo facadas no estômago e na cabeça.

É pior do que o pavor terrível de cair da cerca do chiqueiro e torcer o tornozelo. Pior do que qualquer dor física que já senti.

A minha visão fica turva e escura nas beiradas, mas não desisto. Sinto a magia funcionando e a doença se afastando, encolhendo, recuando para seus esconderijos sombrios.

Por fim, verbalizo a sensação: um arfar, um encanto, um soluço. Ela não pode morrer. Ainda não.

A magia salta do meu corpo para o dela e me deixa vazia, enjoada, estafada. Parece que minha coluna não tem substância, ficou borrachuda. Desabo para o lado e minha mão solta a dela. Paro de resistir.

Acordo com a cabeça em cima da mesinha de centro. A primeira coisa que vejo é uma xícara de chá. A segunda são os anéis de prata de Irmã Cora refletindo a luz da lamparina quando ela passa uma ampola de sais aromáticos fortes embaixo do meu nariz. Minha vontade é reclamar do cheiro horrível e pungente, mas tenho medo de vomitar se abrir a boca, por isso cerro o maxilar e me sento ereta na cadeira.

Cora está ajoelhada ao meu lado. Suas bochechas agora têm um pouco de cor.

– Está tudo bem com você? – pergunta ela.

Confirmo que sim, ergo a mão e espero a onda de náusea passar.

– Aquilo foi extraordinário – diz ela, e se levanta. Seus pés descalços espiam sob a barra azul. – Quase me sinto tão bem quanto antigamente.

Não posso lhe dar falsas esperanças. Talvez ela não perceba, mas...

– Sinto muito, não pude...

– Nem ouse pedir desculpas. Você me deu exatamente o que pedi. Não deixe que isso lhe suba à cabeça, mas eu me sinto dez vezes melhor do que quando Sophia me trata. Estou me sentindo como há dois meses. – Cora pega a manta branca caída a seus pés e a dobra. – Aquilo que você fez foi absolutamente altruísta.

Se eu não estivesse me sentindo como alguém atropelado por uma manada de cavalos, teria dado risada. Ninguém mais me acusou de fazer algo altruísta ultimamente. Tem sido bem o contrário.

Ela pendura a manta com cuidado nas costas de sua poltrona e então entrega minha xícara de chá.

– Foi feito com gengibre ralado para ajudar a acalmar o estômago. Sophia tem preparado a mesma coisa para mim.

Estou enjoada demais para subterfúgios.

– Eu não pude salvar a senhora. Acho que não sou capaz de salvar ninguém.

Irmã Cora dá sua risada alta e rouca. Faz com que ela pareça jovem e cheia de vida, quando não é nenhuma das duas coisas.

– E é exatamente por isso que deve ser você, Catherine.

– Maura é quem deseja isto – reconheço. – Ela está disposta a fazer qualquer coisa. Tenho certeza de que você já soube que ela compeliu seis garotas.

– Eu apoiaria você contra sua irmã qualquer dia – diz Cora, sentando-se. Uma pequenina parte de mim, nova, se emociona com as palavras dela. – Se Maura estivesse à frente da Irmandade, será que seria capaz de colocar os próprios sentimentos de lado e fazer o que fosse melhor para nossas garotas? Ou será que seria governada por suas emoções, por seu orgulho?

Apoio a cabeça no cetim verde e branco macio da poltrona e penso em todas as acusações que Maura despejou em cima de mim hoje à tarde.

– Eu quero ajudar. Mas, e se não for suficiente? E se *eu* não for suficiente? – Fecho os olhos, envergonhada de como devo parecer ridícula. E se eu também for detalhista e cuidadosa demais? E se algo acontecer porque não libertei Brenna a tempo?

Sou capaz de ouvir o sorriso na voz de Irmã Cora.

– Todo mundo se preocupa com isso. Eu duvido da minha capacidade todos os dias. É aí que entra a fé. Nós precisamos acreditar na profecia e na retidão de nossa causa.

– Eis aí uma bela quantidade de confiança – falo, cheia de dúvidas, enquanto observo a chama tremeluzir através do vidro bisotado em cima da mesa dela. – A profecia também diz que uma de nós vai morrer antes da virada do século. Não posso colocar minha fé nisso.

Prefiro acreditar que temos alguma escolha sobre o destino, que nossas opções importam tanto quanto nossas estrelas.

Cora se inclina para a frente na poltrona.

– Claro que nossas opções importam, Catherine. Elas nos definem. Você veio para cá contra sua vontade, para proteger suas irmãs e aquele seu rapaz. Isso diz muito sobre o altruísmo, assim como seu poder de cura.

– Não compreendo – confesso, e semicerro os olhos para ela.

Irmã Cora coloca a mão no meu joelho. Ela agora se movimenta com mais liberdade, como se cada gesto não lhe causasse mais dor.

– Quero que você confie *em si mesma*.

Como se fosse assim tão simples.

– Mesmo que você não seja a bruxa da profecia, Catherine, ainda assim eu escolheria você para ser minha sucessora – diz ela baixinho. – Inez é implacável demais, Maura é muito parecida com ela e Teresa é jovem demais. Se as Irmãs voltarem a subir ao poder, não podemos repetir nossos erros. Precisamos de uma mulher com escrúpulos.

Olho fixamente para meu chá. Será que sou louca em pensar nessa possibilidade? Em me colocar contra Maura e Inez e liderar agora que não sou obrigada a fazê-lo? Seria assim tão terrível deixar que Inez ficasse no controle até Tess alcançar a maioridade? *Seria, sim*, diz minha consciência. O que Inez faria em quatro anos? Será que realmente abriria mão da Irmandade depois de experimentar o poder durante tanto tempo, ou será que encontraria uma forma de burlar isso?

– Mas continuo querendo me casar com Finn – confesso. – Quero ter uma família. Eu sei que isso é horrível e egoísta, mas eu não *quero* abrir mão da minha vida em nome de outrem.

Irmã Cora sorri.

– Talvez isso não seja necessário. Se as coisas correrem como desejamos... ora, ora, você poderia trabalhar abertamente como enfermeira, cuidar da sua família e ajudar a liderar as Irmãs. Não ia ter que escolher.

Imagino-me passando os dias num jardim só meu, correndo atrás de meninhas sardentas com o cabelo desgrenhado de Finn e minha mania de subir em árvores. Imagino todos nós aconchegados em um sofá à noite, enquanto Finn lê histórias de piratas. Minhas filhas poderão ser bruxas, mas se a Irmandade governar a Nova Inglaterra, elas não vão ter que viver sempre com medo de ser descobertas. Vão poder aprender a usar sua magia com prudência em vez de ter medo e vergonha.

Isso poderia ser uma bênção, não uma maldição.

Talvez esse seja um presente que eu possa lhes dar.

capítulo

Na manhã seguinte, Tess tem uma nova visão.

Ela, Mei e eu estamos na sala de visitas da frente. Estou deitada no tapete marrom fino na frente da lareira, lendo o exemplar de Tess de *Metamorfoses*. Já conheço todas as histórias porque o Pai nos contava, mas eu queria ler, pois é o livro preferido de Finn. Tess está inclinada no sofazinho, mexendo em seu chá, repetindo a pronúncia chinesa, quando seus olhos cinzentos ficam vazios. Ela derruba a xícara, que rola em cima da mesa, espalhando o líquido por todos os lados até cair no chão. O chá empoça na mesa e pinga em suas saias verdes.

– Tess? – Jogo o livro para o lado e me arrasto pelo carpete até ela.

Mei entra em ação imediatamente e enxuga o chá com seu lenço amarelo desbotado. Tess fica lá sentada, olhando para o nada, até que Mei sacode seu braço.

– Tess?

– Desculpem. – Ela arfa e volta a si. – Eu me senti mal por um segundo.

Mei coloca a mão na testa de Tess.

– Você não parece estar com febre.

Recolho a xícara quebrada e tento encontrar um subterfúgio razoável.

– É sua aflição mensal?

Tess fica com o rosto bem vermelho.

– Talvez – responde ela em tom esganiçado.

– Quer subir para se deitar um pouco? Posso levar uma bolsa de água quente para colocar nas suas costas – sugiro.

– Podem ir. Eu arrumo tudo por aqui – oferece Mei.

– Obrigada. – Jogo meu lenço para ela e então conduzo Tess até o corredor.

Ficamos em silêncio até alcançarmos o quarto que ela e Maura dividem, no mesmo corredor que o meu. As meias de Maura estão espalhadas por todos os lados e uma anágua de renda azul cobre a banqueta da penteadeira. Tess ficou com a cama ao lado da janela e pendurou as cortinas feitas pela Sra. O'Hare para ela anos atrás. Há um daguerreótipo da Mãe e do Pai no peitoril, além do urso de pelúcia de um olho só, Ciclope, que ocupa lugar de honra em seu travesseiro.

– Está tudo bem – afirma ela assim que fechamos a porta. Não precisa ficar preocupada.

– Foi outra visão, não foi? – Ela está pressionando as têmporas com os dedos.

– Foi. Pode abrir meu corpete? – Meus dedos trabalham depressa na fileira de botões nas costas dela enquanto aguardo que explique com mais detalhes. Tess suspira ao se livrar do vestido ensopado de chá. – Estou sentindo que você está me encarando, sabia?

Tento ignorar minha curiosidade galopante. A relutância dela não significa necessariamente algo horrível. Ela vai saber dos segredos de muitas pessoas, e provavelmente não é da minha conta. Afinal, eu não iria querer que ela saísse por aí contando para todo mundo que me viu beijando Finn.

Tess vai fazer 13 anos daqui a um mês. Ela se tornou uma mocinha refinada sob a tutela de Elena, usando corpete e anágua e prendendo o cabelo. Quando ela tira o vestido xadrez por cima da cabeça, vejo as novas curvas de seu quadril e seios. Ela vai ser voluptuosa igual a Maura e a Mãe, não magrela como eu.

– Quero ir com você a Harwood na segunda-feira para falar com Zara – diz ela.

Fecho os botões que ela não alcança e amarro a faixa preta em sua cintura.

– Não quero que você coloque os pés naquele lugar.

Ela se vira de frente para mim.

– Achei que você não fosse mais mandar em mim.

Eu tinha dito isso, certo? É difícil romper os velhos hábitos.

– Tudo bem. Vamos falar com Irmã Sophia. Mas você precisa prometer que vai ficar comigo o tempo todo. E vai precisar se preparar para ir. Você é importante demais para a Irmandade – e para mim – para se arriscar a fazer algo precipitado, por mais que queira ajudar as garotas de lá.

– Prometo que vou ficar com você. Só quero perguntar a Zara a respeito dos oráculos, se todas elas ficaram loucas como Brenna. Zara não escreveu a respeito disso no livro dela, mas talvez...

Tess não ficou tão aliviada quanto eu esperava com a verdade a respeito de Brenna. Eu suspiro e enfio uma mecha de cabelo loiro de volta no coque dela.

– Não haveria nada de errado com Brenna se não fosse por Alice.

Tess larga todo o peso em cima da cama e amassa a colcha verde.

– Ela *poderia* estar bem. Na verdade, não temos como saber. Ela já era estranha antes disso.

– Estranha não é louca – lembro a ela, desejando ser possível esquecer a respeito de Thomasina, torcendo para que Zara seja mais criteriosa na frente de Tess. – Você vai ficar bem.

– Será que vou? – Ela agarra Ciclope e apoia a bochecha na cabeça peluda do bicho. – Espero que sim, Cate. Não quero perder a cabeça. Eu *gosto* de ser inteligente. Quero continuar aprendendo chinês, e Irmã Gretchen prometeu me ensinar alemão e criptografia, quando Irmã Cora... Bom, quando ela não estiver tão ocupada cuidando de Irmã Cora. Irmã Sophia vai me mostrar como se faz o pudim de Natal dela. E há dezenas de livros na biblioteca que ainda não li, e um dia, quando eu ficar sem histórias para ler, talvez escreva as minhas. Ainda quero fazer muita coisa.

O medo dela me deixa arrasada.

– E vai fazer, *sim*. Vai ter tempo de sobra para fazer todas essas coisas.

– Vou mesmo? – Ela abraça Ciclope com mais força. – Já estamos em dezembro. Daqui a um mês vai ser 1897, e a profecia diz que uma de nós não vai viver para ver a virada do século. São só três anos. Pode ser menos.

Agarro o cotovelo dela, que solta um gritinho quando a viro com firmeza para mim.

– Teresa Elizabeth Cahill, escute o que vou dizer. Não vai acontecer nada a você. Você não vai ficar louca e não vai ser assassinada. Ninguém vai machucá-la enquanto ainda restar fôlego no meu corpo, está entendendo?

– Ai, Cate, me solte – choraminga ela.

– Não. Isso é importante. Não vou permitir que você desista. Não me importo com o que aconteceu aos outros oráculos, e não me incomodo com o que a maldita profecia diz. Sua vida vai ser longa e feliz. Você vai aprender chinês, vai assar dezenas de pudins de Natal e vai se casar e ter filhos... ou não, seja lá o que quiser... e vai escrever esse seu livro. Está claro?

– Está, tudo bem. Agora pode parar de me passar sermão? – Tess esfrega o cotovelo.

– Sinto muito. Não foi minha intenção erguer a voz. – Respiro fundo e me esforço para retomar o controle. – É só que... Tess, eu preciso acreditar que nós não somos apenas fantoches de Perséfone, nem do Senhor, nem dos Irmãos. As escolhas que nós fazemos *importam*.

– Precisamos ser corajosas, mesmo que às vezes seja assustador. – Os olhos dela se enrugam nos cantinhos, iguais aos do Pai, e espero que ela esteja levando minhas palavras a sério.

– Principalmente quando estamos com medo. Acho que o objetivo é continuar prosseguindo de qualquer modo, mesmo que não enxerguemos a solução. Eu passo o tempo todo com medo por causa de Finn, de você e de Maura. – Pego do chão o vestido manchado de chá e o estendo na penteadeira. – Hum... não sei se ela comentou, mas Maura e eu tivemos uma discussão terrível ontem.

Tess se recosta na cabeceira de latão.

– Eu soube.

Resisto à vontade de perguntar o que Maura disse a meu respeito. Não quero colocá-la no meio, principalmente quando ela e Maura dividem o mesmo quarto.

– Sugeri que talvez pudéssemos organizar uma fuga generalizada em Harwood. – Molho um lenço limpo no jarro de água ao lado da cama de Tess, então esfrego as manchas de chá do vestido dela. – Iria resolver nosso problema com Brenna. Maura e Alice aprovaram a ideia imediatamente, mas elas só querem libertar bruxas, e isso não me parece certo.

Tess assente de leve, muito séria.

– Concordo.

– Acho que devemos tentar libertar todo mundo, mas não sei como. As garotas lá ficam dopadas demais para serem capazes de organizar um motim.

Torço o vestido em cima da bacia vazia.

– Tenho muito medo de piorarmos as coisas para elas. Mas talvez Maura tenha certa razão... talvez seja melhor arriscar do que não fazer nada.

Tess junta os dedos, pensativa.

– É por isso que ela estava brava?

Reviro o vestido.

– Não exatamente. Ela quer que eu me retire e deixe que ela lidere a Irmandade. Ela e Inez.
– É isso que *você* quer? – Tess trilha os dedos nos quadrados vermelhos de sua saia xadrez. – Talvez não seja justo deixar todo mundo pensando que você é o oráculo, deixar que Maura se irrite com você. Só estou postergando o inevitável. Talvez eu deva contar logo que sou eu.

Eu me sento ao lado dela.

– Está pronta para isso? A responsabilidade é tremenda, Tess, e uma vez que você fizer a revelação... Bom, não vai poder desdizer. Eu não me importo de carregar esse fardo mais um pouco.

– Eu *queria* me sentir pronta, mas não me sinto. Não sei se algum dia vou me sentir. – Tess suspira, e é um som pesaroso para uma garota da idade dela. – Tem algo mais que me incomoda. Se Inez souber que ela só tem quatro anos até eu atingir a maioridade, quem pode saber o que vai tentar fazer?

– Ao passo que, se ela ficar achando que daqui a alguns meses vai ter que entregar o poder para mim, talvez fique impedida de fazer algo impensado – sugiro.

Não deixo de me lembrar que estou em dívida com Inez porque ela sabe sobre Finn. Espero que ela descubra a informação que deseja logo, para que possamos nos livrar dela. Ou será que isso vai se estender? Será que ela vai exigir algo mais na sequência? As preocupações se desenrolam na minha mente. Se exigir, vou compeli-la para que se esqueça dele. Infelizmente vai ser necessário.

Tess se apoia em mim.

– Não confio nela. Isso não é premonição, é só uma sensação que tenho.

– Eu tenho a mesma sensação, mas não sei o que fazer a respeito. – Abraço-a pelos ombros. – Será que devo fingir que sou o oráculo? Você pode me contar suas visões, e eu posso fingir que são minhas.

Tess dá uma risadinha e bate a cabeça loira na minha bochecha.

– Nós nunca iríamos conseguir convencer ninguém. Ficaria complicado demais, e você é uma péssima mentirosa.

Eu me afasto.

– Não sou não! Talvez seja para você, mas...

Tess dá um tapinha no meu joelho.

– Não, você é péssima mesmo. Acha que está convencendo, mas não está. Nunca daria certo. Precisamos continuar pensando.

Mais pensamento, nenhuma atitude. Isso está me incomodando agora. Tudo parece sempre voltar à necessidade de tempo, mas o tempo é escasso.

– Não fique com essa cara. Nós vamos ter alguma ideia. – Tess sorri para mim. – Juntas, acho que somos capazes de fazer quase qualquer coisa.

Preciso sair para o julgamento de Sachi, mas não consigo encontrar Tess. Eu queria contar que

consegui autorização de Irmã Sophia para que ela vá a Harwood na segunda-feira. Mas ela não está no quarto, nem na biblioteca, nem na cozinha. Disparo para a sala de estar, onde Mei e Pearl estão jogando uma partida de xadrez.

– Alguma de vocês viu Tess?

O cabelo de Mei cai numa cortina lisa, preta e brilhante até a cintura.

– Ela passou por aqui há meia hora e perguntou se eu tinha recebido notícia das minhas irmãs. Parecia preocupada com elas, com a neve que está por vir.

Dou uma olhada pelas janelas.

– Não está nevando agora.

– Parece que pode começar a qualquer minuto – diz Pearl, e se encolhe em seu xale cor de lavanda.

– Deve estar muito frio lá. Dei a Yang cobertores para levar para elas. Familiares podem fazer visitas duas vezes por dia, para levar comida, por isso Baba vai de manhã e Yang, à tarde. – Mei desliza sua rainha pelo tabuleiro e Pearl geme. – Eu gostaria de poder fazer mais, mas não é seguro ir até lá sozinha. Eu estava mesmo dizendo a Tess que a vizinhança é péssima perto das docas. Há batedores de carteira e todo tipo de gente rude.

Uma desconfiança repentina causa um calafrio na minha espinha.

– Tess estava fazendo perguntas sobre aquela vizinhança?

– Estava, sim. Perguntou onde ficava o galpão e como é lá. – Mei captura mais um dos peões de Pearl. – Ela é uma coisinha muito curiosa. Acho que ainda não conheceu muito de Nova Londres, não é?

– Não. – E desconfio que tenha saído para remediar isso neste exato momento. Peço licença para me retirar e corro para a sala de visitas da frente, onde Irmã Sophia e Rory estão à minha espera. Maldição. Prometi a Rory que iria ao julgamento com ela, mas isso é uma emergência.

– Não posso ir. Sinto muito, mas preciso resolver uma coisa. Vocês vão sem mim e depois me contam o que aconteceu?

Rory olha para mim, boquiaberta.

– É o julgamento de Sachi, Cate. O que pode ser mais importante do que isso?

– Conto quando voltarmos. Confie em mim, Rory, por favor. Você sabe que eu não deixaria de ir, a não ser que fosse necessário. – Visto a capa meio desajeitadamente e saio. Estou descendo os degraus da entrada quando uma risada conhecida chama minha atenção. É Maura saindo de uma charrete aberta e, por um momento, meu coração se eleva na esperança de que Tess esteja com ela e minhas desconfianças sejam infundadas.

– Obrigada! – Maura dá risadinhas e, quando o homem a coloca com gentileza nos degraus do veículo, reconheço meu melhor amigo de infância. Sinto uma pontada de saudade de casa quando olho para Paul. Ele parece exatamente o mesmo: maxilar quadrado, ombros fortes, cabelo loiro clareado pelo sol e o chapéu que cobre sua testa bronzeada.

– Maura! – grito e corro até eles. Meu coração se aperta quando vejo que Alice está sentada na traseira da charrete, não Tess.

– Cate! – Maura está radiante, apesar da capa preta simples, e não é a alegria planejada que ela adotou desde que chegou ao convento; ela realmente está contente. – Nossa manhã foi tão emocionante. Paul foi muito gentil ao nos levar para fazer compras, e depois nos convidou para almoçar em um pequeno café. Foi exatamente como eu imaginava que a vida da cidade seria. Parecia o trecho de um livro!

– Olá, Cate – diz Paul. – Ou será que devo chamá-la de Irmã Catherine agora?

Ele se aproxima para pegar minha mão e então para, como se não soubesse bem se tais liberdades são permitidas com integrantes da Irmandade. Ou talvez ele esteja inseguro por minha causa mesmo. Da última vez que falei com ele, disse que ia pensar em sua proposta de casamento. Permitted que ele me beijasse. Retribuí o beijo. Menti.

– Pode continuar me chamando de Cate – digo, e ofereço um sorriso sem graça. – É bom voltar a vê-lo. Imagino que esteja bem.

– Estou, de fato. – Paul se vira para ajudar Alice a descer. – A ampliação de Harwood é um trabalho importante para nós, sabe como é, um contrato com o Conselho Nacional. Se gostarem do nosso serviço, podem recorrer a nós quando precisarem ampliar a Catedral de Richmond ou construir um novo Arquivo Nacional. Jones me nomeou supervisor no local, para garantir que tudo corra bem.

– Aposto que você faz um trabalho maravilhoso – diz Maura, sedutora. Ela está muito próxima de Paul, com a cabeça tombada para ele, como se estivesse se agarrando a cada palavra. – Você se tornou tão... competente.

– Mas que maravilha – digo sem emoção. Detesto ser grosseira, mas não tenho tempo para isso. Preciso encontrar Tess, e a cada minuto que passamos aqui batendo papo, ela se afasta cada vez mais.

– Como tem estado, Cate? – O cavalo preto se agita em seus arreios, sua respiração quente cria uma névoa no ar e Paul dá tapinhas no pescoço dele.

– Muito bem. Estou contente por Maura e Tess estarem aqui agora. Obrigada por tê-las acompanhado, foi uma cortesia um tanto *sociável*. – Detesto a maneira como a minha voz dá ênfase à palavra. Não tenho direito de me sentir desconfortável com a atenção que ele dispensa a Maura. – Se podem me dar licença, eu estava de saída. Estou com uma certa pressa.

– Não pode sair sozinha – Alice me lembra.

– Vou me encontrar com Tess – explico, e rezo para que ela deixe para lá.

– Vou com você para contar tudo sobre o nosso dia – sugere Maura. Ela se vira para Paul e mexe no brinco de um jeito que, de algum modo, a faz parecer tensa e acanhada. Onde foi que aprendeu esses truques de sedução? – Agradeço mais uma vez pelo almoço delicioso, Paul. Espero que venha nos visitar de novo em breve.

Não aguardo pela resposta dele, simplesmente saio apressada pela rua cinzenta e agitada. Maura precisa praticamente correr para me alcançar.

– Aquilo foi grosseiro. Por que está com tanta pressa? Vamos ter um encontro secreto com nosso espião?

– Ele não é nada *seu* – respondo, irritada. Minha vontade é ordenar que ela volte ao convento, mas se Tess estiver metida em alguma confusão, pode ser que eu precise da ajuda de Maura.

– As senhoritas têm certeza de que não querem uma carona na charrete? – grita Paul.

– Não, obrigada! O vento está um tanto... estimulante! – grito em resposta.

– Está um gelo – reclama Maura. Ela enfia as mãos no abafador preto e esconde o rosto sob o forro quente da capa. – Ele é um amor por se oferecer, não é? Você tinha que ter visto o café aonde ele nos levou para almoçar. Era tão elegante. Os negócios devem estar à toda para ele gastar dinheiro com cafés e com a charrete. Alice diz que esses veículos são a última moda agora. Céus, será que você pode andar mais devagar? Não consigo acompanhar. Aliás, para onde estamos indo?

Eu me viro para ela, irritada.

– Estou indo às docas para impedir que Tess liberte os prisioneiros da praça Richmond. Eu gostaria de contar com sua ajuda, se puder parar de jogar Paul na minha cara por dois minutos.

Maura para na frente da mansão de tijolos de um vizinho. Rosas amarelas sobem pela cerca de ferro trabalhado.

– O quê? Por que ela iria tentar fazer uma coisa dessas?

Resultado de uma combinação do meu discurso inspirador e da visão dela, desconfio.

Mas não posso dizer isso a Maura.

Pego Maura pelo braço e a puxo.

– Não sei, mas espero que possamos detê-la se nos apressarmos.

Será que Tess se enxergou libertando os prisioneiros? Ou será que viu algo terrível acontecer com eles e essa é sua maneira teimosa de tentar impedir que aconteça porque eu disse a ela que precisamos lutar contra nosso destino, e que era melhor tentar e fracassar do que não fazer nada?

Ficamos em silêncio conforme corremos pela vizinhança residencial abastada. Mais algumas charretes abertas passam por nós, carregando homens e garotas rumo a um passeio vespertino, juntamente à mãe, irmã ou aia no banco de trás, no papel de acompanhante. Assim como no veículo de Paul, estão todas com a capota de couro levantada para proteger os passageiros do vento. Nós viramos na rua North Church, que se afasta do torreão da Catedral de Richmond.

Um quarteirão depois, Maura puxa meu braço.

– Cate, veja! – sussurra.

À nossa direita vemos o que sobrou de uma construção incendiada, toda preta. A fachada de tijolos ainda está em pé, mas o telhado e o acabamento estão escuros de fuligem e as

janelas, quebradas. Claramente era algum tipo de loja, mas agora dá para ver o prédio que se encontra atrás da vitrine imensa. Fico imaginando o que era até ver uma placa pendurada em um mastro na frente.

– Era uma livraria – digo, taciturna. Não consigo deixar de me lembrar da porta fechada da livraria da família Belastra no dia em que saí de Chatham, com o cartaz avisando: PERMANENTEMENTE FECHADA.

Melhor assim, por escolha de Marianne, do que isto.

Duvido que esse incêndio tenha sido acidental.

Maura segue pisando firme à minha frente, batendo as botas na calçada feito os cascos de um cavalo, irritadiça. Passamos por um pequeno trecho do bairro do mercado: uma floricultura que vende buquês de rosas, um camiseiro, um boticário e uma sapataria com a vitrine cheia de botas de couro. Quando uma dama vestida com um casaco de pele branco sai da casa de chá, o perfume encorajador de peras bergamota me atinge. A última loja do quarteirão é de brinquedos, e as vitrines são a realização de um sonho infantil, cheia de soldadinhos de lata, bonecas de trapo, piões, quebra-cabeças, cordas de pular e uma linda casa de bonecas enorme.

– Ah – suspira Maura, e para por um segundo na frente da vitrine. Ela dá uma olhadela para mim e fica vermelha, totalmente acanhada por ter sido flagrada sonhando acordada com coisas tão infantis. Sinto uma pontada de afeição por ela. Continua sendo minha irmãzinha, tentando desesperadamente parecer adulta.

– Você gosta mesmo de Paul? – pergunto baixinho. – Ou estava apenas tentando obter informações dele?

Nós viramos em uma rua cheia de sobrados de tijolinhos vermelhos. As calçadas aqui não são tão bem conservadas, mas há crianças dando risada e brincando com bolinhas de gude.

– Não teve nada a ver com isso – insiste Maura. – Ele me convidou para um passeio na charrete nova dele, e eu achei que seria divertido, por isso aceitei.

– Foi só isso? – pressiono.

Maura dá um sorriso maldoso.

– Bem, achei que podia incomodar você. Esse era um bônus. Veja, você pode fazer o que bem entender a respeito de... – Ela baixa a voz – ... Harwood. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

– Muito bem – respondo, indecisa.

– É verdade. – Ela encolhe o rosto sob a capa, em busca de calor. Suas palavras chegam abafadas a mim. – Só... não fique no meu caminho, que não fico no seu.

A rua agora está descendo em direção ao rio, e mais adiante enxergo o mastro de um navio. As construções ao redor ficaram mais precárias. Casas caindo aos pedaços se apinham em terrenos cheios de mato. Trapos estão enfiados em janelas quebradas para manter o frio do lado de fora, mas não impedem que a balbúrdia de vozes chegue à rua. Carroças passam sacolejando, cheias de produtos dos armazéns. Um grupo de meninos brinca de taco em um

parque lamacento cheio de lixo. Há um homem sentado num banco, falando sozinho, rodeado de pombos. Já entreguei comida em uma casa próxima ao galpão em questão, por isso conheço um pouco dessa parte da cidade. No entanto, sem Robert e a carruagem não me sinto segura aqui.

O céu é de um branco pesado, de neve iminente, e o vento ruge em meus ouvidos. Ao nos aproximarmos do cais sem nenhum sinal de Tess, minha preocupação cresce. Tantas coisas horríveis poderiam acontecer com ela nessa região, e nem todas estão relacionadas a magia.

Há um galpão de tijolos comprido com uma dúzia de guardas a postos do lado de fora, e ninguém está entrando ou saindo.

– Deve ser aqui – digo, e aponto com a cabeça para o prédio. Puxo Maura para o beco entre as duas construções, cheio de sombras e de lixo.

– Será que devemos nos disfarçar?

– Essa é uma boa ideia – concorda Maura. Num piscar de olhos, ela se transforma em uma garota com cachos escuros, lábios fartos e capa vermelha remendada.

Hesito, sentindo cheiro de peixe podre.

– Eu nunca consegui manter essas ilusões.

– Eu faço para você – oferece ela, e eu arqueio as sobrancelhas. – Ah, pelo amor de Perséfone, não vou permitir que seja presa. Com certeza não antes de podermos ajudar Tess. Ela também é minha irmã.

Examino um cacho solto do meu cabelo e encontro um castanho escuro que combina com o dela. Minha capa é de lã cinzenta áspera e uso coturnos gastos e enlameados.

– Obrigada – digo, e saio na frente, em direção ao prédio.

É uma sensação boa estar trabalhando com Maura mais uma vez, e não contra ela.

Um dos guardas dá um passo adiante para barrar meu caminho. Ele não é muito mais velho do que nós duas, seu bigode castanho ralo mais parece uma taturana.

– O que vieram fazer aqui?

– Viemos ver nosso pai. Ele é um dos prisioneiros, sabe? – Baixo os olhos, tentando soar o mais meiga possível.

– Desculpe, moça. As visitas são só daqui a uma hora.

– Não podemos esperar lá dentro, por causa do frio? – Maura ergue os olhos por baixo de pestanas escuras, tremendo enquanto puxa a capa puída contra o corpo.

O guarda amolece, seus olhos se demoram no rosto dela. Ela não conseguiu evitar se recriar bonita.

– Tudo bem, então entrem. Tem mais gente esperando perto do fogo. Mas não se aproximem do prisioneiro até receberem autorização, compreenderam? Não tentem lhe dar comida nem cobertores até os guardas autorizarem. Isso só vai causar confusão para ele.

– Obrigado, senhor – dizemos em uníssono.

Logo na entrada do espaço cavernoso, meia dúzia de mulheres aquecem as mãos numa fogueira acesa dentro de um barril. A maioria delas carrega cestas de comida para os

prisioneiros, e me dou conta, tarde demais, de que deveríamos ter trazido algumas provisões para nosso pai de mentirinha. Pisco contra a fumaça que faz meus olhos arderem. Demoro um minuto para reconhecer Tess do outro lado da aglomeração, com o cabelo loiro enfiado num capuz azul que não conheço. Vou direto até ela, que parece assustada com as duas estranhas que avançam com ar zangado, até que sibilo para informar que somos nós.

– O que está fazendo aqui?

– Visitando o Pai, igual a vocês duas. Eu trouxe isto para ele – diz ela bem alto, e estende um cobertor vermelho puído de traça.

– Foi uma loucura você sair sozinha daquele jeito. Este não é um lugar para uma garotinha – ralha Maura, e a puxa de lado.

Há mais três guardas juntos em um canto, fumando cachimbo. Algumas das mulheres ao redor do fogo (seriam mães ou esposas dos prisioneiros?) olham para nós, cheias de curiosidade, mas a maior parte conversa em voz baixa, batendo os pés para se aquecer. Se Yang vem hoje, ainda não chegou. Não há nenhum homem esperando além dos guardas.

À nossa direita há uma fileira de baias, todas fechadas com portões de correr, feitos de metal pesado e trancados com cadeado. Não enxergo nenhum dos prisioneiros, mas escuto o murmúrio de vozes e sinto o cheiro deles. Os odores de corpos sujos e de dejetos humanos vêm ao nosso encontro, é um cheiro nauseante, mesmo a vários metros de distância. Fico imaginando como os prisioneiros conseguem aguentar. Por quanto tempo os Irmãos pretendem deixá-los aqui? Já faz dois dias. Com esse frio, as pessoas devem estar ficando doentes. E aqueles cujas famílias não trazem comida? Será que estão passando fome?

Afasto a pena de mim. Minha tarefa é tirar Tess daqui, em segurança.

– Onde você estava com a cabeça? – questiono num sussurro furioso.

– Olhe só para este lugar! Eles não são gado – sibila Tess com o maxilar tenso. Ela olha para os ganchos de carne pendurados no teto, o sangue respingado no piso de concreto frio. – Isso aqui não é um galpão, é um abatedouro, e não é um lugar adequado para manter *pessoas*. Quero ajudar esta gente. Eu sou capaz. Sei que sou.

– Por que você se incomoda? – Maura enfia as mãos nos bolsos. – Eles não se incomodam com a gente. Se fôssemos nós que estivéssemos trancadas, iriam jogar a chave fora. Ou coisa pior.

As bochechas e o nariz de Tess estão vermelhos por causa do frio.

– Você não sabe do que está falando.

– Sei, sim. E se pensa diferente, você está sendo ingênua – insiste Maura, e joga os cachos castanhos.

– Cate? – Tess estende a mão. – Mesmo que seja verdade, nós deveríamos ser melhores do que isso. Devemos ajudar porque podemos, porque é o certo. E se não ajudarmos, todos serão mandados para um navio-prisão.

– Onde ouviu isso? – pergunta Maura, e ergue o olhar para a mulher gorda de cabelos grisalhos que está perto de nós.

– Um dos guardas disse. Nós podemos impedir, mas precisamos fazer isso *agora*. Antes que a tempestade piore. – Tess aponta para as janelas altas, para os flocos de neve espessos que entram rodopiando pelo vidro quebrado.

Desconfio que Tess tenha força suficiente para fazer isso sozinha, mas, de todo modo, seguro a mão dela e permito que extraia magia de mim. Ela olha fixamente para o pedaço de concreto vazio que se estende em direção às baías.

Com um estalo, cada um dos cadeados cai no chão. Mal se passa um segundo e os portões saem voando, um por um, numa série de estrondos gigantescos. Os prisioneiros berram, gritam, saem em enxurrada pela passagem em nossa direção. Um homem negro e alto é o primeiro a sair, seguido por dois loiros corpulentos que parecem irmãos.

– Quem abriu as portas? – pergunta um dos loiros. O rosto dele está coberto de sujeira.

– Foi magia! – grita uma garota magra com tranças escuras desgrenhadas, e corre para os prisioneiros. – Papai! Foi magia!

– Mas que diabo? Parem já! Parem! – berra um dos guardas, agitando a pistola num gesto muito ineficiente. A multidão corre para cima dele, ignorando seus avisos e os tiros que ele solta no ar.

– As bruxas estão nos ajudando! – grita alguém.

– Danny! Danny, onde você está? – A mulher gorda passa esbarrando em nós.

Todos os guardas que estavam do lado de fora entram e tiros soam, mas a maior parte deles avalia a situação, enfia o rabo entre as pernas e sai correndo. Os prisioneiros derrubam os que sobraram. Dois guardas já estão sendo arrastados pelo corredor, em direção às baías. Boa parte dos prisioneiros já saiu. Um homem alto e magro, de cabelo escuro, sai carregando um velho que manca.

– Minha nossa – diz Tess quando dois prisioneiros chutam um guarda encolhido no chão. – Não era minha intenção. Será que devemos ajudar?

Agarro o braço dela.

– Não. Já fizemos o bastante.

– Mas e as irmãs de Mei? Não devemos ver se estão bem? – pergunta ela.

– Precisamos ir. Aposto que aqueles guardas correram para buscar reforços. – Maura se esgueira rumo à saída e eu arrasto Tess atrás dela. As irmãs de Mei serão capazes de fugir por conta própria.

O grosso da multidão corre rua acima, berrando e fazendo muito alarde devido à liberdade repentina. Maura nos conduz na direção oposta, dando a volta no galpão e seguindo pelas docas de madeira que rangem. Paramos entre os passadiços de dois navios enormes: uma escuna chamada *Lizzie Mae* que descarrega carvão e um grande navio de três mastros e casco de ferro lotado de marinheiros. O barulho é tão grande, há tanta atividade a bordo, que ninguém vai nos escutar. O cabelo de Maura volta a ficar ruivo; sua capa, preta, e vejo meu próprio cabelo desgrenhado pelo vento ficar loiro quando ela libera as ilusões.

– Nós conseguimos! – diz Tess, e se joga em cima de mim com tanta força que quase me derruba. – Eu sabia que éramos capazes. O que foi que eu disse? Nós formamos um time maravilhoso!

Maura para de andar e olha fixamente para o rio que corre meio congelado.

– Vocês duas formam um time?

– Eu quis dizer... nós *três* formamos um time maravilhoso quando trabalhamos juntas, não é verdade? – Tess se apressa em dizer, fica vermelha e olha para os pés, cheia de culpa. – É por isso que não podemos deixar essa coisa da Irmandade se intrometer entre nós.

– Já se intrometeu – diz Maura baixinho. Ela está com uma expressão estranha. – Eu costumava tentar conquistar você, sabe? Eu penteava seus cabelos e fazia tranças, como se você fosse minha bonequinha, e cantava músicas e contava histórias de fadas. Mas daí Cate chegava do jardim e você ia correndo para *ela*. Sempre foi a ela que você procurou, para tudo, para cada arranhão e para cada pesadelo.

– Não é verdade. – Tess estende a mão e segura a manga coberta de neve da capa de Maura. – Tenho conversado mais com Cate ultimamente, é verdade, mas só porque você anda muito distante. Como se não quisesse ter nada a ver conosco. Eu sei que Elena partiu seu coração, Maura, mas desde então você ficou fria demais.

– Você acha que *eu* sou fria? – Maura se desvencilha dela. – Cate é que não se importa com o fato de aquelas garotas estarem sendo assassinadas! Eu sugeri que nós invadísemos aquele lugar e as libertássemos, e ela descartou a ideia, do mesmo jeito que rejeita qualquer ideia que não é dela! Ela só se importa em salvar a própria pele. A dela e a de Finn. Sabia que ela continua se encontrando com o Irmão Belastra?

O vento ganha força. Atrás de Maura, a água do rio começa a se agitar, o navio mais próximo de nós balança como se estivesse no meio de uma tempestade. Os homens no convés gritam e correm para prender a carga. Será que a agitação é só por causa da nevasca ou Maura está perdendo o controle?

– Isso aqui não tem nada a ver com Cate – diz Tess com firmeza, e dá um passo cauteloso para trás. – Isso aqui tem a ver com nós duas, eu e você. Com nosso relacionamento como irmãs.

– *Sempre* tem a ver com Cate – discorda Maura, e sua capa esvoaça em meio à confusão repentina. – Ela se intromete em tudo! Nós ainda nem sabemos qual de nós é o oráculo, mas você já tomou sua decisão, não tomou? Se dependesse de você, iria deixar Cate liderar a Irmandade.

Tess apruma os ombros.

– Eu não gosto de Irmã Inez. Não confio nela. Então, sim, acho que Cate é a melhor escolha.

Maura fica estupefata, como se tivesse levado um tapa.

– Mas e eu? Você não confia em mim? – Ela dá uma risadinha histérica. Lágrimas estão se formando em seus olhos azuis. – Deixe-me adivinhar: você me considera negligente. “Ela se

deixa levar pelas emoções com muita facilidade”, conforme disse Elena. Como se sentir as coisas profundamente, querer mais para mim e para garotas como nós, fosse algo assim tão terrível!

Um enorme caixote cai do navio e espalha muita água. No passadiço, os marinheiros xingam até não poder mais.

– Maura, vamos para casa conversar sobre isso – sugere Tess.

– Cate não vai vencer essa guerra, sabe? – insiste Maura. A neve agora cai cada vez mais depressa e esconde os navios. O cais está escorregadio sob minhas botas de salto. – Você precisa de soldados como eu e Inez. Pessoas dispostas a fazer o que precisa ser feito.

– Nós não estamos em guerra. – Eu me irrita. – E isso é bom, porque os Irmãos nos superam em cem para uma.

– Mas nós somos cem vezes mais poderosas. – O sorriso dela é gélido enquanto olha para além do porto. – Você quer libertar algumas bruxas? Isso não basta. Precisamos mostrar às pessoas do que realmente somos capazes. É por isso que vamos estragar o Conselho Titular.

– Estragar como? – pergunta Tess, e sinto um aperto no estômago.

– Vamos apagar a mente deles, do mesmo jeito que as Filhas de Perséfone fizeram com seus inimigos. Não vão se lembrar nem do próprio nome quando tivermos acabado com eles. – A voz da minha irmã está cheia de maldade. – Eles vão parar de assassinar garotas inocentes, e nós vamos lembrar às pessoas do que as bruxas são capazes.

Era por *isso* que Inez queria Finn de espião. Para poder dar início a uma guerra.

– Ela iria nos expor dessa maneira? Nós não estamos prontas, Maura! – O rosto de Tess está pálido.

Maura afasta o cabelo dos olhos.

– Ninguém vai conectar o fato à Irmandade. Só vão saber que bruxas foram responsáveis.

– Isso não vai impedir os Irmãos de matar garotas inocentes. Você não percebe que desse modo vão redobrar os ataques? – contesto. – Inez não pode fazer isso. Cora ainda nem morreu, e quando morrer, Inez só será regente até uma de nós atingir a maioridade.

– *E serei eu* – insiste Maura. – Por que não podem deixar que eu tenha ao menos isso?

– Não é assim que funciona, Maura. Não podemos simplesmente resolver que é você. Depende de Perséfone – diz Tess, e se aproxima com as mãos estendidas, como se Maura fosse um animal selvagem.

– Mesmo que pudessem, não iam me escolher, não é mesmo? – O lábio de Maura treme. – Ninguém nunca me escolhe.

Tess toca o braço dela com a mão.

– Maura, eu amo você.

Maura se desvencilha dela.

– Saia de perto de mim!

Tess recua... mais além do intencionado pelo empurrão de Maura. Seus pés escorregam no cais coberto de neve. Ela quase perde o equilíbrio por um instante, fica bem na beiradinha,

girando os braços acima do rio congelante. Ela grita.

Eu a agarro e puxo. Ela me abraça forte pela cintura, me agarrando feito uma criança, o corpo todo tremendo.

Agora lágrimas escorrem pelo rosto de Maura.

– Eu não quis...

– Você podia ter me matado – diz Tess, estupefata. – Eu não sei nadar. Você *sabe* que eu não sei nadar.

Ela sempre teve medo de água. Nem mesmo molhava os pés no lago comigo. A Sra. O'Hare costumava brincar que a Mãe provavelmente derrubara Tess dentro da pia quando ela era bebê.

– Eu não consigo. Quando estou aborrecida, não consigo me controlar – diz Maura. – Eu falei para você ficar longe de mim, eu... me deixem em paz, vocês duas! Não preciso de vocês. Não preciso de ninguém!

Com isso, ela saiu correndo pela rua coberta de neve. Abraço Tess bem forte e observo enquanto Maura se afasta de nós.

capítulo

– Precisamos deter Inez.

Escolho meu caminho com cuidado pelos degraus cobertos de neve na entrada do convento.

– Eu sei.

O nariz de Tess está vermelho por causa do frio e porque ela chorou.

– As pessoas já tiveram cem anos para esquecer o que as Filhas de Perséfone fizeram, e agora ela vai nos transformar no bicho-papão de novo. Vai acabar com qualquer chance de compartilhar o poder.

– Talvez seja isso que ela quer. Fazer de tudo para que entremos em guerra. – Estremeço dentro da capa. – Só o Senhor sabe o que os Irmãos vão fazer para revidar.

Tess suspira.

– Pelo menos salvamos os prisioneiros. Nós mudamos as coisas, Cate! Eu vi todos sendo mandados para o navio-prisão na neve, e agora estão livres. Isso significa...

– Que podemos mudar a profecia – percebo, e um sorriso quase divide meu rosto no meio.

– Maura pode estar brava conosco agora, mas ela vai superar. Quem sabe? Talvez, na visão do oráculo, eu *de fato* tenha caído na água hoje e me afogado – diz Tess, limpando a neve das botas. – Mas você me salvou. Não sabe como isso faz com que eu me sinta melhor. Se eu puder mudar o que prevejo... se as coisas não estão absolutamente determinadas... isso muda *tudo*.

Ela abre a porta pesada da entrada com dificuldade, então penduramos as capas e tiramos as botas. A porta da sala de visitas da frente está aberta. Há uma luz lá dentro, mas não escuto nenhuma voz. Levo o dedo aos lábios, avanço na ponta dos pés calçados com meias e espio.

– Finn? – arquejo. Ele está em pé na frente da lareira, usando seu colete cinza e sua camisa branca, as mãos cruzadas junto às costas. – O que está fazendo aqui?

Finn dá meia-volta e sorri.

– Você chegou! Fiquei preocupado porque não vi você no julgamento. Rory disse que tinha acontecido uma emergência.

Eu tinha me esquecido completamente do julgamento de Sachi. Rory está acomodada no sofá, enxugando os olhos com seu lenço de renda cor-de-rosa.

– Ela foi mandada para Harwood? – pergunto.

Rory assente e enxuga mais uma lágrima.

– Foi horrível. As coisas que disseram a respeito dela... e ela estava tão assustada.

– Vamos encontrar um jeito de tirá-la de lá, prometo. – Eu me volto para Finn, distraída. – Você não pode me visitar aqui. É perigoso demais.

Ele se afasta para o lado para Tess ficar diante do fogo.

– Fiquei preocupado. E consegui a informação que Inez queria a respeito da próxima reunião do Conselho Titular. Vai ser...

– Shhhhh! – Fecho a porta atrás de mim, então atravesso a sala, levanto a mão e fecho a grade de cobre do duto de ventilação, só para garantir. Não quero que ninguém escute. Finn

fica olhando para mim sem entender nada. – Seja lá o que você tenha descoberto, não pode contar para ninguém. Nem para mim. Não quero que ela me obrigue a revelar por magia. Não sei se ela seria *capaz* de fazer isso, mas não duvido que tentasse.

Finn fica pálido sob suas sardas.

– Quem?

Pego a mão quente dele entre as minhas, que estão geladas.

– Inez. Ela não é o que eu achava. Não podemos confiar nela.

Os palavrões de Finn fariam até estivadores corarem.

– Tarde demais. Eu já contei a ela.

– Não. – Olho para Tess, que está apoiada na lareira e fecha os olhos cinzentos, desolada, e então me afundo na poltrona de seda marrom.

– Eu perguntei à garota que atendeu à porta se podia falar com você. Ela trouxe Inez, e Inez soube imediatamente quem eu era. Ela disse que você tinha saído um pouco, mas fui convidado a entrar e aguardar por você aqui, daí ela me perguntou se eu já tinha conseguido descobrir alguma coisa. Eu tinha, então... contei a ela. Maldição! – Finn coloca a mão no meu ombro nu. – Achei que fosse o que você queria! O que mudou?

– Eu me enganei – sussurro. Fui burra e confiei nela, e errei feio. – Ela quer destruí-los. Entrar na mente dos Irmãos e acabar com eles, como as bruxas costumavam fazer. Com todo o Conselho Titular.

A mão de Finn se fecha na minha clavícula.

– Ela não pode fazer isso.

– Por que não? – Rory se levanta e aperta o lenço no punho fechado. É a primeira vez que a vejo com as vestes pretas das Irmãs. – Se tivesse ido ao julgamento de Sachi hoje, Cate, teria visto como ela estava assustada. Precisamos revidar. Precisamos fazer *alguma coisa*.

– Mas isso não. É errado. Isso é assassinato, ou tão grave quanto – Tess explode e ajeita o cabelo loiro atrás das orelhas. – E só vai piorar tudo!

– É inescrupuloso – concorda Finn com os olhos nervosos. – E ela me usou para isso.

– Usou a nós dois. – Eu me levanto e me acolho nos braços dele. – Sinto muito por ter envolvido você nisso.

– Não vou mentir: meu novo chefe não é fácil. A maior parte dos integrantes do Conselho Titular é formada por canalhas sedentos de poder. Mas olhe só para Sean Brennan. Ele é um bom homem. E até os que não são... Tess tem razão. Isso é semelhante a assassinato. Os Irmãos vão revidar com força redobrada para provar que ainda estão no controle. Para isso... – Finn engole em seco. – Podem ressuscitar as fogueiras. Há homens que votariam a favor delas. Só estão esperando um motivo, e isso seria suficiente para eles. Onde diabos Inez está com a cabeça?

As mãos de Tess voam para sua boca, como se estivesse segurando o vômito.

– Vai ser o segundo Terror. Não vão saber que as culpadas são Inez e Maura, mas vão buscar *alguém* para culpar. Igualzinho às garotas que prenderam como oráculos. – Ela se volta

para mim. – Não podemos permitir que façam isso, Cate!

– Harwood! – grita Rory. Todos nos voltamos para ela. – As pessoas não vão saber que as Irmãs são responsáveis. Só vão saber que é bruxaria. E se quiserem castigar as bruxas, ou as mulheres de modo geral...

– As garotas de Harwood serão o alvo mais fácil – concluo.

A respiração de Rory está acelerada.

– Precisamos tirá-las de lá. Sachi e Brenna. *Agora.*

Eu me desvencilho de Finn.

– Quando é a reunião?

– Quarta-feira à noite – responde ele.

Hoje é sábado. Faltam só quatro dias. Não há muito tempo para tramar uma fuga.

Não posso me dar ao luxo de entrar em pânico. Não há tempo a perder.

– Primeiro, vou conversar com Inez para ver se há alguma possibilidade de ela mudar de ideia. Com ou sem magia. – Eu me volto para Finn. Não quero que ele se aproxime de Inez, para que ela não possa usá-lo como vantagem contra mim. – Você precisa ir embora. Agora mesmo.

– Espere – diz Finn, e passa as mãos pelos cabelos já desgrenhados. – Que negócio é esse de salvar Sachi e Brenna?

– Não só elas. – Aliso minha saia cor de pêssego. – Todas as garotas de Harwood. Temos quatro dias para encontrar um jeito de tirá-las de lá.

Ele não tenta discutir comigo, dizer que é loucura ou impossível. Simplesmente segura minha mão.

– O que posso fazer para ajudar?

Minha mente dispara.

– Você disse que há todo tipo de documento no Arquivo. Será que há informações sobre as garotas que estão em Harwood? – Iria ajudar saber quais pacientes são bruxas, principalmente as acusadas de magia mental. Se Inez vai começar uma guerra, precisamos ter capacidade de revidar.

– Vou descobrir. Amanhã tenho que participar dos serviços religiosos o dia todo, mas na segunda-feira farei uma visita ao Irmão Szymborska e posso espionar um pouco.

– Isso seria fabuloso. Podemos nos encontrar na segunda-feira à noite no lugar de sempre? – pergunto. Finn assente e o olhar dele dispara para minha boca, e minha vontade é beijá-lo, mas não na frente de Rory e Tess. Em vez disso, aperto a mão dele. – Tenha cuidado.

Ele franze a testa enquanto veste a capa da Fraternidade.

– Você também.

Alguns minutos depois, irrompo na sala de Irmã Inez. Ela está dando notas aos trabalhos das alunas sob a luz fraca do meio da tarde. Quando me ouve entrar, ergue os olhos exibindo um sorriso afiado e maligno.

– Sua irmã não consegue ficar quieta, não é mesmo? Aquela garota precisa aprender a controlar o humor.

Paro na frente da mesa pesada de carvalho.

– Eu iria descobrir em algum momento.

– Felizmente, foi só depois de eu conseguir a informação da qual precisava com o *Irmão* Belastra. – Ela reforça a palavra Irmão só um pouquinho, e minha irritação aumenta, puxando a magia junto. Talvez eu não devesse me dar ao trabalho de discutir, talvez eu devesse forçá-la a esquecer o horário e o local da reunião do Conselho Titular. Seria como retificar um erro, afinal eu já devia tê-la compelido, para começo de conversa, naquela noite em que ela me flagrou saindo de fininho para me encontrar com Finn.

Não sei se minha magia mental é forte o suficiente, mas estou disposta a descobrir. Eu me inclino por cima da mesa e semicerro os olhos para ela.

– Antes que se dê ao trabalho de praticar magia mental em mim, preciso avisá-la de que já tomei precauções. – Inez estala a língua em sinal de reprovação. – Como conseguirá contar alguma mentira, criança? Você é tão transparente quanto vidro.

Eu não sou criança. Fecho os punhos de raiva perante a condescendência dela.

– Que tipo de precauções? Como vou saber se não está mentindo para mim de novo?

– Eu nunca menti para você a respeito das minhas intenções – observa ela, e isso me enfurece.

Ela tem razão. Disse que queria guerra, e não fiz nenhuma pergunta. Eu queria que Finn permanecesse em Nova Londres, e transformá-lo em espião da Irmandade era uma razão nobre, muito menos egoísta do que pedir a ele para abrir mão de seu emprego e de sua família para ficar perto de mim.

– Acabei de postar uma carta para uma amiga muito querida. Ela é casada com um membro da Fraternidade, mas permanece fiel a suas antigas Irmãs. Eu disse a ela que estou em perigo e lhe dei instruções muito claras: se não receber notícias do sucesso do meu plano, vai postar outra carta para mim. Esta nova carta explicará que a Irmandade é um refúgio de bruxas e que o Irmão Finn Belastra sempre soube da verdade. Arrisco dizer que o Irmão Belastra não ficaria muito bem sob acusações de traição.

A expressão presunçosa dela faz com que eu tenha vontade de estapeá-la. Eu me inclino por cima da mesa.

– Está blefando. Você jamais iria escrever tudo isso.

– Talvez. Ou talvez eu tenha escrito tudo em código. Você não pode ter certeza. – Inez bate a pena no tampo da mesa em ritmo contínuo e enlouquecedor.

Semicerro os olhos para ela, concentrando toda a atenção na minha magia. *Diga-me quem ela é.*

– Estou sentindo isso, senhorita Cahill. – As sobranceiras escuras de Inez se contraem, quase se tocando no meio. – Eu mesma sou muito boa em compulsão, sabe? Arrisco dizer que

estamos no mesmo nível... embora seja difícil saber. Sinta-se à vontade para continuar tentando, mas só vai se exaurir. Eu treino há anos para não me deixar afetar por isso.

– Não vou permitir que você faça isso – sibilo. Um músculo no meu olho direito começa a repuxar.

– Não vejo como pode me deter. – Ela se recosta em sua cadeira de madeira. – Não sem sacrificar cada uma das garotas deste convento ou sem dar início a uma guerra direta entre a Fraternidade e a Irmandade.

A magia ferve sob minha pele e as pontas de meus dedos formigam. Luto contra a frustração e cruzo os braços por cima do corpete de babadinhos cor de pêssego.

– O que deseja conseguir? Você deve ter noção de que isso vai causar um novo Terror.

Inez leva os dedos ao broche que usa no pescoço.

– Já estamos a meio caminho disso, senhorita Cahill. Não vou ficar parada sem fazer nada enquanto somos perseguidas. Passei os últimos vinte anos vendo Cora se acovardar e servi-los. Ela se contenta em permitir que as mudanças se deem em ritmo de lesma. Simplesmente estou acelerando as coisas.

Meu queixo cai.

– Você *deseja* um novo Terror. Deseja que os Irmãos façam seu pior, para que pareçamos boas em comparação com eles! Você não se importa com todas as garotas que serão prejudicadas nesse meio-tempo? E as garotas que estão em Harwood? – Eu me lembro da garota indiana linda e ferida na ala das que não cooperavam, e da pequena Sarah Mae, que enterra passarinhos no pátio, e da garota que acredita estar noiva de um príncipe. Elas é que vão sofrer mais com tudo isso.

– Toda guerra tem baixas.

Aperto os nós dos dedos contra meus olhos que estão ardendo. Como ela consegue falar disso com tanta frieza?

– Deve haver algumas bruxas lá. Vai abandoná-las?

– Cora já desistiu daquelas garotas. – Inez dá de ombros dentro de seu vestido preto. – Sua irmã me contou sobre seu plano nada prudente de libertá-las. Não acho que valha a pena. Tenho peixes maiores a capturar.

Eu não tenho. Aquelas garotas não são dispensáveis. Não para mim.

Jogo as mãos para o alto numa demonstração de derrota e saio pisando firme até a porta.

– Não cometa nenhuma tolice, senhorita Cahill – avisa Inez. – Ou alguém que você ama vai acabar se machucando.

Vou falar com Cora. Insisto que preciso ter uma conversa com ela. Depois de me examinar com atenção por um momento, Gretchen cede, talvez por pressentir meu desespero. Imagino que eu não o esconda muito bem.

– Só alguns minutos – concorda ela, daí abre a porta do quarto de Cora e assume sua posição de sentinela do lado de fora.

Cora está deitada na cama de dossel, apoiada em travesseiros, os olhos afundados em sombras. Ela parece uma década mais velha do que estava ontem. Foi só esse tempinho que minha cura ganhou para ela?

Eu vi a morte no rosto da minha mãe, e ver a mesma coisa agora faz com que eu me sinta com 12 anos de idade e assustada outra vez. Faz com que eu tenha vontade de fazer todo tipo de promessa impensada e impulsiva para que ela continue conosco. *Vou obedecer e ser uma mocinha comportada, e não vou brigar com Maura. Farei qualquer coisa.* Agora sou mais velha e mais sábia, mas da maneira como aquilo me atinge, essa ânsia infantil de negociar com a morte é visceral demais. Faz meus ombros se encolherem e gruda meus pés ao capacho marrom junto à porta.

– Catherine – diz Cora através de seus lábios rachados e pálidos. Seu cabelo branco reluzente cai em cascata nos ombros. A manta verde está puxada até o peito. – O que foi?

– Eu só queria vê-la – minto.

– Está na hora de nos despedirmos – avisa Cora.

Puxo a poltrona florida verde e branca para perto da cama dela. Tudo em mim deseja negar e falar que ela ainda pode lutar, que talvez não seja o fim. Mas isso seria egoísmo, e uma mentira deslavada. Engulo as palavras. Ela está sentindo dor e já fez as pazes com o fato de que vai partir, portanto preciso permitir que seja assim.

– Inez não vai esperar. Meu corpo nem vai ter esfriado quando ela assumir o poder sobre a Irmandade, Cate.

É a primeira vez que ela me chama pelo meu apelido.

Se essa é nossa despedida, eu devo isso a Cora. Tenho de ajudá-la a acalmar a mente, não o contrário.

– Vou brigar com ela por causa disso.

– Boa garota. – Cora sorri. – Gretchen sabe onde meus documentos estão escondidos e como entrar em contato com Brennan e nossos espiões. Ela conhece todos os meus segredos desde que eu era menina. Minha confiança nela é absoluta. Ela será de grande ajuda a você, assim como tem sido para mim.

Minha mente dispara.

– Brennan... ele é o seu homem no Conselho Titular?

Cora assente.

– Brennan é um bom sujeito. Ele mesmo tem filhas e as educa em segredo. Pode confiar nele.

Mas não posso procurá-lo e acautelá-lo a não participar da reunião do conselho. Ele iria querer saber por quê, e se for um bom homem – e confio em Finn e em Cora que seja – vai tentar impedir que ela aconteça. Até uma carta anônima iria despertar suspeitas que poderiam levar ao cancelamento da reunião, arriscando nossa exposição.

– Quem mais entre as professoras? – pergunto.

– Sophia, mas ela nem sempre tem estômago para fazer o que é necessário. O restante delas se aliou a Inez, menos Elena – reflete Irmã Cora, e roda o anel de seu posto no dedo. Ele está largo por causa de todo o peso que ela perdeu, envolto em barbante para não cair da mão. É o único que ela usa agora, e é estranho ver suas mãos livres de toda aquela prata. – Pode pedir conselhos a ela. É uma garota muito sagaz, sabe, mas eu não a teria mandado para Chatham se não confiasse nela.

Fico imaginando o quanto Cora sabe a respeito do que aconteceu entre Elena e Maura. Urgh. Faço uma careta. Não me animo nada com a ideia de agir com civilidade com Elena, muito menos lhe pedir favores.

De repente ouço um som rouco, estrangulado, e me levanto de um pulo, alarmada, preocupada que seja o fim, que Cora esteja morrendo agora, aqui, bem na minha frente, até perceber que ela está apenas *dando risada*.

– Mas que expressão azeda – diz ela num arquejo. – Parece que eu mandei você comer uma minhoca.

– A senhora... posso fazer algo para ajudar? – pergunto enquanto ela se esforça para respirar. A mão dela ao lado da minha está branca feito papel, coberta de veias azuis, e parece pequena e nua sem todos os anéis. Sem pensar, coloco a mão na dela.

Sua dor quase me engole, seus dentes afiados como navalha mordiscam e rasgam, e eu puxo minha mão dali, chocada.

– Como você consegue suportar isso?

Ela inspira profundamente algumas vezes e se afunda nos travesseiros.

– Você não pode me curar, e não quero que gaste sua força – diz ela, ríspida, e cruza as mãos sobre o peito. Fecha os olhos por um momento e, sem o azul vibrante neles, já parece morta.

Descubro que vou sentir saudade dela.

– Sinto muito por não termos usufruído a oportunidade de nos conhecermos melhor, Cate – diz. – Estou cansada agora. Sophia insiste em colocar remédio no meu chá, apesar de eu ter dito a ela que não quero. Pode pedir a Gretchen para entrar? E feche as cortinas, por favor. A luz faz minha cabeça doer.

– Claro. – Solto as amarras douradas com borla que seguram as cortinas cor de esmeralda.

– Que Perséfone cuide de você. – A voz de Irmã Cora está mais baixa agora, já arrastada de sono. Eu me volto novamente a ela, meus olhos vão se adaptando à penumbra do quarto. – Creio que você fará o que for necessário quando chegar a hora.

– Obrigada. – Conhecendo Cora, esse é o maior elogio que ela poderia fazer. Sua vida foi moldada em torno dessa ideia.

Naquela noite, depois do jantar, há uma comoção no corredor. Dou uma olhada para fora do quarto e vejo Maura arrastando seu baú. A colcha e os travesseiros estão empilhados de forma organizada em cima dele.

Tess vem logo atrás.

– Maura, isso não é necessário.

A três portas de distância, Vi surge do quarto que divide com Alice. Carrega uma valise marrom com um punhado de vestidos pendurados no braço.

Alice coloca a cabeça para fora da porta.

– Não esqueça Bunny – desdenha ela, e joga um coelho de pelúcia em frangalhos em cima de Vi. – Eu sei que você não consegue dormir sem ele.

Vi fica vermelha e o pega.

– Cale a boca, Alice.

Olho pelo corredor, para Tess.

– O que está acontecendo?

Vi me escuta e se vira.

– Não aguento mais dividir o quarto com esta víbora, nem por mais um segundo, e como Maura parece *apreciar* a companhia dela...

Maura apruma o corpo e exhibe um sorriso gélido.

– Vai ser um alívio dividir o quarto com alguém da minha idade.

Tess para no meio do caminho e toda sua expressão de desculpas se transforma em irritação.

– Bem, talvez seja um alívio para mim dividir o quarto com alguém que não tentou me *afogar* recentemente!

– Eu não fiz de propósito e você sabe muito bem disso! – bufava Maura, e empurra o baú mais meio metro.

Tess planta as mãos nos quadris.

– Bem, talvez você precise aprender a controlar seu humor. E depois não sabe por que as pessoas não confiam em você!

Alice volta a aparecer à porta do quarto. Dessa vez joga uma anágua rendada cor de lavanda pelo corredor.

– Bom, *eu* vou ficar feliz de dividir o quarto com alguém da minha turma. Imagine só, euzinha amiga da filha de um cocheiro! Pense só em todos os presentes bonitos que eu dei a você. Toda a minha *caridade* foi desperdiçada.

– Caridade! – Vi solta um berro estridente. Ela se abaixa para pegar a anágua e seus vestidos caem no tapete verde. Tess passa em disparada por Maura para ajudá-la a recolhê-los. Vi enfia a mão na valise e tira um par de luvas pretas de cetim ornadas com botões roxos. Ela as joga em cima de Alice, que se encolhe contra a parede. – Tome! Pegue de volta. Não quero mais. Não aguento você nem mais um dia... nem por todos os diamantes do mundo!

– Garotas! – Irmã Johanna, a professora de Matemática e Ciências Naturais, irrompe no corredor. – Mas o que está acontecendo? Irmã Cora está muito doente. Não precisa desse berreiro todo.

Maura empurra mais o baú, passando bem entre Vi e Tess.

– Desculpe, Irmã – diz ela, cheia de doçura. – Vi e eu vamos trocar de quarto. Vamos terminar num minuto.

– Não faça nada de que vá se arrepender, Maura, por favor – diz Tess, e acho que ela está falando de outras coisas além de mudar de quarto.

Maura apruma o corpo e afasta um cacho ruivo do rosto.

– Não precisa mais se preocupar comigo, Tess. Eu não tenho nada a ver com você.

capítulo

Estamos na metade do café da manhã quando a campainha toca. Irmã Sophia coloca um prato de tortinhas quentes fumegantes na nossa mesa e se apressa para atender. Por toda a sala, o café da manhã entra em pausa. Serão os Irmãos? Quem mais viria até aqui assim tão cedo? Lucy e Rebekah duelam com facas de manteiga para treinar seus feitiços de animação. As facas caem fazendo barulho quando elas suspendem a magia. Garotas transformam seus livros de estudo em Escrituras. A cor vai se esvaindo da sala enquanto todas nós vamos trocando os vestidos para modelos neutros, dignos de Irmãs. Ao meu lado, o vestido rendado em cascata de Rory passa de um tom forte de tangerina para uma lã preta recatada. Depois de concluir a transformação, ela pega uma tortinha e enche de manteiga. Empurro o prato para o lado.

– Mei? – Irmã Sophia aparece à porta. – Seu irmão está aqui para vê-la. Está esperando na sala de visitas da frente.

– Aposto que traz notícias sobre Li e Hua. – Mei empurra a cadeira para trás. Seu rosto redondo está preocupado. – Cate, pode vir comigo?

– Claro que sim. – A conversa ao redor da mesa recomeça. A sala se enche de cor-de-rosa, violeta e safira conforme as garotas vão desfazendo seus encantos. Rilla afunda sua tortinha em calda de bordo.

Escondo um sorriso e troco um olhar com Tess. Mei vai ficar aliviada por saber que suas irmãs estão em casa, sãs e salvas. É um momento alegre num dia terrível em outros aspectos.

Porém, no minuto em que vemos Yang parado na frente da lareira apagada, com seu casaco marrom remendado, já dá para ver que tem algo errado. Esse não é o irmão alegre e sapeca cujas brincadeiras espertas Mei adora narrar. A boca de lábios grossos está tristonha e seus olhos escuros evitam os dela, cheios de ansiedade. Seja qual for a notícia que ele traz, não está nada animado em transmiti-la.

Mei para pesadamente ao meu lado e aperta tanto minha mão que esmaga os ossos. Ela não perde tempo com apresentações.

– O que foi?

– Li e Hua foram recapturadas hoje pela manhã. – Yang engole em seco e seu pomo-de-adaão sobe e desce. – Os guardas chegaram para pegá-las antes do amanhecer.

– Recapturadas? – Mei olha para ele, estupefata. – Eu... não estou entendendo.

Sinto um aperto no estômago.

– Para onde foram levadas? – Coloco toda minha esperança na possibilidade de serem julgadas e mandadas para Harwood. Se forem para Harwood, poderei salvá-las. Se forem para Harwood, ainda conseguiremos mudar a visão de Tess.

– Para o navio-prisão – diz Yang, confirmando meus temores. – Elas fugiram da prisão ontem. Ou... alguém as libertou. Dizem que foram bruxas. Todos os prisioneiros fugiram, menos dois, que acabaram mortos pelos guardas. Nós íamos mandar as meninas para o Primo Ling, mas Mama queria que elas tivessem uma boa noite de sono antes. Estavam arrumando as

malas quando os guardas chegaram. Se eles tivessem demorado mais uma hora, elas não estariam mais lá. – Ele bate na palma da mão com o punho fechado.

Mei leva a mão à boca.

– Não vai haver julgamento?

– Não. Os guardas disseram que tínhamos sorte por não prenderem todos, alegando que abrigávamos fugitivas. – Yang sacode a cabeça, o cabelo preto desganhado cai sobre a testa. – Tinha uma carroça cheia de prisioneiros na frente. Estavam prendendo todo mundo que encontravam em casa, acho. Espero que a maior parte tenha sido esperta o bastante para se esconder em outro lugar.

Mei afunda na poltrona de seda, o vestido dela é de um amarelo ensolarado em contraste com o tom feio de marrom. Mais cedo eu tinha dito a ela que estava parecida com um narciso-amarelo. Agora ela provavelmente vai associar o vestido bonito à péssima notícia. Dá para ver que ela está tentando não chorar, mas seu lábio treme.

– Talvez eu nunca mais as veja – diz ela baixinho.

– Não pense assim. – Eu me ajoelho ao lado dela.

– Ah, Mei – diz Yang, e coloca a mão no ombro dela.

Ela se desvencilha dele.

– Pelo menos você pôde se despedir!

– Disseram de quanto tempo vai ser a sentença? – pergunto.

Yang engole em seco.

– Cinco anos.

Fixo os olhos no tapete marrom horroroso, imaginando se teriam sido soltas caso nós não tivéssemos interferido. Será que, em vez de impedir que a visão se realizasse, nós fizemos com que acontecesse?

– Pelo menos não é Harwood – diz Yang. – Assim, elas têm uma chance.

Mei se levanta, apruma os ombros e se livra de seu desespero num movimento rápido.

– Elas vão superar. Precisamos ter fé.

– Em quem? No Senhor? Nos Irmãos? – desdenha Yang.

– Em Li e Hua. Elas são garotas fortes e inteligentes. Vão cuidar uma da outra. – Mei coloca a mão no braço do irmão. – Agora que Li se foi, você é o mais velho em casa. Precisa cuidar dos pequenos e ajudar Baba na loja. E não pode fazer nada precipitado, entendeu?

Yang assente. Ele só tem 15 anos.

– Não vou fazer.

– Muito bem. Vá para casa agora – ordena Mei, e lhe dá um abraço breve. – Tenha cuidado.

– Vou ter – diz ele, e sai arrastando os pés, o rosto vermelho. As pernas da calça e o casaco ainda estão pingando devido à longa caminhada até aqui pela neve.

Mei acena para ele, tremendo, da porta aberta. O pai de Vi, Robert, usa uma pá para tirar a neve de uma parte dos degraus da entrada. O céu continua com um cinza pesado, e flocos de

neve ainda caem, mas estão grossos. Isso significa que a tempestade está amainando. Observamos até Yang desaparecer pela rua e então Mei volta para a sala de estar, joga o corpo no sofá e olha para mim com desespero total.

– Eu devia ir para casa – diz ela.

– Tenho certeza de que todo mundo vai compreender se você quiser ficar com sua família durante alguns dias. – Eu me abaixo para acender a lareira.

– Eu quis dizer para sempre. Se eu for embora, talvez possa arrumar um emprego em algum lugar, na surdina. Não sou tão boa costureira quanto Li, mas posso tentar. Ou eu poderia cuidar dos pequenos para Mama poder trabalhar – diz.

Eu me agacho junto à lareira para espalhar a lenha com o atizador.

– Você vai completar 17 anos daqui a algumas semanas. Teria que arrumar um marido bem rápido.

Mei tira as sapatilhas vermelhas e enfia os pés embaixo do corpo.

– Baba tem amigos cujos filhos querem esposas chinesas. A família deles pode pagar um dote por mim. Não sirvo de nada aqui. Quanto tempo vai demorar até que os Irmãos fechem a escola do convento totalmente?

– Eu ficaria triste se você fosse embora – admito, e enfio o espeto no fogo mais uma vez. Um pedaço de madeira cai e solta uma chuva de faíscas. De maneira egoísta, fico torcendo para que Mei fique e me ajude com o plano de Harwood. Sinto o estômago revirar só de pensar nisso. Agora só faltam três dias. Elena esteve ausente na semana anterior, visitando familiares do outro lado da cidade, mas participou do café da manhã hoje. Vou ter de procurá-la e implorar por ajuda, por mais que eu deteste fazer isso.

Há uma batida discreta à porta e Tess olha para nós. Está sorrindo, esperançosa com notícias da fuga.

– O que aconteceu com as suas irmãs, Mei?

Aceno para que ela vá embora, meus nervos estão em frangalhos. Ela vai ficar arrasada.

– Depois eu conto, Tess.

O sorriso dela se desfaz.

– Não. Conte agora.

Mei apoia o queixo nos joelhos.

– Elas fugiram ontem, mas voltaram a ser capturadas hoje pela manhã.

– Não. – Os olhos cinzentos de Tess ficam enormes. – Como?

– Os guardas foram de casa em casa e voltaram a deter todos os prisioneiros, de acordo com Yang. Todos foram sentenciados a cinco anos no navio-prisão.

– Não! Ah, não! A culpa é toda minha. – Tess se afunda ali mesmo no chão e suas saias de tafetá cinza fazem volume ao redor dela.

– Tess – aviso, e me levanto de um salto para fechar a porta. – Não seja tola. Você não teve nada a ver com isso!

– Achei que eu tivesse mudado tudo – balbucia Tess, os olhos repletos de lágrimas. – Achei que tivesse dado certo. Que elas estivessem livres. Cate, isso significa...

– Eu sei – eu a interrompo e me ajoelho ao seu lado. Já não temos mais um exemplo de uma visão que não se tornou realidade, de uma profecia que se provou falsa.

Não posso pensar nisso agora. Mando a informação para o fundo da minha mente, guardando-a para mais tarde. Nesse momento, preciso ajudar Tess a superar essa situação. Ela é tão inteligente, e tem sido tão corajosa, certamente não vai...

– Sinto muito. Sinto muito – diz ela a Mei.

Às vezes me esqueço de que, além disso, ela tem 12 anos.

Mei não é burra.

– Yang disse que foram as bruxas que soltaram os prisioneiros ontem. Foi você? Foi por isso que você ficou fazendo todas aquelas perguntas sobre o paradeiro de minhas irmãs?

Tess assente e minha vontade é tapar a sua boca para impedir que fale sobre profecias, mas arrisco dizer que o gesto em si levantaria suspeitas.

– Eu só estava tentando ajudar. Fazia muito frio, e eles estavam gelados e com fome, e era um *matadouro*. – Ela funga. – E se fui eu que fiz isso acontecer?

Solto uma risadinha.

– Tess, o que você está dizendo não faz nenhum sentido. Você não podia saber. – Eu me levanto e tento obrigá-la a se levantar, mas ela não se mexe. – Você está aborrecida. Deixe-me levar você lá para cima.

Ela olha para o outro lado da sala, fixa na vidraça embaçada.

– O céu estava cinzento desse jeito, com flocos de neve grandes e grossos. Igualzinho ao início de uma tempestade de neve... ou o final, talvez. Eu vi o céu ontem e pensei: *Agora. Essa é minha chance. Posso mudar as coisas*. Fui arrogante.

Dou uma olhada nervosa para Mei.

– Venha, Tess. Vamos lá para cima.

– Eu fracassei. – Tess enterra o rosto nas mãos.

Mei está olhando fixamente para nós duas. Ela se levanta e fico achando que vai sair da sala num rompante furioso, mas, em vez disso, ela fica na ponta dos pés e fecha o respiradouro de cobre. Daí se aproxima e se agacha no chão conosco.

– Tess, *você é o oráculo?* – sussurra ela.

Tess ergue o rosto marcado pelas lágrimas.

– Por favor, me perdoe.

– Ninguém sabe, Mei – aviso. – *Ninguém*.

– Não vou contar. Juro. – Mei olha para Tess com reverência repentina, como se ela fosse um deus em vez de uma garota. Como se ela nunca tivesse visto Tess se sujar de chá ou como se não tivesse ganhado dela no xadrez, nem caçoado dela por causa de sua péssima pronúncia em chinês. – Achei que talvez... ontem, quando você ficou toda esquisita durante nossa aula...

– Sinto muito. – Tess está soluçando, seu corpo todo treme. – Eu queria salvar os prisioneiros. Nunca imaginei que os Irmãos teriam os nomes e endereços registrados.

– Shhh. Shhh, nós sabemos. – Olho para Mei e rezo para que ela ajude Tess a se perdoar. – Ontem no café da manhã, quando ela teve uma tontura... teve uma visão dos prisioneiros sendo mandados para o barco. Ela queria impedir que acontecesse.

Mei coloca a mão no joelho de Tess, meio insegura.

– Aposto que alguns deles fugiram. Yang disse que se os guardas tivessem chegado uma hora mais tarde, Li e Hua teriam ido para a casa do nosso primo. Aposto que muitos dos prisioneiros não estavam em casa, deram endereço falso, ou algo assim.

– Eu não consegui mudar as coisas. Isso iria acontecer de qualquer jeito. – Tess enxuga as lágrimas com o dorso das mãos. – Os livros dizem que os oráculos são infalíveis, mas nunca houve uma bruxa que também tivesse sido um oráculo, por isso pensei... mas estava errada. Não importa o quão horríveis sejam as coisas que eu vir, nunca serei capaz de impedir que aconteçam.

Olho para Mei sem saber o que fazer. Esse não é um simples machucado em que se pode dar um beijo, ou um laço embaraçado para se ajeitar, ou um colar perdido para se achar. Esse é um pesadelo real, e eu não sei como consertá-lo.

– Você foi corajosa por tentar – diz Mei. – É a única coisa que podemos fazer, não é?

– Será que você poderá me perdoar? – fala Tess com a voz muito baixa.

– Não há nada para se perdoar. – Mei dá tapinhas carinhosos nela mais uma vez. – E não se preocupe... seu segredo está seguro comigo.

Conversamos um pouco, até Tess ficar calma o suficiente, então a levamos para o andar de cima e a acomodamos na cama com Ciclope e um dos romances de Maura. São companheiros estranhos para a cama, mas ambos parecem reconfortá-la, e servem para me lembrar mais uma vez de que ela é uma mistura estranha de mulher e menina, carregando um fardo pesado demais.

Preciso fazer todo o possível para ajudá-la. Mesmo que isso signifique um pacto com o demônio.

– Entre – diz Elena quando bato à sua porta. O quarto dela é menor do que os quartos duplos que as alunas dividem, mas grande o suficiente para acomodar uma cama com dossel cor-de-rosa bem leve e um sofazinho forrado de chita amarela. Há uma bolsa aberta sobre a cama, como se ela estivesse desfazendo as malas.

Ela faz um gesto para que eu me sente no sofá.

– Como foi sua viagem? – pergunto.

– Reparou que eu me ausentei? Fico lisonjeada, Cate. – Elena senta-se à penteadeira. – Fui visitar minha tia do outro lado da cidade. Inez me disse para sair e arejar a cabeça, certa de que eu retornaria curada de qualquer sentimento romântico que pudesse ter por uma aluna.

Engulo em seco com a franqueza dela.

– Sentimento romântico por uma... por Maura, quer dizer?

– Para uma garota inteligente, você é mesmo capaz de ser obtusa em relação às pessoas. – As palavras de Elena são suaves, sem malícia, mas estremeço de todo modo. Ela causa esse efeito em mim.

– Bom, você disse...

– Que ela compreendeu mal meus sentimentos. Que eu não correspondia à afeição dela. Que beijá-la foi um erro – recita Elena. Ela passa a mão cansada no rosto. – Eu sei muito bem o que disse. Eu *menti*.

Eu estremeço.

– Por quê?

– Porque fui tola e ambiciosa, e achei que seria capaz de esquecer meus sentimentos por ela. – Elena suspira. – Fui até sua casa para trazer você para a Irmandade, não para paquerar sua irmã. E você disse com muita clareza que nunca iria cooperar comigo, a menos que eu dissesse a ela que a estava usando. Mentir pareceu... prudente na época.

Então é verdade. O coração partido de Maura era culpa minha.

– Nunca sonhei que você de fato gostasse dela.

– Por quê? – Os olhos escuros de Elena se voltam depressa para mim. – Ela é linda, sabe? É inteligente e sagaz, e aquele *sorriso* dela... quem conseguiria não se apaixonar por Maura?

– Você a ameaçou e ameaçou Tess, várias vezes!

– Elas eram a única vantagem que nós tínhamos até descobrirmos seu romance com o jardineiro. – Elena acena num gesto de dispensa e a raiva se acende dentro de mim. – Eu tentei remediar a situação, sabe? Ou talvez não saiba. Sua irmã é capaz de muitas coisas, mas perdoar um deslize com rapidez? Ela é a melhor pessoa para guardar ressentimentos que conheço.

– É verdade. – Sinto uma compaixão estranha e inesperada por Elena. – Quem sabe, com o tempo...

– Acho que não. – Elena dá de ombros, mas sua voz falha só um pouco. – Talvez ela seja capaz de superar o fato de que menti para ela, que a fiz pensar que eu não me importava, e até mesmo o fato de eu tê-la humilhado diante de você e de Tess. Mas por ter escolhido você em vez dela? Acho que isso ela nunca vai perdoar.

Olho para ela com afinco. Elena tem o rosto mais impassível que já vi. Mas seus dedos longos e elegantes se retorcem enquanto ela mexe na renda cor-de-rosa de seu punho. Os cachos estão desfeitos pelo vento que uiva lá fora e ela não se deu ao trabalho de colocar brincos nem anéis. De acordo com seus padrões elevados, ela está mal-arrumada.

– De todo modo – diz ela, e olha para mim com a mesma curiosidade –, duvido que você esteja aqui para discutir minha relação com sua irmã.

– Não. – Agito a perna, nervosa, e então cruzo os tornozelos. Sinto desprezo profundo por ter de fazer isso. – Preciso da sua ajuda.

Elena sorri.

– Por que a mudança de opinião?

Eu me obrigo a não retirar as palavras. Esse não é momento de ser mesquinha. Preciso de alguém que compreenda o funcionamento da Irmandade melhor do que eu, e Gretchen já tem preocupações demais.

– Cora diz que posso confiar em você.

Explico o plano de Inez de ir à reunião do Conselho Titular e destruir a mente dos Irmãos. Elena escuta, com os lábios carnudos apertados, então diz:

– Também não sei como podemos impedir isso. E as repercussões com toda a certeza serão terríveis.

– É difícil saber como os Irmãos vão reagir, mas espero que possamos amenizar um pouco os danos – sugiro, batucando os dedos no braço amarelo do sofá. – O primeiro lugar que os Irmãos vão atacar é Harwood. Mas se pudermos libertar todas as garotas de lá na mesma noite em que ocorrer a reunião do Conselho Titular, e trazer algumas das bruxas para o convento, vamos salvá-las e aumentar nossos números. Só há um problema. Eu sei como entrar, mas não sei como *tirar* todas elas de lá.

Elena joga o cabelo e um pouco de sua insolência retorna.

– O maior problema é que as garotas estão dopadas, não é? Depois que forem soltas, não serão capazes de acessar a própria magia.

– Exatamente.

– Paul McLeod está trabalhando em Harwood, não está? Na nova construção? – pergunta ela, e eu confirmo. – Maura anda flertando com ele para provocar você e a mim, creio, e funcionou muito bem. Mas ela também anda fazendo muitas perguntas a ele. Arrisco dizer que você poderia usar a mesma tática.

Faço uma careta.

– Você quer que eu flerte com Paul para conseguir informações?

– Eu não seria assim tão estúpida. Não quando nós duas sabemos que seu coração está em outro lugar. – Elena dá um sorriso maldoso e eu olho feio para ela. – Mas se você fizesse uma visita ao escritório dele... Ouso dizer que não estão fazendo trabalho de campo com esse clima. Lá deve haver plantas de Harwood. Quem saberia que coisas úteis você poderia encontrar?

– Mas será que Paul não vai desconfiar de mim quando souber do motim no hospício? – Elena fica me encarando como se essa resposta fosse óbvia, e me remexo sem graça, no sofá. – Não. Ele é meu amigo mais antigo, eu não poderia...

– Poderia, sim – interrompe Elena, alisando suas saias cor-de-rosa. – Se for para salvar centenas de vidas de garotas, você poderia. Não só poderia, como *vai*.

Ela está certa.

– Quando é a próxima visita de enfermagem a Harwood? – pergunta.

Engulo em seco.

– Amanhã à tarde. Costumamos ir aos sábados, mas eu queria ir ao julgamento de Sachi, e Sophia disse que iria me acompanhar.

– Então é melhor fazer uma visita ao senhor McLeod amanhã de manhã. E vamos precisar descobrir quais garotas de Harwood realmente são bruxas. Deve haver registros em algum lugar. E aquelas capazes de executar magia mental devem ser nossa prioridade, acho, ao escolhermos quem vamos trazer para o convento. Elas serão as mais úteis para nós quando as coisas ficarem mais perigosas. – Elena faz uma careta, batendo uma unha lisa nos lábios.

– Finn diz que há todo tipo de registro no Arquivo Nacional. Ele vai ver o que consegue encontrar – digo com cuidado, esperando Elena fazer mais algum gracejo em relação ao fato de ele ser jardineiro.

– Não posso acompanhá-las amanhã. Não tenho absolutamente nenhum poder de cura. Minha ida iria levantar suspeitas, mas vou participar da missão em si – diz. Praticamente dá para enxergar as engrenagens da mente dela girando. – Nesse ínterim, vou começar a conversar com algumas das outras governantas e professoras. A maioria delas está na palma da mão de Inez, mas acho que algumas vão querer nos ajudar. Não acho que devemos lhes dar muitos detalhes... bem, ainda não *temos* muitos detalhes, mas quanto mais pessoas souberem, é mais provável que o plano vaze e seja minado. Não acho que Inez vá se dar ao trabalho de tentar deter você. Vai ser muito bom para ela ter mais bruxas, mas é difícil prever o comportamento de Inez.

– Obrigada. – Olho para ela com curiosidade. – Quando Maura descobrir que você me ajudou, vai ficar furiosa.

– Eu sei. – É estranho, depois de tantos subterfúgios, ouvir Elena ser tão direta. – Se houvesse qualquer outra pessoa que pudesse ajudar você, eu permitiria. Eu teria me recusado a Cora, moribunda ou não. Mas não há mais ninguém, e ela observou – apropriadamente, acredito – que, se Inez chegar ao poder, vai usar Maura e depois descartá-la.

– Maura confia nela. Diz que Inez acredita nela. – Meu tom é amargo.

– Eu tenho medo por ela – confessa Elena, e seus olhos castanhos encontram os meus.

Respiro fundo.

– Eu tenho medo *dela*.

capítulo

– Cate? – Paul sai de seu escritório parecendo absolutamente chocado por *me* ver à espera dele na salinha elegante da Jones & Sons.

– Olá. – Ofereço um sorriso tímido. – Tem tempo para conversar?

Os olhos dele se acendem e eu me odeio um pouquinho.

Isso é pela Irmandade, lembro a mim mesma. Pelas garotas inocentes presas em Harwood.

– Eu sempre tenho tempo para você – diz ele, e me conduz pelo corredor acarpetado até uma sala dominada por uma mesa de mogno lustrosa, com rolos de desenhos arquitetônicos empilhados em cima. Ele pendura minha capa num mancebo de ferro fundido no canto, então se acomoda atrás da mesa, em uma cadeira de couro alta. Eu me sento na outra, deliciada com a sensação amanteigada do braço da poltrona sob minhas palmas. O cheiro me lembra o celeiro de casa, de brincar de esconde-esconde com Paul quando éramos crianças. Aquilo me deixa à vontade.

– Algum problema? – pergunta ele. Parece terrivelmente profissional com seu paletó cinza, colete e uma gravata verde em volta do pescoço. Arrisco dizer que ele sabe que combina com seus olhos. Paul nunca foi imune aos próprios encantos.

– Não. Bem, sim. Eu lhe devo desculpas – digo baixinho.

– Sim.

Ele se recosta em sua cadeira grande e olha para mim, à espera. Paul tem corpo de esportista. É alto, com ombros largos e maxilar quadrado, mas os desenhos refinados e detalhados sobre sua mesa me lembram de que ele é mais do que isso. É um homem com ambição, que garantiu para si um bom lugar numa profissão ascendente e em uma cidade ascendente. Um homem que aprecia as coisas refinadas da vida, como sua nova charrete e as roupas bonitas sugerem.

Paul será um ótimo marido para alguém. Alguém que vai amá-lo como ele merece.

– Não me arrependo da minha decisão – digo. Quero ser clara a esse respeito. – Mas tudo aconteceu de maneira muito repentina, e sinto muito por não ter tido oportunidade de lhe dizer, de lhe dar uma resposta primeiro. Sua amizade significa muito para mim, e você merecia coisa melhor.

Meus olhos vacilam e então eu vejo. Na parede, ao lado da porta, há vários diagramas emoldurados de um prédio grande. Seriam cópias das plantas de Harwood? Faria sentido exibir seu primeiro projeto de real importância.

Paul esfrega o queixo bem barbeado, pensativo – é um hábito que sobrou da barba que não está mais lá.

– O que está fazendo aqui, Cate? Em Nova Londres, quero dizer? Você detestou a ideia de morar na cidade quando propus, e nunca foi do tipo religioso.

– Senti um chamado? – A frase sai como se fosse uma pergunta, e não uma convicção profunda.

– Do Senhor? – Paul ergue as sobrancelhas. – Compreendo que suas irmãs desejem dar continuidade à educação delas, e dada a nova medida, esse é o único jeito. Mas você nunca foi estudiosa.

Paul sempre soube me decifrar, por isso é difícil mentir para ele. O que poderia soar verdadeiro para Paul, mas sem envolver a profecia nem a minha obrigação para com a Irmandade? Eu devia ter pensado melhor nessa parte. Claro que ele quer explicações, do mesmo jeito que Finn quis. A diferença é que Finn sabe que sou bruxa, e Paul não sabe.

– Eu quero ser enfermeira – explico, daí me viro e aponto para o diagrama na parede. – Tenho ido a Harwood com Irmã Sophia, sabe. Nós cuidamos das pacientes e fornecemos orientação espiritual.

– Você, enfermeira? – Paul engasga de tanto dar risada. – Você diria a um homem com uma perna quebrada que parasse de choramingar e caminhasse para ficar melhor. Você detesta a companhia de gente doente.

– Eu detestava ficar no quarto da minha mãe quando ela estava doente – corrijo, irritada, tentando permanecer calma. Ele não tem como saber que sou uma enfermeira excepcionalmente competente, graças ao meu dom de cura. – Mas passei muito tempo ali. Posso praticar o bem dessa maneira.

Paul se inclina para a frente e planta os cotovelos na mesa, amassando alguns desenhos.

– Escute, isso tudo é por causa de Belastra? Só porque ele entrou para a Fraternidade? Não pode ser coincidência o fato de você ter anunciado sua intenção no dia seguinte. Eu sei que você tinha sentimentos por ele, mas não pode...

– Ele não teve nada a ver com isso – minto. Meus olhos disparam para a mesa inclinada de desenho de madeira à janela e para a banquetta alta na frente dela.

– Você tinha outras opções – insiste Paul.

– Não. – Eu o conheço bem o suficiente para saber onde essa discussão vai dar. Preciso evitar, antes que ele nos envergonhe e me faça dizer coisas que só vão magoá-lo. – Não tinha.

– Tinha, sim. – Ele cerra o maxilar e alisa os desenhos amassados. – Quando você subiu naquele tablado, achei que iria anunciar seu compromisso com ele. Eu me preparei para aquilo. Nunca imaginei isso. Você poderia ter feito a gentileza de me dizer que eu nem mesmo era uma *opção*.

Eu mereci essa.

Baixo a cabeça e fixo os olhos no tapete vermelho grosso em vez de olhar para ele.

– Sinto muito. Não sei mais o que dizer. Não contei a ninguém sobre minha decisão... nem a Maura ou Tess.

– Maura ficou arrasada. – Ele me olha com ar de reprovação. – Como ela não apareceu na igreja na semana seguinte, fui visitá-las. Tess disse que a única coisa que não estava bem com ela era seu humor. Mas arrisco dizer que sei como ela estava se sentindo depois de ter sido abandonada.

E ela aproveitou isso ao máximo, não foi?

Senhor, eu sou uma hipócrita. Como posso julgá-la em um fôlego e manipulá-lo com o seguinte?

– Será que posso...? – Pigarreio e estremeço um pouco para parecer convincente. – Será que posso tomar uma xícara de chá? Está muito frio lá fora.

– Claro que sim. – Paul força um sorriso e tira as pernas compridas de baixo da mesa. – Onde está minha educação? Com licença.

Ele mal sai e eu me levanto da cadeira de um salto para examinar os esquemas pendurados na parede. É *mesmo* Harwood. Dá para reconhecer a parte externa, mesmo de lado, com os caminhos cobertos que conectam a ala nova à antiga, no primeiro e no segundo andar. Passando para o traçado do interior, contorno as portas com as pontas dos dedos, imaginando se poderiam servir de saídas não vigiadas por guardas. Se for apenas questão de abrir fechaduras, deve ser bem simples. Conto com a magia, não com chaves, para nos ajudar nesse ponto.

– Cate? – Eu me sobressalto com o som do meu nome. Estava tão absorta com as plantas dos pisos que nem ouvi quando Paul voltou. – Pedi ao auxiliar que colocasse a água para ferver. Vi que encontrou as plantas de Harwood. Impressionante, não é mesmo? – Ele sorri.

– Muito. – Bato na enfermaria com o indicador. – Já estive nessa ala, em missões de enfermagem. Vi as condições. É horrível. Tudo é muito apertado e sujo. O lugar todo parece prestes a desabar.

– Bom, a estrutura existente foi construída pouco depois de os Irmãos assumirem o poder. A extensão vai ser muito mais moderna e confortável. Também contará com dispositivos de segurança, é claro. Grades em todas as janelas, portas que trancam por fora, esse tipo de coisa. Mas haverá janelas de sobra e um belo pátio para as pacientes tomarem ar. Está vendo? – Ele aponta para o espaço entre o prédio antigo e o novo. – E vai haver uma sala de estar em cada piso, onde as mulheres poderão se reunir para jogar xadrez ou tricotar à noite.

Como se fossem confiar em dar agulhas de tricô a elas! Até parece que aquelas garotas são capazes de jogar xadrez, dopadas do jeito que ficam! Olho para ele, boquiaberta, surpresa com sua ingenuidade voluntariosa. Ele provavelmente conhece a verdade e a ignora... bem, eu costumava considerá-lo um sujeito nobre.

Preciso lisonjeá-lo. Fazer perguntas. Tentar reunir o máximo de informação possível, afinal quem pode saber o que vai nos ser útil? Mas enquanto meus olhos passeiam pelas salas marcadas como *escritório da enfermeira-chefe* (no andar de baixo, na ala oposta à enfermaria) e *isolamento – segurança máxima* (no andar de cima, na ala oposta a das que não cooperam), percebo que estou ficando irritada.

– Acho que o jeito como elas são tratadas é errado – solto.

Paul semicerra os olhos para mim, com uma expressão de quem não está entendendo nada.

– Elas são bruxas, Cate. Poderia ser pior.

Ah! Apesar de toda a religiosidade da mãe dele, Paul nunca cogitou entrar para a Fraternidade. Nunca se incomodou com as dúzias de pequenos delitos pelos quais eu

desobedecia aos Irmãos, e suponho que nunca soube dos grandes. Ainda assim, eu esperava que, se algum dia ele descobrisse a verdade, fosse me aceitar como sou.

Agora, sua inconsciência me deixa hesitante. Pela primeira vez, apesar das lembranças adoráveis entre nós, não me sinto inteiramente segura com ele.

– É o primeiro grande contrato de Jones. Que juízo fariam de mim se eu me recusasse a trabalhar em um projeto para os Irmãos? E, sinceramente, eu não iria recusar. Isso é bom para os negócios, e se tenho intenção de me tornar sócio algum dia... Jones não tem nenhum filho para dar continuidade à empresa, apenas um sobrinho de quem não gosta, sabe como é...

Esse não é o mesmo menino com quem eu brincava de pega-pega nos campos de mirtilos ou de pirata no laguinho. Mas talvez eu também não seja a mesma Cate da qual ele se recorda.

Sorrio para ele, tentando me lembrar da expressão acanhada que Maura fazia sob as pestanas. Mas os poucos cílios que tenho são espetados e loiros, e me sinto uma boba.

– Tem razão, é claro. Peço perdão. Suponho que trabalhar com as garotas no hospício faz com que eu tenha um pouco de pena delas.

– Você devia tomar mais cuidado com o que diz. Se fosse qualquer outra pessoa que não eu, esse tipo de conversa poderia fazer você se encrencar. – Paul coloca a mão no meu ombro. Ele cheira a aparas de lápis e ardósia. – O que as Irmãs iriam pensar?

– Elas pregam compaixão para os menos afortunados. Mas você tem razão. Não podemos perder de vista o motivo pelo qual essas garotas estão lá. – *Porque os Irmãos são implacáveis.* Eu me volto mais uma vez às plantas dos pisos. – A enfermaria vai ser transferida para o prédio novo?

– Não, as cozinhas e a enfermaria vão permanecer na ala antiga, está vendo? – Paul traça uma linha pelo primeiro piso com um indicador bronzeado.

– O que é aquele quartinho ali? – pergunto, quando o dedo dele passa por cima de um espaço onde não está escrito nada, ao lado da cozinha.

– É só um depósito – diz ele, e dá de ombros. – É onde guardam os medicamentos e o láudano para as garotas. A enfermeira-chefe disse que tiveram problemas com algumas enfermeiras que pegavam coisas para si, então agora ela mantém tudo bem trancado. E aqui na frente vai ficar a passarela coberta para o primeiro andar da extensão, onde estará a lavanderia nova, e...

Ele prossegue, mas eu parei de escutar. Eu presumia que o láudano fosse guardado na cozinha, onde um grande número de cozinheiras estaria trabalhando, tornando impossível a retirada dele de lá sem ninguém notar.

Isso muda *tudo*.

Minha mente gira e estala, e fico meio surpresa por não ver fumaça saindo dos meus ouvidos enquanto faço minha tramoia. Minha vontade é sair correndo pela neve agora mesmo. Preciso falar com Irmã Sophia. Mas em vez disso passo mais vinte minutos lá, admirando os desenhos das casas novas esplêndidas que Jones permitiu que Paul projetasse, bebericando meu chá na poltrona grande de couro e escutando-o discorrer sobre o projeto de Harwood.

Tento esconder meu pavor diante do fato de os Irmãos estarem construindo uma extensão, para começo de conversa. Quantas garotas mais eles planejam prender?

A vida dessas garotas é mais importante do que o sucesso dos negócios de Jones, e o fato de Paul não ser capaz de enxergar isso ou de se recusar a fazê-lo mudou as coisas entre nós. Ele é o mesmo homem que era há um mês, quando me beijou, tem o mesmo cabelo loiro, os mesmos ombros largos e o mesmo sorriso que expõe todos os dentes, mas não consigo deixar de enxergá-lo de um jeito diferente.

Eu me apaixonei por Finn em parte porque ele desconfiava dos Irmãos, porque questionava seus ensinamentos antes mesmo de saber que eu era uma bruxa. Talvez não seja justo comparar os dois, já que Finn foi criado por uma mãe muito inteligente e instruída, e a de Paul era uma religiosa profunda. Mas comparo, sim, e em meu coração sei que nunca poderia me casar com um homem que não vê nada de errado no Hospício de Harwood.

Eu me sinto menos culpada em relação à magia mental do que esperava.

Ele está tagarelando sobre prazos de construção quando semicerro os olhos para ele e faço com que se esqueça de que conversamos sobre Harwood, ou mesmo que examinamos as plantas juntos. Ele hesita no meio da frase e seu chá derrama um pouco quando ele pousa a xícara no pires azul.

– Preciso ir andando. Obrigada por me receber – digo, e me levanto.

Ele se apressa para me ajudar com a capa. Os olhos dele perderam um pouco do brilho. Seu rosto não tem o mesmo viço alegre e animado de um minuto atrás.

– Obrigado por ter vindo.

Será que se lembra do meu pedido de desculpas?

– Adeus. – Por algum motivo, não consigo olhar nos olhos dele.

– Adeus, Cate – diz Paul, e há algo na voz dele, algo resignado, derradeiro e triste, que me faz desconfiar que pelo menos disso ele vai se lembrar.

Quando retorno ao convento, vou correndo até a sala de aula de Irmã Sophia. Ela acaba de terminar sua aula de anatomia, à qual faltei para ir conversar com Paul. Mei é a única aluna que sobrou, e está enrolando alguns esquemas da musculatura e dos órgãos internos humanos.

– Você voltou, Cate. Onde esteve nesta manhã? – pergunta Sophia, empurrando Bones, o esqueleto, de volta para o armário de madeira.

– Fui ao centro visitar meu amigo Paul, que está trabalhando na extensão de Harwood. Há algo que preciso lhe contar. – Explico o plano de Inez a Sophia.

– Por que não me procurou imediatamente? – Ela abandona Bones, seus lábios vermelhos estão apertados.

– Acho que eu me sentia culpada. Eu devia ter percebido qual era o plano dela – confesso.

– A culpa não é sua. – Sophia planta as mãos no quadril largo. – Ela sabe explorar as fraquezas das pessoas para conseguir o que deseja. É por isso que tantas professoras ficam do lado dela. A maior parte tem dívidas com ela por causa disso.

– A senhora também? – questiono. Se tiver, preciso saber agora.

Sophia se vira para o outro lado.

– Não tenho mais.

Mei e eu trocamos olhares curiosos.

– Bom, agora que sabe, espero que nos ajude. – Explico o que temos intenção de fazer em Harwood e, enquanto falo, examino o armarinho de madeira pendurado na parede. Há duas dúzias de frascos de vidro transparentes e latas cheias de ervas secas e remédios naturais, tudo pertencente a Sophia. Ela deve ter *algo*. – Sabe qual é a aparência do ópio em pó? Preciso de ervas que possam se fazer passar por isso.

– Imagino que vá precisar de uma boa quantidade, se sua intenção for substituir o ópio usado no láudano. – Irmã Sophia vai até o peitoril da janela, onde quatro ervas em um vaso aproveitam o sol fraco de dezembro. Ela passa os dedos num talo cheio de folhas, pensativa, olhando para o pátio dos fundos e para as janelas embaçadas da estufa. – Pó de pétala de rosa iria funcionar. A textura não seria adequada, e o perfume entregaria tudo, claro. Mas temos montes de rosas mortas, e você lançaria um feitiço sobre elas, de todo modo.

Eu me volto para Mei e observo as olheiras embaixo de seus olhos castanhos as marcas de cansaço em seus lábios.

– Ainda planeja ir a Harwood hoje à tarde? – pergunto. Ela assente e guarda os esquemas no armário, ao lado de Bones. – Que bom. Vou precisar de alguém para ficar de vigia enquanto invado o depósito.

Mei dá um sorriso triste para mim.

– Fico feliz por ajudar. Se as coisas tivessem sido diferentes, Li e Hua poderiam estar lá.

Irmã Sophia olha para mim.

– Sua intenção é fazer isso *hoje*? As pacientes podem ter condições de acessar sua magia daqui a alguns dias, mas estarão em péssimo estado. A maioria se viciou no ópio. O corpo delas irá demorar semanas para se livrar totalmente da substância. Elas vão se sentir fracas e enjoadas nesse meio-tempo, e isso se não considerarmos os efeitos psicológicos do...

– Não temos semanas – interrompo. – Precisamos libertá-las até quarta-feira à noite, ou será tarde demais.

Sophia vai até a lousa, pega um pedaço de giz e escreve em letras garrafais: AULA DE INTRODUÇÃO À CURA CANCELADA. – Venha, então. Você também, Mei. Tenho um par de luvas extra na cozinha.

Depois do almoço, puxo Elena de lado para explicar a mecânica do novo plano. Enquanto cochichamos, com a cabeça morena dela inclinada perto da minha, loira, vejo Maura parar à porta do refeitório: seus traços bonitos estão tomados de choque. Depois de um momento, ela se vira para o outro lado, mas dá para ver pelo posicionamento de seus ombros que ela ficou desolada por nos ver tão próximas. Não é nada além daquilo que eu já esperava, claro, mas mesmo assim sinto uma pontada de culpa. Explico tudo a Elena o mais rápido possível,

agradeço a ela por conseguir a ajuda de duas governantas e me apresso até o andar de cima para colocar as vestes negras das Irmãs.

Alguns minutos depois, estou acomodada na carruagem com Sophia, Addie e Mei, enquanto aguardamos que Pearl se junte a nós.

– Espremam-se aí. Eu vou junto – declara Tess, e entra pela porta aberta. Ela me empurra para o lado, de modo que quase fico sentada no colo de Mei. Ela mal nota, apenas articula os lábios num mantra silencioso, debruçada sobre as contas de sua *japamala*.

– Não vai, não, tenha certeza! – grito, e me levanto um pouco do assento.

– Acalme-se, Cate – diz Sophia, e eu desabo de volta no banco de couro. – Eu dei permissão a ela. Diremos às enfermeiras que ela é uma aluna nova com interesse em enfermagem. Elas vão ficar encantadas.

Tess joga as tranças por cima do ombro.

– Estou especialmente adorável hoje.

Olho para ela, cheia de desconfiança. Todas nós estamos usando nossa bombazina sóbria, mas ela está toda colorida e com jeito de menininha, com um vestido cor-de-rosa com saia rodada e renda cor de creme na gola e nos punhos, arrematada com uma faixa preta amarrada na cintura. Parece uma bonequinha linda, não uma jovem bruxa poderosa. Sua aparência é tão enganosa quanto nosso preto de noviça.

– Não olhe para mim assim – diz ela, e me belisca. – Posso ser exatamente tão teimosa quanto você. Só quero conhecer Zara. Não vou causar nenhuma confusão. E você *disse* que eu podia ir.

– Antes de eu saber da missão extra de hoje – sibilo, e dou tapinhas na bolsa de couro ao meu lado, a qual carrega uma dúzia de pequenos frascos fechados com rolha, cada um cheio de pétalas de rosa moídas e o estimulante de ervas que Irmã Sophia preparou para ajudar a amenizar a síndrome de abstinência das garotas. – Você é irritante.

– Então devo fazer você lembrar de si mesma – brinca Tess.

Mei suspira, seus dedos não param de correr pelas contas.

– Vocês duas fazem com que eu sinta saudade das minhas irmãs.

– Tem certeza de que está disposta a isso? Nós vamos entender se não estiver – diz Irmã Sophia com gentileza.

– Não, é melhor que eu seja útil. Senão só vou ficar me preocupando. – Mei dá um sorriso para lá de tristonho e eu lhe dou um abraço bem apertado. Tenho sorte por ter uma amiga como ela, disposta a colocar a própria dor de lado para executar uma tarefa tão perigosa.

Mas embora meu coração esteja dilacerado por ela, fico imaginando o que a precisão infalível contínua dos oráculos significa para *nós*.

– Estou nervosa – confessa Tess quando nos dirigimos apressadamente para o quarto de Zara.
– E se ela não gostar de mim?

– Todo mundo gosta de você. Você é altamente adorável. – A enfermeira-chefe e as enfermeiras começaram a bajulá-la no instante em que Tess desceu da carruagem, comentando que ela era maravilhosa e altruísta para se interessar por um trabalho tão difícil. E foi sensacional com as garotas que não cooperavam, até encontrarmos uma conhecida entre elas. Mina Coste não pareceu capaz de nos identificar, muito embora tenha frequentado as cerimônias religiosas conosco a vida toda. Os olhos castanhos dela estavam mortos, seus cachos loiros avermelhados estavam embaraçados. Tudo isso por ter saído escondida para ver um rapaz?

Quantas vezes eu me arrisquei ao mesmo castigo para ver Finn? E vou fazer isso de novo hoje à noite. Só tive mais sorte do que Mina.

Respiro fundo e controlo meus nervos quando abrimos a porta de Zara. Ela está largada em sua poltrona, a cabeça crespada abaixada, olhando fixamente para a encosta da colina coberta de neve ou cochilando. Não sei o que esperar. A memória distante dela parece não se anuviar com o láudano, mas será que ela se lembra do nosso encontro na semana passada?

– Zara?

Ela desperta, sobressaltada, seus olhos se agitam.

– Quem está aí? O que você quer?

– Sou eu, Cate – digo baixinho. – Filha de Anna? E veja, eu trouxe Tess.

– Olá – cumprimenta Tess, oferecendo um sorriso acanhado. – Fico muito feliz por conhecer você.

Zara se levanta e se vira para mim em tom de acusação.

– Ela é só uma criança. Por que iria permitir que ela viesse a um lugar desses? Anna não iria aprovar.

– Eu não *permiti* que ela viesse. Ela tem vontade própria – observo.

Mas a crítica dói. Será que a Mãe iria aprovar a maneira como ando lidando com as coisas?

– Eu insisti para vir. Li seu livro – diz Tess. – Marianne deu para nós.

– Meu livro? – Zara volta a se afundar na cadeira, sua belicosidade está se esvaindo. – Ela o salvou?

– Salvou. Algumas partes estão ilegíveis por causa dos danos causados pela água. Choveu antes que ela pudesse tirá-lo do telhado, onde você o escondeu. – Tess remexe no laço preto da cintura. – Mas eu consegui ler quase tudo.

– Achei que estivesse perdido. – Os olhos escuros de Zara se enchem de lágrimas ao mesmo tempo em que ela começa a se balançar na cadeira. – Achei que tivesse sido mandada para cá para sempre por *nada*.

– Não foi. Não por nada, e não para sempre. – Eu me empoleiro na beiradinha da cama estreita e coloco a bolsa no chão. Tess me acompanha. – Nós vamos tirar você daqui. Aliás, em breve. Quarta-feira à noite.

Zara sacode a cabeça. Há uma mancha de chá na gola de sua blusa branca.

– Não. Isso é impossível. Cora nunca vai permitir. Eu vou morrer aqui.

Enrugo a testa.

– Cora está morrendo.

Os dedos ossudos de Zara disparam para os lábios.

– Cora? – repete ela, e se esforça para se concentrar em mim.

– Cate – bronqueia Tess batendo o ombro no meu. – Você não devia ser assim tão seca.

– Já sofri coisa pior. – Zara se balança mais rápido. – Você acha mesmo que pode nos tirar daqui?

– Preciso tirar. Se não, vocês serão alvo fácil. – Explico o plano de Inez.

– Eu disse, não disse? – Zara bate palmas nos braços da cadeira e faz um barulho alto. – Eu disse que ela iria recuar e permitir que todas nós fôssemos mortas se isso servisse aos motivos dela!

– Sim, bem... – Meus olhos disparam para a porta e fico torcendo para que a enfermeira com marca de nascença esteja tão absorta com seu tricô que não fique curiosa para verificar o barulho. – Infelizmente, você tinha razão. Eu espero que possa nos ajudar a espalhar a notícia para as outras pacientes, principalmente as outras bruxas. Há alguma chance de você fazer isso?

– Posso tentar. – Zara olha fixamente para o buraco na porta. – Não temos saído para tomar ar por causa da neve, mas quem sabe amanhã ou enquanto eu estiver na fila para usar o banheiro. Mas não sei quem é bruxa e quem não é. Não com certeza. Não falamos de magia aqui.

Então espero que Finn tenha encontrado os registros de Harwood no Arquivo.

– Tudo bem – digo. – Nós vamos soltar todas, bruxas ou não. Não diga que vai ser na quarta-feira. Diga apenas que vamos disparar o alarme de incêndio e que este será o sinal para a fuga.

Enquanto moíamos as rosas no pilão, Mei tinha dado a ideia de fazer o alarme soar hoje de manhã. Ela já havia estado aqui uma vez, quando uma paciente nova pegou os fósforos da enfermeira e tocou fogo na cama.

– Posso tentar, mas metade delas não vai se lembrar. O láudano prega peças estranhas na memória. – Zara baixa a voz até um sussurro rouco. – Já estou aqui há tempo suficiente para me acostumar à dosagem. Finjo que estou mais afetada do que a realidade, mas ainda tenho um pouco de clareza. Em dias ruins, preciso de muita força de vontade para não implorar por mais. Não posso culpar as que imploram.

– Tenho um plano para isso também. – Assim que acabo de explicar o que Mei e eu pretendemos fazer, Tess desaba na cama, as pálpebras tremendo. A cabeça dela bate na parede de cimento.

– Tess? Tess! – exclamo, e seguro o corpo desfalecido dela nos braços.

– Shhh! – adverte Zara, daí vai até a porta e olha o corredor.

– Tess? – Eu a sacudo um pouquinho. Mas que hora para ter uma visão! Nunca a vi ser acometida com tanta força.

Tess abre os olhos e me encara, entorpecida. Ela respira com dificuldade.

– Ah, Cate!

Ela se afasta de mim e leva as mãos à boca, como se estivesse tentando conter o vômito. Depois fecha os olhos e respira fundo várias vezes. Seu rosto em formato de coração – igual ao de Maura e igual ao da Mãe – ficou pálido.

Zara está de costas para a porta, bloqueando o buraco de vigia.

– Está tudo bem com você? – pergunto, e ponho a mão no joelho dela.

Tess assente, mas seus olhos cinzentos estão assombrados.

– Vai dar certo. Eu vi. Irmã Sophia estava guiando uma carroça cheia de garotas. Reconheci algumas da ala que não coopera. Estava quase amanhecendo, acho, o céu estava cor-de-rosa, e ela conduzia uma carroça comprida até uma casa estranha. Era cor-de-rosa também, com torreões e terraço, e ficava perto do mar. Dava para ouvir as ondas e as gaivotas. Dava até para sentir o cheiro da maresia. Foi tão peculiar. – Ela leva a mão à têmpora, e agora sinto a névoa vermelha da dor de cabeça dela ardendo.

– Eu... eu conheço essa casa. Já estive lá. – A voz de Zara sai rouca e ela pigarreia. – Havia uma rede de catedráticos que simpatizavam com as Filhas de Perséfone. Os Irmãos sempre desconfiavam deles, por isso precisaram arrumar esconderijos. Essa casa era um deles.

– Pode nos dizer onde fica? – pergunto.

Um sorriso se estende matreiro no rosto magro de Zara.

– Posso fazer melhor do que isso. Se vocês tiverem algo para escrever, posso desenhar um mapa.

Tess pega um pedaço de papel dobrado e um toco de lápis e entrega a Zara, com as mãos trêmulas.

– Deixe-me acabar com sua dor de cabeça – digo, e ela assente, então recosta-se na parede e se encolhe sob a capa cinzenta. Durante um instante, o único som no quarto é o raspar do lápis de Zara enquanto ela desenha o mapa.

Depois de Cora e do meu trabalho na enfermaria, curar a dor de cabeça de Tess não é nada. Só fico tonta por um momento. Estou mais preocupada com ela, que solta um pequeno suspiro quando sua dor de cabeça desaparece. Seu rosto, no entanto, ainda está contorcido de inquietação. Se ela previu que fomos bem-sucedidas, por que está tão preocupada? A existência de um possível esconderijo é uma vantagem. Só podemos esconder algumas garotas no convento, e ando muito ansiosa em relação ao que vai acontecer com as outras depois que saírem de Harwood.

Graças ao Senhor a visão de Tess a acometeu agora, e não há quinze minutos. Do contrário estaríamos no meio da ala das que não cooperam, com dezenas de testemunhas. Ela não está em condições de lançar feitiços, e minha magia mental por si só não teria sido suficiente.

Trazê-la aqui foi loucura.

– Tomem. – Zara nos entrega o mapa. As pupilas dela estão normais agora. O choque parece ter feito com que Zara se concentrasse. – É uma viagem de uma noite, mas este era o esconderijo mais próximo dos três que possuíamos. Um casal cuidava do lugar: John e Helen Grayson. E havia uma senha. Pode ter mudado, mas antes era *corruptio optimi pessima*.

– A corrupção dos melhores é a pior – traduz Tess.

Zara assente. Ela olha para Tess com fascínio, como se esta fosse um anjo caído na terra.

– Você... *você* é o oráculo. – Ela baixa a cabeça e dá uma risadinha tímida. – Eu... Ah, tenho tantas perguntas para você. Eu esperava que um dia... nunca falei com um oráculo que não tivesse sido tocado pela loucura.

Tess morde o lábio.

– Eram todas loucas?

– Brenna, e Thomasina antes dela. Não sei como Marcela acabou ficando, ela só viveu até os 25 anos. – Tess estremece e Zara estende a mão para ela. – Sinto muito. Eu não quis assustá-la.

– Não. Eu quero saber *tudo*. Foi por isso que vim. – Tess enfia os pés embaixo do corpo, então alisa as saias cor-de-rosa espalhadas ao seu redor. – Seu livro foi muito útil. Eu li duas vezes, quando as visões começaram. Fez com que eu me sentisse menos solitária – confia nela, e o sorriso de Zara seria capaz de derreter a neve na encosta da colina.

Tess precisa de mais cuidado materno, de mais orientação do que sou capaz de oferecer.

– Eu sei que a Irmandade tem sido péssima com você, Zara – começo a dizer, cheia de incerteza, as mãos apertadas em cima do colo. – Eu entenderia se você quisesse ir para um dos esconderijos ou para algum lugar completamente diferente. Mas nós agradeceríamos muito se você viesse para o convento conosco. Você vai poder ajudar muito Tess... e a mim.

Ao meu lado, Tess está perfeitamente imóvel, como se estivesse prendendo a respiração.

Zara olha para mim durante um longo momento, seus olhos escuros são inquisidores. Então a mão dela vai até seu pingente dourado no pescoço.

– Vocês são as meninas de Anna. Se conseguirem me tirar daqui, eu vou.

Tess cai no choro e se joga no colo de Zara.

– Obrigada – digo com fervor.

Zara abre os braços.

– Obrigada a *vocês* – diz ela com a voz embargada de emoção. Penso em como é fácil para Tess expressar sua afeição. A maneira como nós nos abraçamos, trocamos tapas e beliscões, trançamos os cabelos umas das outras e amarramos a faixa dos vestidos, e fico imaginando há quanto tempo Zara não tem isso, o simples conforto do toque humano.

Zara sorri para mim por cima do ombro de Tess.

– Vocês são garotas fortes e inteligentes. Eu gostaria que Anna estivesse aqui para vê-las. Ela ficaria orgulhosa.

– Ficaria mesmo? – Olho fixamente para a parede feia de cimento. – Às vezes fico achando que ela iria querer que ficássemos o mais longe possível de tudo isso. A Mãe detestava a magia dela.

Zara sacode a cabeça enquanto Tess se acomoda ao meu lado, em cima do cobertor marrom áspero.

– Nem sempre foi assim. Não quando éramos meninas. Naquela época, adorávamos ser bruxas. Mas Anna usou a magia dela de um jeito do qual se arrependeu, e aquilo a deixou amarga. Ela passou a considerar seu dom como veneno.

Aperto as mãos com mais força para esconder o tremor. Esta pode ser finalmente a minha chance de obter respostas.

– O que as Irmãs a obrigaram a fazer?

Zara hesita e olha pela janela. Não há nada para ver além do céu cinzento, da neve branca e do silo vermelho do outro lado da colina.

– Esse segredo pertencia à sua mãe, não a mim.

– Mas ela nunca nos contou – digo, batendo a bota no chão com impaciência. – Tem tanta coisa que ela nunca nos disse. Não me esqueço do jeito como ela olhou para mim quando percebeu que eu era capaz de executar magia mental. Ela ficou *apavorada*.

Zara se inclina para a frente e apoia os cotovelos remendados nos joelhos ossudos, feito uma marionete de juntas duras.

– Não ficou horrorizada com você, Cate. Ela tinha vergonha de *si mesma*. A magia que partiu o coração de sua mãe não teve a ver com algo que as Irmãs a obrigaram a fazer. Foi algo que ela escolheu.

Tess e eu nos aproximamos uma da outra na cama.

– Vocês precisam saber que ela amava muito seu pai – começa Zara. – Eu me lembro de quando eles se conheceram... Brendan não passava de um estudante pobre, mas Anna não se importava. Ela ficou tão feliz. Tão ansiosa para se tornar esposa e mãe e abandonar o convento. Ela sempre foi um tanto romântica.

Meneio a cabeça em concordância. Eu me lembro de como meus pais davam risada juntos, do modo como eles caminhavam pelos jardins de mãos dadas quando a Mãe ainda estava bem de saúde. Antes de ela morrer, o Pai conseguia ser feliz de verdade.

– Mas ela nunca contou a ele sobre a magia. – Parece ser uma omissão muito grande. Uma mentira enorme demais para que um casamento sobreviva.

– É aí que você está errada – diz Zara.

Mas o Pai não sabe sobre nossa magia. Ele nunca, nem uma vez, demonstrou, e as instruções da Mãe foram muito claras: nós tínhamos que manter a magia em segredo de todos, inclusive do Pai. Se ele soubesse sobre a magia dela...

Minha confiança nele é, no máximo, trôpega, mas ele jamais teria traído a Mãe.

E isso significa que *ela*...

Tess chega à mesma conclusão, um segundo antes de mim. Ela se levanta de um pulo.

– Ela apagou a memória dele, não foi?

O ultraje toma conta de mim. Por que nos privar de um pai que poderia nos proteger, que iria saber o que somos e iria nos amar da mesma maneira?

– Foi para a própria segurança dele, e de vocês – diz Zara baixinho. – Ele teria feito qualquer coisa por Anna. Quando desconfiaram de mim, ela ficou com medo de ser a próxima... e de Brendan fazer algo desesperado para protegê-la caso ela fosse presa. Então vocês não teriam nem mãe, nem pai.

– E não teria feito muita diferença – balbucio. O Pai está sempre viajando a negócios, e quando está em casa, nunca está presente nos momentos que importam.

– Não. Se vocês tivessem ficado órfãs, as Irmãs as teriam acolhido, mesmo que seus poderes ainda não tivessem se manifestado. Por causa da profecia, poderiam ter separado vocês. Mas não era isso que a mãe de vocês queria. Ela queria que vocês tivessem uma infância normal, independentemente de seu destino.

Destino. A palavra soa tão grandiosa e, no entanto, promete uma sina tão horrível. Uma de nós não vai viver para ver o século XX. Uma de nós vai matar a outra.

– Depois ela se arrependeu, por ter impedido seu pai de conhecer vocês. Ou mesmo a *ela*. Depois que apagou a memória de Brendan, ela precisou manter as aparências. Tinha medo do que aconteceria caso ele descobrisse.

Oh, Senhor! Desde que me tornei bruxa, guardo grande rancor do Pai, penso nele como uma pessoa tola e desprezível em vez de alguém que iria nos amar e nos proteger. É difícil aceitar, estou tão acostumada a pensar nele como um fraco.

– Eu sabia! – exclama Tess com seus dentes perolados cerrados. – Ele tem suas falhas, o Senhor bem sabe, eu compartilho a maior parte delas. Mas as razões da Mãe nunca fizeram sentido para mim.

Tess só tinha 9 anos quando a Mãe morreu e as viagens de negócio do Pai começaram a ficar cada vez mais longas. Ela costumava ficar tristonha quando ele partia, preocupada com a possibilidade de ele se envolver em um acidente de carruagem, ou de ser roubado por bandoleiros, ou de pegar uma gripe na cidade sem que houvesse alguém para cuidar dele. Ela sempre dependeu dele, sempre *quis* depender dele, muito mais do que eu, ou Maura.

Olho para o assoalho gasto de madeira. Só o fato de pensar nisso já parece traição, dizer então, nem se fala, mas é necessário. Por Tess.

– Eu amava a Mãe, mas acho que ela errou nisso.

Tess assente.

– O Pai disse que vai vir a Nova Londres no Natal, para comemorar as Festas conosco. Quero contar a verdade a ele. *Insisto.*

Olho para Tess. Ela está com o queixo pontudo empinado, as mãos fechadas frouxamente junto às laterais do corpo, toda a sua postura preparada para uma discussão. Ela não é do tipo que insiste em muita coisa. Só deseja paz, silêncio, bibliotecas cheias de livros e o direito de lê-los.

Eu me levanto.

– Tudo bem, então.

– Ele merece nos conhecer. *Nós* merecemos que ele nos conheça, e... espere. Você concordou comigo? – Ela me dá o maior abraço e bate a cabeça no meu queixo. – De verdade? Não vai brigar comigo por causa disso?

Eu me desvencilho dela, massageando o queixo.

– Mesmo, de verdade. Eu até ajudo você a contar para ele.

– Obrigada. Ah, você é a *melhor* irmã de todas! – Tess hesita e volta a sentar-se na cama estreita. – Você acha que ele vai ficar magoado por termos guardado segredo durante tanto tempo?

Adoro o fato de Tess não duvidar do Pai nem por um segundo. Ela tem a mais completa fé na capacidade dele de aceitar três filhas bruxas. Só se preocupa com os sentimentos dele, não com os próprios.

Enfio uma mecha de cabelo de volta no meu coque simples.

– Não sei. Espero que ele compreenda que estávamos seguindo os desejos da Mãe. Imagino que ela não tenha contado a verdade a ele quando soube que estava morrendo.

A verdade é que a Mãe tinha vários segredos. Se Zara não tivesse escrito para mim, talvez eu nunca teria procurado o diário dela. Nós poderíamos estar completamente alheias à profecia, ser meros peões das manipulações da Irmandade.

– Ela errou ao fazer isso, mas só o fez porque queria que nós ficássemos em segurança. Isso devia ser levado em conta. Ela não era perfeita, mas nos amava, Cate.

– Ela fez o melhor que pôde – reconheço. Do mesmo jeito que vou fazer. Eu prometi a ela que ia cuidar de Maura e de Tess, e talvez elas não sejam mais crianças, mas isso não significa que eu vá deixar de desejar que elas fiquem felizes e em segurança. – Pode me fazer um favor em troca, Tess? Pode ficar aqui com Zara enquanto saio para cuidar de algumas coisas?

Zara ficou quieta, olhando através da janela com ar sonhador. Ela agora volta a si e mais uma vez toca no pingente.

– Aonde você vai?

– Tess não é o único oráculo que conhecemos. Minha intenção é fazer uma visita ao outro, para ver se pode nos dizer algo de útil.

capítulo

Com o coração disparado, eu me apresso para a ala sul do terceiro andar, onde a planta de Paul mostrava *isolamento – segurança máxima*. Há uma enfermeira sentada em um banquinho logo depois da porta: uma mulher pesadona com cachos grisalhos e queixo duplo, lendo as Escrituras à luz de uma vela.

– O que está fazendo aqui, Irmã? – pergunta ela. – Ninguém deve vir a este lugar.

Reúno minha magia e a concentro nas sombras azuladas abaixo dos olhos dela, em seus ombros caídos.

Durma, eu a convenço. *Você está exausta. Esqueça que me viu.*

Em um instante, a cabeça dela está apoiada no gesso da parede, seus roncões suaves enchem o corredor. O livro fica aberto em cima de seu busto largo.

Descubro que não fico muito incomodada por executar magia mental nela. A confissão de Zara a respeito da Mãe deixou minha consciência bem mais leve. Todos precisamos fazer aquilo que consideramos melhor, no final das contas, e torcer para aqueles que nos amam não nos julgarem de maneira severa.

Pego a vela da enfermeira e avanço pelo corredor, minhas botas molhadas guincham contra o piso de lajotas. As outras alas são lugares sombrios e deprimentes, mas esta aqui com toda certeza é uma desolação só. Não há janelas, mas apenas duas lamparinas a gás, uma em cada extremidade do corredor. Dois baldes estão no meio do caminho para recolher água de um vazamento do telhado.

Ouçõ pés se arrastando de leve dentro de um dos quartos e dou uma olhada pela janelinha estreita. Há uma garota andando de um lado a outro, sua blusa branca se destaca na escuridão. Ela corre até a porta ao ver a luz e reconheço os traços perturbados e o cabelo loiro da garotinha que tentou recusar o chá na semana passada. Ela sibila e ataca a porta como se fosse um gato. O som é estranhamente abafado. Fico imaginando por quê, até dar uma olhada nas paredes, que parecem feitas de tecido. A garota uiva e me afasto rapidamente.

Brenna deve estar muito perto.

Semicerro os olhos para a cela seguinte. Vazia. Mas, do outro lado do corredor, há uma etiqueta com um nome. Uma letra bonita diz *B. Elliott*. Suponho que, diferente das outras pacientes, que vêm e vão de acordo com seu comportamento, Brenna tem sua residência permanente nesse lugar isolado.

Espio pela janela minúscula embaixo do nome de Brenna. É difícil enxergar na escuridão, mas finalmente consigo distinguir uma silhueta agachada no canto. O quatinho parece vazio, exceto por um colchão e alguns cobertores amontoados no piso. Até a janela foi fechada com tijolos e coberta com aquele pano claro.

Agito, penso, e as trancas da fechadura se abrem.

Brenna se sobressalta com o barulho. Fico tensa e preparo um feitiço de silêncio. Mas quando empurro a porta e entro, vejo a vela lançando sombras tremeluzentes e Brenna fica só me observando com seus olhos azuis misteriosos.

– Brenna, sou eu, Cate Cahill. Eu vim visitar você.

– Está parecendo um dos corvos – diz Brenna, e se encolhe contra a parede macia. A blusa branca dela está abotoada toda errada e sua saia marrom de aparência áspera cai ao redor dos pés. – Mandaram você para me estragar de novo?

– Não. Não, aquilo foi... – Como eu digo a ela que a ruína de sua mente foi acidental? – Sinto muito por você estar danificada, Brenna. Eu gostaria de poder ajudar.

– Você não pode. Ninguém pode. Vão me matar. – Brenna se lamenta baixinho, oscilando para a frente e para trás, os cabelos castanhos completamente embaraçados. – É uma coisa muito estranha conhecer o próprio destino.

– Hum, é. – Estou sussurrando, apesar de ninguém poder nos escutar, de jeito nenhum. – Você... Brenna, tudo que você vê se torna realidade? Sempre?

Brenna assente.

– Ah, sim. Eu não faço acontecer. Você compreende isso. – Ela corre para mim e agarra minha capa. Ficou ainda mais magra no mês que esteve aqui. Parece meio esfomeada e tem uma marca roxa escurecendo uma de suas bochechas. – Você entende, não entende? Por favor. Eu tentei. Eu tentei com Jack, e com o Avô, mas ninguém acredita em mim. Ninguém nunca escuta.

– Eu entendo. – Estico o braço e dou tapinhas no ombro dela. Brenna se sobressalta e assusta a nós duas. Seguro a vontade de recuar. Ela é só uma garota triste e machucada. Respiro fundo e me apromo. – Você viu alguma coisa a respeito do meu futuro?

– Ah, foi por isso que você veio aqui. – Brenna enterra a cabeça entre seus dedos ossudos. Um olho azul me espia por uma abertura. – Eu vi, sim.

– Pode me contar? Eu gostaria de saber.

Brenna sacode a cabeça e o cabelo emaranhado bate em mim.

– Não, acho que não gostaria de contar.

Engulo em seco.

– Por favor.

– Pergunte para a pequenina no andar de baixo. Ela sabe – diz Brenna. – Ela quer mudar o que vai acontecer.

O medo transforma minhas pernas em gelatina. Será que Brenna sabe que Tess é o oráculo? Será que a presente de algum modo?

– De quem você está falando? – exijo saber.

– Do outro. O pequeno oráculo. – Brenna franze a testa e penteia o cabelo embaraçado com os dedos. – Não quero que a peguem. Não sei... por que ela está aqui? Ela *não pode* permitir que a peguem. Se souberem dela, vão fazer com que fique aqui e vão obrigá-la a contar todos os seus segredos. Eu me sinto sozinha, mas não tão sozinha a ponto de desejar isso para a pequenina.

– Você não pode contar para eles, Brenna. Eles não podem ficar sabendo dela.

– Não. De mim, não. Vou trancar o cofre e jogar a chave fora. – Brenna dá risadinhas, faz um gesto de virar uma chave na frente da boca e a joga por cima do ombro.

Não é muito reconfortante ter um segredo guardado por uma louca.

– Eu também não quero que você fique presa aqui. E se eu levasse você embora? – sussurro e chego mais perto dela. – E se eu levasse você para um lugar seguro? Você, eu e o pequeno oráculo. Rory também está lá.

Brenna coloca o rosto bem pertinho do meu.

– Rory? Rory filha de tio Jack?

– É. Nós iríamos cuidar de você. Você ficaria em segurança.

Ela franze a testa, como se não conseguisse entender isso muito bem, vira-se para o outro lado e passa a mão na parede de tecido. – Mesmo assim, vão me matar, no fim. Mas, sim. Acho que eu gostaria de voltar a ver Rory.

– Vou voltar para pegar você em breve. Só mais alguns dias. Também não pode contar isso a ninguém.

– Eu ia gostar de conhecer a pequenina – reflete Brenna. – Ela não está estragada, como eu. Por enquanto, não.

Um calafrio percorre minha espinha.

– Não. Eu vou protegê-la.

Brenna sacode a cabeça.

– Você não pode proteger as duas, Cate. Esse é o *seu* destino.

O que ela quer dizer? Que algum dia vou ter que escolher entre Maura e Tess? Minha vontade é perguntar, mas tenho medo de que a resposta acabe comigo.

Recuo até a maçaneta bater no meu quadril.

– Preciso ir. Vou voltar para buscar você, Brenna. Prometo.

A expressão nos olhos azuis dela fere o meu coração, como se estivesse muito acostumada às promessas não cumpridas das pessoas. Ela assente por trás de sua cortina de cabelo amarfanhado.

– Adeus, Cate.

Senhor, espero poder manter minha palavra. Brenna está doente e triste, e merece mais do que isso. Todas elas merecem.

No corredor, eu desabo contra a parede feito um girassol murcho. A enfermeira ronca e a água do vazamento do teto pinga nos dois baldes de metal.

Não quero admitir a verdade, nem para mim. Não quero ser o tipo de garota que cogitaria tal possibilidade, que seria capaz de pesar uma vida contra outra de maneira tão fria. Não vou permitir que a liderança da Irmandade me transforme em Inez, nem mesmo em Cora. Vou continuar sendo fiel aos meus princípios.

Mas os fatos se apresentam em um ciclo infinito na minha mente.

Brenna sabe sobre Tess.

Brenna é louca. Não podemos esperar que ela guarde segredos por um período indefinido.

Tess não é mais apenas minha irmã caçula. Ela é o oráculo que poderia vencer essa guerra para nós.

E isso significa...

Se eu não conseguir tirar Brenna daqui, terei que matá-la.

Chego à porta da enfermaria às três e meia, exatamente como tínhamos combinado. Dou uma olhada lá dentro. Irmã Sophia está conversando com duas enfermeiras. Sua tarefa é mantê-las ocupadas. Addie está sentada ao lado da mesma garota com tosse da semana anterior. A senhora esquelética não está mais lá, sua cama está vazia, e fico me perguntando se morreu. A mãe que eu curei também não está lá. Ela foi transferida para o andar de cima, espero, e não para a vala comum que Zara descreveu. Juro para mim mesma que nenhuma dessas mulheres vai acabar lá.

Mei me vê e sai, apressada.

– Está pronta?

Confirmo e nós caminhamos pelo corredor vazio. A cozinha fica à nossa esquerda. O cheiro que sai de lá é agridoce, carne podre misturada com pão recém-assado, e eu prendo a respiração até estarmos longe da porta. Ouço o barulho de metal batendo, de alguém lavando caçarolas e frigideiras. Uma voz aguda e bonita se ergue numa canção antiga e é cortada de maneira abrupta.

Salto estalam no piso, em direção à porta, e Mei e eu nos viramos, tomando o rumo da enfermaria. Fazemos uma pausa quando uma copeira sai de supetão da cozinha, arrastando atrás de si uma morena esfarrapada. O rosto da garota está corado por causa do vapor, seu cabelo está todo enebado e ela ainda está usando um avental branco molhado amarrado na cintura.

– Quantas vezes preciso dizer, Livvy? Nada de cantoria! – A copeira dá bronca. – Agora preciso me afastar do meu chá só para levar você de volta ao seu quarto!

– Desculpe. Simplesmente escapou, foi um acidente – diz Livvy. Quando os olhos castanhos dela encontram os meus, espero que ela baixe os dela, mas, em vez disso, ela me encara, cheia de curiosidade. – Bom dia, Irmãs.

– Venha, garota, não tenho o dia inteiro – resmunga a copeira.

Esperamos até que elas passem pelas portas da outra extremidade do corredor, e Livvy não para de olhar para trás, nos fitando, enquanto a copeira a arrasta pelo pulso. Mei e eu atravessamos a cozinha correndo e vamos até a despensa trancada depois dela.

– Tussa se alguém aparecer. Vou tentar ser rápida – prometo. A fechadura clica e abre sob meu comando, e eu me esgueiro para dentro.

Que desgraça. Está tão escuro que mal consigo ver minha mão na frente do rosto. Pego a vela extra e dois fósforos que sursurpuei da enfermeira adormecida no andar de cima. Minha mão treme tanto que o primeiro fósforo queima até meus dedos, e preciso soprá-lo antes de acender a vela.

Na segunda tentativa, a vela acende. Estou em um quartinho com paredes de pedra e piso de terra batida. A umidade escorre pelas rachaduras entre o piso e as paredes. No canto, alguma coisa entra apressada em um buraquinho. Isso aqui já deve ter sido uma cela.

Examino as prateleiras de madeira. Nas de baixo estão alguns implementos cirúrgicos: uma serra grande, algumas facas e bisturis afiadíssimos. Imagino que estejam trancados aqui para impedir que as pacientes os peguem e usem para atacar as enfermeiras, ou para que as enfermeiras não as ataquem. Pequenos frascos onde se lê CLOROFÓRMIO estão numa prateleira mais alta. Garrafas de uísque e conhaque se alinham nas prateleiras mais baixas, com potinhos rotulados como PÓ DE ÓPIO, grandes sacas de açúcar e latas de canela: todos os ingredientes para a mistura do láudano.

Um por um, abro os potinhos e despejo o pó de ópio no buraquinho, contente por sua existência, apesar de eu estremecer com o barulho de garras raspando lá no fundo dele. Coloco a bolsa numa prateleira baixa e, com cuidado, desamarro o pano de linho branco. Dentro dele estão os potes cheios com a mistura de Irmã Sophia.

– Cate – diz Mei do outro lado da porta. – Está tudo bem aí?

– Só mais um minuto! – balbucio.

Derramo a mistura de Sophia dentro de cada um dos potinhos. Quando termino, volto a colocar a rolha em cada um deles e guardo no lugar. Tento mascarar o cheiro de rosas e recriar o cheiro amargo do ópio com um encanto. Com sorte, a enfermeira-chefe, ou a cozinheira, ou a pessoa responsável por misturar o láudano ao chá das garotas não vai experimentar pessoalmente.

Com três movimentos ligeiros, enfio os frascos vazios de Sophia de volta ao seu abrigo de linho, coloco a bolsa no ombro e apago a vela.

Mei anda de um lado a outro na frente da porta. Quase dou um encontrão nela. Seu nariz está vermelho por causa do frio e suas mãos estão enfiadas no abafador de pele.

– Ah, graças aos céus! – diz ela bem quando a porta na outra extremidade do corredor começa a se abrir.

Eu a arrasto pelo corredor num passo gigantesco e a empurro para o outro lado do lençol branco esvoaçante que está pendurado por cima da entrada da obra. Ficamos lá juntinhas no frio do pátio e nossas botas se afundam na neve. Acima de nós, vigas de madeira fazem um esboço do telhado da passarela coberta que vai levar até as novas lavanderias. Com a cabeça inclinada, escuto as botas da copeira baterem pesadamente pelo corredor e a porta da cozinha se fechar.

– Essa foi por pouco – sussurra Mei, seu hálito é quente na minha orelha.

Dou uma espiada do outro lado da cortina e encontro o corredor vazio mais uma vez.

– Diga a Irmã Sophia que estamos prontas para ir embora. Vou buscar Tess.

Alguns momentos depois, entro no quarto de Zara e mantenho a porta aberta com o pé. Tess ainda está sentada na cama, os joelhos encostados nos de Zara, as duas cabeças de cabelos encaracolados grudadas.

– Está na hora de ir – anúncio.

– Já? – Os olhos de Tess estão vermelhos, como se ela tivesse chorado.

Parece que faz um século, e não duas horas, desde que chegamos. Pessoalmente, estou louca para sair desse lugar o mais rápido possível.

– A conversa de vocês foi boa? – O que Zara disse para perturbá-la?

– Ah, sim. – Tess ergue dois pedaços de papel dobrado, que rapidamente transforma num par de grampos. – Zara desenhou para nós mapas dos *três* esconderijos e me deu as senhas.

– Ótimo! – Lanço um sorriso breve para Zara. – Vamos, Tess. Não podemos deixar as outras esperando. Em breve, vocês vão ter todo o tempo do mundo.

Tess abraça Zara pelo pescoço e aperta forte.

– Estou muito feliz por ter conhecido você.

– Adeus, Tess. Obrigada. Por tudo – despede-se Zara, e dá tapinhas nas costas dela. Há lágrimas em seus olhos castanhos também. – Nós nos veremos em breve, Cate.

Eu estremeço dentro da capa. Entre os segredos da Mãe, a conversa arrepiante de Brenna e a invasão da despensa, foi um dia muito longo e exaustivo. E a parte mais perigosa ainda está por vir.

– Cate? Você está acordada? – sussurra Rilla no nosso quarto iluminado pelo luar mais tarde naquela noite.

Não há por que mentir para ela. Estou me revirando na cama faz uma hora, esperando impacientemente pelo meu encontro com Finn.

– Estou. Desculpe por não deixar você dormir.

Vejo Rilla se apoiar nos cotovelos.

– Tudo bem. Você vai sair escondida de novo? – Ela hesita. – Reparei que você não estava aqui na outra noite, mas dessa vez eu não disse nada para ninguém. Eu não queria meter você em nenhuma encrenca. Mas eu fico preocupada. Não é seguro você ficar andando por aí sozinha à noite.

– Eu não ando sozinha. – Já está mais do que na hora de eu contar a verdade a ela. Eu me inclino e acendo a vela em cima da penteadeira. – Sinto muito por deixar você preocupada. Eu ando me encontrando com alguém. O meu rapaz... Sabe aquele que Alice mencionou na aula outro dia? O nome dele é Finn.

Rilla senta-se, apoiada na cabeceira de latão. Seu nariz arrebitado se franze quando ela boceja, ficando parecida com um gatinho sonolento.

– Mas achei que Alice tivesse dito que ele era um Irmão, não? E que ele rompeu o compromisso com você.

Eu me sento com as pernas cruzadas e enrolo minha colcha azul macia nos ombros.

– Nós ficamos noivos antes de a Irmandade me forçar a vir para cá. Digamos que *eu* rompi o compromisso com ele, apesar de essa nunca ter sido a minha vontade. Ele é fantástico, Rilla.

Ele sabe que sou uma bruxa, ele sabe tudo, e entrou para a Fraternidade para me proteger. – Lanço a ela um sorriso impulsivo. – Gostaria que você o conhecesse.

– Eu também. – Rilla retribui o sorriso e coça o nariz com a mão enluvada. Alice vive atormentando Rilla, falando que as sardas são tão “comuns”, por isso ela anda tentando clarear as dela com suco de limão, e começou a usar luvas e creme para as mãos na hora de dormir, toda noite. – Então vocês se encontram em segredo à meia-noite? Que escândalo!

– Bom, há mais do que beijos envolvidos – observo, e fico corada. – Hoje à noite vamos nos esgueirar para dentro do Arquivo e examinar os registros das garotas de Harwood.

Explico o plano de Harwood a ela e Rilla escuta. Apesar de sua tagarelice e agitação, ela sabe prestar muita atenção.

– Parece brilhante, Cate – diz ela quando termino. – Só que você mesma disse que Irmã Sophia faz suas missões de cura à tarde, não à noite. E se a enfermeira-chefe desconfiar, ou se o guarda não deixar que vocês entrem, para começo de conversa?

Enrugo a testa.

– Elena e eu vamos compelir a todos.

– Para mim, parece um risco desnecessário. – Rilla estremece e puxa a colcha amarela até o queixo. – Por que vocês não assumem a aparência de Irmãos? Daí o primeiro indício de que algo está errado vai ser quando dispararem o alarme. Seria bem fácil de executar. Muito mais do que usar magia mental.

– Não para mim – suspiro. Do lado de fora, o vento assobia através das árvores nuas. – Eu não consigo me transformar em outra pessoa.

Rilla semicerra os olhos para mim através da penumbra.

– Eu posso fazer um feitiço para nós duas. E só precisa durar até trancarmos as enfermeiras, certo?

– Certo. Mas se algo der errado, vai ser terrivelmente perigoso – observo. Não quero que ela pense que isso é um dos livros dela. – Mas nós poderíamos, *sim*, usar uma bruxa do seu calibre. Tem certeza?

– Cate, até onde me diz respeito, não somos apenas colegas de quarto. Você é minha *irmã*. – Ela abre o sorriso ensolarado, mas seus olhos cor de mel continuam sérios. – Agora, fale mais sobre o maravilhoso Finn. Como vocês se conheceram?

Eu dou risada.

– Bom, nós nos conhecemos desde sempre, mas só fui mesmo reparar nele há alguns meses, quando nos esbarramos, de maneira bem literal, no meu jardim. Veja bem, o Pai o contratou para ser nosso jardineiro...

– Você quer fazer *o quê*? – Uma hora mais tarde, Finn solta um berro depois de ouvir meus planos. Os óculos dele estão embaçados devido ao vapor de sua respiração, mas sou capaz de imaginar a censura em seus olhos.

Passo pelo portão de ferro que leva do jardim do convento à rua de trás.

– Acho que você me ouviu direito da primeira vez.

– Se ouvi, você está louca. – Ele passa a mão pelo cabelo desgrenhado. – Por que você não pode simplesmente perguntar às garotas se são capazes de desempenhar magia mental?

– Porque provavelmente vai ser a maior confusão durante a fuga. E não dá para saber do *que* elas têm consciência, em que estado estarão depois de terem passado tanto tempo dopadas. Talvez não confiem em nós. Por favor, não discuta comigo a respeito disso. – Coloco a mão coberta com uma luva de cetim preto no braço dele.

Ele raspa uma bota preta pesada na neve.

– Por que não posso ir lá e trazer os arquivos para você?

Enrugo a testa para ele. Estamos perdendo tempo com essa discussão.

– Você disse que são centenas de arquivos. Não tenho certeza se vamos ser capazes de encontrar os que queremos se nós dois procurarmos, muito menos se for só você.

– Eu leio muito rápido – diz Finn, ofendido.

– Tenho certeza que sim. – Reviro os olhos para as pedras do calçamento cobertas de neve. A última coisa que desejo é ferir o orgulho de estudioso dele.

– Mas e se você for pego se esgueirando pelo gabinete de Szymborska no meio da noite com arquivos proibidos? Duvido que os guardas vão achar isso muito bom. Eu poderia forçá-los a esquecer. Eu posso nos proteger.

Finn se abaixa e tira a pistola da bota.

– Eu também posso.

– Não, desse jeito, não pode! – Enterro o rosto nas mãos, exasperada. – Não vou permitir que você *atire* em ninguém só para provar como é corajoso. Eu vou ao Arquivo hoje à noite, independentemente de você me acompanhar ou não. Mas eu gostaria muito da sua ajuda.

– Tudo bem – suspira Finn, e sai caminhando pela neve. – Você é uma garota *irritante*.

Eu dou um sorriso e estendo o braço para pegar a mão dele.

– Sabe, não é a primeira vez que me chamam disso.

– Não duvido. – Ele aperta minha mão e então a solta. – Precisamos ter cuidado. Não dá para saber quem pode estar andando por aí a essa hora.

Semicerro os olhos para a lamparina a gás e sua chama estremece e apaga, mergulhando a rua em sombras. Adiante, a lamparina seguinte se apaga também, assim como a que vem depois dela. Pego a mão de Finn.

– Melhor?

– Muito – diz ele em tom grave e admirado. Então roça os lábios nos meus. – Bem, vamos repassar o plano para quarta-feira à noite mais uma vez?

Eu começo, mas quando chego ao ponto de *enfeitiçar a nós mesmas e a carruagem*, Finn me detém.

– Vou pegar a carruagem de Denisof emprestada. Vai ser bem fácil, já que ele estará na reunião do conselho, e ela vai ter o brasão dos Irmãos, então é uma ilusão a menos para vocês se preocuparem.

A cidade está silenciosa ao nosso redor. Nenhuma carroça passa sacolejando tão tarde e as calçadas estão vazias. Sem as lâmpadas a gás, dá para ver as estrelas.

– Não posso permitir que você roube uma carruagem para nós. E se tivermos um acidente, ou...?

– Vou pegar emprestada – interrompe Finn. – E eu mesmo vou guiar, afinal irei junto com vocês. O restante das garotas vai se fingir de Irmão, mas eu sou autêntico. – Ele faz um gesto para a capa preta, sua voz é amarga.

Dou risada para deixar o clima mais leve.

– Eu tentaria dissuadir você, mas desconfio que seja impossível. Eu nunca deixaria *você* fazer alguma loucura sozinho.

– Exatamente – diz ele com ênfase. – Agora somos uma equipe. Aonde você vai, eu vou.

– Acho que posso conviver com isso. – Dou um sorriso, enfio a mão no bolso e tiro um saquinho de ervas. – Tenho mais uma tarefa para você. Você disse que Sean Brennan é um bom homem, e você tem razão. Já faz anos que ele é o espião de Irmã Cora no Conselho Titular. Há alguma chance de você arrumar uma reunião com ele na quarta-feira de manhã? Oferecer uma xícara de chá para ele, talvez? As ervas vão deixá-lo doente, mas será apenas temporário. Tempo suficiente para que ele precise faltar à Reunião do Conselho Titular.

– Brilhante. – Finn pega o saquinho e enfia no bolso da capa.

Passo o polegar pela palma da mão dele.

– Você é bastante arrojado no papel de espião, senhor Belastra.

Parece uma ousadia e tanto segurar a mão dele descaradamente assim. Passamos por uma loja de queijos, por uma de peles e por dois cafés, mas tudo no bairro do mercado está fechado. Todas as vitrines estão escuras. A cidade geralmente me parece tão estranha, tão grande, barulhenta e proibitiva, mas hoje à noite parece íntima, abandonada e de uma segurança enganosa. Como se pertencesse apenas a nós dois.

O Arquivo Nacional é lindo.

– Parece um templo – digo, sem fôlego, e ergo a vela. – Um templo para os livros.

Nunca vi nada assim. Acima de nós, o teto de madeira abobadado desaparece nas sombras. Uma dúzia de mesas de biblioteca, com pilhas de livros para catalogar, preenchem o centro do salão. Prateleiras lotadas com milhares de outros livros se estendem por todas as paredes. E uma escada em caracol leva ao mezanino, que possui ainda *mais* fileiras de estantes de livros. Lustres de cristal refletem o luar que entra pelas janelas altas em arco.

– É lindo – comento. Esse adjetivo não parece *suficiente* . Há algo de divino neste salão, algo que faz com que eu me aquiete e tenha um sentimento de reverência. Parada aqui neste palácio de livros, eu me sinto humilde, da mesma forma que me sinto quando relâmpagos brilham pelo céu durante uma enorme e ruidosa tempestade de raios.

Tess iria enlouquecer de paixão por isso aqui. Livrarias são a igreja dela, e isto é uma catedral.

– Em outros países, há bibliotecas assim em todas as cidades – diz Finn. – Qualquer pessoa pode pegar emprestado o livro que quiser.

– Eu não sabia que *existiam* tantos livros – confesso, e rodopio. Caminho até a prateleira mais próxima e ergo a vela para espiar todos os volumes.

Finn estende o braço e passa os dedos por uma fileira de lombadas escuras.

– Os que são sancionados pelos Irmãos são guardados aqui: traduções de Escrituras, livros de história da Nova Inglaterra aprovados, tratados filosóficos, textos sobre linguagem, dicionários, ciência e história natural. Mas no andar de cima há de tudo. – Finn lança um sorriso brincalhão e maroto. – Tudo que não querem nos deixar ler: mitologia, peças, romances. Venha, quero mostrar uma coisa a você.

Os guardas acabam de fazer a patrulha na biblioteca principal. Ficamos esperando até as lanternas deles passarem para sairmos do nosso esconderijo nos arbustos do lado de fora.

– Será que temos tempo? – pergunto.

– Você vai querer ver isso – promete Finn.

Ergo minhas saias cor-de-rosa e sigo na frente pelos degraus estreitos e em curva. Tropeço uma vez e Finn me endireita, pegando na minha cintura com gentileza. Os lábios dele roçam meu pescoço, logo acima dos botões de pérola que sobem pela parte de trás do corpete, e meu coração dispara.

No andar de cima, coloco a vela tremeluzente em um carrinho baixo cheio de livros. Então me inclino por cima da amurada e admiro o lindo salão lá embaixo. Finn me abraça por trás e coloca as mãos na amurada. A boca dele traça um caminho quente na lateral do meu pescoço, passando pela pele trêmula da minha clavícula e indo até o arco pálido do meu ombro. Aninho meu corpo ao dele. De repente, sinto-me toda quente e cheia de desejo.

– Cate – suspira Finn, e eu me viro de frente para ele.

Estou usando o vestido novo de inverno que Elena mandou fazer para mim, aquele com que Tess nos viu juntos. Ele passa um dedo pela faixa de cetim cor-de-rosa da minha cintura e me puxa para mais perto.

– Você, ao luar, nesta biblioteca, com este vestido... – Os olhos dele me examinam inteira, das minhas saias cor-de-rosa bordadas com rosas num tom mais escuro, passando pelo volume dos meus seios, subindo para a pele macia do pescoço. Minha respiração se acelera quando o olhar dele se demora nos meus lábios. Ele mal me toca, mas parece que já me despiu com os olhos.

– Isso é a coisa mais linda. Parece um sonho. – A voz dele é rouca e cheia de admiração.

– Então também estou sonhando – confesso, ao reivindicar os lábios dele com os meus.

O beijo é longo, lento e delicioso. Nós derretemos um no outro, chiffon cor-de-rosa macio e algodão cinza, e lábios e... ah, eu poderia ficar aqui, assim, até o sol nascer. Eu poderia ficar assim para sempre.

Quando finalmente nos separamos, pouso a cabeça no ombro dele, sem soltar os braços de sua cintura. Minha boca está um pouco inchada, o queixo, ralado por causa da barba por fazer

dele, e meu cabelo cai nos ombros.

Finn pigarreia.

– Na verdade, não foi por isso que eu trouxe você aqui em cima – diz ele, apesar de não parecer aborrecido com o atraso. Ele pega minha mão, me conduz pelo mezanino, vai direto para uma prateleira específica e me entrega um livro.

– *Arabella, corajosa e verdadeira!* – Olho para ele, radiante, e pego o livro com cuidado. A capa vermelha está rachada, as páginas, amareladas e rasgadas. – Parece velho.

– É uma primeira edição, impressa em 1821. – Ele abre a capa com cuidado e aponta para uma escrita cursiva cheia de floreios na folha de rosto. – Veja, ela assinou o nome dela.

– Quem, Arabella? – brinco, e aproximo a página dos olhos. Por baixo das letras impressas que dizem CARTER A. JENNING, a assinatura é bem clara: *Catherine Amelia Jennings*.

Arquejo e acompanho o traçado da pena com o dedo.

– Uma mulher, e uma Catherine, nada menos. – O sorriso torto de Finn é imenso.

– Isso é *maravilhoso*. – Eu o enlaço com o braço livre e o aperto com força. – Obrigada por me mostrar.

– Fico feliz que você tenha gostado. Imagine só, um dia, se a Irmandade vencer essa guerra, nós poderíamos transformar isso aqui numa biblioteca de verdade. – A voz de Finn é um sussurro. – Nós poderíamos mandar imprimir mais dos livros proibidos para substituir aqueles que os Irmãos queimaram. Daí poderíamos convidar as pessoas a pegá-los emprestados e levá-los para casa para lê-los, do jeito que foram feitos para ser lidos, sem medo.

Com relutância, devolvo o livro à prateleira.

– Eu gostaria de poder trazer Tess aqui.

– Talvez um dia você possa trazê-la. – Finn dá uma olhada em seu relógio de bolso e pega a vela do carrinho. – Precisamos nos apressar. Imagino que vão voltar aqui em breve.

– E você sabe onde estão os registros? – O Arquivo é muito maior do que eu imaginava.

– Em um armário trancado no escritório do Irmão Szymborska. Eu os vi e roubei a chave ontem, quando fiz uma visita breve. Derrubei uma caneca de chá em cima dele e, na pressa de limpar... bom, arrisco dizer que ele tem uma dúzia de chaves naquele chaveiro, pelo menos. Nunca perdeu nenhuma – diz Finn. Ele parece tão orgulhoso de seu feito que não ousa dizer que eu poderia ter destrancado o armário sem usar chave.

No final do mezanino, uma portinha leva a um corredor cheio de escritórios. Finn entra na última sala à direita, que é tomada por uma escrivaninha pesada e uma fileira de armários de madeira iguais. Só um tem fechadura de latão. Ele enfia nela uma chave velha e gasta.

– Aqui está – anuncia, e remexe a pilha grande de papéis. – Bem no topo, está a ficha de Brenna Elliott. – Ele a coloca em cima da mesa e abre. – Previsões que ela já fez, relatórios das enfermeiras sobre seu comportamento instável. Parece que mandaram alguém a Chatham

na semana passada para falar com os pais dela e com o conselho a respeito de seu histórico. Entrevistaram Ishida também. Ele não comentou isso comigo.

Pego algumas folhas de papel e uma caneta-tinteiro da mesa de Szyborska e dou para Finn.

– Tome. Escreva todas as previsões dela que pareçam úteis.

Finn assente e volta a olhar a gaveta.

– Parece que os registros de Harwood estão em ordem alfabética, mas alguns no alto estão registrados como itens de Segurança Máxima. Devem ser os que você está procurando.

Dou uma olhada através das cortinas vermelhas adamascadas. A lua está baixa no céu, refletindo no torreão de mármore branco da Catedral de Richmond. Mais para baixo na rua, avisto a pedra cinzenta imponente do prédio do Conselho Nacional. Quanto tempo se passou desde que saímos do convento? Só a caminhada demorou pelo menos meia hora.

A primeira dúzia de arquivos é sobre garotas que tentaram fugir pulando a cerca ou se esgueirando para dentro de carroças de suprimentos. Há dois verões, uma mulher roubou a pistola da enfermeira-chefe e atirou em uma enfermeira. No ano passado, uma garota de 16 anos chamada Parvati Kapoor tentou estrangular o Irmão Cabot, que estava de visita, com a gravata dele e quando o ato falhou, tentou compeli-lo a furar os próprios olhos usando o abridor de cartas da mesa da enfermeira-chefe. Quando ele retomou à consciência, tinha o instrumento apontado para o rosto.

Essa garota parece ser boa candidata para a Irmandade, com ou sem magia mental.

– Escrevi todas. Onze profecias desde que começaram a vigiar Brenna – diz Finn, e percebo que o ritmo de previsões dela está mais ou menos igual ao de Tess. Entrego a ele uma pilha de pastas.

Nosso progresso é tão lento que me deixa frustrada. Há dúzias de garotas sentenciadas a Harwood por motivos ridículos, como se recusar a casar com velhos que os Irmãos arrumaram para elas, ou ser flagradas em posição comprometedor com homens que depois se recusaram a se casar *com elas*. Há uma garota chamada Clementine que foi presa há seis meses por fazer o cabelo da irmã ficar azul, e o registro diz que um feitiço silenciador para a irmã se voltou contra ela, por isso ela não fala desde antes do julgamento.

Apesar de eu sentir compaixão por essas garotas – e muita curiosidade sobre algumas delas, como Clementine –, estou em busca de evidências claras de magia mental. Minha frustração cresce à medida que folheio os arquivos e vou chegando à seção na parte de baixo, onde as fichas estão marcadas com a palavra FALECIDAS. Os arquivos não são, nem de longe, prova segura das habilidades de uma bruxa. Zara, por exemplo, nunca foi acusada de compulsão, apesar de ser capaz disso. Seu crime foi possuir livros sobre bruxaria.

No final, encontro mais uma candidata: Olivia Price, acusada de enfeitiçar um integrante da Fraternidade que tentou prendê-la por possuir instrumentos musicais e materiais proibidos. Essa deve ser a morena com que Mei e eu deparamos nessa tarde, Livvy, aquela que levou bronca por cantar na cozinha.

Do lado de fora da janela, o céu está passando de preto bem escuro salpicado de estrelas para índigo. Estou prestes a desistir quando Finn solta uma exclamação ofegante.

– Encontrou alguma coisa?

– Cordelia Alexander – anuncia ele, e abana uma pasta, cheio de triunfo.

– Do que ela foi acusada?

Ele se acalma.

– De ter prejudicado, de modo irreparável, a mente do irmão mais velho. Ela estava com apenas 12 anos de idade quando aconteceu. Estava brincando de se vestir de mulher com os diamantes da mãe e perdeu um, então tentou compeli-lo a não contar. Os pais a entregaram.

– Pelo bom Senhor. – Levo a mão à boca. – Que horror.

Finn deixa a cabeça cair para o lado.

– Shhhh – diz ele, e apaga a vela. – Vem vindo alguém.

Ouçõ o tilintar de chaves e vozes altas de homem. Finn se abaixa e fico achando que vai pegar as pastas da mesa, mas, em vez disso, coloca a mão na bota.

– O que você está fazendo? – sibilo, fechando o armário.

– A pistola – sussurra ele.

– Eles também têm armas, imagino. Se depender de mim, ninguém vai levar um tiro. Entre embaixo da mesa. – Seguro a vela com uma das mãos e a pilha de pastas com a outra. – Talvez só deem uma olhada aqui dentro. Do contrário, eu cuido deles.

Finn empurra a cadeira de couro para o lado e se enfia embaixo da mesa. Eu me espremo ao lado dele e me encolho o máximo possível.

– Acho que foi aqui que vi a luz – resmunga uma voz e passos hesitam à porta.

Idiota. Eu devia ter fechado as cortinas antes de mais nada.

– Provavelmente foi só a lua refletindo no vidro – argumenta outro guarda.

– É melhor conferir para ter certeza – insiste o primeiro. A luz entra na sala quando a porta se abre, prendo a respiração e meu coração dispara.

Eles são apenas dois. Será que devo compeli-los a sair agora?

Maura tem razão. Minha precaução ainda vai prejudicar alguém.

A mão de Finn encontra a minha na escuridão.

– Nada. Eu disse para você. – O segundo homem dá risadinhas. – Quem estaria andando por aqui na calada da noite? Nem o velho Szyborska é assim tão louco pelos livros dele.

A porta range e se fecha, e nós somos deixados no silêncio e nas sombras.

Esperamos um longo momento, prestando atenção nos passos que se afastam pelo corredor, então me estico e saio de debaixo da mesa. Finn me segue com seu corpo esguio.

– Essa foi por pouco. Eu estava pronto para fazer algo absolutamente precipitado. Agradecemos ao Senhor pela sua cabeça fria – diz ele, olhando para mim com admiração. Mas, pessoalmente, estou abalada com o apuro que passamos.

– Você acha mesmo que vai dar certo? – solto. – Acha que vamos ser capazes de salvá-las?

Finn não precisa perguntar o que quero dizer. Ele se inclina e seus lábios roçam os meus. Atrás dos óculos, seus olhos castanhos estão muito sérios.

– Eu acredito em *você*, Cate Cahill, e em nós dois juntos. Estou aqui para ajudar no que for preciso, por mais que o plano seja maluco, ou haja riscos envolvidos. Você ainda não sabe disso?

capítulo

A terça-feira passa em um borrão. Eu não me concentro e estilhaço um prato durante a aula de Animação; não consigo manter meus feitiços operantes por mais de dois minutos na aula de Ilusionismo; e confundo *maxila* com *rótula* na aula de anatomia. Estou exausta. Eu me esgueirei de volta ao convento ao amanhecer e dormi o total de duas horas antes do café da manhã. Além disso, não consigo pensar em nada além do motim de Harwood. A liberdade de centenas de garotas parece depender do encaixe perfeito de todos os detalhes. Rezo para que Inez esteja bem ocupada com as próprias tramoias para não tentar interferir nas nossas.

Consegui promessas de ajuda de Sophia, Mei, Rory e Rilla, e Elena está dando o recado para todas que ela considera aptas a nos ajudar. Na hora do chá da tarde, ela está ao lado do aparador, usa um vestido reluzente de seda verde que brilha contra a pele morena, e chama professoras e alunas de lado para cochichar com elas.

Estou subindo para tirar uma soneca quando ela puxa minha manga.

– Acho que precisamos fazer uma reunião hoje à noite com todas que estão dispostas a ajudar, para que compreendam o que isso envolve. Mas, sinceramente, acho que vamos precisar dispensar garotas por falta de transporte. É bom deixarmos o máximo de lugar possível para as pacientes de fato.

– Tantas garotas assim expressaram interesse? – Fico ofegante, olhando para o rosto bonito dela.

– Todas que abordei. – Elena pega um bolinho de oxicoco da travessa. – Harwood é o espectro que paira sobre a cabeça de todas nós, Cate. A ideia de que podemos salvar as garotas que tiveram o azar de ir parar lá fez todo mundo se animar. Fez com que todas nós voltássemos a ter esperança. E com Cora em seu leito de morte e os Irmãos prendendo todas aquelas garotas, é disso que todo mundo mais precisa agora. Para dizer a verdade, como sua antiga tutora, estou muito orgulhosa de você.

Meu olhar recai em Maura, sentada com Alice do outro lado do salão no sofazinho cor-de-rosa. Os olhos azuis dela encontram os meus e se apertam com raiva.

– Nem todo mundo está contente comigo – digo, e aponto para Maura.

Elena se vira e fica vermelha feito um pimentão quando seu olhar colide com o de Maura. Ela se vira para mim, apressada.

– Bom, isso era de se esperar, não era?

Era, sim. Eu só não sabia que ia doer tanto estar com Maura no mesmo recinto e ela não falar comigo. Ela anda evitando Tess e a mim desde nossa briga à beira do rio. Arrisco dizer que me ver cochichando com Elena não ajuda em nada. Mas Elena se transformou em uma aliada forte e não posso abrir mão dela só para acalmar os humores de Maura.

Ela vai superar, não vai? Tem que superar.

Quando Tess e eu entramos no quarto de Elena, exatamente quando o relógio do andar de

baixo bate as onze horas, fico chocada.

O quarto está *abarroado*. Garotas se acomodam apertadinhas em cima da cama de Elena, amassando sua colcha cor-de-rosa, e se espalham pelo assoalho de madeira. Três governantas estão no sofá amarelo. Irmã Sophia está sentada no banco acolchoado à penteadeira de Elena, ladeada pela magricela Irmã Edith, a professora de arte, e a chocante Irmã Mélisande, que ensina francês e usa calça. Como eu não faço nenhuma dessas aulas, não conheço nenhuma das duas. Não esperava encontrá-las aqui. Há surpresas entre as garotas do convento também. Eugenia e Maud estão sentadas ao lado de Vi na cama.

Todas as minhas amigas estão aqui: Rory, Rilla, Daisy, Mei, Addie, Pearl, Lucy e Rebekah. Tess aperta minha mão e se junta às meninas mais jovens no chão.

Elena se posta ao meu lado. Todas as garotas do convento estão de penhoar, inclusive eu, mas Elena ainda está usando seu vestido verde bonito. Ela junta as mãos.

– Boa noite – cumprimenta, e todo mundo para de falar e olha para nós.

O suor se acumula na base do meu pescoço, embaixo do meu cabelo, e não sei o que fazer com as mãos. Minha camisola cor de marfim não tem bolsos, então as cruzo junto às costas.

– Obrigada a todas vocês por terem vindo – diz Elena. Apesar de ser tarde, nenhuma das garotas parece sonolenta. – Eu conversei com várias de vocês ao longo dos últimos dias, mas só quero dizer isso mais uma vez agora, aqui, na frente de todo mundo. Acredito que libertar as pacientes de Harwood é a coisa certa a se fazer nesse momento. Mas vamos precisar da ajuda de vocês amanhã para conseguir. Cate, você pode explicar?

Eu relato o plano que elaboramos à minha plateia. Elena, Rory, Rilla e eu vamos primeiro, na carruagem de Finn, disfarçadas como um contingente de Irmãos. Precisamos de várias voluntárias para nos seguir nas duas carruagens das Irmãs, libertar as pacientes de seus quartos trancados e ajudar a orientá-las. Nosso plano é dividir as prisioneiras em quatro grupos: Brenna Elliott e outras que sabemos que são bruxas vão nos acompanhar de volta ao convento, e uma carroça cheia de pacientes será enviada a cada um dos três esconderijos de Zara. Sophia providenciou para que duas carroças de construção estejam no pátio de Harwood, e nossa intenção é tomá-las. Ainda precisamos de mais uma carroça, além de voluntárias para ir até os esconderijos e permanecer lá por tempo suficiente para acomodar as pacientes.

– Vou dirigir uma das carroças – oferece-se Irmã Sophia, e meus olhos encontram os de Tess. Sou capaz de apostar que Sophia vai acabar levando as garotas para o esconderijo perto da praia, conforme Tess enxergou em sua visão.

Maud levanta a mão e meneio a cabeça autorizando que ela fale. Ela joga o cabelo cor de cenoura de lado.

– O pai de Genie tem uma carroça que usa para fazer entregas – diz, e cutuca a amiga com o cotovelo.

Eugenia desdenha e puxa os punhos do penhoar azul por cima dos pulsos finos.

– Eu não vou *roubar* do meu pai.

– Nós vamos devolver depois – argumenta Maud.

– E se ele perder clientes por deixar de fazer entregas? – A voz de Eugenia está rouca, como se estivesse ficando gripada. – E se ele for envolvido nisso tudo de algum modo?

– Vamos lá, Genie, todo mundo precisa colaborar. – Vi pula no colchão grosso de plumas de Elena. – Eu guio uma das carruagens.

– Você sabe guiar carruagem? – pergunta Maud, boquiaberta.

– Meu pai é cocheiro. – Vi revira os olhos. – Claro que sei.

– A intenção de vocês é ajudar *todas* as garotas, não só as bruxas? – pergunta Irmã Mélisande.

– Claro que sim. Não vamos deixar ninguém para trás – garanto a ela. Ela joga o cabelo curto escuro.

– Então também vou ajudar. Vou guiar uma das carroças.

– E nós levamos a terceira juntas – oferecem-se duas governantas.

Lucy Wheeler acena agitadamente de onde está, ao lado do aquecedor.

– Bekah e eu queremos ajudar!

Sorrio para elas.

– Vocês são muito corajosas. Eu agradeço por isso. Mas acho que talvez devamos limitar essa missão a garotas a partir de 14 anos. Vai ser muito perigoso.

Os olhos castanhos de Lucy se arregalam.

– Mas minha irmã... eu preciso vê-la...

– E vai ver. Nós vamos trazer Grace para cá – digo a ela.

Lucy aperta o peito com a mão.

– Para cá? Mas ela não é bruxa!

– Ela é sua irmã. Depois das coisas pelas quais passou, pertence a este lugar, ao seu lado – digo com firmeza. – Alguém além de Lucy e Rory tem parentes em Harwood? Maud, sua prima está lá, certo? Caroline, não é mesmo?

– É. – Maud sorri.

Ficamos sabendo que a sobrinha de Irmã Edith também é paciente lá, e concordamos em trazê-la, junto com Caroline, de volta conosco.

– Mas e eu? Eu posso ir junto, não é mesmo? – Tess franze a testa para mim de seu lugar no tapete florido.

– Você tem 12 anos, não tem? – observo. Há dias venho evitando isso. O rosto fino dela fica vermelho enquanto brinca com a ponta da trança loira.

– Tenho, mas...

– Não. Você é uma bruxa brilhante e você também, Lucy, e você, Rebekah, e arrisco dizer que todas poderiam nos ajudar, e talvez me arrependa por não tê-las levado conosco. Mas não vou arriscar a segurança de vocês – explico. – Por favor, não discutam comigo a respeito disso.

– Acho que Cate tem razão – diz Irmã Sophia com gentileza.

– Precisamos caber em três carruagens na volta – conclui Elena. – Quinze me parece ser o número certo. O que você acha, Cate?

– Hum... está certo – concordo, ainda estupefata com o fato de ela pedir minha aprovação. – Vamos precisar de uma dupla para cobrir cada ala do hospício, além de várias aguardando no saguão de entrada para guiar as pacientes. Imagino que algumas simplesmente vão fugir, e não posso culpá-las, mas devemos lembrar a elas que os Irmãos podem voltar a capturá-las se forem para casa. – Não queremos repetir nosso erro com os prisioneiros da praça Richmond.

– Você precisa de nós. Pearl e eu conhecemos Harwood melhor do que ninguém. – Addie ajusta os óculos que ficam caindo em cima do nariz. Ao lado dela, Pearl mexe a cabeça em concordância.

No final, temos quase o dobro das voluntárias de que precisamos. Acabamos optando por Elena e as duas governantas que ofereceram para guiar uma carroça; as Irmãs Sophia, Edith e Mélisande; Rory, que vai cuidar de Brenna; Rilla, que é ótima com ilusões; Addie, Pearl e Mei, que conhecem bem a disposição de Harwood; e Vi, Daisy, Maud e eu. Elena dispensa o restante das garotas e a equipe de Harwood fica para discutir os detalhes e determinar nossos postos.

Eu pego Tess pelo cotovelo.

– Você entende, certo?

Ela assente.

– Eu não achei que você me deixaria ir, sinceramente. Torci para estar errada, mas...

– Ainda vamos precisar da sua ajuda. Você tem que ficar aqui e nos falar mais a respeito dos esconderijos.

Eugenia dá um tapinha no meu ombro.

– Posso falar com você um minuto, em particular? – pergunta.

– Claro que sim. – Fico achando que ela tem alguma preocupação em relação a roubar a carroça de entregas do pai e não posso dizer que a culpo por isso. Eu a sigo para o corredor e ficamos observando enquanto garotas voltam para os quartos na ponta dos pés, tomando cuidado para não acordar as colegas adormecidas. Na outra extremidade do corredor, a porta do quarto de Irmã Cora está bem fechada. Sophia disse que ela pode partir a qualquer momento. Fecho os olhos e faço uma prece silenciosa para que o fim seja rápido e cheio de paz.

Quando a última garota desaparece pela escada, Eugenia se vira para mim.

– Desde quando você e Elena são tão amigas? – sibila ela.

– Eu... o quê?

Sua boca se abre como a de um monstro de um livro de histórias e eu recuo. As tranças lisas e castanhas de Eugenia assumem um ruivo vibrante, seus olhos castanhos ficam azuis e penetrantes, e a pele sardenta se transforma na tez lisa da minha irmã.

– Maura. – Fico olhando para ela, horrorizada, e bato no papel de parede florido verde. – O que você fez com Eugenia?

– Ah, Genie está ótima. – Maura faz um gesto de desdém, despreocupada. – Lancei um feitiço paralisante nela e a enfiei no guarda-roupa. Vou lá soltá-la daqui a alguns minutos. Fico contente por ter vindo à sua reunião idiota e ter descoberto o que você e Elena andam aprontando. Veja só essas bobonas, todas se atropelando para impressionar você!

– Elas não estão tentando me impressionar, só estão fazendo o que é certo – observo.

– Você é tão hipócrita que me deixa enjoada. – Maura cruza os braços por cima do penhoar azul de babadinhos. – Não acredito que você está trabalhando com ela. Achei que a odiasse!

Mordo o lábio.

– Ela gosta de você, sabe? E lamenta muito pela mágoa que lhe causou.

Maura fica olhando para as tábuas do assoalho de madeira.

– Não o suficiente para ficar do meu lado em relação a isso.

– Duas pessoas podem discordar e, mesmo assim, se gostar – observo.

– Do mesmo jeito que você e Tess gostam de mim? – Maura sacode a cabeça e seus cachos voam. – Não. Estou sozinha nisso. Suponho que já devesse estar acostumada. Eu estou *sempre* sozinha.

– Isso não é verdade. – Eu me irrito e coloco as mãos na cintura. – Pare de ter pena de você mesma.

– Você nunca compreenderia. As pessoas simplesmente se juntam em bando em cima de você – acusa Maura, e fico olhando para ela, boquiaberta, lembrando-me de quantas vezes pensei exatamente a mesma coisa a respeito *dela*. – Finn está envolvido nisso?

– Está, sim – respondo com cautela. – Por quê? Quer obter mais informação para poder me chantagear?

– Você não devia permitir que ele ajudasse. Essa luta é sua, não dele. – Os olhos azuis de Maura encontram os meus, cheios de solenidade. – Ele não devia participar disso.

– Bom, ele fez questão, e estou tentando não proibir as pessoas de fazerem coisas ultimamente. Parece que isso nunca acaba bem. – Lanço um sorrisinho para ela. – Olha, eu sei que você está irritada com Tess e comigo, mas isso é maior do que nós três. Essas garotas precisam da nossa ajuda. Se você e Inez forem bem-sucedidas amanhã à noite, não dá para saber o que os Irmãos poderão fazer com elas.

– Você também não sabe – observa Maura, e fica mexendo na fita branca de sua manga.

– Eu sei que vai ser horrível. Os Irmãos vão transformá-las em exemplo, vão torturá-las ou matá-las. Não posso ficar parada, deixando que isso aconteça. – Olho para ela com ar de súplica. Mesmo agora, parte de mim espera que ela enxergue a razão, que se junte a nós em vez de Inez. – Qualquer retaliação dos Irmãos vai pesar sobre seus ombros, Maura. Sobre os seus e os de Inez. Você vai conseguir conviver com isso?

Maura me observa.

– A maneira como eles vão reagir é escolha deles. Se ressuscitarem as fogueiras, isso vai servir para mostrar às pessoas quão horríveis eles são na verdade. Os Irmãos são nossos

inimigos, Cate. Nós não podemos trabalhar juntos. Quanto antes você se der conta disso, melhor vai ser para você.

O Hospício de Harwood se acocora feito um monstro obscuro na encosta da colina, tapando as estrelas. As janelas com grades dos andares superiores são sinistras e obscuras. Apenas algumas lamparinas a gás brilham no saguão da frente e na sala das enfermeiras, no primeiro andar. O medo revira meu estômago conforme a carruagem vai subindo pela entrada de cascalho coberta de neve até a guarita. Elena, Rilla, Rory e eu não trocamos nenhuma palavra desde que saímos do convento. A neve abafa o som dos cascos dos cavalos. Nosso silêncio tenso só é aliviado pelos rangidos suaves dos arreios quando os animais se ajeitam nas amarras de couro.

Depois de uma espera interminável, o guarda chama, em tom ríspido de autoridade, e Finn responde, grave, calmo e cheio de segurança. Na minha frente, as botas pretas de Elena batem incessantemente nas tábuas do assoalho, impacientes, e ela se inclina para a frente, como que pronta para lançar sua magia a qualquer momento. Rory se agita sobre o assento de couro, tal como uma criança. Mas o anel novo do posto de Finn e o brasão de Fraternidade na carruagem devem ter peso a essa hora da noite. O som seguinte é o rangido dos portões se abrindo.

Estou aqui espontaneamente e, no entanto, não consigo evitar o medo irracional que toma conta de mim mais uma vez, a visão de pesadelo dos portões que se fecham com estrondo e nos prendem lá dentro.

A carruagem para no meio do caminho. Abro a porta e me inclino para fora.

– Qual é o problema, senhor? – pergunta o guarda.

Deixe o portão aberto. Não detenha ninguém que tente entrar ou sair, ordeno, e ele retorna à guarita com passos trêmulos de bêbado.

Nossa carruagem sobe a colina e para na frente das portas largas da entrada. Salto para o solo e me demoro um instante para traçar os novos ângulos sisudos do meu rosto e, mais estranho de tudo, os pelos castanhos que cobrem minhas bochechas. A ilusão de Rilla continua funcionando.

A enfermeira-chefe abre a porta. É gorducha e de aparência alegre, com cachos loiros e bochechas vermelhas de esquilo.

– Boa noite, senhores – diz ela. – Eu sou a senhora Harris, a chefe das enfermeiras da noite. Em que posso ajudar?

– Ah, sim, nós gostaríamos... – Minha voz sai aguda e afeminada, por isso dou uma tossida.

– Estamos aqui para executar uma inspeção do oráculo. Ordens de Covington – explica Elena com uma voz rouca que combina com sua circunferência considerável de agora.

– O oráculo? – As sobrancelhas castanhas claras da mulher saltam até quase tocar no couro cabeludo.

Finn dá um passo adiante.

– Irmão Robbins – mente ele, e faz uma mesura cheia de pompa. Elena também o enfeitiçou para que ninguém tenha uma descrição adequada dele. – Boa noite, senhora.

– Não fui avisada de que deveria aguardar por alguém, senhor. Está muito tarde. A maior parte de nossas pacientes já foi para a cama a essa altura.

Enrugo a testa em preocupação. Prefiro entrar blefando e guardar a magia mental para mais tarde, se possível.

– Estivemos ocupados o dia e a noite toda com a reunião anual, mas Covington quer que nós executemos uma revista antes de deixarmos a cidade. Nós somos especialistas em desordens psicológicas.

Finn dá um passo adiante e baixa a voz, como que para nos poupar de verdades desagradáveis.

– Compreendo que os Irmãos que estiveram aqui antes perderam a paciência com a interna, pois ela não quis cooperar.

A senhora Harris lança um olhar sem jeito para Finn.

– Ela não está nada bem. Peço perdão, senhor, mas me parece chocante que homens do Senhor tratem uma mulher daquela maneira.

Estremeço, imaginando Brenna ensanguentada e surrada. Quando Finn nos encontrou na rua atrás do convento, disse que ela se recusou a cooperar hoje e que tinha sido castigada de acordo. O que será que fizeram com ela para a Sra. Harris se arriscar a erguer a voz em protesto?

– A senhora se esquece. Aquela garota é uma bruxa desgraçada – explode Finn com a voz tão ríspida como jamais escutei. – Ela é um impedimento e um perigo para a Nova Inglaterra, e é apenas pela nossa *misericórdia* que...

– Desculpe. Não era minha intenção lançar dúvidas sobre seus motivos, senhor. – A enfermeira olha para ele com medo nos olhos claros. Finn faz um gesto para o chão e ela se ajoelha. Seus joelhos estalam quando ela os pousa nos degraus de pedra.

Finn pousa a mão na touca branca de babadinhos dela.

– Que o Senhor a abençoe e a mantenha assim por todos os dias de sua vida.

Dou um passo para trás, horrorizada, ao ver as palavras dos Irmãos saindo dos lábios dele.

Ah, ele deve detestar isso. Eu detesto ter de assistir. Não é ele, não é meu Finn, de jeito nenhum.

– Sinto-me agradecida – murmura ela, com a cabeça abaixada. – Limpo a mente e abro o coração ao Senhor.

Todas nós nos juntamos ao refrão:

– Limpamos a mente e abrimos o coração ao Senhor.

– Levante-se. – Finn olha para ela com desdém. – E nunca mais duvide de nossos métodos.

– Sim, senhor. Por favor. Entre, senhor. – Ela nos acompanha para dentro. – A senhorita Elliott fica no terceiro andar, na ala de isolamento. Há uma enfermeira na frente da porta dela.

As botas de Finn rangem contra as tábuas empenadas do assoalho e ele vai avançando pelo saguão da frente, vazio.

A chefe das enfermeiras se abaixa atrás de sua mesa.

– Esperem! – diz ela, e fico paralisada, o pavor correndo pelas minhas veias, certa de que ela percebeu o truque todo e vai sacar a pistola.

Ela só estende uma vela.

– Tome, senhor, leve isso. Lá em cima deve estar escuro feito breu. As pacientes não podem mexer com fogo, sabe? Às vezes parece bem assombroso lá em cima.

– Obrigado. – Pego a vela e a mulher a acende para mim.

Nós nos apressamos escadaria acima, na penumbra. Quando entramos na ala de isolamento, a enfermeira da noite está espiando dentro da cela de Brenna. Ela se vira para nós quando escuta os passos.

A mente dela se entrega com facilidade, dócil. Eu a obrigo a sair para ajudar na ala das que não cooperam, sob instruções da Sra. Harris, e apago de sua memória o fato de ela ter nos visto. Ela se afasta de seu posto sem nenhuma palavra de resistência. É algo absolutamente simples, e eu nem me sinto exausta depois.

Minha magia ficou muito mais forte desde que cheguei a Nova Londres. Antes, tal feitiço teria me deixado incapacitada, mas agora não é nada.

A cela onde a garotinha loira estava agora ficou vazia. Pergunto-me se ela foi enviada de volta à ala das que não cooperam.

– Assegurem-se de que não há nenhuma outra garota nessa ala. Vou pegar Brenna e então dispararemos o alarme – digo. Rilla desfaz minha ilusão e uso minha magia para destrancar a porta de Brenna, entrando em seguida. Ela está enrolada em seu ninho de cobertores no chão, vestida com a mesma blusa branca e saia marrom de antes. Mas agora, um de seus olhos está roxo, seu lábio está ensanguentado e cortado.

– Você voltou – diz ela, e me observa com o olho bom.

– Eu disse que voltaria, não disse? Então aqui estou eu.

Brenna se esforça para ficar de pé.

– Eu tive uma visão hoje, mas não quis contar. – Ela segura o braço esquerdo perto do corpo, feito um passarinho ferido.

– Você apanhou por causa disso. – Não sei por que estou surpresa. Foi isso que fizeram com Thomasina. É o que fariam com Tess.

– Disseram que eu era insubordinada. – Brenna ergue a mão esquerda e eu engulo em seco ao ver a maneira como o dedo mindinho e o anelar dela estão entortados em ângulos estranhos.

– Rory está aqui. Ela vai levar você lá para baixo daqui a pouco, e Irmã Sophia vai poder curar você. – Faço uma pausa. – A sua visão... tinha alguma coisa a ver com minhas irmãs? Ou comigo?

Brenna mexe na trança comprida e castanha.

– Eu já disse para você, está lembrada? Eu me lembro. Nós estávamos no cemitério. – Ela baixa a voz. – Sacrifício.

– Como abandonar Finn? – pergunto, cheia de esperança. – Isso acabou dando certo.

– Os piores sacrifícios ainda estão por vir. Três sacrifícios. E... – Brenna deixa a cabeça pender para o lado, a luz da vela lança sombras sobre seu rosto acabado. – Você vai causar morte.

A quem? Baixo o olhar.

– Eu disse que você não ia gostar de saber. – Brenna me espia com tristeza. – Está na hora? Precisamos ir. A guerra está prestes a começar.

Eu paro no meio do gesto de abrir a porta.

– Guerra?

– Vai começar hoje à noite – diz Brenna.

Meu coração dispara. Penso em Tess, jogando xadrez com as amigas na sala de estar, e na Irmã Gretchen que faz vigília sobre uma Cora moribunda. E se tudo der errado na reunião do Conselho Titular, Maura for capturada e todas nós formos expostas?

Não. Não posso pensar nisso. Preciso levar meu plano a cabo.

– Vamos tocar o alarme de incêndio daqui a um minuto. Não fique com medo. É só para fazer todas as enfermeiras irem para o mesmo lugar. Rory vai ficar com você, depois vocês duas vão pegar a irmã dela. Está lembrada de Sachi?

– Três irmãs – reflete Brenna. – Uma traz cura e morte. Uma traz destruição. A mais forte vai trazer paz, mas isso vai exigir sacrifício. É isso que a profecia diz.

Os pelinhos da minha nuca se arrepiam com a palavra *morte*. Não consigo impedir o tremor nas pernas, nem o trincar dos dentes.

Eu escapo, assustada, sem dizer mais nenhuma palavra para Brenna. Rory fecha a porta atrás de mim e ouço as primas tagarelando, felizes com o reencontro.

No corredor, respiro fundo algumas vezes. Sou capaz de fazer isso. Só preciso tirá-las daqui, então vamos para casa para enfrentar as consequências. Não haverá assassinato nem sacrifício hoje à noite.

Elena faz soar o alarme, que solta uma série de tinidos agudos. O alarme funciona com cordas e polias antigas que percorrem todo o hospício. Logo escutamos o eco do andar de baixo. Rilla recria meu encanto e ela, Finn, Elena e eu disparamos para o corredor. As duas enfermeiras da ala das moças que não cooperam e a da ala de isolamento já estão a meio caminho nas escadas, e fico imaginando o que elas fariam se o incêndio fosse de verdade. Será que iriam soltar as pacientes ou iriam deixá-las para trás, para morrerem queimadas? No patamar do segundo andar, a Sra. Harris e o restante das enfermeiras estão todas reunidas.

– Sinto muito por interromper sua inspeção, senhor – diz ela a Finn, obviamente tendo-o identificado como nosso líder. – Esperamos que seja apenas um alarme falso, mas não seria a primeira vez que alguma das garotas se apossou de fósforos e tentou incendiar o lugar.

Elena segura minha mão, oferecendo seu poder. Respiro fundo. Dez pessoas. Ainda que juntas, será que vamos ser capazes de enfeitiçar tantas assim? Mas agora não é hora de hesitar.

Sigam-nos até a ala das que não cooperam, ordeno. É lá que o incêndio está.

Todas elas dão meia-volta e se apressam escada acima.

– Ai, céus! – diz a senhora Harris, e seu queixo duplo balança. – Aquelas garotas iriam nos queimar em nossas camas se lhes déssemos qualquer oportunidade que fosse. O que fizeram agora?

Subo a escada um pouco cambaleante, tonta devido à magia, e preciso me segurar no corrimão para aguentar. Finn repara e se coloca atrás de mim, para se assegurar de que não vou cair, pronto para me pegar, como sempre.

– Está tudo bem comigo – sussurro, e ele passa a mão de leve no meu cóccix.

A Sra. Harris pega a chave de latão que traz pendurada no pescoço e abre a porta da ala sul. Todas entram apressadas e param de maneira abrupta ao deparar não com uma nuvem de fumaça, mas sim com uma dúzia de pacientes num alerta incomum, em disparada rumo à porta que Finn segura aberta.

– O que está fazendo? Feche a porta antes que elas saiam! – A Sra. Harris dá uma bronca em Finn.

– É isso que queremos – confessa Finn. – Elas já passaram bastante tempo presas aqui.

– Vocês não são Irmãos de verdade, são? – inquire uma das enfermeiras com os olhos escuros apavorados.

– Não. – Elena se volta para as pacientes. – Não tenham medo. Nós somos bruxas, e estamos aqui para ajudá-las a fugir. Esta é sua chance.

– As bruxas estão aqui! As bruxas vieram nos buscar! – As pacientes gritam e começam a se empurrar em sua animação frenética.

Zara obviamente espalhou a notícia da fuga.

– Que o Senhor nos salve. – Uma das enfermeiras se ajoelha enquanto as outras, atarantadas, se aglomeram.

– Abençoadas sejam. Obrigada – balbuciam algumas das pacientes, mas a maior parte delas está concentrada em fugir dos quartos que serviam de jaulas, fato bastante compreensível. Dou um sorriso ao avistar a pequena Sarah Mae passando por mim. Algumas mulheres permanecem encolhidas nas camas, mas outras pacientes as ajudam a se levantar.

Elena arranca a chave do pescoço da Sra. Harris, arrebetando a corrente.

– O que está fazendo? – A Sra. Harris solta um gritinho e sua mão dispara para o pescoço cheio de rugas.

– Você não vai mais precisar disso – diz Elena, e outra chave sai voando do bolso de uma enfermeira para a mão aberta dela.

– Agora é a vez de vocês ficarem aqui trancadas! – Uma das pacientes solta um berro e empurra uma enfermeira para o chão ao passar. – Precisamos tocar fogo neste lugar todo!

– Não, não, não permita que elas nos dominem – implora uma das enfermeiras, e tenta alcançar a porta.

Finn bloqueia o caminho dela.

– Ninguém vai tocar fogo em ninguém, mas vocês vão ficar aqui.

– Não se preocupem. Vamos levá-las conosco. – Elena se vira para mim. – Por que vocês não ajudam para que tudo corra bem?

Dúzias de garotas saem em enxurrada pela porta e descem as escadas. Espero minha vez e dou um encontrão na linda garota indiana na qual reparei durante minha primeira visita. *Uma das preferidas do Irmão Cabot*, dissera a enfermeira, e algo estala na minha memória. Parvati Kapoor foi acusada de executar magia mental em um tal de Irmão Cabot, tentando fazer com que se cegasse com o abridor de cartas da enfermeira-chefe.

– Com licença. Você é a senhorita Kapoor? – pergunto.

Parvati assente, cheia de medo nos olhos castanhos.

– Vocês são mesmo bruxas? Para onde vão nos levar?

– *Eu* vou levar você. – Quando Rilla entra no saguão, faz a ilusão da aparência de Irmãos de nós duas desaparecer e nos revela como uma morena pequenina com vestido de brocado alaranjado e uma loira alta com vestido cinza e faixa da cor de centáureas-azuis. Parvati olha para nós, boquiaberta. – Temos um lugar seguro na cidade, onde há dúzias de outras bruxas. Pode vir conosco se quiser, ou haverá carroças indo para outros esconderijos.

Parvati sorri lentamente.

– Acho que eu gostaria de ir com você. Quero aprender a usar minha magia, a me proteger.

Eu a deixo com Rory, Brenna e Rilla e me junto à enxurrada de garotas no andar de baixo. No segundo andar, passo por Mélisande, Vi e Daisy subindo contra a corrente. Fico aliviada de ver que as outras carruagens chegaram em segurança.

– Sophia e algumas das outras estão tentando organizar as garotas à porta da frente. Mas algumas das pacientes simplesmente estão fugindo – informa Mélisande.

– Isso iria acontecer de qualquer maneira, suponho. Não posso culpá-las por não confiarem em ninguém – digo, mas minha preocupação é que simplesmente voltem a ser capturadas. Vi se separa de nós para ir até a ala sul e eu vou atrás dela.

Para minha surpresa, pacientes já encham o corredor. Avisto Zara indo de porta em porta, soltando as mulheres de suas celas.

– Zara! – chamo, e ela se apressa em minha direção. – Como saiu do seu quarto?

Ela sorri de modo que seu rosto anguloso fica belo de repente.

– Minha magia voltou.

Trabalhamos juntas, abrindo as portas, enquanto Vi começa na outra ponta. A maior parte das pacientes neste andar é formada por mulheres mais velhas que se mostraram dóceis e receberam o “privilégio” de trabalhar nas lavanderias ou nas cozinhas. Algumas, com o corpo recurvado e de cabelo grisalho, disparam para as portas feito garotas com metade de sua idade.

– Olivia – diz Zara, ao destrancar a porta da morena curiosa da cozinha –, esta é minha afilhada, aquela sobre a qual lhe falei. Cate, esta é Livvy. Ela é bruxa.

– Zara me contou tudo sobre a Irmandade – diz Livvy. – Ela falou que devo ir com vocês.

– Cate! – Mélisande dispara pelo saguão com sua calça. Suas botas estalam no assoalho. – Elena disse que uma enfermeira desapareceu.

Mordo o lábio. Eu estava contando com o fato de que todas iriam seguir algum tipo de procedimento devido ao alarme de incêndio, e que iríamos trancá-las na ala das que não cooperam. Se uma delas fugir... bem, Harwood é isolado o suficiente para que ela precise caminhar bastante antes de encontrar ajuda. Mas nossa esperança era que ninguém notasse nada fora do normal até amanhã de manhã, quando as enfermeiras do turno diurno chegariam para trabalhar. Àquela altura, todas as pacientes já estariam muito longe.

– Elena tem certeza? – pergunto.

Mélisande assente.

– Precisamos encontrá-la.

Maldição.

– Será que alguém verificou a sala da enfermeira-chefe? Se eu fosse tentar me esconder, desceria até o primeiro andar, iria para algum lugar onde não houvesse pacientes correndo enlouquecidamente. Zara, pode ajudar Vi a terminar aqui?

Zara sacode a cabeça e seus cachos negros balançam.

– Eu vou com você. Livvy, pode ajudar a cuidar desta ala? Assegure-se de que todas estão soltas e ajude-as a descer a escada.

Livvy assente e nós três corremos para o primeiro andar. O saguão está um caos. Edith berra nomes e meia dúzia de garotas do convento tentam parar as pacientes à porta de entrada e lhes dar instruções. Enquanto observo, várias mulheres passam por elas. Em sua pressa de fugir, algumas não são nem um pouco delicadas; Maud já está segurando um lençinho junto ao nariz ensanguentado. Brenna, Sachi e Rory estão aguardando com Parvati e uma versão mais magra e mais alta de Lucy Wheeler, que deve ser sua irmã Grace.

Dou um sorriso ao me voltar para a ala sul. Está dando certo.

Mélisande examina a sala das enfermeiras, mas está vazia. Zara e eu espiamos a sala da chefe das enfermeiras. Pensando no meu próprio subterfúgio, tomo o cuidado de examinar embaixo da mesa. Mas a sala está silenciosa e imóvel. Zara vem atrás, junto do meu cotovelo, tão próxima que tropeça na minha saia uma vez. Examinamos o refeitório e o banheiro, mas não sobrou ninguém.

– Não há ninguém aqui além de ratos – conclui Mélisande.

De soslaio, avisto apenas o menor dos movimentos, um farfalhar branco. O lençol pendurado por cima da saída da obra se agita, como que soprado por um vento encanado repentino.

Ouve-se um estalo bem alto. Mélisande solta um grito e cai para trás.

A arma atira mais uma vez.

Zara está tão próxima agora que bate no meu cotovelo quando a bala a atravessa.

Intransito, penso, e a enfermeira fica paralisada. Ela cai no lençol e ele desaba por cima dela, deixando-a como uma criança que brinca de ser fantasma. A arma cai no chão e a enfermeira se estatela de cara, com um baque. É uma mulher alta, com uma marca de nascença vermelha na bochecha. Eu já a vi antes.

Mélisande se levanta com os olhos apertados de dor, a mão segurando o ombro. O vermelho-escarlate escorre por entre os dedos dela.

Mas Zara está estirada e imóvel aos meus pés. Uma mancha vermelha se espalha em sua blusa branca, na altura da barriga.

Eu me ajoelho ao lado dela.

– Zara?

– Cate. – A voz dela é um fiapo, rouca, como se fosse doloroso falar. – Sinto muito.

– Por que sente muito? Você não pediu para levar um tiro.

Zara aperta a mão contra a barriga. O sangue sai em borbulhas.

Ela leva a mão ao pingente no pescoço e faz uma careta.

– Acho que não vou voltar ao convento, Cate.

Sacudo a cabeça.

– Não seja tola. Claro que vai. Vou curar você.

Zara contorce o rosto, perturbada, seus olhos estão fixos em algo atrás de mim. Ela solta um grito rouco. Eu me viro com os nervos em frangalhos, mas é apenas Finn.

– Está tudo bem – digo. – Ele está conosco.

– Um... Irmão?

– Um espião para a Irmandade – esclareço quando Finn se ajoelha ao meu lado. – Zara, este é Finn Belastra, meu noivo. Finn, esta é minha madrinha.

Zara volta a sorrir.

– O menino de Marianne.

– Sim, senhora. – Finn solta um palavrão sem abrir a boca ao olhar para Zara.

– E você vai cuidar de Cate?

Ele consegue dar um sorriso torto.

– Nós cuidaremos um do outro.

– Que bom – diz Zara com ênfase antes de ser acometida por um ataque de tosse. Finn tira um lenço do bolso. É branco, bordado com a letra *B*. Ele o entrega para mim, eu passo para Zara e ela o pressiona contra a boca. Mesmo à luz trêmula da vela, dá para ver que o lenço fica todo manchado de sangue.

Eu me volto para Finn e me reconforto com sua presença.

– Vou curá-la, mas preciso da sua ajuda para tirá-la daqui – explico. Por cima do ombro dele, vejo Sophia ajudando Mélisande a se levantar.

– O que faremos com a enfermeira? – pergunta Finn, com a expressão sombria.

– Leve-a para cima com as outras. Diga a Elena para apagar a memória dela, mas é melhor que fique paralisada assim – digo, vingativa, e olho para Zara. O corredor tem cheiro de cobre, de moedas velhas de um centavo. De sangue.

Toco na mão dela para sentir a situação e então recuo quando a dor dela me invade. Zara está agonizando. Assim como Irmã Cora, parece mais perto da morte do que da vida.

Será que *consigo*? Talvez eu não seja capaz de sair caminhando sozinha depois disso.

Zara ergue a cabeça, mal dá para escutar sua voz.

– Não quero que você me cure, Cate. Você não vai conseguir, e tentar só vai deixá-la fraca. Enrugo a testa.

– Como você sabe do que sou capaz?

– Tess – sussurra Zara. – A visão que ela teve no meu quarto. Ela também viu isso.

Foi por isso que ficou tão perturbada. Por isso que chorou quando abraçou Zara ao se despedirem, como se nunca mais fosse vê-la.

Ela sabia que nunca mais iria vê-la.

Não. Balanço a cabeça, de modo que meu cabelo se solta da trança.

– Eu não vou desistir de você. Não vou simplesmente *abandonar* você aqui para os Irmãos a encontrarem. – Pode demorar horas até que ela perca a consciência. Se a encontrarem, será torturada para que obtenham informações. Ela deve saber disso.

– Só tem uma coisa que você pode fazer por mim, Cate. – Ela cobre a minha mão com a dela, a pele dourada está pegajosa de sangue. A dor dela me invade e me dilacera.

– Não entendo – admito, e me abaixo. Meu cabelo loiro toca a bochecha dela. Será que ela quer que nós a levemos para a Irmandade? Não acho que sobreviveria aos sacolejos da viagem. Arrisco dizer que seria uma tortura para ela. – O que posso fazer? Diga.

– Cura e morte. Você é capaz de ambas. Os dois lados da mesma moeda.

Desvencilho o braço.

– Não!

– Eu estou morrendo mesmo. Ajude para que seja rápido, sem sofrimento. Sem eles aqui para tirar prazer da minha dor. Permita que eu tenha esse último fiapo de dignidade.

Será que eu teria o mesmo desejo no lugar dela?

Mas preciso pensar na resposta. Sim, eu não ia querer dar à Fraternidade a satisfação de ver a minha morte. Eu não ia querer ficar ali, sentindo dor.

Fecho os olhos para que Zara pare de falar, mas ela se recusa.

– Quero voltar a me encontrar com Anna. Vou dizer a ela... que garota corajosa você é – diz ela num arquejo.

Você vai causar morte.

As profecias sempre se realizam.

Eu me abaixo bastante e encosto minha testa na de Zara, permitindo que sua dor me toque, que me envolva, até que sinto toda a extensão torturante de seu ferimento. Sinto seus pulmões

cheios de fluidos estremecerem em seu esforço para respirar, a agonia do ferimento causado pela bala e a batida contínua e lenta de seu coração que luta para continuar em atividade.

Em vez de mandar a escuridão para longe, eu a recebo, permitindo que nos cubra num manto negro gélido. Penso em Zara em paz, livre da dor. Totalmente livre.

O coração dela bate mais duas vezes e então para.

Sem o som ruidoso de sua respiração, o corredor fica perfeitamente quieto.

Eu me abaixo e fecho os olhos castanhos fixos de Zara.

Também fui eu quem fechei os olhos da Mãe. Eram muito azuis. Como os de Maura.

Ergo a cabeça desfalecida de Zara e solto o pingente de seu pescoço. A corrente de ouro se derrama nas palmas de minhas mãos trêmulas.

Agora são mãos de uma assassina.

Cura e morte.

As profecias sempre se realizam.

capítulo

Sigo cambaleante para o corredor. As pacientes continuam descendo a escada em fluxos, saindo pelos portões principais, e as Irmãs Edith e Maud continuam dando orientações a elas. Finn e Elena estão à minha espera, apoiados contra as paredes de gesso sujas.

Quando os olhos castanhos de Finn encontram os meus, começo a chorar.

– Zara morreu. Eu... eu a matei.

– Cate. – Finn estende a mão para mim. – Os ferimentos dela eram graves. Você não poderia salvá-la, mas isso não significa que a matou.

– Não, eu matei, sim. Ela me pediu. – As consequências me acometem e deslizo o corpo pela parede até o chão. Elena me entrega um balde de estanho e eu esvazio o conteúdo do meu estômago nele. Então largo o corpo contra a parede fria, enjoada demais até para ficar acanhada. Como é que matar pode passar a mesma sensação de curar?

Finn e Elena discutem aos sussurros. Eu mal escuto. Minha mente está girando porque Zara está morta. Zara não pode estudar os oráculos nem nos contar histórias sobre a época de estudante de nossa mãe. Ela se foi para sempre, e eu sou a responsável.

Elena se ajoelha ao meu lado, suas saias cor-de-rosa se empoçam no chão.

– Cate, quanto de sua magia você usou?

– Não sei. Eu nunca tinha matado ninguém. – Fecho os olhos para isolá-la.

Elena segura meu queixo.

– Tente executar magia. Tente fazer com que meu vestido fique vermelho.

Tento reunir minha magia, mas parece ser uma disputa perdida. Ela ameaça funcionar, mas não se conclui. Sacudo a cabeça.

– Não consigo.

Elena se levanta e se volta para Finn.

– Tudo bem, você venceu. Ela não presta para nada desse jeito. Leve-a para casa.

Então Sachi aparece, debruçando-se por cima de mim. É estranho vê-la desse jeito, sem seus vestidos alegres, com a blusa branca e a saia marrom áspera, o cabelo penteado numa trança preta comprida que lhe cai pelas costas. Ela deve estar com frio. Por que não está usando a capa que trouxemos para ela? Seguro minha cabeça dolorida entre as mãos.

Rory se abaixa do meu outro lado. Parece preocupada. Achei que estaria feliz da vida por libertar Sachi.

– Sachi e eu não vamos voltar para o convento hoje à noite. Vamos conduzir a carroça que devia ter ficado com Mélisande. Mas voltaremos logo. Você vai ficar bem?

– Cate. – Sachi estala os dedos na frente do meu rosto, mas parece que ela está muito longe, atrás de uma tela de pontinhos negros.

– Ela vai desmaiar – diz Brenna, mas não é preciso ser oráculo para saber disso.

Eu mal me lembro de ter saído do hospício.

Finn me carregou, eu acho.

Agora estou na carruagem, no assento de couro, enrolada num cobertor de lã gelado que me pinica, olhando para a chuva que borra as ruas de Nova Londres.

Não consigo parar de tremer. Não consigo me desvencilhar do contato com a pele quente e seca de Zara, nem do cheiro de sangue em seu hálito, ou da visão de seus olhos castanhos vidrados me fitando.

A carruagem para na frente do convento. Finn amarra os cavalos e dá a volta para nos ajudar. Brenna dispensa o braço dele, pula para os degraus da carruagem e depois para a calçada, feito uma criança. Ela está livre. Pelo menos isso eu consegui.

Finn me ajuda a descer para a calçada e então me abraça. Estou tremendo. Comecei a tremer desde que toquei em Zara. Parece que nunca mais vai parar.

A porta do convento se abre de supetão e um retângulo de luz dourada perfura a penumbra. Maura sai correndo na frente das outras, degraus abaixo, em minha direção. Ela nem se deu ao trabalho de vestir a capa, está usando um vestido azul reluzente.

– Nós conseguimos! – gaba-se. – Todos os onze que compareceram. Um dos homens estava doente e perdeu a reunião, mas o restante já não se lembra nem do próprio nome.

Finn se volta para ela com os olhos castanhos ferinos.

– E você se *orgulha* disso?

– Sim! – exclama ela, desafiadora. – Eu não achava mesmo que *você fosse compreender.*

– Compreendo que não há volta para o que vocês fizeram hoje à noite. Eles só querem um motivo para ressuscitar as fogueiras. Estão prontas para isso? – Finn quer saber.

– Estamos – responde Maura, irritada. – Cora está morta e agora Inez é a diretora da Irmandade. Não temos mais a intenção de trabalhar com os Irmãos. Você deve ir embora.

– O diabo que vou embora. – A voz dele é rígida e ele me agarra com força. – Eu amo sua irmã, Maura, e isso não vai mudar, então é melhor você e Inez se acostumarem com minha presença por aqui. Pode ter certeza de que não vou abandoná-la dessa maneira.

Maura dá uma espiada em mim.

– Qual é o problema dela? Achei que tudo tivesse sido um sucesso, já que Brenna está aqui. Algo deu errado?

– Zara está morta. Eu a matei. – Minha voz sai baixinha. – A enfermeira deu um tiro nela. Zara teria morrido de qualquer modo, no fim, mas eu... eu acelerei o processo.

Maura dá um passo para mais perto de mim.

– Você fez *o quê?*

Enfio a mão no bolso e remexo no colar de ouro de Zara ao mesmo tempo que olho para Finn.

– Eu nunca quis isso. Achei que a cura fosse uma magia *boa*. Mas Zara me *pediu*. Foi uma gentileza que fiz a ela, não foi, poupar-lhe de seu sofrimento? Não foi algo maligno?

– Claro que não. – A chuva escurece o cabelo cor de cobre dele e corre em pequenos riachos por seus óculos, mas ele não ergue o capuz.

– Eu cuido dela agora – diz Maura. – Ela precisa entrar, lá dentro está quente.

Finn se abaixa e me dá um beijo, bem ali na rua.

Retribuo o beijo. Afinal, sou uma garota maldosa.

Se os Irmãos soubessem o que fiz, iriam me queimar na fogueira.

Talvez tenham razão em fazer isso.

– Boa noite – digo para Finn.

– Boa noite – sussurra ele, e enfia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. – Eu amo você, Cate Cahill. Você é linda, corajosa e *forte*. Aconteça o que acontecer agora, nós vamos encarar juntos.

Meneio a cabeça. Brenna dança pela escada de mármore branco em direção à porta, e eu a sigo quando escuto um barulho de um corpo indo de encontro ao piso molhado. Eu me viro. Finn está de quatro no chão. Ele tropeçou no meio-fio. Finn se levanta, ajeita os óculos e caminha de volta à carruagem, mas seus passos não são graciosos como sempre. Ele faz uma pausa, examina a carruagem e parece confuso por causa dela.

– Está tudo bem com você? – pergunto a ele.

Ele ergue os olhos para mim e então abaixa a cabeça. Suas orelhas estão vermelhas de vergonha.

– Sinto muito, senhorita, mas esta carruagem é minha?

A voz dele soa estranha, formal. Como se estivesse falando com uma desconhecida.

As palavras dele ecoam na minha cabeça: *Sinto muito, senhorita*.

Eu achei que estivesse entorpecida, mas o que sinto agora é pior. Não estou mais tremendo, mas não consigo mais me mexer. Não consigo ir até ele, mal consigo respirar. Apenas as batidas velozes e apavoradas do meu coração provam que ainda estou viva.

Não compreendo. Dou uma olhada na rua vazia. Estamos só Brenna, eu e Maura aqui...

Maura.

Minha irmã está parada à calçada, com os olhos semicerrados para Finn. O meu Finn.

Ela não faria isso.

Não minha própria irmã.

– Sim, Irmão Belastra, é sua – diz Maura, e sua voz é um tinido na chuva. – Você estava prestes a voltar ao seu alojamento para passar a noite.

– Meu alojamento. Sim. Está certo. – Finn leva a mão à cabeça. – Desculpe, estou um pouco atrapalhado. Estou com uma dor de cabeça insuportável.

Desço alguns degraus, cambaleando.

– Finn...

Maura me olha feio, mas Finn me oferece um sorriso acanhado, com a chuva pingando de seu nariz.

– Ah! Eu conheço você, não conheço?

– Conhece. – Minha respiração fica difícil. Ele tem de se lembrar de mim. Independente do que Maura tenha feito, não pode ter *me* apagado.

– Você vai à loja de vez em quando. Para pegar livros para seu pai. Mas você mesma não gosta tanto assim de ler. – Finn estala os dedos. – É a senhorita Cahill, não é? Ou... perdoe-me, agora é Irmã Cate?

Irmã Cate. Meus olhos se enchem de lágrimas horrorizadas.

– Sim, Irmã Cate. E Irmã Maura – diz minha irmã traidora com doçura. – Você veio nos visitar para saber notícias da nossa cidade. Sinto muito por não estar se sentindo bem. Por que não entra na carruagem para sair da chuva? Vamos chamar nosso cocheiro e ele pode levá-lo.

– Bom, não quero incomodar – diz Finn. – Mas minha cabeça está doendo demais. Mal consigo enxergar.

– Não, não é incômodo algum. Robert pode voltar a pé. São só alguns quarteirões. Vou chamá-lo agora mesmo. – Maura faz com que ele entre na carruagem enquanto observo, pasmada.

Nosso primeiro beijo, plumas e o toque suave da mão dele nas minhas costas: tudo foi apagado.

A conversa sobre piratas no meu jardim: apagada.

O pedido de casamento, quando Finn me deu o anel de rubi da mãe: apagado.

A fuga para me encontrar ao portão do convento: apagada.

Minha primeira visita a uma biblioteca, quando vi o exemplar autografado de *Arabella*: apagada.

Tudo isso foi apagado. Tudo o que nos faz ser “Finn-e-Cate”.

Maura pigarreia.

– Sinto muito, Cate, mas... ele é um integrante da Fraternidade. Ele é o inimigo. Não pode conhecer nossos segredos. Você testemunhou a reação dele em relação ao conselho. Nunca devia ter contado a ele a respeito da nossa magia.

Mas isso é tudo. Nosso romance e minha magia estiveram entremeados desde o início. Se eu não fosse bruxa, se não tivesse necessidade de proteger minhas irmãs da Fraternidade, nunca teria recorrido a Finn nem aos livros proibidos da biblioteca da mãe dele.

Se eu não fosse bruxa, não seria a mulher que ele ama.

Entendo isso agora.

Levanto a cabeça. Gelo corre pelas minhas veias.

– Você me odeia tanto assim?

– Não tem nada a ver com você – diz Maura, mas seus olhos caem na calçada escura por causa da chuva. – Inez me pediu que fizesse isso. Para provar que eu era capaz de deixar meus sentimentos de lado e fazer o que precisa ser feito. E quando minhas visões começarem...

Olho para Maura, seu cabelo ruivo é a única cor na noite de Nova Londres, e sei que ela é a criança que costumava correr atrás de mim e de Paul, implorando para brincar conosco. Ela é a garota que escondia livros de amor embaixo das tábuas do assoalho e que sonhava com aventuras longínquas. Ela é a irmã que eu protegeria a qualquer custo.

Agora não sinto nada por ela, a não ser um desprezo penoso.

– Não vão começar – digo. – Você não é o oráculo. É Tess. Sempre foi Tess. Eu queria contar para você, mas ela não tinha certeza se podia confiar em você. Obviamente, ela estava certa. Você não é digna de confiança.

Maura cambaleia para trás, como se eu tivesse lhe dado um tapa.

– Não.

– Sim. – Lanço a ela um sorriso ferino. Não é o sorriso de Cate, mas, bem, eu me sinto muito pouco como Cate neste momento.

Finn olhou para mim como se eu fosse uma desconhecida. Como se eu não fosse a garota que ele beijou e disse ser linda há cinco minutos. Como se eu não fosse a Cate *dele*.

E não sou. Não sou mais. Países são forjados pela guerra, talvez garotas também sejam. A Nova Inglaterra e eu vamos renascer juntas, nesta guerra entre as bruxas e os Irmãos. Entre mim Maura.

Estou recém-forjada, uma garota de aço, de neve e de despedidas dolorosas.

Minha magia se renova com minha mágoa. Escorre pelas pontas dos dedos, rodopia ao meu redor. O vento fica mais forte, agora gelado. A chuva se transforma em neve de maneira abrupta, criando halos ao redor das lamparinas da rua como anjos de ferro. Flocos enormes de neve começam a cair rápido, mais rápido, obscurecendo minha irmã, escondendo a mim, Brenna, a carruagem e o prédio de pedra cinzenta que se tornou meu lar.

Estou completamente sozinha no meio de um mar de branco rodopiante.

Parece certo que deva ser assim.

agradecimentos

Escrever um livro e despachá-lo para o mundo para que encontre seus leitores é um processo muito complexo – muito mais do que eu sonhava antes de ser publicada. Agradeço a todos que me ajudaram com as Crônicas das Bruxas Cahill. Agradecimentos especiais a: Jim McCarthy, meu agente, por responder a todas as minhas perguntas de novata e por me fazer elogios adoráveis quando eu mais precisava escutá-los.

Ari Lewin, editor brilhante e extraordinário, por me incentivar a nunca me contentar com nada menos do que o meu melhor. Trabalhei com mais afinco neste livro do que em qualquer outra coisa na vida, e tenho muito orgulho do que fizemos. Paula Sadler, por suas contribuições geniais e por me enviar os melhores pacotes de todos os tempos. Anna Jarzab e Dana Bergman, pelas observações superúteis. Ana Deboo, cuja preparação fabulosa faz com que eu perceba meus vícios na escrita. Elizabeth Wood, pelas capas tão lindas. Eileen Kreit, Jennifer Bonnell e o restante da equipe de brochura, por terem montado um visual novo realmente adorável. Elyse Marshall, Jessica Shoffel e o restante das equipes de marketing e de divulgação por tanto trabalho árduo para levar as irmãs Cahill aos leitores.

Andrea Cremer, Marie Lu e Beth Revis, por serem companhias de viagem tão generosas, engraçadas e talentosas.

Meu primeiro time de leitoras – Kathleen Foucart, Andrea Lynn Colt, Miranda Kenneally, Caroline Richmond, Tiffany Schmidt e Robin Talley – por fazerem perguntas inteligentes, por serem animadoras de torcida fabulosas e por me fazerem perder o orgulho quando precisei.

A todos os meus amigos – mas principalmente a Jenn Reeder, Liz Auclair, Laura Sauter e Jill Coste – por me darem apoio a cada passo pelo caminho e por recomendar meu livro aos quatro ventos.

Aos meus pais, Connie, Chris Moore e John Emanuel. A minhas irmãs, Amber Emanuel e Shannon Moore. E aos meus avós – Helen e Jack Emanuel, Mary e Frank Scott, e Norma e Gene Moore – por me instigarem a nutrir amor por histórias de todos os gêneros.

Este livro é dedicado ao meu marido, Steve, porque sem a presença dele para ler novas passagens e me garantir que estavam melhorando, eu teria surtado e desistido. Obrigada por ter acreditado em mim mesmo quando eu mesma não acreditava.

Aos maravilhosos livreiros, bibliotecários, representantes de vendas e blogueiros que ajudaram a levar meus livros aos leitores. Talvez eu não saiba o nome de todos vocês, mas agradeço-lhes a cada dia que passa.

E aos meus leitores, principalmente aos que tiveram o trabalho de tuitar, mandar uma mensagem ou me escrever para dizer o quanto adoraram Cate, suas irmãs e Finn. Sou muito privilegiada por escrever histórias e compartilhá-las com vocês. Obrigada pela opção de passar seu tempo conosco.

LEIA UM TRECHO DE

Predestinadas

PRÓXIMO VOLUME DA SÉRIE
AS CRÔNICAS DAS IRMÃS BRUXAS

Capítulo

1

Abandono Maura no meio do redemoinho de neve e de gelo. Se eu olhar para o rosto dissimulado dela por mais um minuto, não serei responsável pelas minhas ações.

Dentro do convento, eu me apoio na porta pesada de madeira. Minha capa preta está pingando, mas meus olhos estão secos. Tudo parece... impossível. Harwood está vazio, Zara está morta e Finn não vai se lembrar de nada disso, nem de nada sobre nós dois. Nosso futuro foi o marco que me guiou por toda esta guerra, a promessa de que, no fim, ficaríamos juntos. Foi isso que me impeliu, muito embora as adversidades parecessem insuperáveis.

Como poderei prosseguir sem isso? Sem ele?

Tess chega apressada pelo corredor e se joga em cima de mim. Provavelmente estava de sentinela junto à porta.

– Você voltou! Como foram as coisas em Harwood? Fiquei tão preocupada, eu... – Mas fico rígida ao abraço dela, e ela recua, com os olhos fixos no meu rosto. – O que houve?

– Maura sabe que você é o oráculo. – Abraço a mim mesma, como se isso fosse impedir que eu me desmanchasse em mil pedaços. Não consigo deixar de notar o fio vermelho escarlate na minha mão.

O sangue de Zara.

Tess morde o lábio.

– Como é que Maura sabe disso?

Encolho os ombros.

– Eu contei a ela.

– Mas... – Minha irmã parece estupefata. – Você prometeu.

Não é do meu feitio quebrar uma promessa feita a minhas irmãs. Na verdade, a qualquer pessoa. Não dou minha palavra à toa.

Isso é culpa de Maura também. Ela me transformou em uma mentirosa.

As sobrancelhas loiras de Tess se contraem acima dos olhos, que ficaram tão tempestuosos quanto nuvens carregadas.

– Por que você foi contar a ela depois de termos combinado de esperar?

Essa verdade sai com bastante facilidade:

– Eu queria magoá-la. Não consegui pensar em mais nada. – Maura queria tanto ser o oráculo, a bruxa da profecia que iria salvar a Nova Inglaterra. Ela queria tanto tudo isso que me traiu.

O que mais será que ela apagou, além de mim? Nos últimos meses, a vida de Finn e a minha estiveram entrelaçadas. Ele não vai compreender por que a mãe fechou a livraria. Ele vai se odiar por ter entrado para a Fraternidade, principalmente agora, com os Irmãos sujeitando meninas inocentes aos calabouços, à tortura e à fome.

Cerro as mãos, deixando marcas de unhas nas palmas. Ou é isso ou vou começar a berrar, e se eu começar, não sei quando vou conseguir parar.

– Você queria magoá-la – repete Tess, como se isso fosse incompreensível. Ela fica olhando fixamente para mim, como se eu tivesse saído para libertar as garotas de Harwood e tivesse retornado no corpo de uma desconhecida. – E me usou para isso. Você não devia...

– Zara está morta – interrompo, irritada. De repente estou muito irritada. – Você previu que isso ia acontecer. Poderia ter feito a gentileza de me contar!

Lágrimas brotam nos olhos de Tess.

– Sinto muito. Ela me pediu que não lhe contasse e eu... fiquei com medo de que isso virasse uma distração. Você não poderia ter feito nada para evitar. – Ela curva os ombros e parece ter bem mais do que 12 anos. Tess dá um suspiro que fere meu coração. – Foi por isso que você contou para Maura? Para se vingar de mim?

– Não. – Está tudo péssimo, mas a culpa não é de Tess.

– A pequenininha! – Brenna Elliott surge da sala de visitas feito um boneco de mola assustador. – Você está segura. Eu não contei. Queriam que eu contasse, mas eu me recusei, até quando me bateram.

Tess fica paralisada quando o oráculo louco estende a mão e faz um carinho nela, alisando seus cachos loiros.

– Obrigada?

– Quebraram meus dedos. – Brenna os agita diante do rosto de Tess. – Mas o corvo bonzinho me curou.

Ela está falando de Irmã Sophia. Sophia também me ensinou a curar. É o único tipo de magia em que sou ótima. Encontrei satisfação no trabalho de enfermeira e em provar que os Irmãos estão errados: nem toda magia é egoísta e má.

Nesta noite, usei meu dom para parar o coração de Zara.

Ela me pediu que a ajudasse a morrer com dignidade, e foi o que fiz. Mas seus olhos vidrados e o cheiro de cobre de seu hálito ainda me assombram.

– Você também vai ficar a salvo agora. Ninguém vai machucar você aqui. – Tess dá tapinhas no braço de Brenna.

– Rory vai chegar logo. Com a irmã dela. – Os olhos de Brenna se agitam feito borboletas azuis alvoroçadas. – Você, Cate e outra. As três irmãs.

– É Cate que está aí? – Alice Auclair entra no saguão, sorrindo igual ao gato que comeu o canário. – O Conselho Nacional está destruído. Onze dos doze membros, pelo menos, incluindo Covington!

– Fiquei sabendo. – Se ela está esperando que vou lhe dar os parabéns, pode esperar sentada. O sorriso dela deixa minha pele toda arrepiada. Alice, Maura e Inez usaram magia mental no Conselho Nacional, e apagaram a memória dos conselheiros de modo tão completo que agora ficarão reduzidos a bebês chorões. Os Irmãos já vinham se arriscando nos limites da violência. Há menos de cem anos, bruxas foram perseguidas quase à extinção e uma boa quantidade de garotas inocentes morreu no processo. Os Irmãos estavam só esperando um pretexto para retomar os antigos métodos, e agora Inez lhes dera um.

As mulheres da Nova Inglaterra vão sofrer pela leviandade de Inez. Qualquer moça um pouco mais educada, excêntrica ou loquaz pode ser morta sem hesitação em vez de ser mandada para Harwood. E o que posso fazer para impedir isso? Nada. Existem dezenas de milhares de Irmãos e apenas algumas centenas de bruxas para lutar contra eles. Nossa única esperança é conquistar o apoio público, e agora Inez também acabou de vez com tal possibilidade. Os Irmãos condicionaram as pessoas a se apavorarem com magia mental. Depois de um ataque horrível como este, voltaremos a ser os monstros da escuridão, as protagonistas das histórias que contam às crianças na hora de dormir para assustá-las e obrigá-las a se comportar.

Brenna agarra minha manga com dedos ossudos e me arranca de meus devaneios.

– É ela – sussurra. Seus olhos aterrorizados estão grudados em Alice. – O corvo que arrancou com o bico todas as minhas lembranças!

Alice recua aos tropeções, olhando de Brenna para mim, e então de volta a Brenna. A sua pele de porcelana fica corada, toda vermelha.

Tess abraça Brenna com força, o cocoruto de uma tocando o queixo da outra.

– Ela não vai fazer isso de novo. Foi um acidente – diz em tom acalentador. Brenna choraminga feito uma criancinha.

Alice se vira, pronta para se retirar. Acredito que ela nunca achou que precisaria voltar a encarar Brenna. O *acidente* dela.

Dou um passo adiante, bloqueando seu caminho.

– Olhe só para ela. Veja só o que você fez.

Alice olha. Capta a blusa branca manchada de Brenna, a saia marrom que mais parece um saco, o cabelo castanho desgrenhado. O rosto fundo, um olho ainda roxo devido às pancadas dos Irmãos, por ela ter se recusado a cooperar. Os braços magricelas de espantalho. As cicatrizes lívidas em seus pulsos, lembranças de uma tentativa de suicídio, há seis meses.

– Sinto muito – sussurra Alice. – Não era essa a minha intenção.

Ela tentara fazer Brenna se esquecer de que todas as Irmãs eram bruxas, mas a compulsão falhara.

A magia mental é imprevisível.

– Isso não basta. – Eu a seguro pelos ombros. – Você não tem como desfazer isso. Nunca vai poder desfazer!

– Me solta! – Alice tenta se desvencilhar, mas estou segurando com firmeza. Eu a sacudo um pouco.

Não é pouca coisa bagunçar as lembranças de alguém.

Nosso primeiro beijo, com os Irmãos do outro lado da porta, as mãos dele na minha cintura e as plumas na escuridão.

E o segundo beijo, no gazebo da colina, o vento batendo em meus cabelos, o cheiro de serragem e de terra molhada ao redor.

E o terceiro, no dia em que revelei a Finn que era bruxa e ele pediu minha mão em casamento mesmo assim.

– Cate! – Tess puxa meu braço.

Solto Alice e me afasto. Minha respiração está acelerada, minha garganta está engasgada com lágrimas que não vou – *não vou!* – derramar. Fico encarando o assoalho de madeira e o tapete verde redondo, que está molhado por causa da neve nas minhas botas.

– Você ficou louca? Qual é o seu problema? – Alice exige saber, e segue apressada pelo corredor, até a sala de estar. Ela abre caminho pelo grupo de meninas mais jovens que espiam a confusão pelo vão da porta.

– O que Maura fez? – Há temor na voz de Tess.

Levanto a cabeça.

– Ela apagou a memória de Finn. Ele não se lembra de mim.

Tess leva a mão à boca.

– Por que ela faria isso?

– Ela tem inveja do que nós dois temos. Do que nós *tínhamos* – corrijo-me. – Queria que eu ficasse tão solitária e amarga quanto ela. Deu certo. Estou tão furiosa que seria capaz de *matá-la*.

Tess me encara, os olhinhos arregalados. Não estou simplesmente falando da boca para fora. Não desde que descobrimos a profecia segundo a qual uma de nós vai matar a outra antes da virada do século. Sempre achei que isso fosse impossível. Somos irmãs, amamos e protegemos umas às outras. Nada é mais forte do que isso.

Nada *era*.

Brenna enfia a cabeça pela pequena abertura da porta da sala de visitas.

– Não é assim que acontece.

– Quieta! – explode Tess, e se vira para ela, ligeira.

Tess nunca explode.

O que ela viu?

– Ninguém vai matar ninguém. – Tess agarra meu braço de novo, com força, tentando me arrastar em direção à escadaria. Há um toque de desespero na voz dela, e fico me perguntando se ela está tentando convencer a mim, a Brenna, ou talvez até a si mesma. – Vamos dar um jeito nisso. Vamos subir, Cate.

– Não é possível resolver a situação. – As lembranças de Finn se foram para sempre, nenhuma magia será capaz de trazê-las de volta. Maura traiu minha confiança, e isso também não pode ser consertado. Avisto Lucy Wheeler, amiga de Tess, passeando de um lado a outro no fim do corredor. – E não vou fugir dela. Além do mais, preciso contar a Lucy e às outras como as coisas se desenrolaram em Harwood.

Chamo Lucy com um aceno e ela vem correndo, suas bochechas de esquilo coradas e os olhos repletos de preocupação. Antes que eu possa abrir a boca para dizer que a irmã mais

velha dela está bem, que nós a tiramos do hospício, a porta de entrada volta a se abrir e um monte de garotas entram, todas vestidas com capas pretas da Irmandade.

– Estamos aqui! – Minha colega de quarto, Rilla, anuncia o óbvio. – A outra charrete vai chegar logo. Vão entrar pelos fundos.

Ela está radiante, encantada com nossa vitória. Nós libertamos centenas de garotas que estavam presas no Hospício de Harwood. Algumas fugiram por conta própria, outras estão sendo levadas para esconderijos no interior, seis garotas com talentos importantes ou laços com a Irmandade estão vindo para cá. Elas estão seguras, ou, pelo menos, mais seguras do que estavam em Harwood, junto aos Irmãos sedentos por vingança. Zara foi nossa única baixa. Nossa missão foi um sucesso sem precedentes e, mesmo assim, não consigo encontrar nenhuma alegria nisso.

– Grace! – Lucy solta um berro estridente.

– Lucy? – Grace Wheeler é uma versão mais alta e mais magra de Lucy, com cabelo cor de caramelo desgrenhado e olhos castanhos grandes demais para o rosto esquelético.

Lucy se joga em cima da irmã, com as lágrimas manchando suas bochechas.

– Achei que nunca mais fosse ver você de novo!

– E eu achei que nunca sairia daquele lugar. Achei que fosse ficar lá até morrer. – Grace olha ao redor, temerosa. – Você é uma... uma bruxa, como disseram?

Lucy assente.

– Todas nós somos. Mas não somos como os Irmãos pregam, Grace, nós não somos más.

– Não ligo se vocês dançam com o diabo todas as noites – diz outra desconhecida, uma menina mais velha com cabelo de um ruivo intenso e pele coberta de sardas. – No que me diz respeito, vocês são anjos, pois nos salvaram daquele inferno.

– Caroline – Maud dá bronca. A ruiva deve ser a prima dela.

Caroline revira os olhos azuis num gesto expressivo.

– Acho que devemos nomear as coisas pelo que elas são. Aquele lugar era cheio de ratazanas, a carne que nos davam para comer quase sempre estava cheia de vermes e os Irmãos chegavam a dar um beliscão ou dois em nós, as bonitinhas. Se revidássemos, eles nos faziam tomar doses a mais de láudano.

Meus olhos passam para a terceira recém-chegada, uma menina bonita com traços hindus, mais ou menos da minha idade, que se apoia na mesa do saguão, mexendo no porta-cartas em formato de lira. De acordo com as enfermeiras, Parvati era o alvo preferido dos Irmãos.

– Você está a salvo agora – garanto a ela. – Ninguém vai...

Minhas palavras morrem na garganta quando Maura se adianta de trás das outras.

– Bem-vindas à Irmandade, meninas. Eu sou Maura Cahill. Vocês estão em segurança aqui, desde que nos prometam sua lealdade.

Meu corpo fica tão tenso quanto a corda de um arco segundos antes de a flecha ser disparada.

– Ah, mas você é mesmo perfeita para falar de lealdade!

– Este não é o momento, Cate. – As saias cor de safira farfalham quando ela se posiciona no meio do saguão, um azulão rodeado por corvos. – Todas nós seríamos executadas caso os Irmãos descobrissem o que somos. Os segredos da Irmandade não são compartilhados de maneira leviana. Especialmente com forasteiros.

– Grace é minha *irmã* – protesta Lucy.

– Mas ela não é bruxa. – Maura abana a mão para Grace num gesto de desprezo. – A Irmandade vem primeiro, Lucy.

Lucy sacode a cabeça e as tranças balançam.

– Não antes do sangue do meu sangue. Não mesmo.

Solto uma risada estrangulada.

– Ah, não para Maura.

Rilla franze o nariz sardento.

– Não sei o que Maura tem a ver com isso. Ela não levantou um dedo para ajudar essas meninas.

– Cate fez tudo. Elena e Cate, e aquele moço maravilhoso dela. – Violet van Buren me fita e sinto meu estômago revirar. – Agora sei por que você não quis abrir mão de Finn. Senhor, o jeito como ele *olha* para você!

– Vi... – Tess começa a dizer, com os dedos agitados feito mariposas aprisionadas.

– Eu arrancaria meus caninos para ter alguém olhando para mim daquele jeito. – Vi leva as mãos ao peito e suspira. – É tão romântico. Você vai se casar com ele, não vai? Quando isso tudo terminar?

Era o que eu queria. Mais do que tudo.

Mantive Finn escondido durante semanas. Eu temia que quanto mais gente soubesse que ele estava espionando para a Irmandade, mais perigo ele correria. Mas todas as garotas o tinham visto hoje à noite em Harwood. Agora vão ficar me perguntando a respeito dele e...

Não sei se vou ser capaz de suportar.

– Acho que não – respondo com a voz embargada.

– Por que não? – Os olhos de ameixa de Vi estão confusos.

– Pergunte a Maura. – Meneio a cabeça para ela. – Conte a elas o que você fez.

Maura não me olha nos olhos.

– Não faça parecer que isso tem a ver com nós duas. Há coisas mais importantes a serem discutidas. – Ela me dá as costas e seu ar condescendente me deixa com vontade de puxar seus cachos ruivos desde as raízes. Gostaria que pudéssemos resolver isso com a mesma facilidade com que solucionávamos nossas brigas de criança.

– Então deixe que eu conto. – Coloco-me no meio do saguão, no centro das atenções, um lugar do qual nunca gostei. Cuspo as palavras, confusa e passional: – Finn entrou para a Fraternidade por mim. Ele detestava cada minuto daquilo tudo que eles representam. Ele sabia que eu era bruxa, e me amava mesmo assim... não, não *mesmo assim*. Ele tinha orgulho de mim. Ele arriscou a vida para espionar para a Irmandade e para ajudar a libertar todas vocês.

Se tivesse sido pego, seria executado. – Sinto como se estivesse fazendo um louvor, e talvez estivesse mesmo. – Mas Irmã Inez queria que Maura provasse sua crueldade. Ela não aprovava o fato de um Irmão saber de nossos segredos. E Maura, ela sempre teve inveja do fato de eu ter alguém como Finn. Ela invadiu a mente dele e me apagou. Esse é o tipo de *irmã* que ela é. Maura poderia trair qualquer uma de nós num piscar de olhos.

Maura fica me olhando, sem palavras, as bochechas queimando. As outras garotas se afastam dela, como se encostar em suas saias pudesse transmitir uma doença contagiosa.

– Vá embora, Maura. Vá para o seu quarto – diz Tess finalmente, a voz grave. – Cate não deveria ser obrigada a olhar para você agora. Sinceramente, eu também não quero olhar para sua cara.

Maura se volta para ela.

– Quem é você para me dizer o que fazer?

O oráculo. A bruxa da profecia. Quero que Tess jogue na cara de Maura, mas sei que ela não vai fazer isso. Ela não tem sede de poder como Maura, nem é vingativa como eu.

Tess franze os lábios.

– Eu sou a irmã que ainda fala com você.

Maura fica de cara no chão.

– Você nem ouviu o meu lado da situação!

Tess paira entre mim e Maura, seus olhos cinzentos parecem adagas.

– Não sei que tipo de coisa você poderia dizer para me fazer compreender suas motivações.

– Ótimo. Fique do lado dela, como sempre. Eu não preciso de nenhuma de vocês! Vão ver só. – Maura abre caminho pelo aglomerado de garotas boquiabertas e corre para o andar de cima, as botas estalando nos degraus de madeira.

E eu fico ali, me sentindo... como?

Insatisfeita com minha vingança mesquinha.

Rilla é a primeira a se recompor. Ela pega minha mão. Seus olhos cor de mel estão cheios de compaixão.

– Vamos subir, Cate. Você deve estar...

Eu me desvencilho dela.

– Não. – A intenção dela é boa, sempre é, mas aquela gentileza me dá vontade de me jogar no chão e berrar.

Olho ao redor, para as garotas reunidas no saguão. Não posso desmoronar, pois elas precisam de mim. Não sou a única a quem Maura feriu nessa noite. Agora mesmo, os subordinados do Conselho Nacional devem estar encontrando seus membros, abobalhados e confusos, incapazes de se lembrar do próprio nome. Amanhã, Nova Londres vai estar em polvorosa contra as bruxas, e a coisa só vai piorar quando a cidade ficar sabendo do motim em Harwood.

A Fraternidade *vai* revidar. Precisamos nos preparar para isso.

As garotas de Harwood passaram fome, foram drogadas e brutalizadas. Elas precisam de um lugar para se recuperar, e o convento não é um porto seguro. Não com Irmã Cora morta e Inez no controle. Ela fará qualquer coisa para derrubar os Irmãos e se colocar no poder, sem se importar com quem possa vir a ser esmagado no processo.

Mas eu me importo.

Rejeitei uma irmã hoje, mas agora tenho várias outras.

Quero fazer com que a Nova Inglaterra seja segura para todas elas.

Minha magia brota e sai pelas pontas dos dedos. As velas na mesa do saguão se acendem, seguidas pelos candelabros antiquados ao longo do corredor.

Estou cansada de esconder o que sou. Deve haver um jeito melhor. Não o jeito de Inez. Nem o de Irmão Covington.

Se é guerra que os Irmãos e Maura querem, então é guerra que eles terão. Vou lutar contra ambos.

– Bem-vindas à Irmandade. – Empino o queixo e miro nos olhos de cada garota. – Conforme vocês provavelmente já perceberam, sou Cate Cahill, e esta é a minha irmã Tess. Vamos providenciar algo para vocês comerem e depois vamos levá-las a seus quartos. Este é o seu lar agora. Vou fazer todo o possível para garantir a proteção de vocês.



Jessica Spotswood cresceu em uma cidade no interior da Pensilvânia, onde podia ser vista nadando, tocando clarineta, ensaiando para as peças da escola ou, principalmente, com o nariz enfiado nos livros. Escreve desde pequena, mas acabou se formando em artes cênicas. Mora em Washington com o marido dramaturgo e um gato chamado Monkey.

Visite seu site:

www.jessicaspotswood.com

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Leia um trecho do próximo volume da série](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)